

Amor à Primeira Vista

Catherine Anderson

1



Catherine Anderson tem um talento incrível para inventar personagens que todas amamos e histórias que nunca mais esquecemos. Com grande ternura, ela capta momentos de paixão e de sofrimento que calam fundo em cada leitora. E leva a literatura romântica até requintes poucas vezes atingidos.

Bastou um olhar para Ryan Kendrick, o rancheiro magnata, se apaixonar perdidamente pela bela Bethany Coulter. Com uma mistura sedutora de ousadia e timidez, de ingenuidade e maturidade, ela partilha a sua paixão pelos cavalos, tem um imenso sentido de humor e pode com um só sorriso animar uma casa inteira. É absolutamente perfeita, em todos os sentidos do termo, excepto num único.

Um acidente sofrido há anos num *rodeo* deixou-a presa a uma cadeira de rodas. Desde então conheceu tanto as traições como os desgostos de amor, e por isso jurou nunca mais entregar o seu coração a um homem. Admitiu inclusivamente nunca vir a ter uma relação íntima e a ser capaz de conceber um filho. Mas qualquer coisa em Ryan Kendrick a fez de súbito acreditar que talvez todos esses obstáculos pudessem ser ultrapassados. Qualquer coisa que a fez de novo crer num amor para toda a vida.

Título original: *Phantom Waltz*
Copyright © 2001 by Adeline Catherine Anderson

Enviado, digitalizado, revisado e formatado por: **Dora Andrade**



Para Steven Axelrod, meu agente, sempre disposto a fazer os impossíveis por mim e que conquistou a minha gratidão e respeito, e para Ellen Edwards, minha editora, que se tem esforçado tanto nos bastidores durante todos estes anos para que os meus livros sejam os melhores possível.

Em último lugar, mas não menos importante, para Chris Jansen, extraordinária enfermeira do Dr. Fred Black, que tem sido uma tão boa amiga. O mundo seria um lugar bem melhor se todos os profissionais do ramo médico tivessem um coração como o teu. Quero que saibas, Chris, que a tua existência faz a diferença na vida dos outros. Também, e por decreto do teu irmão, Jeff Fretwell, desejo-te um atrasado “Feliz Aniversário”!

Caros Leitores:

Nos romances, os heróis e as heroínas são tradicionalmente perfeitos. Isto não quer dizer que essas personagens são desinteressantes. Já li centenas desses livros e adorei-os. Todavia, como autora, surge-me às vezes a vontade de escrever qualquer coisa diferente — um tributo, se quiserem, àqueles que na nossa sociedade, por nascimento ou por infeliz acidente, se vêem na condição de deficientes. Fui abençoada com um agente e com uma editora, Steven Axelrod e Ellen Edwards, que sempre me encorajaram a desbravar novos territórios. Se não fossem eles, Annie's Song, um livro sobre uma rapariga surda, talvez nunca tivesse sido escrito.

E é assim que, mais uma vez, vos trago, meus leitores, um género diferente de história de amor, desta feita sobre uma mulher jovem confinada a uma cadeira de rodas. Convido-vos a pôr de parte todas as vossas ideias preconcebidas a respeito do que constitui uma grande história de amor e a entrar comigo no mundo de Bethany Coulter, onde a esperança de uma vida normal é apenas uma recordação e os sonhos românticos há muito foram esquecidos... até que a magia bate à porta sob a forma de um vaqueiro alto, moreno e robusto chamado Ryan Kendrick.

Gostava de agradecer ao Dr. Fred Black e à sua enfermeira, Chris Jansen, pela informação e pelas suas orientações durante a minha pesquisa. A minha homenagem também aos muitos paraplégicos que partilharam a sua experiência através de descrições pessoais da sua deficiência e de como a paraplegia afectou a sua vida. Também gostaria de agradecer ao meu maravilhoso marido, Sid, que sempre tem sido a minha âncora na tempestade e a minha ponte sobre águas turbulentas.

Catherine Anderson

Capítulo Um

Roer as unhas? Ryan Kendrick estava tão furioso que era capaz de roer porcas de orelhas. Tinha um tractor avariado e as peças necessárias para o consertar deviam ter sido entregues no Rocking K há já dois dias. Naquela manhã, continuavam sem chegar, e os telefonemas insistentes de Ryan não lhe tinham servido de nada.

Com um empurrão do ombro, abriu a porta da The Works, a maior casa de equipamento para ranchos de Crystal Falls. Harv Coulter, um rancheiro falido, começara aquele negócio sem um tostão há alguns anos, e os irmãos Kendrick, juntamente com muitos outros rancheiros da zona, patrocinavam o estabelecimento desde então. Agora, o negócio corria sobre rodas, a grande loja bem abastecida com tudo desde equipamento pesado a vestuário extravagante para vaqueiros, o único problema sendo que, com o crescer das vendas, a qualidade do serviço parecia descer a pique.

Se Harv não pusesse os seus empregados na linha, começaria a perder clientes. Atrasos como aquele, em pleno período de plantação da Primavera, eram intoleráveis. Devido à neve tardia, todos os lavradores e rancheiros da bacia já estavam atrasados, e cada dia de inactividade podia significar um prejuízo de milhares de dólares nas receitas.

Ryan avançou na direcção de uma placa pendurada no tecto, no fundo da secção de rações, que dizia «PEÇAS E REPARAÇÕES», as suas botas de montar poeirentas deixando uma tatuagem furiosa no pavimento de betão. Quando chegou a um balcão pejado de peças e catálogos, afastou um filtro de ar, poisou os braços na fórmica manchada de graxa e assentou um olhar irado numa jovem esguia que se encontrava por trás de um ecrã de computador, perto da caixa registadora.

Uma cabeleira negra e longa ocultava-lhe parcialmente o rosto. Os dedos finos e bem cuidados voavam sobre o teclado com rápida eficiência. Ryan esperou apenas um momento. Ser ignorado em pouco contribuía para o deixar mais bem-disposto. A manha já ia a meio. Olhou para o relógio e projectou o queixo.

— Desculpe — disse ele. — É possível que alguém me atenda?

Ao ouvir aquilo, ela levantou a cabeça. Ryan ficou imóvel, o seu olhar preso. Ela tinha uns olhos lindos, grandes, rodeados por pestanas espessas e escuras, e de um azul tão profundo que lhe fizeram lembrar os amores-perfeitos que cresciam no rancho. Normalmente, desdenhava as frases pegajosas usadas para descrever as mulheres. Já tinha visto muitos olhos e nunca se sentira em risco de se afogar, ou de perder o coração.

— Não costumo atender, mas posso tentar ajudá-lo — disse ela, a sua voz tão ensolarada como o sorriso, que lhe provocava uma covinha irresistível numa das faces.

Ryan não conseguia tirar os olhos dela. A cara era pequena e em forma de coração, com maçãs do rosto bem delineadas, queixo proeminente com apenas uma sugestão de teimosia, e uma boca afável, doce. A ponta do nariz delicado era lúidia e apresentava algumas sardas, o que revelava que aquela pele perfeita era natural.

— Qual é o problema? — perguntou ela.

Ele começou a explicar-lhe, mas, por um instante, a sua mente ficou vazia como o bolso de um vaqueiro na véspera do dia de pagamento, e não conseguiu lembrar-se do motivo da sua presença naquele lugar.

Sentia algo de estranho, mesmo no meio do peito — uma sensação de reconhecimento — como se subconscientemente tivesse estado à procura daquela mulher toda a sua vida. «Tolice.» Amor à primeira vista fazia mais o estilo do irmão dele. Ryan procurava as mulheres como procurava um par de botas, via primeiro se lhe serviam antes de se decidir por uma relação a longo prazo, e, mesmo assim, ainda não encontrara um tamanho suficientemente confortável para lhe durar a vida inteira.

— Eu, hmm... — esfregou a cara ao lado do nariz, um hábito quando ficava nervoso. Uma dor irritante latejava-lhe por trás dos olhos. — Sou Ryan Kendrick do Rocking K — disse ele estupidamente.

A curva dos lábios dela acentuou-se.

— Olá. É um prazer. E não se preocupe. Também tenho dias assim, só que piores. Pelo menos, você sabe o seu nome.

Ele riu-se.

— O quê, você esquece-se do seu nome?

— Para mim, o que resulta é fazer cópias de segurança. Você chama-se Ryan Kendrick e é do Rocking K, e veio cá para...

Ele estalou os dedos:

— As minhas partes¹.

— As suas partes? Ele riu-se:

— Quero saber onde raio é que elas estão.

Uma expressão de travessura passou pelo rosto dela.

— Perdeu as suas partes e acha que sou eu quem as tem? A maioria dos vaqueiros que eu conheço guarda as suas partes com mais cuidado do que um banco.

Ryan atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. A tensão que lhe prendera os músculos do pescoço e dos ombros durante toda a manhã desaparecera milagrosamente.

— Espero que não tenha algum encontro fantástico para sábado à noite — acrescentou ela.

— Um vaqueiro que não sabe das suas partes pode dar por si numa situação muito embaraçosa.

Ele endireitou a aba do chapéu.

— Ora bem, minha querida, isso depende. O que é que você faz no sábado à noite?

Foi a vez de ela se rir. Um som rico e musical que o percorreu como uma vaga de calor.

— Costumo evitar vaqueiros que não sabem onde têm as respectivas partes.

— Se sair comigo, garanto-lhe que as encontro num instante.

— Talvez, se me der um número de encomenda, eu possa ajudá-lo a encontrar essas pequenas.

Pequenas? Ryan quase corrigiu o erro. Mas havia limites que um homem não transpunha, e ele tinha um palpite que aquele era um deles. Talvez fosse a doçura do sorriso — ou a expressão inocente que vislumbrara nos olhos dela —, mas algo lhe disse que ela não era tão mundana quanto aparentava ser.

Enquanto procurava no bolso da camisa de cambraia azul, percorreu-a com os olhos. Era uma mulher frágil de constituição delicada, o que certamente explicava por que motivo aqueles olhos pareciam ser tão grandes. Mas, fora isso, era tentadoramente bem torneada em todos os sítios certos. *Perfeição em miniatura.*

A camisola castanha revelava um pescoço alto e elegante, ombros estreitos mas bem definidos, e braços pálidos que pareciam surpreendentemente fortes para alguém com uma constituição tão ligeira. Sob a malha castanha, seios pequenos e perfeitos pediam um olhar mais demorado. Recordando-se das suas boas maneiras, baixou os olhos e lamentou o facto de o balcão esconder o resto do corpo. Ryan era um homem de pernas e, para ele, o voto dependia sempre dos alicerces de uma mulher.

Desejoso de que ela se levantasse para poder espreitar, entregou-lhe o papel no qual anotara o número da encomenda. Enquanto ela percorreria ficheiros de computador e procurava a encomenda, continuaram com uma conversa animada, durante a qual ficou a saber que ela tinha vinte e seis anos, nenhuma cara-metade na sua vida à excepção de uma gata chamada *Cleo*, e era a mais nova numa família de seis filhos.

Os turbulentos cinco irmãos mais velhos estragavam-na com mimos e garantiam a animação nas reuniões familiares.

¹ *My parts*, no original, o que em português corresponderia a «as minhas peças». Optou-se por esta solução para não perder o trocadilho pretendido pela autora. (*N. do T.*)

Ryan gostava de falar com ela. Apesar de ter a atenção dividida entre ele e o monitor, ela conseguia manter a conversa interessante. Não era frequente encontrar beleza, inteligência e uma personalidade fantástica, tudo no mesmo embrulho.

— Portanto... vai dar-me um nome para associar à cara? — perguntou ele.

— Bethany. — Tendo acabado o trabalho de computador, ela recostou-se na cadeira. — Bem, vaqueiro, está com sorte. Adivinhe onde estão as suas partes?

— Onde?

— A caminho do Rocking K. E o atraso não é da nossa responsabilidade. Estamos na época «alta». As partes em questão têm muita procura nesta altura, havia outras encomendas, e demoraram mais dois dias do que o previsto.

Ryan já ouvira aquela justificação, mas dita por ela, parecia mais credível. Puxou a aba do chapéu para baixo para proteger os olhos antes de sair.

— Hmm. Sorte minha, não fiz muito barulho, pois não?

— É preciso mais do que um vaqueiro embirrento para me deitar abaixo. Cinco irmãos, lembra-se? — Poisou os cotovelos nos braços da cadeira, os grandes olhos azuis ainda sorridentes. — Um bom resto de dia e boa sorte no arranjo do tractor. Uma pena não ser empregado. Podia cobrar mais horas.

Ao ouvir aquilo, Ryan calculou que ela soubesse quem ele era. Não era uma grande surpresa. Quase toda a gente em Crystal Falls, Oregon, ouvira falar da família Kendrick. Levou a mão ao chapéu em despedida.

— Obrigado, Bethany. Foi um raro prazer.

— Ao dispor — respondeu ela enquanto ele se afastava.

Ryan já estava quase junto à porta quando parou. Tinha quase trinta anos e há muito tempo que não encontrava uma mulher tão interessante. *Bethany*. Era linda, doce e divertida. As únicas outras mulheres que o conseguiam fazer passar de zangado para gargalhadas de prazer em três segundos eram a sua mãe e a sua cunhada. Não ia sair dali sem, pelo menos, conseguir o número de telefone dela, um encontro se tivesse sorte.

— Eu sei que isto pode parecer um abuso — começou ele, de volta ao balcão.

Já a trabalhar, ela desviou o olhar do monitor, a expressão pensativa dando lugar a um novo sorriso amigável. já perdeu as suas partes outra vez? Ele riu-se.

— Nada disso. Só queria... — sentiu o calor a subir-lhe pelo pescoço. Não se sentia nervoso naquele género de situação desde a adolescência. — A respeito da noite de sábado. Sei que estávamos só na brincadeira, mas, agora, mais a sério, gostava de a conhecer melhor. — Ao ver a expressão espantada dela, acrescentou: — Oiça, sou um tipo simpático, o seu patrão, o Harvey Coulter, pode dizer-lhe isso mesmo.

— Oh, tenho a certeza de que você é muito simpático, mas... Ryan levantou uma mão:

— E que tal jantar e dançar? Saímos, jantamos bem, ficamos a conhecer-nos um pouco melhor. Depois, um pezinho de dança. Sou muito bom no *country western*, e conheço uma banda fantástica.

A boca dela curvou-se num sorriso triste.

— Ah, gosta de dançar?

— *Adoro* dançar. E você?

Ela desviou o olhar. Ryan ficou com vontade de dar um pontapé em si mesmo por ter atacado com tanta força. Lá se ia o famoso charme pelo qual o irmão estava sempre a provocá-lo. Bem, agora era demasiado tarde. Apenas lhe restava aguentar firme e esperar.

— Eu gostava muito de dançar. — Ela bateu com uma caneta no tampo da secretária ao lado do computador, os dedos delicados apertados com tanta força que os nós ficaram brancos.

Ryan empurrou a aba do chapéu para cima. Fez o seu olhar mais convincente:

— Então, querida, porque não? Vamos divertir-nos. Juro-lhe que serei um perfeito cavalheiro.

— Não é isso.

— Então, o que é?

Para sua consternação, Ryan viu que todo o riso e travessura tinham sido eclipsados por sombras nos olhos dela. Sentiu que dissera ou fizera algo que provocara aquela transformação, mas não fazia ideia do que poderia ter sido.

— Se acha que está demasiado enferrujada para uma pista de dança, é fácil seguir-me. Dê-me dez minutos e até acha que tem asas nos pés.

Ela puxou a cadeira para trás e cruzou as mãos no colo, olhando para ele com um queixo erguido e orgulhoso.

— Não sei porquê, mas tenho as minhas dúvidas. — O sorriso esforçado e excessivo contrastava com o embaraço das faces coradas. — E você, não?

Ryan precisou de um segundo para perceber o que ela lhe estava a dizer. Então, viu que ela estava sentada numa cadeira de rodas.

Sentiu como se tivesse apanhado um coice nas entranhas — uma sensação súbita, terrível, de falta de fôlego, que lhe deixou as pernas frouxas. Tinha de ser uma piada. Ela era tão bonita e perfeita em todos os outros aspectos, a rapariga dos seus sonhos. Não podia ser — de maneira nenhuma.

Mas então os seus olhos desceram para as pernas dela. A bainha da saia preta terminava logo abaixo dos joelhos, revelando meias de descanso da cor da pele, tornozelos finos, e pés pequenos que calcavam sapatos pretos. A forma como os pés repousavam nos suportes, um voltado para dentro, era típica dos paraplégicos, e ainda que as barrigas das pernas fossem bem desenhadas, era visível que os músculos tinham começado a atrofiar.

«Meu Deus.» Ele sentia-se um verme. A sua primeira reacção foi apresentar uma desculpa educada e sair dali para fora. *Correr* dali para fora.

A ideia deixou-o envergonhado. Avaliando pelas sombras nos olhos dela, aquela situação não era nenhuma novidade para ela e os resultados eram fáceis de adivinhar, sem duvida graças a uma longa sucessão de bestas como ele que tinham largado a fugir assim que a viam numa cadeira de rodas.

Mas ele não seria como eles. Afinal, era só um encontro.

Bethany estava à espera que Ryan Kendrick fugisse ou comesse a gaguejar. Era o habitual. Observando-lhe a cara morena, teve de ser justa: pareceu ficar atordoado por um instante, mas recuperou rapidamente. Com um sorriso terrivelmente atraente, disse-lhe:

— Bem, parece-me que dançar está fora de questão. A não ser, claro, que eu descubra um par de rodas para praticarmos o tango das cadeiras.

Geralmente, os homens evitaram fazer qualquer referência à cadeira de rodas, e, enquanto procuravam algo para dizer, os olhos reflectiam uma vontade frenética de fugir. Ela ficava sempre com vontade de se arrastar até a um buraco quando aquilo acontecia, mas a reacção de Ryan Kendrick foi ainda pior. Se estava a sentir alguma vontade de fugir, aquele homem era uma grande perda para os palcos.

— Para além de dançar, há várias coisas que podemos fazer. — Poisou as mãos na cintura estreita, franziu o sobrolho e começou a desfiar sugestões, acabando com: — O que é que lhe parece um jantar e depois uma ida ao cinema?

Pareceu-lhe alarmante. *Assustador*. Ele devia estar a caminho da saída mais próxima. Ela gostava de um *flirt*. Afinal, uma rapariga tinha de se divertir. Mas nenhum homem a levava a sério. Ela não sabia o que responder. Sempre que olhava para aqueles olhos de um azul metálico, as palavras sumiam-se. Ele era *tão* bonito, o epítome do alto, moreno e lindo. Feições cinzeladas, queixo forte, cabelo negro e montes de músculo. Uma mistura perigosa. Crystal Falls era uma cidade grande, e Bethany frequentara escolas diferentes das de Ryan. Também era alguns anos mais nova; assim sendo, nunca se tinham movimentado nos mesmos círculos sociais. Mas vira-o algumas vezes ao longe quando era adolescente, geralmente nas feiras durante os rodeios, e já na altura o achara bonito. Agora, era ainda mais atraente. Não era de admirar que o nome dele fosse quase uma lenda e que metade das mulheres da cidade achasse que estava apaixonada por ele.

— Eu, hmm... — Encolheu os ombros, pela primeira vez na vida, sem saber o que dizer. Se algum dos seus irmãos estivesse presente, teria assinalado o momento.

O seu olhar parou na boca dele. Os lábios eram longos e estreitos, meros traços na dureza granítica daquele rosto, todavia, bem desenhados com o brilho discreto do cetim. Naquele instante, um canto da boca em questão estava contraído, como se tentasse reprimir um sorriso.

— Eu sei que jantar e cinema não é muito imaginativo — disse ele em tom de desculpa. — Há-de me ocorrer qualquer coisa mais interessante para a próxima.

A próxima? Bethany não sabia como encarar tudo aquilo. Porque é que ele estava a perder o seu tempo com ela? Talvez porque tivesse pena? Ela não queria piedade.

Devia ter encontrado uma forma de ele ver imediatamente a cadeira de rodas. Assim, aquilo nunca teria acontecido. Ela não podia sair com ele. As pernas podiam não funcionar, mas o coração estava em perfeito estado e Ryan Kendrick era um pouco encantador de mais. Com aqueles olhos cintilantes e aquele sorriso provocador a deitar-lhe as defesas abaixo, seria demasiado fácil deixar-se ir de cabeça.

Passou as mãos pela saia para se certificar de que aquela lhe cobria os joelhos. Tinha de haver uma forma graciosa de sair daquela situação.

— Por acaso, Mr. Kendrick, o motivo que me leva a hesitar é porque me parece que talvez esteja ocupada no sábado a noite.

Ele nem pestanejou:

— Então, e na sexta? — Tinha acabado de perguntar e já estalava os dedos: — Não, sexta-feira não pode ser. Tenho um concurso de tractores na lama nessa noite, e tenho mesmo de estar na feira.

— Na lama? — Bethany ficou imediatamente com vontade de morder a língua.

O olhar dele tornou-se mais penetrante.

— Aprecia concursos de tractores na lama?

Ela puxou o cabelo, aproximou-se do balcão e começou a arrumar a área de trabalho.

— Gostava bastante.

— Que surpresa. É um desporto quase exclusivamente apreciado por homens.

Ela encolheu os ombros.

— Eu tinha gostos estranhos para uma mulher, acho eu.

— Porque o passado? Se gosta mesmo desses concursos, eu levo-a. Era óbvio que ele nunca tinha lidado com um paraplégico.

— Oh, eu não posso.

— Porque não?

— Entre o estacionamento e o recinto é uma grande extensão de terra e de cascalho.

— E o que é que isso tem de mais?

O coração dela disparou. Engoliu em seco, respirou fundo e tentou acalmar-se. Ele não estava interessado nela daquela maneira: apenas estava a ser simpático. Bethany não se podia esquecer disso, manter o sentido de humor e safar-se com uma gargalhada. Aparentemente, era necessário um pouco de realidade, nua e crua. Quem melhor para lhe dar uma dose?

— Para uma pessoa que anda, um pouco de terra e cascalho não é nada de mais — disse ela lentamente. — Mas a minha cadeira de rodas tende a atolar-se em solo irregular, e atravessar cascalho torna-se difícil.

Ele olhou-a de alto a baixo.

— Incomoda-a se a levarem ao colo?

— Desculpe?

— Provoca-lhe incómodo, dores, se alguém a levar ao colo?

— Está a brincar. Certo? Não pode estar a falar a sério.

— Porque não?

Porque não? Ele não fazia mesmo ideia de nada.

— A questão não é o meu incómodo, mas sim se as suas costas aguentam o esforço. — Ela

abanou a cabeça. — É muito simpático da sua parte oferecer-se. A sério, Mr. Kendrick, mas...

— Ryan — corrigiu-a ele. — Ou Rye, se preferir. Estou habituado aos dois. E não estou a ser «simpático». Quero mesmo levá-la.

— Ryan, seja. — Procurando o olhar dele, que a fazia sentir-se como se tivesse acabado de engolir um peixe vivo, disse: — É muito simpático em oferecer-se, mas não faz ideia daquilo em que se está a meter. Não existem passeios nem zonas especiais no recinto.

— E então? Você tem uma cadeira e eu levo um banco de campismo para mim.

— Não, não está a perceber. Não são os assentos que me preocupam, mas sim o facto de você ter de levar a minha cadeira para lá. É muito pesada e difícil de manobrar, e depois também teria de me empurrar. — Ela abanou novamente a cabeça. — Não. Quando finalmente conseguisse instalar-me, com a minha sorte, eu precisava de ir à casa de banho, que fica no alto do estádio. São pelo menos quatrocentos metros. E você tinha de me levar a mim e à minha cadeira, e depois voltar. Quando a noite acabasse, estaria mais do que arrependido por me ter convidado.

— Você não pode pesar mais do que cinquenta quilos. As minhas costas aguentam.

— Cinquenta e cinco — corrigiu-o ela, pensando enquanto falava que praticamente metade daquele valor era peso morto, o que era mais pesado e mais difícil de manobrar.

— Isso tudo? — Ele riu-se, os olhos azul-azul dançando de divertimento. — Minha querida, carrego o dobro disso dezenas de vezes por dia.

— Não, eu...

— Temos encontro — insistiu ele. Aproximando-se do balcão, esticou o braço para empurrar um bloco de notas na direcção dela. — Estarei à sua porta para a apanhar exactamente às seis da tarde de sexta-feira. Escreva aí a morada e o seu número de telefone, por favor.

— Eu não...

— Vá lá — disse ele. — Vamos divertir-nos. Não é frequente eu encontrar uma mulher que gosta de concursos de tractores. Onde é que você tem estado escondida?

Ela riu-se e tentou desencorajá-lo mais uma vez:

— Não sou grande coisa em encontros. Você não tem de fazer isto. A sério. Não levo a mal.

Em resposta, ele semicerrou um olho e empurrou o bloco de notas;

— Nome completo, morada, número de telefone. Se não mos der, eu faço jogo sujo e peço-os ao Harv Coulter. O Rocking K é a conta maior.

Imaginando a reacção do pai, Bethany não pôde deixar de sorrir.

— Eu devia deixá-lo fazer isso. Podia ser interessante. Imagino que não seja um homem de apostas?

— Às vezes. O que é que apostamos?

— Que o meu *patrão* não só não lhe dá a minha morada, como o faz sair daqui com uma caçadeira apontada. O meu pai tem uma certa tendência para ser demasiado protector com a sua filha.

— Você é filha do Harv?

— Nem mais. — Com um suspiro de resignação, ela baixou a cabeça e escreveu na folha a informação que ele tinha pedido. — Não diga que não o avisei. Quando a noite acabar, quando estiver a engolir ibuprofeno e mortinho por uma cinta de descanso, não quero ouvir reclamações.

— E não vai ouvir.

Enquanto rasgava a folha superior do bloco de notas e lha entregava, ela acrescentou:

— Se surgir alguma coisa e tiver de cancelar, Ryan, pode encontrar-me aqui na loja durante o dia. Agradecia um telefonema. Para alguém como eu, preparar-me para ir a algum lado não é tarefa fácil.

Ele dobrou o papel e guardou-o no bolso.

— Eu apareço. Conte com isso.

Ela encolheu os ombros, esperando assim transmitir que não lhe fazia diferença.

— Aceito uma desculpa qualquer. Até «o meu cão comeu-me os trabalhos de casa» funciona. — Obrigou-se a sorrir.

— Sexta-feira — disse ele. — Às seis em ponto. Mal posso esperar. Enquanto ele se afastava, Bethany ouviu passos atrás dela. Olhou por cima do ombro e viu que o seu irmão Jake se aproximava. Vestido com o mesmo estilo de Ryan, ganga desbotada e cambráia azul, parecia-se o suficiente com o outro homem para poder ser seu parente. Alto e esguio, todavia musculado, o irmão dela tinha o ar batido de um homem que enfrentara os elementos durante quase toda a sua vida.

Jake também tinha olhos bonitos — um azul profundo e cristalino que surpreendia pelo contraste com a pele muito bronzeada. Naquele momento, aqueles olhos estavam fixos com uma intensidade pouco agradável nas costas de Ryan Kendrick.

— O que foi aquilo?

— O que foi o quê? — perguntou ela com um ar inocente. Jake brindou-a com um olhar demorado e interrogativo.

— Quando estava a descer a escada, vi-vos a conversar e parecia que ele estava a arrastar-te a asa.

Bethany ergueu as sobrancelhas:

— A arrastar-me a asa? Há quanto tempo é que não vais ao oftalmologista?

Surgiu um tique no músculo do queixo dele.

— Tu estás paralisada, Bethie, não morta. E és uma mulher muito bonita. Eu sei que, de vez em quando, os homens devem meter-se contigo.

— Então, para que é essa cara?

— Porque aquele homem em particular não traz nada de bom. Afasta-te do Ryan Kendrick, querida. Aquele tipo já tem reputação.

Ainda solteiro aos trinta e um anos, Jake também tinha alguma reputação. Bethany absteve-se de referir a questão.

— Reputação de quê?

— Muda de mulher como quem muda de camisa. — Jake aproximou-se do balcão, abriu um catálogo de peças e retirou uma caneta do bolso da camisa. — Nada de ir molhar os pés naquele lago. É habitado por um tubarão, e não quero que a minha maninha seja a próxima vítima.

Capítulo Dois

Sexta-feira ao fim da tarde, Bethany ria-se de si própria. Ryan não telefonara a cancelar, o que implicava que o encontro daquela noite ainda estava de pé. Contra qualquer noção de sensatez e não obstante todos os sermões que passara a si mesma, estava entusiasmada — tão entusiasmada que mal conseguia suportar aquela sensação. Pela primeira vez em oito anos, tinha um encontro. Um encontro *a sério*. Não com um parente, não com algum amigo do irmão, mas com Ryan Kendrick, o solteiro mais disputado da cidade.

Era absurdo sentir-se assim. Era apenas uma coisa que não se ia repetir, e ele apenas insistira para ser simpático. Ia levá-la a um sítio realmente divertido e ela pretendia apreciar cada segundo da noite.

O cabelo estava bem?

Foi ao seu quarto de dormir para uma última inspeção no espelho. Não obstante a dificuldade de meter as pernas inertes num par de calças de ganga apertadas com apenas um elevador pessoal para a ajudar, decidira optar pelo visual de vaqueira naquela noite, o que fora um pouco difícil de concretizar numa cadeira de rodas, especialmente sem um chapéu ou um par de botas de montar. Os dela estavam no sótão do pai, enterrados sob uma camada de pó.

Voltou-se para um lado e depois para o outro, observando o seu reflexo com um olhar crítico. O xadrez vermelho e a ganga pareciam ridículos? Em Crystal Falls, a maioria das mulheres usava *Wranglers* justas e camisas de vaqueiro em acontecimentos como um concurso de tractores,

mas elas não estavam presas a uma cadeira de rodas.

Algures dentro de casa, a gata dela derrubou qualquer coisa. O som quase lhe provocou um ataque cardíaco. Passou uma mão sobre o peito e fechou os olhos. «Já chega.» Tinha de parar com aquilo.

Não era tão tonta que esperasse que Ryan se sentisse realmente atraído por ela. Só essa ideia a deixava assustada. Uma saída, simplesmente para se divertirem, era uma coisa, uma atracção era outra completamente diferente. Era algo em que era melhor nem tocar.

Respirando fundo, abriu os olhos e mirou o seu reflexo, determinada a ver-se a si mesmo com os olhos dos outros. Parecia-lhe que era bonita, de uma forma banal, não tinha nada de especial.

A única coisa nela que chamava obviamente a atenção era a cadeira de rodas — a desgraça da sua existência e para sempre uma parte da sua vida. Quando Ryan olhasse para ela, aquela cadeira seria o que ele veria, não a mulher nela sentada. Ela não podia esquecer-se disso. Acreditara em alguém em tempos, alimentando sonhos e pensando que a paralisia não fazia diferença, mas, no fim, a cadeira fora a única diferença importante.

Ja fingir que ele era um dos seus irmãos. Nada de mais. Não voltaria a vê-lo depois daquela noite. Ia divertir-se imenso por assistir novamente a um concurso de tractores, e era nisso que devia concentrar-se. Raramente tinha programas como aquele porque o esforço não o justificava, os amigos ou os membros da família que se ofereciam para a levar tendo de fazer o sacrifício.

Voltou para a sala de estar, com uma consciência aguda do som que a cadeira fazia ao deslizar nos soalhos de madeira polida. Quando parou, olhou para o relógio por cima da lareira. «Seis horas.» Uma dor pequenina encheu-lhe o coração. Endireitou os ombros, escutando os segundos a escoarem-se com o movimento do pêndulo. Ele apenas estava atrasado. Se não fosse aparecer, teria telefonado.

E, então... se ele não aparecesse, não seria morte de gente. Tinha uma família fantástica, um emprego fantástico, e actividades interessantes que não a deixavam parar desde a manhã até à noite. Não dependia de ninguém para se sentir realizada ou feliz.

Tic-tac... tic-tac. O pêndulo media impiedosamente a passagem dos minutos, e cada um deles parecia durar uma eternidade. Folheou uma revista de bricolage, e atirou-a para a mesa de café. «Vinte minutos de atraso.»

«Bem. Grande surpresa.» Lá no fundo, não esperava mesmo que ele aparecesse. De qualquer modo, estaria frio no recinto da feira. Quem queria ficar com o traseiro gelado a ver tractores derraparem na lama?

Dirigiu-se para uma janela e olhou para o pátio onde o crepúsculo crescente e um frio gelado pairavam sobre as árvores nuas de folha caduca. Ainda não tinham nascido botões nos ramos. Devido à elevada altitude, a Primavera chegava tarde para os habitantes de Crystal Falls.

E, para alguns, nunca chegava...

Bethany cerrou os punhos e fechou os olhos para combater uma vaga de lágrimas escaldantes, odiando Ryan por lhe ter dado esperanças e odiando-se a si mesma por lhe ter dado a ele o poder de as destruir.

«Nunca mais.» Talvez fosse bom que aquilo tivesse acontecido, para que ela não se esquecesse. Nada de pensar no que ficava do outro lado do arco-íris. Era melhor manter os pés — ou, no caso dela, as rodas — bem assentes na realidade.

Ryan olhou para o relógio de pulso e praguejou. Mais um semáforo fechado. Porque seria que tudo o atrasava quando estava com pressa? «Raios.» Aquela velhota no *Chrysler* conduzia apenas com uma velocidade: lenta. Deu um soco no volante. Depois, retirou o telemóvel do suporte ao seu lado e premiu novamente o botão para remarcar o número. Sem resposta. Se eles tinham um encontro marcado, ela tinha de estar em casa. Por que raio não atendia o telefone? Talvez estivesse a falar.

O semáforo abriu finalmente. Ryan atravessou o cruzamento colado ao *Chrysler*. Carregou a fundo no acelerador, mudou de faixa e ultrapassou o carro como se aquele estivesse parado. O

motor do novo *Dodge* rugiu quando Ryan entrou na recta.

Era provável que fosse apanhar uma multa, mas estava a borrifar-se. «Bethany.» Não conseguia esquecer-se daquelas sombras que tinham passado pelos olhos dela quando lhe dissera que aceitaria qualquer desculpa para ele cancelar. Estava à espera que recuasse, e agora ele estava meia hora atrasado. Ia pensar que tinha desistido.

A campainha da porta tocou. Bethany enxugou a cara ainda húmida. «Oh, meu Deus.» A sua cara devia estar uma desgraça. Pensou em não abrir a porta, mas era uma parvoíce. Além disso, era provavelmente apenas um dos seus irmãos a ver como ela estava.

Esfregou os dedos com força por baixo das pálpebras inferiores para ter a certeza de que não tinha manchas de rímel. Depois, passou os dedos pelo cabelo, ajeitando-os a volta dos ombros. Não que se importasse muito com o aspecto, não naquela altura, mas tinha o seu orgulho. Se, por acaso, Ryan estivesse à porta, não queria que soubesse que a tinha feito chorar.

«Parva.» Passavam quarenta minutos. Ele não ia aparecer tão tarde.

Atravessou o *hall* a toda a velocidade, travando bem longe da porta. Debruçou-se, acendeu a luz do alpendre, correu o ferrolho especial que o seu irmão Zeke lhe instalara pouco acima da maçaneta, e abriu a porta. A primeira coisa que viu foi um par de botas de montar cobertas de pó. O seu olhar começou a subir enquanto se recostava, absorvendo um cenário de pernas esguias e cobertas de ganga.

— Oh! — disse ela, o coração a bater-lhe de uma forma que a deixava irritada consigo mesma. Mas, afinal, o que é que ele tinha de mais? Vestia as calças da mesma forma que os outros homens o faziam. Não era nada de especial. — Julguei que era um dos meus irmãos.

— Não.

Ele era mais alto do que ela se recordava — mais largo de ombros. Ali parado e iluminado pela luz dourada, parecia enorme. Naquela noite usava um blusão de ganga cocada por cima da camisa de cambraia, aberto e deixando visível o forro de lã aos quadrados. Um cheiro ténue e não desagradável a cavalos e a feno desprendia-se dele. O chapéu preto de vaqueiro estava no lugar, puxado para a frente, sombreando-lhe os olhos. Como antes, aqueles olhos cintilavam, só que desta vez, em lugar de azul-aço, pareciam-lhe mais cor de prata oxidada.

Mas o que é que lhe estava a dar? Prata oxidada? «Por favor.» Ele provavelmente praticava aquele olhar rutilante ao espelho para que todas as mulheres num raio de um quilómetro caíssem de quatro quando ele sorria. Bem, ela não seria uma delas. Ryan era de fazer crescer água na boca, mas o mesmo se podia dizer de um bom bolo de chocolate, e um bolo de chocolate era muito mais seguro.

— Precisas de um óculo na porta — disse ele, a sua voz baixa e rouca. — Não é seguro abrir sem saber quem está do outro lado, especialmente quando já é quase de noite.

Parecia-se tanto com um dos irmãos dela que bem podia ser um clone, o que a ajudou a acalmar o coração.

— Um óculo à minha altura? É um pouco difícil identificar um homem pela sua braguilha.

Ele deixou escapar uma gargalhada de espanto, um som arranhado que lhe sacudiu os ombros largos.

— Não é assim tão difícil. — Agarrou na grande fivela prateada e inclinou-a na direcção da luz para que ela a visse. — A minha está marcada com as minhas iniciais. — Voltou-se ligeiramente para mostrar a parte de trás do cinto, igualmente personalizada. — Podes ver quem eu sou, a chegar ou de partida.

Ela olhou para as letras na prata trabalhada quando ele se voltou novamente.

— Estou a ver.

A voz dele parecia sincera. Bethany preparou-se para lhe resistir.

— Tenho a certeza de que tens um bom motivo. — Nenhuma desculpa que ele lhe desse seria suficientemente convincente. Estava quarenta minutos atrasado, não tinha telefonado. Pelos padrões dela, era imperdoável.

Ele sorriu ligeiramente.

— Tentei telefonar. Não atendeste.

— Tentaste? — Esperava que ele fosse mais imaginativo. — Que estranho. Não ouvi o telefone tocar, e tenho sinal de chamada em espera.

O olhar que ele lhe deitou fê-la sentir-se como se a sua pele estivesse a virar-se do avesso. Tinha a sensação de que conseguia perceber que estivera a chorar. Os lábios dele apertaram-se num canto, aumentando a cova na face. Não era bem um sorriso, mais um trejeito, mas os olhos entraram em jogo, enrugando-se nos cantos, tornando a sua expressão mais calorosa.

— Eu sei que não estava a marcar o número errado. Verifiquei. Uma ideia terrível passou pela cabeça de Bethany. Olhou por cima do ombro:

— A minha gata — murmurou ela.

— Desculpa?

— Pouco antes das seis, ouvi-a derrubar qualquer coisa. Aposto que voltou a deitar ao chão a extensão do quarto de hóspedes.

— Ah. Mistério resolvido. Ela recuou.

— Por favor, entra, Ryan. Só demoro um minuto.

Imaginou os irmãos todos a aparecerem para ver como estava porque não atendia o telefone. Só a ideia deixava-a gelada. Nem era preciso dizer que Jake não gostaria de encontrar Ryan ali.

Já no quarto de hóspedes, Bethany viu que o telefone tinha de facto caído. Quando o poisou no suporte, passou um sermão a si mesma. Muito bem, muito bem. Ele tinha tentado telefonar, como dizia, e ela tirara conclusões precipitadas. Provavelmente, ia dizer-lhe que tinha um bom motivo para o atraso. Mas isso não significava que ela tinha de permitir que o seu coração lhe levasse novamente a melhor. Ryan ia levá-la a sair só para ser simpático. Ela ia divertir-se. Sem esperar mais nada, sem desejar mais nada.

Respirou fundo, sentindo-se melhor quase instantaneamente. Quando a noite tivesse acabado, teria uma boa recordação para guardar, e talvez ele também.

Aquilo não tinha de ser complicado se ela não o permitisse.

Quando voltou ao *hall*, ele continuava de pé à porta. Ela viu que ele estava a observar as pinturas com motivos tradicionais penduradas nas paredes, um favor do irmão Hank porque ela não conseguia aplicar os pregos àquela altura.

— A tola da gata. Salta para a mesa-de-cabeceira e derruba as coisas. Ele levantou um polegar na direcção dos quadros.

— Tens muito talento.

— Obrigada, mas nem por isso. Tive muito tempo para me aperfeiçoar. — Parou a alguma distância dele e cruzou as mãos. O toque do olhar dele aqueceu-lhe o rosto. — Espero que os meus irmãos não tenham tentado telefonar. Têm pavor que eu caia ou qualquer coisa assim. Estou sempre a dizer-lhes que não têm de se preocupar, que eu vivi muito bem sozinha em Portland durante seis anos. É o mesmo que falar com uma parede.

— Protectores?

— Do pior. Se um deles não conseguisse telefonar, avisava os outros, e vinham todos a correr para cá.

Ele sorriu e arqueou novamente uma sobrancelha.

— Isso é um aviso?

— Pode-se dizer que sim. Segundo eles, eu confio demasiado nas pessoas.

— E é verdade?

— Acho que os meus irmãos sobrestimam imenso os meus encantos. Se não for o caso, não devem andar tantos lobos por aí como eles pensam.

Observando aquele rosto voltado para ele, Ryan pensou que ela era bem bonita, e não censurava os irmãos por serem tão protectores. Há muito tempo que não saía com uma mulher cuja expressão fosse tão franca. Ela não era provavelmente uma boa avaliadora do carácter masculino, e era óbvio que podia sair facilmente magoada. Os olhos estavam vermelhos de chorar, as pestanas escuras ainda brilhantes e húmidas. Saber que fora a causa das lágrimas dela fê-lo sentir-se um

canalha.

— Lamento mesmo não ter conseguido chegar a horas. Espero que não estejas zangada comigo.

— De todo. Calculei que tivesse surgido algum imprevisto.

Ele imaginou-a a olhar para o relógio e depois acabando por desistir, convencida de que ele não aparecera porque não queria passar um serão com ela.

— Foi um dia para esquecer. Depois, como se não bastasse, uma das minhas éguas entrou em trabalho de parto antes do tempo. A primeira cria, e ela passou um mau bocado.

— Oh, *não*. Ela está bem?

A preocupação que Ryan viu naqueles grandes olhos azuis parecia genuína. A maioria das mulheres com quem andara torcia o nariz quando ficava a saber que vinha em segundo lugar depois de um cavalo ou de uma vaca, algo que era frequente no trabalho que ele tinha.

— Sim, ela agora está bem. Muito feliz, não podia estar mais orgulhosa da sua nova cria.

— Isso é bom. Qual foi o problema?

— A cria era grande e não deu bem a volta.

— Bem, bem. Isso pode ser complicado. Tiveste de chamar um veterinário?

Para surpresa de Ryan, ela parecia mesmo interessada, mais uma raridade. Grande parte das mulheres apenas lhe perguntava pelo rancho para lhe massajar o ego.

— Chamei-o só para jogar pelo seguro, mas, afinal, consegui virar a cria sozinho. Peço desculpa. Aquela égua é especial para mim. Pouco depois de ela nascer, a mãe ficou sem leite, e tive de ser eu a alimentá-la. Ficamos muito chegados.

Ryan pensou que raramente se dava ao trabalho de apresentar tantas explicações. Ele era um rancheiro, e os imprevistos aconteciam. Quando surgia uma emergência, fazendo com que se atrasasse para um encontro, era mesmo assim.

Observando o olhar meigo de Bethany, parecia-lhe difícil não se justificar:

— Ela estava muito assustada — deu por si a dizer.

— Oh, mas claro que estava, coitadinha, o que provavelmente tornou o parto ainda mais difícil para ela.

Ryan assentiu.

— Tenho a certeza de que o nosso capataz, o Sly, e o veterinário davam conta da situação, mas não consegui convencer-me a deixá-la sozinha.

— Por favor, não peças desculpa, Ryan. Se a tivesses deixado só por causa de um encontro pateta, nem sei como é que eu me sentiria. Assumimos uma grande responsabilidade quando temos um animal de estimação.

Animal de estimação? Ryan imaginou que *Rosebud* era isso mesmo para ele, ainda que nunca o admitisse.

— É uma égua muito valiosa.

— Pois, pois, e por isso é que tu ficaste, porque se alguma coisa corresse mal, terias perdido uma pipa de massa.

Ele riu-se e puxou pela orelha.

— Pois, também, mas foi essencialmente uma questão emocional. Eu sou a mamã dela.

Ela riu-se ao ouvir aquilo, a sua expressão amaciando-se como se percebesse exactamente o que ele queria dizer.

— Porque será que tenho a sensação de que gostas de cavalos?

— Provavelmente, porque gosto. — Ela debruçou-se na cadeira. — Tenho de saber. Foi um poldro ou uma poldra?

— Um poldro.

— De que cor? — perguntou ela, os seus olhos brilhantes de interesse.

— Castanho-avermelhado. Lindo, patas escanzeladas e joelhos nodosos, com um focinho grande. E as orelhas são tão grandes, só pode ser um cruzamento de burro. Mas há-de ficar mais bonito dentro de algumas horas.

— Oh! — disse ela com um suspiro, sorrindo pesarosamente. — Deve ser um doce. Não vejo um poldro recém-nascido há tanto tempo, já nem me lembro da última vez.

A expressão na cara dela deixou Ryan com vontade de a arrancar daquela cadeira e levá-la para o seu rancho. Ao aperceber-se daquela sensação, pensou no que lhe estaria a acontecer. Nenhuma mulher lhe despeitava aqueles sentimentos há já bastante tempo. Errado. Nenhuma mulher o fizera sentir-se assim.

Desconfortável com o rumo dos seus pensamentos, olhou para o relógio.

— Bem, já estás pronta?

— Estás bastante atrasado, Ryan, e eu só te vou atrasar ainda mais. Se és um dos patrocinadores, tens de chegar lá o mais depressa possível. Talvez seja melhor eu ficar. Fica para a próxima.

— Tretas. Não me vais atrasar assim tanto e eu não me divertia nada se tu não fosses.

Quando disse aquilo, Ryan sabia que estava a falar a sério — talvez mais do que seria sensato. Mas o que é que lhe estava a passar pela cabeça? Aquela mulher nunca poderia fazer parte da sua vida.

— Onde está o teu casaco? Vai ficar frio se o vento aumentar. Obviamente ansiosa por ir, ela deu meia-volta com a cadeira e foi até ao bengaleiro. Retirou uma *parka* azul de um cabide mais baixo e começou a vestir uma das mangas.

Recordando-se das suas boas maneiras, ele agarrou-lhe no casaco. A manobra era mais difícil com uma cadeira de rodas pelo meio, mas ele puxou e ajeitou até conseguir vestir-lhe a peça de roupa. Durante o processo, as suas mãos tocaram acidentalmente em certas zonas. Quando deu a volta à cadeira para lhe soltar os cabelos da gola, tinha um nó no estômago. Aquelas madeixas compridas e escuras deslizavam-lhe entre os dedos como seda pesada, ainda quentes do contacto com o corpo dela.

Ela olhou para trás.

— Preciso da minha carteira. Tenho lá as minhas chaves.

— Onde está?

— Eu vou buscá-la. Cuidado com os pés.

Alguns segundos depois, quando ela já estava de volta, Ryan levantou-a da cadeira. Bethany soltou um gritinho de surpresa e agarrou-se ao pescoço dele. A carteira, pendurada pela alça no pulso delicado, bateu no braço dele.

— Oh, não me deixes cair! Ryan não a queria assustar.

— Calma, querida, isso não vai acontecer. — Não obstante o forro acolchoado da *parka*, ele podia sentir o coração dela a bater com força no lugar onde a mão assentava nas costelas. — Calma — murmurou ele, a sua respiração agitando cabelos na têmpora dela. — Não pesas quase nada e eu juro que não te deixo cair.

A voz dela tremeu quando disse:

— Eu não me consigo segurar, sabes?

Ele não a teria deixado cair por nada deste mundo.

— Se acontecer alguma coisa e eu cair, hás-de pensar que és uma cesta cheia de ovos. Não te estou a magoar, pois não?

— Não, não. De todo. A sério. Estou bem.

Ela olhou para cima, e Ryan perdeu-se naqueles olhos enormes. Não sabia quanto tempo tinha passado quando se apercebeu de que estava ali parado como um pateta.

— Não tens de carregar comigo ate chegarmos ao recinto da feira, Ryan. A minha carrinha está equipada com um elevador e eu...

— Vamos na minha.

— Vamos? Oh, não sei. Dá muito menos trabalho se formos na minha.

— Minha querida, confia em mim. Já tenho tudo pensado. Fecho tudo quando voltar para levar a tua cadeira. Tens tudo desligado, ou é melhor fazer uma ronda antes de fechar a casa?

— Está tudo desligado.

Ele afastou-se, as botas batendo nos soalhos encerados. Quando ele se voltou para a levar para a carrinha, Bethany deitou um olhar ansioso à rampa de madeira nos degraus do alpendre.

— Espero que te aguentes bem. Aquela rampa costuma ficar escorregadia em noites frias como esta.

— Até vais achar que eu sou um cabrito-montês. Tens a certeza de que não te estou a magoar? Estás muito tensa. — Brindou-a com um sorriso na esperança de a ajudar a descontraír. — Estás agarrada ao meu pescoço como se a tua vida dependesse disso.

— E depende.

Ele riu-se. Quando parou ao lado da sua carrinha, executou uma manobra destra, flectindo ligeiramente os joelhos para abrir a porta e depois escancarando-a com um empurrão do braço. Ouviu Bethany arquejar quando a içou e poisou no banco cinzento. Ela agarrou-se à pega por cima da porta como se tivesse medo de cair de cabeça quando ele a largasse.

— Eu tenho-te bem segura — repetiu ele.

Ela sentia que sim. As mãos de Ryan estavam fixas nas suas ancas. Ao contrário de muito paraplégicos, aquela zona do seu corpo não era insensível. Os polegares dele pareciam queimá-la através das calças de ganga.

— Estás bem? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha interrogativa.

Ela sentia-se como uma ervilha equilibrada no alto de um poste. Homem grande, carrinha grande — uma *Dodge Ram* cor de vinho gigantesca. O banco parecia estar muito acima do chão. Mas depois ele puxou-a para trás, os contornos do banco abraçando-a, fazendo-a sentir-se mais segura:

— Sim, estou bem.

Ele passou-lhe as mãos por baixo dos joelhos, levantando-os para reposicionar as pernas, que tinham ficado mal apoiadas quando ele a largara. Bethany começou a sentir calor nas bochechas, o que fez disparar as campainhas de alarme. Não se sentiria embaraçada se um dos seus irmãos lhe levantasse as pernas.

Ryan estendeu o braço por trás dela para prender o cinto de segurança. Ela estava quase a dizer-lhe que era perfeitamente capaz de o fazer sozinha, mas antes que as palavras saíssem ouviu o estalido do metal e, quando deu por si, ele estava a acertar a correia sobre o corpo dela. O lado da mão tocou-lhe no seio direito, fazendo com que o mamilo endurecesse. Ela deu graças a Deus pelo forro acolchoado e pensou, com alguma ansiedade, se conseguiria sobreviver àquela noite.

Talvez não sobrevivesse, decidiu Bethany alguns minutos depois. Ryan Kendrick estava a conduzir na direcção errada. No extremo da cidade, meteu por uma estrada de saída. A carrinha ganhou vida quando ele carregou no acelerador até chegar aos cento e dez. Ligou o aquecimento para ter a certeza de que ela não sentia frio. Depois, ligou a aparelhagem, enchendo a cabina com a voz melíflua de John Michael Montgomery. A viagem estava a ser uma delícia. Ela só gostava de saber para onde ele estava a levá-la.

Era completamente absurdo, mas a sua mente decidiu recordar-se naquela altura de todos os avisos dos seus irmãos. Que o abuso de mulheres deficientes era assustadoramente habitual, que havia tarados sexuais que se aproveitam das mulheres com incapacidades, e que ela nunca se poderia esquecer do quão indefesa era. Os seus irmãos defendiam que era pura loucura ir a algum lado com um homem sem antes dar a todos os membros da família o nome dele, número do BI e uma descrição física completa, só para o caso de ele ser um estupor.

Como era típico dela, não dera ouvido àqueles avisos, e agora ali estava, a caminho sabia Deus de onde com um homem sobre o qual não sabia praticamente nada. Pior ainda, tivera tanto medo da reacção de Jake que não falara a ninguém sobre aquele encontro.

Enquanto conduzia, Ryan retirou uma máquina de barbear sem fios da consola. Um segundo depois, o zumbido do aparelho encheu a cabina quando ele começou a desembaraçar-se da barba que começara a crescer.

— Espero que não me leves a mal. Costumo arranjar-me antes de um encontro, mas hoje não tive tempo. Sei que devo estar medonho e a cheirar a cavalo.

Para ela, o aspecto e o cheiro dele eram fantásticos. Também parecia tornar-se maior com cada minuto que passava. Quando devolveu a máquina à consola, retirou um frasco de *aftershave*. Enquanto conduzia com os cotovelos, espalhou um pouco do adstringente perfumado na palma de uma mão, esfregou-a na outra e depois deu algumas palmadas na cara. Ela quase saltou com o som das palmas contra as faces. Se fosse ela, ficaria com uma ligeira concussão se usasse tanta força. O cheiro masculino e amadeirado do perfume chegou-lhe às narinas.

Ainda a conduzir com os cotovelos e, esperava ela, com um olho na estrada, ele devolveu o frasco ao compartimento e tirou o chapéu para passar os dedos pelo cabelo negro. Assim que terminou as suas abluções, o que ele fez sem dar descanso ao acelerador, voltou a colocar o chapéu na cabeça, mirou-se no retrovisor e piscou o olho a Bethany.

— É o melhor que se pode arranjar. Para a próxima, tomo dois duches. Que tal?

Lá estava ele com o «para a próxima». Bethany voltou a olhar para a estrada, convencida de que pelo menos um deles devia estar a prestar atenção. Um sorriso teimava em instalar-se na sua boca. Se ele tivesse más intenções, estava a dar-se a muito trabalho para cheirar bem antes de a atacar.

— Não te estou a deixar nervosa, pois não? Estou habituado a fazer dez coisas ao mesmo tempo.

— Não, não estás a deixar-me nervosa — respondeu ela, ainda a tentar reprimir um sorriso.

— Todavia, estou um pouco curiosa em relação ao nosso destino.

Ele deitou-lhe um olhar de esguelha, o brilho nos olhos visível apesar da luz fraca.

— É uma surpresa.

Tudo nele era uma surpresa.

— Parece interessante. Que género de surpresa?

— Se te contasse, não seria uma surpresa. Que graça é que tinha? Ele tinha razão. Há muito tempo que ela não sabia o que era uma aventura e, independentemente do que os seus irmãos dissessem, queria aproveitar aquela noite com Ryan.

— Então, e o concurso de tractores? És um dos patrocinadores, lembras-te, e tens de estar lá.

— Tenho de aparecer, sim, e nos vamos lá... *depois* da surpresa. É uma daquelas coisas que não podem esperar e parece-me que vais gostar mais do que dos tractores.

Bethany não conseguia sequer imaginar o que Ryan teria preparado, mas confiava instintivamente nele — mesmo quando ele conduzia com os cotovelos. Agarrou-se à sua cintura e olhou pelo pára-brisas, a sua visão desfocando-se na linha amarela.

Ele inclinou-se para aumentar o som da aparelhagem.

— Importas-te? É a minha canção preferida.

— Estás a gozar. Também é a minha.

— Gostas do Montgomery? Ela assentiu.

— Mal consigo ficar quieta quando está a tocar uma canção dele.

Ele tirou o chapéu, poisou-o na consola e, então, dividindo a sua atenção entre ela e a estrada, olhou-a do outro lado da cabina como se fosse o amor da sua vida enquanto cantava o refrão. A canção era *I Swear*, uma bela declaração na qual o vocalista prometia pela Lua e pelas estrelas ser como uma sombra ao lado da sua amada até que a morte os separasse.

Ryan Kendrick tinha uma voz que lhe fazia derreter os ossos. Quando continuou a cantar, Bethany não resistiu a juntar-se a ele, ainda que parecesse uma rã a coaxar num nenúfar. Nunca conseguira cantar bem. Dançar sempre fora o seu forte — há muito tempo, há uma vida. Agora, apenas podia sentir a batida da música *country* e sonhar.

Exactamente como estava a sonhar agora, que Ryan Kendrick queria mesmo dizer aquelas palavras que lhe estava a cantar. «Idiota.» O que é que ele tinha? «Bethany, sua tola, a sonhar.» Imaginava que em parte era por ele ser tão bonito — do tipo alto e moreno que geralmente apenas se via nos filmes. Isso, associado ao facto de ser tão simpático, resultava num conjunto mortífero.

Ela quase se sentia grata por só contar com aquele serão com Ryan. Caso contrário, poderia correr grave perigo de acabar com um coração destruído.

Capítulo Três

A «surpresa», afinal, consistia em levar Bethany a ver o novo poldro. Assim que ela viu a casa de tijolo no alto de um outeiro com vista para o Crystal Lake, soube que estavam no rancho dele. O luar brilhava através da bruma que envolvia as árvores em redor das clareiras, o tremeluzir da luz prateada tocando tudo com a sua magia. Nos pastos por onde passaram, ela viu grandes quantidades de vacas com vitelos da Primavera ao seu lado, o que a fez rir de prazer.

— Oooh, não são tão *fofos*?

Ryan parou por um instante junto a um poste de iluminação para que ela pudesse ver as crias.

— Estás a ver aquele pequenino? — Apontou para um *Hereford* recém-nascido com o focinho branco. — Chamo-lhe *Porco*. Anda atrás da teta como se não houvesse amanhã. Deixou a mãe dele toda dorida e depois começou a empurrar os outros vitelos para lhes ficar com o leite. Tive de o manter fechado durante quase uma semana e alimentá-lo a biberão.

Uma expressão engraçada passou-lhe pelo rosto e ele franziu as sobrancelhas.

— Desculpa — disse Ryan em voz baixa. — Às vezes esqueço-me de que nem toda a gente vive num rancho e está habituada a este tipo de conversa.

Bethany riu-se. Foi mais forte do que ela.

— Eu cresci num rancho, Ryan. Não me ofendo assim tão facilmente.

Ele sorriu e descontraiu-se visivelmente ao arrancar novamente.

— És um doce. Mesmo assim, desculpa a minha falta de maneiras. Enquanto a carrinha percorria o caminho de cascalho, Bethany olhava sonhadoramente para o lago, que brilhava como vidro negro polido, manchas ocasionais de gelo criando ilhas brancas naquela vastidão.

Nem conseguia imaginar como seria acordar de manhã e poder regalar o seu olhar ainda ensonado com tanta beleza enquanto bebia café.

— Meu Deus, Ryan. Tens tanta sorte. Isto é tão bonito.

— Também acho. Mas, afinal, fui criado aqui e não consigo ser imparcial.

Ela olhou para os pastos imensos mais perto de casa, que rodeavam inúmeros edifícios de apoio e eram atravessados por vedações brancas.

— Não precisas de fazer isto. A minha cadeira não se dá bem com superfícies lamacentas, e deve haver lama no estábulo. Ainda há poucos dias tivemos chuva.

— Se eu esperasse para te trazer cá, era capaz de já não haver crias recém-nascidas. Ainda são engraçadas depois, mas nada chega aos calcanhares de ver uma delas logo depois do nascimento. — Ele sorriu, os dentes brilhantes na sombra. — Mais uma hora, o aspecto daquele poldro já não será o mesmo. — A voz dele tornou-se mais suave: — Descontrai-te, querida. Diverte-te. A lama não será um problema.

Num rancho daquele tamanho era provável que houvesse poças capazes de engolir a carrinha onde se encontravam.

— Só não quero que te arrependas de me ter convidado.

— Estou a gostar disto. Uma mulher que aprecia concursos de tractores, cavalos e John Michael Montgomery. Onde é que tens andado escondida?

Ai, ai. Ele não fazia ideia de onde se estava a meter. Bethany imaginou a sua cadeira de rodas a desaparecer numa poça de lama, e ele a escorregar e a patinar enquanto tentava arrancar as duas do lodo. Ainda assim, resolveu não pensar nisso. Era um gesto tão simpático, ela não queria estragá-lo.

Mesmo com as luzes exteriores acesas, não conseguia ver muito da casa — apenas que parecia suficientemente grande para conter três como a dela. Ele estacionou a carrinha o mais perto possível da entrada do estábulo, retirou a cadeira de rodas das traseiras, levou-a para o interior e

depois foi buscar Bethany. Ela respirou fundo quando ele abriu a porta do lado do passageiro.

Ryan desapertou-lhe rapidamente o cinto de segurança e agarrou nela.

— Ui!

— Não te deixo cair, querida.

— E se escorregares? Ele riu-se.

— Era uma estreia. Já carreguei com vitelos e poldros quando a lama me dava pelos tornozelos e nunca fui ao chão. Talvez seja mais fácil se ficares quieta.

Ela ficou imediatamente imóvel, o que o levou a rir-se de novo.

— Porque será que tenho esta sensação de que ninguém te pega ao colo?

— Não é costume. Há séculos. Tenho-me esforçado por me tornar auto-suficiente. Detesto incomodar as pessoas.

— E, como resultado, já nem te lembras da última vez que viste um poldro recém-nascido? Esquece mas é o incómodo.

Ryan levou-a com aparente facilidade para o interior do edifício de madeira pintada de branco. À medida que ia avançando pelo corredor central bem iluminado, evitava vários pontos enlameados na terra compactada, os quais ela observava com crescente receio.

— Gostava que não te preocupasses tanto — disse-lhe ele. — Ainda bem que tenho um pretexto para ver como está a *Rosebud*. O Sly, o nosso capataz, vem ver como ela está, mas não é a mesma coisa. Assim, não me preocupo com ela enquanto estiver no concurso de tractores.

Foi buscar a cadeira de rodas dela, que tinha deixado a frente de uma das baías. Em lugar de poisar Bethany nela, como ela esperava que fizesse, manteve-a nos seus braços para que pudesse espreitar por cima do portão da baía e ver a égua e o poldro recém-nascido.

— Então? — A voz dele era orgulhosa. — O que achas dele? Quando Bethany viu os cavalos quase esqueceu o homem que a segurava nos braços. Exactamente como ele descrevera, o poldro mais parecia um novelo de patas, e ainda nascido há tão pouco tempo que o focinho e as orelhas pareciam desproporcionados em relação ao resto do corpo. Ela riu-se com prazer.

— Oh, Ryan, ele *é fabuloso!*

— Achei que ias gostar dele — disse ele com voz rouca.

— Vai ser um cavalo lindo.

— O pai dele, *Flash Dancer*, tem dado umas crias muito boas. *Rosebud* relinchou e deixou a sua cria para ir saudá-los. O coração de Bethany derreteu-se assim que olhou para os olhos meigos e castanhos da égua.

— E tu deves ser a *Rosebud*. Que bonita que tu és. Não admira que o teu filho seja tão jeitoso.

— Cuidado. É a primeira vez que ela é mãe, está um pouco nervosa e tu és uma desconhecida. Ela tentou arrancar um naco do veterinário à dentada depois de o poldro nascer.

Bethany estendeu um braço por cima do portão:

— Nunca houve um cavalo que não gostasse de mim.

Ryan inteiriçou-se, preparado para bloquear a égua se ela fizesse algum movimento ameaçador, mas *Rosebud* limitou-se a cheirar os dedos e depois o braço de Bethany. Aparentemente convencida de que aquele novo ser humano não constituía qualquer ameaça, a égua relinchou de novo, aproximou-se do portão, e empurrou o ombro de Bethany com o focinho.

— E esta!? Ela gosta mesmo de ti.

— Claro que gosta. Os cavalos gostam *sempre* de mim. — Aproximou a cara do focinho da égua e fez-lhe uma festa. — Não faço a mínima ideia porquê, mas foi sempre assim, desde que me lembro.

— Algumas pessoas nascem com um dom.

— Acho que é de família. Os meus irmãos são incríveis com cavalos. Especialmente o Jake e o Hank. Conheces aquele filme sobre o encantador de cavalos? Eles são assim. Quando era mais nova, passava horas a ver o Jake a trabalhá-los. O meu pai costumava dizer que parecia um feiticeiro. Outro nome, mas a mesma coisa. Ele é capaz de trabalhar com um cavalo impossível de

controlar e deixá-lo bem comportado num espaço de algumas semanas. É estranho, quase como se conseguisse mesmo comunicar com eles.

Ao observar Bethany com *Rosebud*, Ryan podia acreditar que ela tinha um dom especial e que os seus irmãos também. A cara dela praticamente brilhava enquanto admirava a cabeça bem desenhada da égua. Ryan levantou-a um pouco mais para que se pudesse debruçar no portão. Mantendo um braço em volta do pescoço dele, ela torceu-se e arqueou as costas até conseguir coçar a égua entre as orelhas. Como resultado, a *parka* abriu-se e a ponta de um seio arredondado coberto de tecido aos quadrados ficou quase colada ao nariz dele.

Ele ficou sem fôlego. Bethany não fazia ideia de que o seu mamilo estava tão perto e ele merecia um coice por ter reparado. Pior ainda, não devia estar a imaginar como aquele mamilo seria se estivesse descoberto.

Não devia, mas estava a imaginar.

Ela encaixava-se perfeitamente nos seus braços, o peso tão insignificante que mal dava por ele. Se fossem amantes, podia morder aquela ponta até que ela gemesse de desejo e lhe pedisse para morder noutro sítio. O cheiro dela tinha um efeito intoxicante nos seus sentidos, a mistura tantalizante de talco de bebé, desodorizante, pele bem lavada e essência feminina, deixando-o com vontade de saborear cada centímetro dela.

"Calma, rapaz.» Mas em que é que ele estava a pensar? Ela não estava a tentar provocá-lo. Antes pelo contrário. Ele reconhecia um sinal de «não tocar» quando o via, e os olhos de Bethany transmitiam-lhe essa mensagem sempre que ela olhava para ele.

— Então, passaste muito tempo com cavalos? — perguntou ele, obrigando-se a olhar para a cara dela.

— Tens na tua presença uma tricampeã estatal de *barrel racing*.¹

Ele recordava-se vagamente de que um dos filhos de Harv Coulter tinha causado uma grande sensação no circuito dos rodeios. Por algum motivo, sempre pensara que era um dos rapazes.

— Tricampeã estatal? Estás a gozar!

— Não. Eu era fantástica!

Ele não pôde deixar de sorrir perante aquela descarada falta de humildade.

Quando ela reparou na sua expressão, acrescentou:

— Bem, eu *era*. Nada de gabarolices, simples facto, vaqueiro. Eu praticamente vivia numa sela antes de me magoar. — Os olhos dela estremeçeram. — Com cinco irmãos mais velhos, era a pior maria-rapaz que possas imaginar. Até tinha dormido na baia ao lado da minha égua se o meu pai não tivesse batido o pé. — Coçou a égua uma última vez e depois deixou-se descer para o círculo dos braços dele, prendendo os dois braços à volta do pescoço de Ryan. — Agradeço-te imenso por me teres trazido, Ryan. Até o cheiro de um estábulo me parece divino depois de tantos anos. Tinha saudades disto.

O peito dela estava agora encostado a clavícula dele, o mamilo a menos de um palmo.

— Os teus irmãos não têm cavalos?

— Sim, o Jake e o Zeke, e tenho a certeza de que o Hank também voltarão a tê-los. Numa escala muito mais modesta, agora que já não temos um rancho, claro. Eles montam por prazer.

O Isaiah e o Tucker, os meus dois outros irmãos, não vivem aqui. Estão fora, a fazer o estágio.

— Médicos?

— Veterinários. — Ela sorriu. — Esperam abrir um consultório aqui, juntos, quando acabarem. Também adoram cavalos. Talvez os possas usar quando começarem. Não vai ser fácil enquanto não fizerem nome.

¹ *Barrel racing* (literalmente, «corrida de barris») é uma das provas de um rodeio americano, essencialmente destinada a mulheres, em que as concorrentes, a cavalo, têm de cumprir um percurso predeterminado, contornando diversos barris, no menor espaço de tempo possível. (*N. do T.*)

— Não me esqueço. — Ryan franziu o sobrolho. — Desculpa se te pareço metediço, mas tenho de perguntar. Se dois dos teus irmãos ainda têm cavalos, porque é que tu nem sequer te aproximas de um estábulo?

O sorriso dela aguentou-se, mas o brilho esmoreceu:

— A minha mãe já fica aflita se eu olho para um cavalo. — Olhou para a cadeira de rodas, nitidamente à espera que ele a poisasse nela. Quando voltou a olhar para cima, riu-se e disse:

— Vais poisar-me, ou os teus braços ficaram presos nesta posição?

Ryan não queria largá-la. Estava metido num bonito sarilho. Tinha de dar um passo atrás, respirar fundo.

Mas o que é que se estava a passar com ele? Conhecia homens que olhavam para uma mulher e entravam em modo Neandertal, mas nunca fora o seu caso. Mais ainda, tudo no comportamento de Bethany lhe dizia que ela estava desconfiada e que ele tinha de avançar com calma. Se fosse com pressa, apenas a iria assustar.

Aquele pensamento ficou a pairar. Se fosse com pressa? Quando, exactamente, é que ele deixara de a levar a sair por cortesia e passara a atirar-se a ela?

Curvou-se para a poisar na cadeira, com uma consciência dolorosa dos seus movimentos enquanto as mãos se afastavam das curvas daquele corpo. Ela *sabia-lhe* bem: não havia outra palavra para o descrever.

Uma vez instalada, ela debruçou-se para agarrar no joelho esquerdo e içar o pé para o suporte. Sem perder tempo, Ryan ajudou-a com a outra perna. Quando ela se recostou e ele ergueu a cabeça, os olhares de ambos encontraram-se e, durante um longo momento, Ryan não conseguiu mexer-se nem desviar o olhar. Ou estava a ver coisas, ou ela estava a sustentar a respiração. Ele conseguia respirar bem, mas o coração estava prestes a partir-lhe uma costela.

Quando finalmente se endireitou, sentia a garganta tensa com uma emoção que não conseguia nem queria identificar. A avaliar pela expressão nos olhos dela, Bethany estava a sentir o mesmo, e estava aterrorizada.

Quando ele se voltou para abrir o portão da baia, procurou algo para dizer, qualquer coisa que aliviasse aquela súbita tensão.

— Magoaste as costas num acidente com um cavalo?

Não era propriamente uma pergunta. Por que outro motivo a mãe dela ficaria aflita sempre que ela olhava para um cavalo?

— Quando estava numa prova de *barrel racing*. — A voz saiu-lhe trémula e o breve silêncio que se seguiu foi difícil. — Concurso estadual, o meu quarto ano. Estava de olho no nacional. — Um tom melancólico atravessava aquelas palavras. — A minha égua, a *Wink*, poisou a pata num buraco e caiu de joelhos quando estava a fazer uma curva. Saí disparada por cima da cabeça dela, caí de lado em cima de um barril, e pronto. — Ela limpou uma partícula de pó nas calças de ganga e depois puxou o cabelo escuro e lustroso para trás. Os dedos dele ansiavam por tocar-lhe também. — Tive muita sorte. Quando o barril se virou, cai mesmo no caminho da *Wink* e ela não conseguiu parar. Com aquele peso todo a abater-se em cima de mim, a lesão na minha coluna podia ter sido muito pior.

Ryan olhou para as pernas dela. Pior? Como? Ela estava paralisada da cintura para baixo. Não podia ser pior.

Em jeito de explicação, ela acrescentou:

— A maioria dos danos registou-se num dos lados da minha coluna, e, ao contrário de muitos paraplégicos, tenho alguma sensibilidade em determinados pontos, o que torna a minha vida e a minha rotina diária muito mais fáceis.

Ryan ignorou aquela observação. Como é que «alguma sensibilidade em determinados pontos» podia facilitar a vida? Paralisada era paralisada. Certo?

Aparentemente reparando na expressão confusa dele, Bethany sorriu.

— Esta é a forma *simpática* de dizer as coisas. Vais ter de descobrir o resto por tua conta.

Ela estava a referir-se à continência, percebeu ele, uma capacidade que muitos paraplégico

não tinham. Ela olhou em redor.

— Quantos cavalos tens, Ryan?

— Vinte e três neste estábulo, cerca de trinta no rancho do Rafe. Animais de trabalho, alguns de exibição. Criamos e vendemos paralelamente animais da raça *quarter horse*.

Ele afastou a cadeira de rodas para abrir bem a porta da baia.

— Não te preocupes. Agora que te aceitou, a *Rosebud* vai ser uma perfeita senhora. Acredito sinceramente que podia deitar uma criança ao lado dela.

— Não estou nervosa.

Com vontade de receber mais mimos, a égua saiu da baia.

— Oh, Ryan, tão querida. Ela gosta mesmo de mim.

Era verdade: a égua foi direita a ela. O novo poldro cambaleou atrás da mãe. Nitidamente encantada, Bethany debruçou-se sobre os joelhos para lhe fazer uma festa. *Rosebud* relinchou e resfolegou, quase como se estivesse a dar autorização. Vendo os três ali juntos, Ryan franziu o cenho para consigo, pensando que era uma pena que a afinidade que aquela rapariga tinha com os cavalos não se pudesse aproveitar.

— Sabes, a não ser que eu esteja enganado, há selas para paraplégicos.

Num tom estranhamente vazio, ela respondeu:

— Sim, eu sei.

— Tens medo de voltar a montar?

— Sinceramente, não sei. Não voltei a fazê-lo desde o acidente. — Ela concentrou-se no poldro de *Rosebud*. — É provável que não. O que me aconteceu não foi responsabilidade da *Wink*. Ela era, e, é o animal mais incrível à face da Terra.

— Ela ainda e viva?

— Oh, sim. Graças ao meu irmão Jake. Salvou a coitadinha. Levou-a para casa dele e vendeu-a na semana seguinte a um rancheiro da zona que a usa para trabalhar com o gado. Ela só tem treze anos e muitas corridas por correr.

— Disseste que o Jake a salvou?

— O meu pai quase a abateu. Uma tolice, culpá-la. — Passou as mãos esguias pelas orelhas do poldro. — A *Wink* não me fazia mal por nada deste mundo.

— Sei o que queres dizer. O meu irmão Rafe culpou um cavalo pela morte da primeira mulher e dos filhos, e mandou abater o animal.

— Que história!

— Graças a Deus, uma história antiga. Tínhamos ido ao norte buscar um garanhão que tínhamos comprado. — Ryan apontou com a cabeça para o novo poldro. — O *Flash Dancer*, o pai deste pequeno. O Rafe levou a mulher, Susan, e os dois filhos com ele. Aproveitamos para passar o fim-de-semana, fomos a um rodeio, levamos os miúdos a uma feira de diversões, esse género de coisa. Quando estávamos de volta, apanhámos uma tempestade de granizo e o som do gelo a bater no reboque assustou o garanhão. O Rafe ia atrás do camião e do reboque na carrinha e disse-me pelo rádio que talvez fosse melhor eu e ele irmos no reboque durante algum tempo para acalmar o cavalo, antes que ele se magoasse. — As recordações tornavam-lhe a voz mais rouca. — A mulher dele cresceu aqui e estava acostumada a conduzir com gelo e com neve. Nenhum de nos pensou que ela poderia ter algum problema.

— Oh, não — murmurou Bethany.

— Sim. — Ryan engoliu com dificuldade. — Um par de quilómetros mais à frente na auto-estrada, ela perdeu o controlo numa curva e a carrinha caiu por um barranco. Ela e os dois miúdos tiveram morte instantânea. — Ele passou uma mão pela cara e pestanejou. — O Rafe, bem, ele passou-se, a tentar reanimá-los. Depois, não era o mesmo homem. Aquilo quase acabou com ele. Um dia, zarpou, sem dizer água vai. Desapareceu durante mais de dois anos.

Bethany não tirava os olhos dele, arregalados e aflitos.

— Seja como for... — Ryan encolheu os ombros. — Eu não abati o *Flash Dancer* nem o vendi, e a história tem um final feliz. O Rafe conheceu a sua segunda mulher, Maggie, foi amor à

primeira vista, e estão juntos desde então, mais felizes era impossível. — Obrigou-se a sorrir. — Sei muito bem que as pessoas podem reagir de forma irracional quando acontece alguma coisa àqueles de quem gostam. No caso do Rafe, acho que era mais fácil para ele culpar o coitado do cavalo do que culpar-se a ele mesmo, que, objectivamente, era como ele sentia... que a culpa tinha sido dele.

— Talvez. O meu pai sempre se preocupou muito comigo, a pensar que eu podia magoarme. Talvez se tenha culpado por me ter deixado entrar nos concursos. Ainda fica branco a volta da boca quando se fala na *Wink*.

— Não foi por isso que ele se livrou do rancho, pois não? Para te manter longe dos cavalos?

— Ryan ouvira dizer que Harv fora à falência, mas, muitas vezes, os mexericos estavam enganados.

— Oh, não... Ele não se livrou do rancho porque quis. — Uma expressão distante instalou-se nos olhos dela. — Ainda que eu tenha a certeza de que manter-me longe dos cavalos foi provavelmente a razão pela qual nunca mais comprou terras.

Rosebud empurrou-lhe o ombro com o focinho e baixou a cabeça à espera que ela a coçasse. Bethany fez-lhe a vontade automaticamente e depois passou-lhe os dedos pela crina.

— Talvez seja pelo melhor, visto que já não posso montar. Os cavalos eram uma parte tão grande da minha vida. A princípio, foi-me muito difícil adaptar-me.

— Disseste que ele não largou o rancho porque quis. O que é que aconteceu?

— Despesas médicas. — Bethany encolheu os ombros. — A princípio, todos os médicos que me examinavam tinham a certeza de que uma operação me poderia devolver as sensações. Erraram três vezes.

Ryan sentiu um aperto no coração ao ver a dor que passou por aquele rosto, dor por ela própria ou pelos pais dela, não tinha a certeza. Até que ela disse:

— Coitado do meu pai. Não conseguiu resignar-se e acabou por fincar falido, a tentar conseguir um milagre para a filha. Um rancheiro de quarta geração, e perdeu o património da família.

— Algumas coisas são mais importantes do que conservar um pedaço de terra.

— Completamente — concordou Bethany. — Mas também temos de ser realistas. — Os olhos dela enevoaram-se. — Depois da primeira operação, eu soube lá no fundo que talvez nunca mais voltasse a andar. Devia ter falado com o meu pai e recusado mais intervenções cirúrgicas. Mas fiquei completamente egocêntrica durante algum tempo depois do acidente, cega para tudo menos a minha desgraça. Queria tanto voltar a andar, e nunca me passou pela cabeça que o meu pai estava a destruir-se a tentar fazer com que isso acontecesse.

— Eras muito nova, Bethany. Não sejas tão dura contigo. Ela sorriu e mudou de expressão.

— Como é que viemos parar a este assunto? Que enfadonho. Não gosto de pensar naquela época, quanto mais falar sobre ela.

Que ela não quisesse falar sobre o assunto dizia a Ryan muito mais do que Bethany poderia imaginar. Algumas pessoas apenas sabiam falar das suas desgraças e ignoravam tudo o resto.

Ela deitou um olhar admirador em redor.

— Tens aqui um belo estábulo. Todo arranjado e limpo e *enorme*.

Ele seguiu-lhe o olhar.

— A minha *casa* é outra história.

— Um típico solteirão?

— Nem por isso, a Becca, a governanta da família, vai lá com uma equipa três vezes por semana e olha por eles enquanto arrumam os quartos. Não dá para ficar muito desarrumada. Eu é que sou um desmazelado nos outros dias. Pratos por lavar, meias penduradas nos *abat-jours*. Sou uma lástima.

— Deve ser muito bom estar tão bem na vida que podemos contratar uma governanta.

— Pois é. — Ryan não via motivo para mentir. — De facto, é fantástico. — Sorriu e esfregou o queixo. — Não foi sempre assim. O meu pai construiu este rancho com o seu próprio suor. Tivemos anos de vacas magras quando eu estava a crescer, o Rafe e eu tivemos de trabalhar no rancho depois da escola e nos fins-de-semana. Era uma empresa familiar, e naquela altura era

preciso toda a família para que as coisas resultassem.

— Muitas vezes é assim. O que é que aconteceu para que tudo mudasse?

— O Rafe e eu tomamos conta do rancho e quase fomos à falência. — Os olhos dela arregalaram-se, fazendo-o rir. — A sério. O meu pai estava na Florida, a descansar, convencido de que tinha o resto da vida garantido, e foi então que tivemos uma maré de má sorte, o pior de tudo um incêndio que nos levou mais de metade da manada. A mulher e os filhos do Rafe sobreviviam com bifos e leite, duas coisas que não nos faltavam porque tínhamos vacas. Foi uma grande embrulhada. Antes de ficarmos de pernas para o ar, tivemos a ideia de vender uma parte da terra. Dividimos dois mil hectares em lotes e vendemos às imobiliárias. Arrecadámos cento e cinquenta milhões.

Os olhos dela arregalaram-se ainda mais:

— Disseste *milhões*? Isso é imenso. A terra vale assim tanto?

— Sim. Eu sei que parece incrível, mas não é se fizeres as contas. Podíamos ter conseguido o dobro se tivéssemos vendido directamente aos interessados e não às imobiliárias. Assim sendo, ficámos com cinquenta para cada um de nós, outros cinquenta para os nossos pais, e investimos a maior parte. Agora, somos todos mais ricos do que Cresco. — Piscou-lhe o olho. — Quando não me estou a matar com trabalho e atolado em bosta de vaca, conto o meu dinheiro.

Ela riu-se ao ouvir aquilo.

— Por outras palavras, ter uma pipa no banco não mudou assim tanto a tua vida diária.

— Já não tenho de me preocupar com o pagamento das contas. É uma grande mudança. — Encolheu os ombros. — E posso estoirar dinheiro quando me apetece. A maior parte das vezes, todavia, não tenho tempo nem vontade. É uma coisa estranha, mas quando estamos diante do lado menos cheiroso de uma vaca, não nos dá para pensar em grandes extravagâncias. Percebes o que quero dizer? Ela riu-se de novo e concordou.

— Tens razão. O traseiro de uma vaca consegue fazer com que vejamos as coisas sob uma perspectiva mais correcta.

Ficou calada, o seu rosto reflectindo prazer e uma boa dose de saudade enquanto afagava o focinho aveludado de *Rosebud*. Ao vê-la assim, Ryan só pensava em pô-la novamente em cima de uma sela. Quase podia ver a expressão que iluminaria aquelas feições.

Ela inclinou-se para beijar a testa da égua.

— Foi uma surpresa fantástica, Ryan. Gostei imenso; ainda bem que me trouxeste.

Ele olhou para o relógio.

— Por falar nisso, talvez seja melhor irmos andando, ou perdemos completamente o concurso de tractores.

Depois de a levar de volta para a carrinha, Ryan levou a cadeira de rodas para uma zona coberta de cascalho diante dos estábulos. Usando um interruptor para ligar o compressor de ar, utilizou a mangueira de alta pressão para lavar os pneus.

Quando entrou na carrinha, Bethany disse-lhe:

— Muito bem, confessa. Tens um parente paraplégico e não me disseste nada.

— Não. Porque é que dizes isso?

— Para um homem que nunca esteve perto de uma cadeira de rodas, és muito competente a satisfazer todas as minhas necessidades.

Olhando para ela enquanto ligava a ignição, Ryan tentou encontrar na sua memória a última vez em que apreciara tanto a companhia de uma mulher. Não encontrou nada, o que o levou a pensar se estaria a satisfazer as necessidades dela — ou as dele.

Capítulo Quatro

Bethany.

Ryan já tinha estado em inúmeros concursos de tractores, mas nunca se divertira tanto como naquele. Uma vez que estava a patrocinar um dos tractores, ele e Bethany puderam ficar na pista propriamente dita, ela na cadeira de rodas e ele numa cadeira de campismo. Jantaram cachorros-quentes, *Coca-Cola* e algodão doce, não propriamente *haute cuisine*, mas ela reagiu como se fosse, dizendo: «Nham», e limpando restos de molho do queixo sempre que dava uma dentada.

Não obstante as explosões de barulho ensurdecedor, ela fazia com que tudo parecesse excitante e especial. A certa altura, um dos veículos perdeu a tracção, saiu disparado e derrapou na lama direito a eles. O coração de Ryan subiu-lhe à boca. Saltou da cadeira, agarrou-a nos braços e correu para trás de uma vedação. Só quando teve a certeza de que ela estava bem é que se apercebeu de que não só tinha derramado a bebida dela em cima dos dois, como também esmagara o que restava do cachorro entre os corpos dos dois.

Em lugar de ficar assustada ou aflita, Bethany riu-se até não poder mais.

— Oh, isto é o *máximo*! — Sacudiu a mostarda dos dedos, passou a língua pelos lábios, deixando a pele rosada e lúidia. — A tua *cara* quando viste o tractor vir direito a nós! Se eu tivesse uma máquina de filmar.

Ele não sabia o que lhe passou pela cabeça, mas baixou-se e lambeu um resto de molho do queixo dela. Por um instante, Bethany ficou imóvel, os seus olhos grandes e azuis cheios de desconfiança.

Ele queria dizer-lhe que não havia nada a temer, mas talvez houvesse. Sentia-se atraído por ela de uma forma que não conseguia perceber, e estava a acontecer demasiado depressa. Não fazia sentido. Sem pensar, podia encontrar uma dúzia de razões para que uma relação entre eles não resultasse. Mas, não obstante, sentia a atracção e estava a perder rapidamente a vontade de lhe resistir.

Com a esperança de a fazer rir de novo, uivou baixinho, lambeu uma mancha de mostarda na bochecha dela e disse:

— Nham. Ainda devo estar com fome.

Foi o suficiente para quebrar a tensão. Ela riu-se e limpou mais uma mancha.

— Acredito! Os meus irmãos são capazes de comer seis cachorros num piscar de olhos.

— Vou buscar mais comida, acho eu. Minha senhora, está a sair-me muito cara.

— Pois. És milionário e isto está a sair-te bem barato.

Ryan não podia estar mais de acordo. Ela merecia melhor do que aquilo, isso era certo. *Filet mignon* e vinho caro, luz de velas e música.

Ela poisou uma mão delicada sobre o peito e gemeu como se tivesse dores por se ter rido tanto. Naquele momento, os sons do concurso de tractores atenuaram-se, e ele ficou completamente concentrado naquela mulher que segurava nos braços. Mesmo besuntada de mostarda, ela era tão bonita.

Mentalmente, tentou dar um passo atrás. Ela não podia ser assim tão bonita. Mas era. O nariz era pequeno e ligeiramente arrebitado na ponta, a pedir para ser beijado. Um toque de rosa acentuava as maçãs do rosto delicadas. As sobrancelhas escuras formavam arcos perfeitos sobre os olhos, os quais eram grandes e incrivelmente azuis, parecendo estender-se até o agarrarem.

Do queixo para baixo — «não vás por aí, palerma» — ela era apetitosa, de constituição pequena mas deliciosamente curva nos lugares certos. Sempre que o olhar lhe fugia naquela direcção, ele pensava em noites longas em lençóis de seda, a luz suave das velas projectando um brilho ambarino naquela pele de marfim. A imagem era tão nítida na sua mente que quase a podia ver — olhos escuros e cegos pela paixão, pestanas baixas, respiração rápida e superficial.

Ryan estremeceu e regressou ao presente, incomodado com o caminho que os seus pensamentos estavam a seguir. Após uma limpeza rápida com os guardanapos de papel da barraca

dos cachorros, levou-a de novo para a pista, comprou mais comida para ambos e depois sentou-se ao lado dela para assistir ao concurso. Com receio de que outro tractor se descontrolasse, esteve quase a levar as cadeiras para trás da vedação, onde sabia que Bethany ficaria segura, mas ela não permitiu:

— Não é muitas vezes que tenho uma oportunidade de viver perigosamente. Estar aqui é o máximo.

Ryan não queria que lhe acontecesse nada — não com ele. Mas também queria que ela se divertisse. Levava-a para longe do perigo uma vez, podia fazê-lo de novo.

Ao ver aquele brilho nos olhos dela sentia um aperto no coração. Como seria ter sido fisicamente activa como ela, e depois acabar presa a uma cadeira de rodas? Nem conseguia imaginar.

Durante o intervalo, tentou extrair-lhe mais informações. Ficou a saber que ela gostava das terras inexploradas e que muitas vezes fora a cavalo com os irmãos acampar junto aos lagos nas montanhas, uma actividade que ele próprio apreciava.

Uma expressão sonhadora apoderou-se do rosto dela enquanto partilhava as recordações dessas aventuras:

— Para mim, eram uma experiência espiritual. Eu *sei*. Parece muito piroso, mas era como ir à missa. A beleza do nascer do dia, o brilho dos primeiros raios de luz a espreitar por cima de uma crista, as cores incríveis, o primeiro canto de um pássaro para saudar o novo dia, só pode ser a forma que Deus tem para nos dizer bom-dia.

Como se receasse que ele se risse, franziu o nariz e sorriu. Ele não tinha vontade de rir, porque sentia exactamente o mesmo.

— Sei o que queres dizer. Nada me faz sentir mais perto de Deus do que estar no alto de uma montanha. Ver o Sol nascer, ou um pôr do Sol fabuloso. Uma águia a voar ou um veado com a sua cria.

Abraçada à sua própria cintura, ela suspirou e assentiu com uma expressão pesarosa. Ryan deu por si a desejar conseguir fazê-la montar de novo.

— E as *fogueiras*! — disse ela em voz baixa. Ele obrigou-se a regressar à conversa:

— Desculpa?

— As fogueiras. Há alguma coisa mais saborosa do que um café feito numa fogueira?

A pele dela — ali, abaixo da orelha — devia saber muito bem.

— Não, nada. Nada melhor do que um café num acampamento.

— E, oh, como eu adorava ficar aconchegada à volta da fogueira com os meus irmãos a noite. Cantávamos, comíamos trutas pescadas por nós, e depois eles metiam-me medo, a contar histórias sobre o Big Foot e fantasmas até irmos dormir.

— E depois acabava-se a diversão.

— Não, aí é que as coisas começavam a animar. Eles tinham todas tendas individuais, que mal chegam para uma pessoa, e tinham de ter lugar para mim.

— Não tinhas uma tenda tua?

— Sim, mas depois das histórias estava demasiado assustada para dormir sozinha. Já era um ritual, a discussão para decidir quem é que ficava com a «chata». Tiravam à sorte e o coitado do Jake perdia sempre. De propósito, acho eu. Sentia-se responsável por mim.

Maggie, a mulher de Rafe, tinha uma irmã de doze anos que vivia com eles. Heidi via Ryan como o seu irmão mais velho — quando não alimentava a ideia de se casar com ele. Ele levava-a algumas vezes numa daquelas viagens e sabia exactamente como era quando uma rapariga ficava assustada durante a noite. Como os irmãos de Bethany, ele resmungava, mas não se importava de partilhar a sua tenda. Não se importaria de encontrar lugar para Bethany, por motivos completamente diferentes.

— Se voltasses a montar, talvez pudesses fazer isso de vez em quando — sugeriu ele.

Ela ponderou aquela possibilidade durante um momento.

— Não, não é praticável.

— Porquê? Ela corou.

— Tenho demasiadas necessidades especiais. A maioria das cadeiras de rodas normais é muito pesada, inapropriada para terreno irregular e demasiado volumosa para levar num cavalo de carga. Não sobrava espaço para mantimentos. Além de tudo isso, não existem instalações para deficientes no meio do mato.

Instalações para deficientes? Ryan sorriu quando percebeu que ela estava a falar de casas de banho. Achava graça e dava-lhe que pensar, aquela mulher, atrevida e descarada num instante e depois dolorosamente tímida a respeito de coisas tolas.

Enquanto a via falar, uma ideia invadia-lhe repetidamente os pensamentos. «Perfeita para mim.» Ela era a mulher dos seus sonhos em todos os aspectos excepto num: não podia andar.

— Então, o que fazes agora quando te queres divertir? — não resistiu ele a perguntar.

— Coisas *mansas*. A minha família é tão protectora desde o acidente. Tudo o que envolva um elemento de risco está excluído. — Prendeu o lábio inferior entre os dentes, mais um gesto que ele começava a perceber ser habitual. — Acho que parece patético, uma mulher adulta permitir que a sua família lhe dirija a vida.

Ryan não estava a pensar naquilo. Não a podia censurar por se preocupar tanto com os sentimentos dos outros, ainda que tivesse dúvidas se seria justificado naquele caso em particular.

— Não se trata apenas de eu não querer preocupá-los. Enquanto vivia em Portland não era assim tão mau. Vivia num complexo de apartamentos fantástico, especiais para deficientes. Tinha montes de amigos e estávamos sempre a ver como os outros estavam. Estávamos constantemente a planear actividades de grupo, que eram muito divertidas porque, lá, tudo tinha um desenho universal, até a piscina. Quando o meu...

— Hei, calma aí. O que é que quer dizer um desenho universal?

Ela descreveu rapidamente o complexo — como todas as casas de banho tinham espaço suficiente para equipamento especial para residentes paralíticos, como todas as portas e corredores eram mais largos do que o habitual.

— E devias ter visto as cozinhas! Bancadas baixas com montes de espaço para os joelhos e áreas de trabalho acessíveis, para que qualquer pessoa numa cadeira de rodas pudesse cozinhar e alcançar os aparelhos. Eu *adorava* aquilo. Onde estou agora, nada foi especialmente desenhado para mim. Os meus irmãos e o meu pai instalaram rampas e eu desenrasco-me. Tudo tem de ficar arrumado nos armários inferiores. O meu pai instalou plataformas giratórias para eu conseguir chegar a tudo. Mesmo assim, é inconveniente. Todos os electrodomésticos têm de estar na frente das bancadas. As prateleiras de cima do meu frigorífico estão vazias. O Jake fez-me uma rampa que me permite chegar ao lava-loiça, e o Zeke inventou uma tábua de recolher que eu posso usar para cortar o que preciso.

Ryan nunca pensara como deveria ser difícil fazer qualquer coisa numa casa normal.

— Seja como for... isto deve ser um tédio. De que é que estávamos a falar? — perguntou ela com uma gargalhada.

— Como era muito mais fácil lidar com a tua família quando estavas em Portland.

— Oh, sim. E era mesmo. Tinha de fazer frente às perguntas quando me telefonavam ou me iam visitar, mas durante o resto do tempo a minha vida era isso mesmo, minha. Alguns de nós até fomos saltar de pára-quedas. Eu saltei agarrada a um instrutor, claro, o perigo era mínimo.

Aquela ideia fê-lo encolher-se. Rejeitou a apreensão e perguntou-lhe como tinha ido parar a Portland, tão longe da família.

— Depois do acidente e das operações, fui para lá como doente ambulatória, para a reabilitação, decidi tirar alguns cursos nos tempos livres, e acabei por me inscrever num bacharelato em informática. Encontrei um bom emprego em Beaverton quando acabei. — Encolheu os ombros e sorriu. — A minha família pediu-me para voltar, mas na altura eu já estava instalada.

— Portanto... como é que voltaste para Crystal Falls passado tanto tempo?

— O meu pai tem um problema de coração. Há alguns meses, o médico ordenou-lhe que reduzisse as horas de trabalho e o Jake teve de ficar à frente do negócio. Quando me telefonou e

disse que precisava de ajuda, eu não podia dizer que não. — Revirou os olhos. — Na realidade, acho que ele inventou um trabalho para mim para me fazer voltar, mas não importa. Até à data, tem resultado relativamente bem, só que os meus irmãos às vezes sufocam-me com tantas preocupações.

Estava explicado o problema com a assistência a clientes na The Works ultimamente. O irmão dela assumira o comando. Ryan sabia por experiência própria o que isso significava. Não fora assim há tanto tempo que o seu pai se reformara. Quanto à preocupação dos irmãos, podia facilmente imaginar-se a fazer o mesmo. Ela tinha uma incapacidade que a deixava mais vulnerável do que as outras mulheres que viviam sozinhas.

— Quais são as actividades cem por cento *seguras* que tu tens? — perguntou ele.

— Pinto muito. — Semicerrou um olho. — Se ficares quieto o tempo suficiente, ainda te pinto a ti.

Ele já vira provas da sua veia artística. De um modo geral, Ryan não era grande apreciador, mas Bethany tinha jeito. As pinturas e objectos, com a sua marca de boa disposição, emprestavam calor e encanto ao ambiente que a rodeava.

— E de que outras coisas gostas?

— Ténis.

— Ténis? — repetiu ele, incrédulo. Os olhos dela sorriram.

— Até à data, tenho uma amiga paraplégica em Crystal Falls. Conhecia-a no «Y», uma mulher impecável, chamada Jenny Nelson. Arrastamos as nossas cadeiras pelo *court* três vezes por semana. Essencialmente, fazemos serviços e falhamos a bola. Fazemos bastante exercício, atrás das bolas, e divertimo-nos, sempre a gozar uma com a outra por causa da nossa falta de jeito. — Pensou por um instante. — Também faço natação duas noites por semana. *Adoro* nadar. Dá-me uma sensação incrível de mobilidade. E as vezes, quando visito os meus pais, vou até à casa do lado e jogo basquetebol com os filhos dos vizinhos. São adolescentes e para eles é o máximo jogar com uma mulher maluca numa cadeira de rodas.

— *Basquetebol*? — Ryan não conseguia imaginar como ela conseguia.

— A minha cadeira tem motor. Posso usar os controlos com uma mão e bater a bola com a outra. Tive de praticar, mas já sou bastante boa. O suficiente para já ter ganho alguns jogos. — Deitou-lhe um olhar malandro. — Passo-lhes por cima dos pés. Enquanto eles ficam a saltar ao pé-coxinho, eu voó até ao cesto e faço a minha versão de um afundança em cadeira de rodas. — Ao ver a expressão horrorizada dele, Bethany riu-se e disse: — Vale tudo quando se joga com uma deficiência.

— Nunca passaste por cima dos pés de ninguém de propósito, sua aldrabona.

— Sou implacável em situações competitivas.

— Pois, pois. — Ryan duvidava que houvesse sequer uma réstia de competitividade nela. Ela olhou para o tractor que estava a ser atrelado ao trenó.

— Aposto dez dólares que este ganha o concurso. Ryan sorriu.

— Não quero ficar com o teu dinheiro. O vencedor vai ser aquele que eu estou a patrocinar.

— Queres apostar?

O sorriso dele aumentou.

— Muito bem — aceitou ele.

Quando o concurso terminou, ele devia-lhe dez dólares, os quais ela aceitou e guardou no bolso com um sorriso travesso.

— Eu disse-te que era implacável — disse ela com uma gargalhada.

Quando o serão acabou, Ryan tinha decidido que queria sem dúvida voltar a ver Bethany, como amigos se não fosse possível mais nada. Um grande problema. Ela aparentemente gostava dele e parecia apreciar a sua companhia, mas Ryan podia ver que continuava a sentir-se desconfortável perto dele. Tentou manter a conversa ligeira para a ajudar a descontraír, mas houve momentos em que a química foi mais forte, transformando um olhar casual em algo mais demorado, um toque rápido numa carícia. Em cada uma dessas ocasiões, ela ficou silenciosa e tensa.

E se ele a convidasse para sair e ela recusasse?

Depois de estacionar a sua *Dodge* no acesso ao lado da carrinha cinzenta dela, Ryan disse:
— Não me lembro da última vez em que me diverti tanto com alguém.

Ela estava sentada com os braços à volta da cintura. Com o luar que entrava pelo pára-brisas, ele podia ver-lhe uma mancha escura no casaco, uma recordação do incidente com o cachorro-quente.

— Obrigada por me teres convidado. Foi uma noite fantástica. Ryan fechou as mãos no volante, aumentando a força à medida que a tensão crescia dentro dele. Geralmente, depois de um encontro, ele dizia: «Bem, isto foi giro. Eu depois telefono-te, está bem?» E pronto. Não podia ser assim tão casual com Bethany.

Começou a falar, parou e tossiu. Arranque fabuloso.

— Eu, hmm... — Olhou para aqueles olhos enormes e luminosos e os seus pensamentos ficaram em branco. «Que raio.» O que é que aquela rapariga tinha que o deixava tão atrapalhado? Nunca ficava nervoso nem sem saber o que dizer. — Eu gostava muito de voltar a ver-te, Bethany — deu por si a dizer, com uma vontade imediata de dar um pontapé em si mesmo por parecer tão, meu Deus, qual era a palavra... *estúpido*. Tinha acabado de fazer figura de estúpido.

Sob o luar, as pestanas dela projectavam sombras alongadas sobre as faces.

— Também gostava. Telefona-me quando quiseres e, se os nossos horários permitirem, eu adorava.

Observando as expressões que passavam pela cara dela, Ryan percebeu que ela pensava que estava apenas a ser simpático. Uma sensação terrível apertou-lhe o estômago.

— Fica prometido — garantiu ele.

Quando já a tinha confortavelmente instalada na sua cadeira de rondas no *hall* de entrada, disse a si mesmo que era melhor não complicar ainda mais a situação com um beijo de boa-noite. Só que aquela boca estava ali, a chamá-lo, e ele não resistiu a prová-la. Ela deu um salto assustado quando lhe puxou o queixo com um dedo. Os olhos arregalaram-se quando lhe levantou a cabeça. Estudou o olhar dela durante um longo momento, tentando ler aquela expressão. Ela parecia mais espantada do que amedrontada. Era um bom sinal. Não?

Ele tinha a sensação de que Bethany não devia ser beijada há muito tempo, uma suspeita que se revelou correcta quando as duas bocas se uniram. Estava tão tensa e insegura e a posição da cabeça era tão forçada que o seu nariz bateu no dele. Além disso, tinha os lábios muito apertados. Com uma exploração decidida da sua língua, Ryan descobriu que os dentes também estavam cerrados.

Recuou, arqueou as sobrancelhas e disse:

— Fizeste alguma promessa?

— O quê?

Quis imediatamente retirar as palavras. Era óbvio que ela não estava habituada a fazer aquilo, e dizer piadas não era a melhor abordagem. Ele não a queria embaraçar.

Ele próprio sentindo-se inexplicavelmente *nervoso*, puxou o chapéu para trás e acorcorou-se diante da *cadeira*. Ela olhava-o como se fosse um insecto estranho que a pudesse picar. Ryan coçou o queixo, engoliu e enfrentou aquele olhar. Tentou recordar a si mesmo que estava farto de beijar mulheres e que não era nada de mais, que tinha tanta prática que praticamente o podia fazer a dormir. Não o ajudou. Ela não era mais uma mulher, e, de súbito, era extremamente importante que ele fizesse aquilo bem. Perfeitamente bem.

Bethany era demasiado importante para que ele lhe desse menos.

— Já lá vai algum tempo, não? — perguntou ele em voz baixa.

Ela riu-se e revirou os olhos, as faces ficando com um tom rosado e encantador.

— Oito anos.

— *Oito anos?* — repetiu ele.

— Não é patético? — Ela passou nervosamente as mãos pelo cabelo, respirou fundo e olhou novamente para ele. — Talvez pudéssemos saltar esta parte.

Ryan riu-se.

— Nem pensar. Não tenho pensado noutra coisa toda a noite. Ela revirou os olhos mais uma vez.

— Duvido muito que tu...

Ele interrompeu-a agarrando-lhe no queixo. Era tão bonita. Sabia que Bethany pensava que tudo o que ele via era a cadeira de rodas, mas tinha uma consciência bem mais real da mulher nela sentada. A frente do casaco estava aberta, provocando-o com vislumbres daquele corpo, dos contornos dos seios pequenos mas cheios que o decote revelava. O cheiro dela, uma simples mistura de sabonete, champô, talco e doçura feminina, exercia um efeito intoxicante nos sentidos dele.

Como acontecera antes no estábulo, ele desejava-a, e os seus pensamentos começavam a descarrilar, fazendo-o desejar despir aquela *parka* e explorar a mulher escondida por baixo dela. Não sabia o que ela tinha. *Algo*. Sentira-o a primeira vez que a vira, não conseguira afastá-la dos seus pensamentos durante toda a semana, e agora aquele sentimento agarrara-o pelo pescoço.

Avançou, decidido a mostrar-lhe o que sentia. Assumindo o controlo de uma forma que nunca considerara necessária *com* outras mulheres, inclinou-lhe o rosto para um ângulo mais favorável. Vendo que a boca dela continuava fechada, aplicou uma pressão ligeira para a obrigar a abrir.

Os lábios dela tremiam sob os seus — uma rendição tímida, espantada, incerta, os seus pulmões procurando convulsivamente algum ar. Ele partilhou o seu, inclinando a cabeça para tornar o beijo mais profundo, mergulhando nos recessos daquela boca à procura de um sabor. «Doce.» Aquela palavra não lhe saía da cabeça. Maravilhosa, incrivelmente doce. Sentiu a descarga até aos tacões das botas.

«Que raio.» Ele estava a dizer boa-noite ou olá? Já não sabia nem lhe importava. Ela tinha uma boca fantástica, pequena e inebriante, e a sua timidez apenas o incitava, dando-lhe vontade de ir mais fundo, provar cada recanto adocicado. Seda sobre seda. Passou os lábios ao de leve nos dela, mordiscando, convencendo-a com toques da língua, pedindo-lhe que se descontrai-se.

Por fim, ela suspirou e a sua respiração alterou-se, inspirando levemente, com urgência. Ryan sentiu os dedos esguios dela agarrarem-lhe a frente da camisa. Ela deixou-se cair contra ele, já não contando com a cadeira para suportar todo o seu peso. Era um peso agradável — um peso ligeiro, delicado que lhe queimava a pele em cada ponto onde lhe tocava. Oh, Deus. Ele não conseguia acreditar naquilo, nunca sentira nada assim.

Passou um braço à volta dela, puxando-a ainda mais para perto. Tudo o que o impedia de a levantar da cadeira era uma relutância puramente instintiva em apressá-la. Os lábios dela tornaram-se maleáveis sob os seus. A boca abriu-se para ele. A língua procurou a dele numa dança tímida, hesitante, de toque e retirada. Ryan sentia a cabeça a andar à roda.

Ela gemeu, o som um latejar abafado de prazer na base da garganta que apenas o inflamou ainda mais. Ele fez deslizar a mão do queixo para a nuca. Precisava de ter um controlo total — orquestrar cada movimento dela, ir mais fundo, uma necessidade tão antiga como a Humanidade e igualmente primitiva, tão irresistível que o deixava impotente. Ele queria possuí-la. Senti-la. Reclamá-la.

Os seus pensamentos rodopiavam; mal se apercebeu do que estava a fazer quando introduziu a mão esquerda por baixo da *parka* e a poisou na cintura dela. *Suave*. Explorou os contornos dela, estudando ao de leve a projecção do osso ilíaco através das calças de ganga. Ela agitava-se com cada passagem das pontas dos dedos dele, sustendo a respiração, pouco mais do que um gemido, aqueles sons dizendo-lhe que estava tão desorientada quanto ele. Uma mão delicada esgueirou-se entre os cabelos dele, fechou-se num punho, agarrando-o, a urgência nela transmitindo-se através de cada poro da sua pele.

Ryan encontrou a última costela. As pontas dos seus dedos tocaram na face inferior do seio, aquele calor e maciez chamando a sua mão. Imaginou aquela forma generosa encerrada na sua mão, soube que era ali o seu lugar e que o peso dela lhe pareceria o certo, totalmente certo, preenchendo o vazio nele que subitamente reclamava as suas entranhas. *Bethany*.

Apenas com uma força de vontade suprema conseguiu resistir à tentação. Ancorando a mão

no flanco dela, deixou apenas que as pontas dos dedos tocassem no arranque dilatado daquele seio — passagens leves, insistentes que o faziam querer fazer mais. Ela gemeu na boca dele e encostou-se ainda mais, o convite explícito, o mamilo avançando até que ele sentiu a ponta endurecida roçar a sua camisa, traçando linhas na pele dele como um ponteiro em brasa.

A cada passagem, ela era percorrida por uma descarga, fazendo o seu corpo esguio estremecer. Oh, Deus, como ela queria ser tocada ali. Ele queria assumir o controlo, fazê-lo por ela e fazê-lo bem, dar-lhe aquilo de que ela obviamente precisava. Só quando a sua mão começou a subir é que as campainhas de alarme soaram. Ele não sabia porquê, não conseguia pensar com clareza suficiente para examinar os motivos que o levavam a conter-se. Afinal, seria apenas um toque, e através da camisa e do *soutien*, o que não constituía uma intimidade excessiva.

Mas, não... Não agora, ainda não. Recordou num repente como tudo aquilo começara, com a boca dela fechada contra a sua. Em idade e em experiência de vida, ela era uma mulher adulta, mas em termos de sexo era obviamente uma novilha, e ele devia ir com calma.

Ryan conhecia os seus limites. Mais uma passagem daquele mamilo latejante sobre a sua camisa e ele perderia o controlo. Tentou pôr um fim ao beijo, recuando. A boca quente e sedenta dela agarrou-se à sua, as explorações ainda tímidas e inexperientes da sua língua passando ao de leve no seu lábio inferior. Ele sentiu um aperto nas entranhas. Estendeu os braços para lhe prender o rosto entre as mãos e, assim, conseguir afastar as duas bocas.

De olhos fixos, fitaram-se, ambos com a respiração entrecortada, a realidade do que ambos sentiam e do que poderiam ter feito — do que ambos ainda queriam fazer — erguendo-se em volta deles como um campo de forcas. Os olhos dela estavam nublados e confusos, as pupilas enormes e negras. Fixo naqueles olhos, ele reconheceu o instante exacto em que a lucidez começou a regressar.

A primeira reacção dela, que ele também lhe leu nos olhos, foi de choque, rapidamente seguido de uma consternação que lhe deixou um embaraço corado nas faces.

— Uau — murmurou ele, curvando-se para lhe beijar a ponta do nariz, um sorriso brincando-lhe nos lábios enquanto a tentava afastar suavemente. Ela era um enigma tão grande, uma mistura intrigante de maturidade e de inexperiência. Beijá-la deixara-o excitado, todavia, fizera-o sentir-se igualmente protector, obrigando-o a abrandar quando o que realmente queria fazer era acelerar. — Isto foi... incrível.

Ela emitiu um som estranho com a garganta. Ryan agarrou-a pelos ombros para a impedir de cair, porque ela se debruçara bastante na caldeira. Sustendo a respiração, Bethany não tirava os olhos dele. Ele próprio respirava com dificuldade. Podia ver a pulsação na base da garganta dela, um sinal revelador de que estava tão excitada quanto ele.

Ela engoliu em seco, recostou-se na cadeira e disse a custo:

— Acho que é melhor ires-te embora, Ryan. — Agarrada à cintura, fitava-o com olhos acusadores. — Obrigada por uma noite maravilhosa. Nunca a esquecerei.

Assim, sem mais nem menos, ele devia ir-se embora? Depois do que tinha acontecido entre eles? Ele nunca se sentira assim. Nunca. Havia ali algo de muito especial. Algo que ele nunca imaginara ser possível. Como é que lhe podia virar as costas, sem perguntas, simplesmente, ir-se embora?

Inclinou-se para trás, apoiado num tácio. Ainda acorado ao nível dos olhos dela, fixou aqueles olhos lindos e expressivos. Ela estava zangada, o agradecimento educado apenas uma cortina de fumo. Gostara do beijo, não havia dúvida, portanto, Ryan sabia que esse não era o problema. Perdera o controlo por um instante, mas não acontecera nada; como tal, o problema também não podia ser esse.

— Bethany, eu...

Ela abanou a cabeça e levantou a mão para o calar:

— Não digas nada. Vai-te embora. Por favor.

Ele levantou-se. Não havia dúvida possível. O que via nos olhos dela era fúria. Com o passar dos anos, fizera o seu quinhão de asneiras com mulheres e tivera de suportar a sua ira

algumas vezes, mas geralmente sabia o que tinha feito, pelo menos.

— Querida, eu...

— Vai-te embora — sussurrou ela, o seu tom feroz. — Estou a falar a sério, Ryan. Quero que te vás embora. *Agora*.

Ele obedeceu. Que mais podia fazer?

Já na carrinha, sentou-se na escuridão com a cabeça apoiada no volante. «Vai-te embora.» Oh, Deus. Ela estava mesmo irritada e ele não fazia a mínima ideia porquê. Sem dúvida, ele entusiasmara-se um pouco, mas parara. Não se podia enforçar um tipo por ter pensado naquilo.

Levantou a cabeça e respirou fundo. O inesperado de tudo aquilo é que o deixara naquela situação. Começara a tentar refrescar-lhe a memória da bela arte de beijar e, quando dera por si, era ela quem lhe estava a ensinar algumas coisas — como, por exemplo, qual a sensação de perder a cabeça por causa de uma mulher.

Bastante abalado, Ryan arrancou para casa, censurando-se durante toda a viagem. Tinha de pensar e de ter a certeza absoluta de quais eram as suas intenções antes de avançar um milímetro que fosse. Uma rapariga como Bethany não podia ser experimentada e depois posta de lado se lhe encontrasse algum defeito.

Bethany arrancou a *parka* e atirou-a com todas as suas forças. O fecho bateu na parede com tanta energia que o som reverberou como se fosse um disparo. Ela tapou a cara com as duas mãos, o peito a doer-lhe com soluços abafados, o estômago aos saltos. «Meu Deus.» Nunca fora tão humilhada.

Ao pensar no beijo, recordava como ele tentara afastar-se e de como ela o prendera, implorando por mais com a boca e também com o corpo. Nunca se sentira assim, nem sequer se permitira entrar numa situação em que pudesse sentir-se assim. Porque sujeitar-se a um desgosto desnecessário? Segundo o especialista de Portland, ela não devia tentar ter filhos, além de ser provável não conseguir apreciar uma relação sexual. Havia também o facto incontornável de a maioria dos homens olhar para a cadeira de rodas e largar a correr na direcção oposta. Porque explorar esse lado da sua natureza, porque abrir a porta a todos esses sentimentos e ser forçada a lidar com eles, quando sabia que os mesmos provavelmente nunca teriam um escape?

Agora, sem sequer se esforçar muito, Ryan Kendrick abrira a tampa da caixa de Pandora que era a sua sexualidade, fazendo-a querer coisas que nunca poderia ter. Não, «querer» não era a palavra certa. Ele fizera-a «desejar», raios o partissem, deixando-a consciente de necessidades e desejos que tentara ignorar ou que fingira não existirem.

Esfregou furiosamente a boca, tentando desembaraçar-se do gosto dele. Mas agarrava-se com tenacidade, uma recordação amarga do seu comportamento, a gemer e a tremer e a atirar-se a ele. O desejo ainda a deixava trémula. A sensação atingira-a como um *bulldozer*, obliterando a sua autoconsciência, empurrando para o lado o seu orgulho.

Nunca mais... *nunca*. Se ele não se tivesse afastado, interrompendo aquela loucura, não havia como saber o que poderia ter acontecido. Ele talvez até tivesse tido a bondade suprema de fazer amor com ela, não porque queria mesmo fazê-lo, não porque pensara fazê-lo, mas porque tinha pena dela. A coitada da paraplégica que nunca levava nada, tão necessitada que só um beijo a deixava ofegante. O que é que um tipo podia fazer senão dar-lhe o que ela queria?

As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. A sua cara contorceu-se com o esforço para as conter. Só a ideia de que as coisas podiam ter chegado àquele ponto deixava-a agoniada. Era exactamente por isso que sempre evitara aquele tipo de situação. Considerando que nem sequer tinha a certeza de ser funcional naquele campo, para que insistir? Apenas acabaria magoada. O sexo era a primeira prioridade para a maioria dos homens, esquecendo tudo o resto. O seu namorado Paul ensinara-lhe bem essa lição, e se ela se permitisse alguma esperança em contrário, mereceria tudo o que lhe pudesse acontecer.

Enxugou a cara. Há oito anos, jurara que nenhum homem teria o poder de voltar a fazê-la chorar, e agora, o estado em que ela estava! Bem, nunca voltaria a chorar por mais nenhum. Da próxima vez que um homem — qualquer homem — a convidasse para sair, a sua Resposta seria um

inequívoco «não».

Capítulo Cinco

Um falcão piou algures na margem do lago, o som solitário no vento gelado que soprava da água. Sentado com as costas apoiadas num pinheiro que crescia isolado num outeiro, Ryan encolheu os ombros no interior da ganga forrada do seu blusão. Sentia o cheiro da aproximação de uma tempestade, ainda que imaginasse que talvez demorasse alguns dias a chegar, o instinto dizendo-lhe que traria neve. «Típico.» Oficialmente, era Primavera, mas isso não queria dizer rigorosamente nada aquela altitude.

Suspirou, não se importando nem um pouco se o Inverno resolvesse fazer uma visita com um pouco de neve. Em Crystal Falls, era de esperar o ocasional nevão fora de época. As sementeiras já tinham sido feitas, mas, tão cedo, uma descida de temperatura não provocaria grandes estragos.

O som de cascos chamou-lhe a atenção. Voltou-se e olhou para a escuridão prateada pelo luar. Passado um momenta, reconheceu a silhueta de um cavalo e respectivo cavaleiro. Olhando para o mostrador luminoso do relógio de pulso, viu que passavam dez minutos das onze, suficientemente tarde para o deixar a pensar quem teria saído a cavalo.

— Olá! — chamou uma voz feminina.

— Mãe? Mas o que é que está a fazer aqui?

A égua dela, *Sugarplum*, reduziu a velocidade e passou para trote, projectando o solo arenoso da margem com os cascos ferrados.

— Quando espreitei pela janela da cozinha e te vi debaixo da tua árvore de pensar a esta hora da noite achei que havia história. Pensei que talvez precisasses de falar.

Ryan deu por si a pensar se a sua mãe possuiria alguma espécie de telepatia maternal.

— O que é que fez, varreu a margem do lago com o seu detector de infravermelhos? Está escuro. Não me podia ter visto da janela.

— As luzes exteriores estão todas acesas em tua casa. Vi a tua silhueta. Um homem com um chapéu de vaqueiro tem um contorno inconfundível.

Ryan sabia que o capataz do rancho, Sly, tinha passado por lá de hora a hora para ver como estava *Rosebud*.

— Como é que sabia que era eu e não o Sly ou um dos outros empregados?

— Simples processo de eliminação. Mais ninguém seria assim tão tolo que estivesse aqui sentado com um frio destes.

Ela parou à frente dele e saltou da sela. Deixando as rédeas penduradas, dirigiu-se ao alforge. Ryan ouviu o tinir de vidro. Os seus olhos estreitaram-se. Quando a sua mãe começou a subir a vertente, viu que ela levava uma garrafa de vinho e dois copos.

— Que tal beberes um copo ou dois comigo?

Ele passou um olhar pensativo pela figura elegante diante de si. De estrutura pequena e loira, ainda era uma mulher bonita, mesmo com sessenta anos.

— A mãe e o pai discutiram?

Ela riu-se ao sentar-se ao lado dele. O luar realçava-lhe as feições, o brilho suave escondendo as poucas rugas que tinha. O cinzento dos olhos parecia agitar-se como mercúrio.

— O teu pai desistiu de discutir comigo há anos. — Entregou-lhe a garrafa e um saca-rolhas. — Ele nunca ganha.

Ryan riu-se enquanto se preparava para abrir a garrafa.

— Só porque ele prefere não usar as cartas todas de que dispõe, e a mãe não.

— Também tem dificuldade em explicar-se quando fica furioso, o que eu aprendi a usar em

minha vantagem. Mas, para responder à tua pergunta, não, está tudo bem na frente doméstica.

Cruzou os braços à volta dos joelhos elevados, um copo expectante em cada uma das mãos. Ryan retirou a rolha e encheu os copos que ela lhe estendeu.

— Essa garrafa há-de estar vazia antes de eu me ir embora — anunciou ela.

— Ui, ui. Está a sentir uma súbita necessidade de apanhar uma daquelas?

— Não, mas acho que tu estás. Tens andado um pouco distraído nos últimos dias.

— Distraído?

— Do género de ficar a olhar para o vazio e não responder quando grito o teu nome três vezes. Conta à tua mãe o que te está a consumir.

Ryan sabia que tinha andado preocupado. Desde que encontrara Bethany pela primeira vez não a conseguira tirar da cabeça.

— Não tenho nada a consumir-me. O que é que a leva a pensar isso? — Bebeu um pouco de vinho, engoliu, e quase se engasgou. — *Cristo!* Mas o que é esta merda?

Ann provou e fez uma careta:

— É o vinho de ameixa de fabrico caseiro da Hazel Turk. O teu pai diz que tem o coice de uma caçadeira de cano duplo serrado. — Ela estendeu uma mão na direcção dele, com a palma voltada para cima. — Estás a dever dez ao fundo da universidade.

— Então, mãe. O Jaimie está em casa a dormir.

— Toca a pagar. Um palavrão, dez dólares. As regras são essas. Se não as respeitas quando ele não está por perto, esqueces-te quando estiver. O meu neto não vai ser expulso da escola por usar palavrões. Só «raio» e «gaita» e mais algumas são permitidas, fim de discussão.

Ryan entregou-lhe o copo enquanto procurava o dinheiro no bolso. Retirou uma nota de cem dólares e trocou-a pelo copo. Ela franziu os olhos:

— Isto é muito.

— Ainda não acabei. Fico com um crédito de nove.

— É assim tão mau? — Ann riu-se e guardou a nota no bolso do blusão *Wrangler*. — Muito bem, cá para fora. Eu sabia que havia qualquer coisa a incomodar-te.

Ryan bebeu mais um pouco, estremecendo ao engolir.

— Esta coisa sabe a xarope para a tosse.

— O vinho da Hazel pode deixar-te com uma diarreia tão grande que nem te atreves a tossir. Imagino que também possa servir como xarope.

Ele cerrou os dentes, enrolou um lábio, e olhou para o líquido escuro.

Ann bebeu um bom trago.

— Coragem. A Hazel é uma querida. Domingo à noite no jantar da associação de rancheiros quero dizer-lhe que bebi isto e gostei.

Ryan gemeu ao ouvir falar naquele jantar. Ele também tinha de estar presente. Pensara em encontrar um par, distraíra-se com uma certa morena e esquecera-se por completo.

— Está a pensar ficar muito bêbeda? É que só assim se pode apreciar esta trampa. Além disso, se disser à Hazel que gostou, ela ainda lhe dá mais.

— Tens razão, não tinha pesando nisso. Bem, se isso acontecer, faço-te uma visita.

— Obrigadinho. — Bebeu mais um pouco. — Sabe melhor depois do primeiro choque.

Olharam os dois para o lago. Enquanto bebiam, falaram sobre o tempo, decidiram que ambos sentiam o cheiro da neve no ar, e depois trocaram banalidades sobre a família de Rafe.

Ryan estava no seu segundo copo e começava a sentir a tensão abandonar-lhe o corpo quando finalmente disse:

— Conheci-a esta semana, mãe.

— Ah — disse ela com um ar conhecedor. — Ela, quem?

— *Ela*. A Tal. A mulher dos meus sonhos, aquela por quem tenho esperado. Levei-a a sair esta noite.

— Oh, Ryan, isso é *fantástico*. Eu disse-te que acabaria por acontecer, mais cedo ou mais tarde. — Revirou o copo na mão, vendo o cristal brilhar. Então, franzindo o sobrolho, acrescentou:

— Se só a levaste a sair, e ela é A Tal, porque uma cara dessas?

— Beijei-a e correu tudo mal. Ficou irritada e pediu-me para me ir embora.

— O que é que aconteceu para ela ficar irritada? Ryan passou uma mão pela cara.

— Pois, boa pergunta. Eu ia dar-lhe um beijo de boa-noite, um beijo à antiga, de primeiro encontro, o tipo de coisa que um homem faz à porta. Só que as coisas descontrolaram-se um pouco.

— Sentiu um calor a subir-lhe pelo pescoço. Ele e a mãe eram chegados, mas, mesmo assim, havia alguns temas que ele não tinha à-vontade para discutir com ela. Os pormenores da sua vida amorosa encontravam-se praticamente no topo da lista.

Os olhos de Ann arregalaram-se:

— Uau. Deve ter sido um beijo e peras.

— Sim, *uau*. Eu descontrolei-me, ela descontrolou-se. — Ryan cerrou o queixo, abanou a cabeça. — Depois de todas as mulheres com quem saí, pergunto-lhe, quais eram as hipóteses de eu encontrar uma rapariga meia-leca com olhos azuis enormes e que beija de boca fechada, e que ela me desse a volta à cabeça?

— Uma num milhar, talvez? — Ann estudou-o, a sua expressão pensativa. — Ela beija com a boca fechada? Que idade tem?

— Vinte e seis.

— É religiosa ou assim?

— Não, mãe, nem fanática nem nada. — Ryan poisou os cotovelos nos joelhos. — Ela só, bem, já passou algum tempo desde a ultima vez e acho que se poderá dizer que está um pouco verde.

— Com vinte e seis?

— Pois. Eu devia ter lidado com a situação com mais delicadeza. — Esvaziou o copo e voltou a encher os de ambos. — Eu senti que ela estava desconfiada.

— Desconfiada de ti?

— Sim, simpática e amigável, mas um pouco distante. Acho que teve uma relação que acabou mal, ficou magoada. E o que eu acho.

— Hmm! — Ann abanou a cabeça, a sua expressão intrigada.

— Acho que ela se sente tão atraída por mim como eu por ela — acrescentou ele —, mas tem medo de se magoar outra vez.

— Ah — disse Ann com uma expressão conhecedora. — Como é que chegaste a essa conclusão?

— Porque quando a beijei, ela correspondeu por completo até que eu me afastei, e então, pum!, olhou para mim como se eu lhe tivesse dado um murro. — Ryan suspirou. — Às vezes, acho que os homens e as mulheres vêm de universos diferentes. Será que a mãe tem algumas pérolas que possa partilhar sobre a mente feminina?

Ann sorriu:

— Querido, não somos todas desenhadas segundo o mesmo modelo. — Levantou as ponteyras das botas e baixou-as novamente, devagar. — E esse teu enigma é bonito?

— Ela é *linda* — murmurou ele. — Tem os olhos azuis mais bonitos que eu já vi. Juro, são o que ela tem de maior: de um azul tão intenso, fazem-me lembrar amores-perfeitos.

— Ui, ui. Nunca te ouvi nada de tão poético. Isso está mau, não está?

Ele suspirou e disse:

— Eu só... sim, está mau. A primeira vez que a vi foi como se tivesse sido atingido por um raio. E não é só o aspecto dela. As mulheres bonitas não são raras numa cidade com o tamanho de Crystal Falls. Foi outra coisa, quase uma sensação de reconhecimento. Tinha estado à espera de a encontrar toda a minha vida, e ela estava ali. Não consigo explicar.

Ann sorriu.

— Querido, ninguém consegue explicar o mistério do amor. — Ficou novamente pensativa enquanto bebericava o vinho. — Disseste que achas que ela passou por uma relação difícil. Como é que ela conseguiu sem aprender a beijar?

Ryan sentiu os músculos do queixo apertarem-se. Olhou para o lago, sem o ver.

— Eu não disse que ela não sabia, mas que tem falta de prática e está um pouco verde. Estou só a deitar-me a adivinhar, mas acho que era muito nova na altura que teve essa relação e provavelmente um pouco maria-razapaz. Dezassete, talvez dezoito anos. O tipo de coisa que nunca foi muito mais longe do que andar de mão dada e beijos desastrados com um rapaz que tinha pouco mais experiência do que ela.

— E ela nunca mais se envolveu com ninguém desde então? — perguntou Ann, incrédula.

— Ela é aleijada.

— É o quê?

— Aleijada. — A palavra saiu-lhe a custo, presa no fundo da garganta. — Não é o termo politicamente correcto, tenho a certeza. Paralítica, mãe, paraplégica. Teve um acidente há oito anos numa corrida de *barrel racing*.

Silêncio.

Um sabor amargo apoderou-se da língua de Ryan.

— Acho que os homens não têm feito fila para sair com ela desde então. Uma cadeira de rodas tem um certo jeito para amortecer o ardor masculino. Não sei quem foi o tipo que a magoou, mas era provavelmente algum palerma imaturo que ela conhecia no liceu.

— Oh, *Ryan*. — Os olhos de Ann escureceram sob o luar, parecendo manchas de carvão no rosto subitamente pálido. Ela franziu a testa pensativamente e olhou para o lago durante alguns segundos. — Não digo que não tens razão — disse ela em voz baixa —, mas tendo trabalhado num centro de reabilitação, eu diria que é igualmente provável que ela tenha enfrentado tantas rejeições e limitações desde o acidente que se tornou desconfiada. Quando uma mulher é rejeitada pelo sexo oposto vezes sem conta, ela protege-se de todas as formas que pode, e isso pode fazer com que pareça desconfiada.

— É possível — condescendeu Ryan. — Pelo que ela me contou, fiquei com a sensação de que a maioria dos homens foge na direcção oposta quando percebe que ela está numa cadeira de rodas. — Ele encolheu os ombros. — Que raio, para ser honesto, quando me apercebi pela primeira vez de que ela era paraplégica, também eu quis fugir, só que já a tinha convidado e não a quis magoar. Se tivesse recuado, o motivo teria sido obvio. — Engoliu e fechou os olhos durante um momento. — Portanto, levei-a a sair, a pensar que seria só uma noite, e que depois poderia desaparecer graciosamente.

Ann não disse nada, o que o levou a continuar.

— Cheguei a casa dela atrasado — disse ele com voz rouca. — A *Rosebud* tinha entrado em trabalho de parto e quando tentei telefonar e explicar, o telefone estava desligado, e não consegui falar com ela. Ela pensou que eu a tinha deixado pendurada e eu vi que tinha estado a chorar. Senti-me um patife. Quando lhe disse que tinha ficado retido por causa de uma égua, fiquei à espera que ela ficasse danada. Em vez disso, foi uma querida.

— É uma boa variante — disse Ann com um sorriso. — A maioria das vezes, as tuas amigas não ficam zangadas se te atrasas porque os cavalos precisam de ti?

Ryan sorriu.

— Poder-se-ia dizer que sim. Zangadas mais para o furioso. E foi uma variante ainda melhor porque passei umas horas fantásticas com a Bethany. Ela é inteligente e engraçada e interessante. Já sai com muitas mulheres, gastei duzentos ou trezentos dólares, e aborreci-me de morte. Levei-a aos concursos de tractores, ofereci-lhe um cachorro-quente, e não me lembro de me ter divertido tanto.

Ann riu-se, sem querer acreditar.

— Concursos de tractores e um cachorro? Deve ser uma rapariga muito especial.

— É mesmo; tem qualquer coisa, sabe? Tenho esta sensação. Não a consigo descrever. — Poisou uma mão no peito. — Uma sensação que vai até ao osso. Gostava de explorar as possibilidades, ver se, bem a mãe sabe, se podemos encontrar terreno comum para construir uma relação com futuro, mas agora duvido que ela me dê essa oportunidade.

Ann ficou calada durante muito tempo, o seu olhar percorrendo lentamente o rosto do filho

de uma forma que o fazia encolher-se quando era adolescente.

— Estou a ver — disse ela por fim, o canto da boca apertado para reprimir um sorriso. — Estás preocupado com o sexo.

Ryan sentiu como se lhe tivessem fechado uma mão sobre a laringe. Coçou o nariz e desviou o olhar.

— Que raio, mãe. Porque é que não vai direita ao assunto? Há coisas que um homem não gosta de discutir com a própria mãe.

Ann riu-se.

— Desde quando é que andamos com rodeios nesta família? Não existem temas tabus.

— Consigo falar francamente consigo acerca de praticamente tudo, mas isto é... bem, para mim, um tema tabu.

Ela riu-se outra vez.

— Ou seja, tenho razão. Tu *estás* preocupado com o sexo. — Empurrou-o com o ombro. — Vá lá. Descontra-te. Posso ser tua mãe, mas também sou uma enfermeira reformada. Não há nada que me possas dizer que eu já não tenha ouvido cem vezes, e pode ser que descubras que a minha opinião vale alguma coisa.

Ele assentiu.

— Não duvido. É só que... está bem, sim. Estou preocupado com o sexo. — Sentiu o olhar dela. — Não olhe assim para mim. Sou um estupor, e sei que o sou.

— Não estava pensar nada disso.

— Pois, está bem, mas é o que eu estou a pensar. Ela é tão querida, mãe.

— Bom sexo é uma preocupação fundamental para a maioria dos homens, e parece-me que és normal nesse aspecto. — Ela bebeu mais um pouco de vinho. — Não tem nada de mal.

Ryan descontraíu-se ligeiramente.

— Tenho de admitir, está mesmo no topo, ao lado do oxigénio, quando penso nas coisas com as quais não poderia viver de maneira nenhuma. E sem dúvida suficiente para me fazer dar um passo atrás e pensar duas vezes antes de me envolver com uma mulher.

Ann riu-se e inclinou-se para o lado, empurrando-o outra vez com o ombro.

— Aonde é que foste buscar a ideia de que os paraplégicos não podem ter sexo?

— Parece-me óbvio, ou não? Ela está *paralisada*, mãe. Sem sensações da cintura para baixo. Talvez alguns homens não se importem, mas eu gosto de parceiras que apreciem e actividade em questão tanto quanto eu.

— Estás a partir de um pressuposto idiota. E bastante habitual, ainda que completamente errado. Eu sei do que estou a falar. Se ela tem ou não sensações em determinados sítios, isso dependa da gravidade da lesão. As mulheres, em especial, conseguem ter relações íntimas normais.

— A sério? Tem a certeza? Ann levantou uma sobrancelha.

— A jovem em questão é assim tão especial que valha a pena continuarmos esta conversa?

Ele semicerrou um olho.

— Sim, diria que sim.

— Então, sim, tenho a certeza. Muitas mulheres paraplégicas têm uma vida sexual activa, nem sempre atingindo a satisfação da mesma forma que uma mulher com um corpo normal, mas, sendo tudo relativo, quem é que pode dizer que têm menos prazer? Por exemplo, algumas das que não conseguem atingir o orgasmo da forma habitual passam por um fenómeno conhecido como «orgasmo fantasma».

— «Orgasmo fantasma»?

— Comparo-o a um amputado que ainda consegue sentir a perna que não tem. Por vezes, um paraplégico sente um prazer intenso noutra parte do corpo na altura do orgasmo.

— Isso é um conceito rebuscado.

— Factual — corrigiu-o Ann. — O corpo é um mecanismo maravilhoso e compensa sempre que pode. Que diferença é que faz, querido? Desde que a rapariga sinta alguma espécie de fogo-de-artifício, estás muito preocupado com o lugar onde ele explode?

Ryan riu-se e coçou a cara ao lado do nariz.

— Não, acho que não. Fogo-de-artifício é fogo-de-artifício. Tem a certeza disso, mãe?

— Absoluta. Achas que dizia isto se não tivesse? Mesmo quando o orgasmo normal ou fantasma está ausente, ouvi dizer que as mulheres paraplégicas costumam ser amantes fantásticas. Como têm uma limitação, estão muitas vezes mais dispostas a ir mais longe do que uma mulher com um corpo normal para darem prazer aos seus parceiros. — Ergueu as sobrancelhas e sorriu. — Quando duas pessoas gostam muito uma da outra, não têm medo de ser criativas se for necessário, e por vezes esse é o melhor tipo de amor, não perfeito no sentido habitual, mas belo porque é extraordinário.

— Hmm!

— Parece-me que estás prestes a cair de quatro por essa rapariga.

— Vacilante — admitiu ele. Bebeu mais um gole. — «Orgasmo fantasma.» — Pensou naquilo durante um momento. — Havia de ser um inferno se acontecesse no apêndice dela e ela tivesse de ir à faca.

Ann rebentou às gargalhadas.

— Só um homem pensava numa coisa dessas.

— É *importante*, mãe.

— E vocês, machos, detêm algum monopólio no assunto? — Abanou a cabeça. — De volta à tua rapariga. Eu sei que é difícil, mas tenta ser analítico por um momento. Dizes que ela ficou mesmo entusiasmada quando a beijaste?

Ryan confirmou.

Ann sorriu conhecedoramente.

— Isso é estranho. Ela devia estar a sentir uma forte reacção física nalguma parte do corpo. No cotovelo, talvez?

Ele riu-se, mas ficou sério ao recordar-se da forma doce como Bethany se derretera encostada a ele, tremendo de desejo quando ele quase lhe tocara no peito. Estava tão excitada quanto ele. Era capaz de apostar toda a sua carteira de acções nisso.

— Que raio, mãe, tem razão. Havia fogo-de-artifício algures.

— Provavelmente, nos lugares habituais. Seja como for, é um indício muito bom.

Ryan assentiu.

— Quanto a ela te ter pedido que te fosses embora, isto é só a opinião da tua mãe, está bem? Mas acho que sei porquê.

— Porquê? — Ryan fixou-a com um olhar penetrante.

— Dizes que só a querias beijar como uma daquelas coisas antiquadas, um beijo de primeiro encontro?

Ele assentiu.

— Tenho a certeza de que ela deve ter-se apercebido disso — disse Ann em voz baixa. — Se for o caso, e ela tiver sido rejeitada uma série de vezes, pensa só como ela se deve ter sentido, reagir daquela maneira, se não era aparente para ela que tu estavas a sentir o mesmo.

Ryan fez um esgar e praguejou entre dentes.

— Se ela não foi beijada muitas vezes, o que é um pressuposto bastante válido, então, pode não ter percebido que tu também ficaste excitado. Quando te afastaste, ela deve ter ficado para morrer. Se fosse comigo, eu ficava. — Ann suspirou. — Não posso garantir. Mas se eu tiver razão, é muito provável que nunca mais te queira ver.

— Oh, meu Deus.

— Não é o fim do mundo, querido. As vedações podem ser consertadas.

— Como?

— És filho do teu pai. Acredita, há-de encontrar uma maneira. Isto é se quiseres. Se as tuas intenções não são assim tão sérias, Ryan, talvez devesse manter-te afastado dela. — Deu-lhe uma palmada nas costas — por outro lado — debruçou-se para lhe olhar para a cara —, se ela é mesmo a mulher de que tens estado à espera, serias um asno chapado se a deixasses escapar por entre os

dedos. Não deixes que uma cadeira de rodas te detenha. Se tens aquela sensação de só-uma-vez-na-vida, não existe, e estou a falar a sério, nenhum obstáculo que não possa ser vencido. O que é que diz aquela canção de que tu gostas tanto? Se tens amor no coração, consegues mover uma montanha. O amor pode fazer acontecer um milagre, querido.

Ryan expirou com um suspiro entrecortado. — Acha que estou doido, mãe? Sentir-me assim por causa de uma rapariga que acabei de conhecer?

Ann despejou o que restava do seu vinho e usou o ombro do filho como apoio para se levantar. Com o copo pendurado nos dedos, olhou para as montanhas por onde o Rocking K se estendia mais longe do que a vista podia alcançar.

— Acho que és um Kendrick — disse ela em voz baixa. — Se a tendência para te apaixonares, depressa e de cabeça, é loucura, então, é uma característica genética. Portanto, porque fazer-lhe frente?

— Como é que um homem sabe que está apaixonado? Ann franziu o cenho, pensativa.

— Sabendo. Não é uma coisa que se possa explicar a outra pessoa, nem sequer a nós próprios. Sabemos. — Poisou uma mão sobre o coração. — Uma sensação. Lá bem no fundo. — Os olhos dela começaram a cintilar com uma expressão travessa. — Claro que, às vezes, é só azia. Portanto, tem cuidado.

— Grande ajuda.

— Estás por tua conta. Só tu sabes o que sentes. Deixa que os teus sentimentos te orientem.

Ryan ficou a vê-la afastar-se.

— Mãe?

— Hmm? — Ela parou e olhou para trás.

— Tenho-lhe dito ultimamente que a adoro?

Ela sorriu e retomou a sua marcha. Depois de guardar o copo no alforje e subir para a sela de *Sugarplum*, ficou parada por um momenta, as suas mãos agarradas ao arção, a cabeça inclinada para trás para olhar o céu.

— Como é que disseste que essa rapariga se chamava?

— Bethany — respondeu ele com voz rouca.

— Ah, Bethany. Gosto. Soa bem, antes de Kendrick.

— Ainda não decidi que vou casar com ela, mãe. Tenho muito em que pensar antes de decidir se volto a vê-la.

— Pois tens — concordou Ann, qualquer vestígio de ligeireza tendo desaparecido da sua voz. — É completamente desnecessário dizer isto, eu sei, mas vou dizê-lo na mesma. Uma mulher como ela já sofreu desgostos suficientes. É muito fácil magoá-la. — Puxou as rédeas para o lado para virar a montada. — Por vezes, é melhor simplesmente nunca sabermos onde um sentimento nos poderia levar do que descobrirmos e arrependermo-nos.

Ryan ficou a vê-la afastar-se, a sua boca fixa num sorriso triste.

Capítulo Seis

Eram nove e meia da manhã seguinte e Ryan tinha muita coisa para fazer. Em vez disso, estava parado diante do balcão do pequeno-almoço, a olhar para o telefone. Um olhar ao relógio disse-lhe que estava naquilo há vinte minutos. Agarrou no auscultador, começou a marcar o número de Bethany, desligou, e agarrou na caneta que estava ao lado do livro de endereços.

Aquilo era uma perda de tempo. Ou queria telefonar-lhe ou não queria. Uma decisão simples. Então, porque é que ele estava ali como um adolescente apaixonado, com uma ameaça crescente de uma câibra entre as omoplatas?

Virando-se para sair da cozinha, quase tropeçou no *Labrador* dourado, deitado no chão perto dos seus pés. Uma vez que o cão parecia estar sempre no seu caminho, Ryan chamara-lhe *Tripper*¹, há dois anos quando lhe aparecera à porta, encardido e morto de fome. O nome ficara e também o cão.

Tripper gemeu e virou-se de costas para que lhe coçasse a barriga. Com um sorriso, Ryan debruçou-se para lhe fazer a vontade.

— Tenho de te pôr de dieta — disse ele afectuosamente —, estás a ficar gordo.

Tripper arqueou a coluna para coçar as espáduas no chão. Ryan suspirou quando viu a quantidade de pêlos que ficavam na tijoleira ocre. Parecia que o pêlo do cão se multiplicava assim que caía. Ah, bem. Sem um cão, a vida era mais difícil de ser vivida.

Fez uma festa na cabeça de *Tripper* e olhou uma última vez para o telefone. Saiu da cozinha, decidido a seguir com o seu dia. Atravessando a sala de estar até ao bengaleiro, apanhou o chapéu, colocou-o na cabeça e olhou através da porta de correr de vidro para o grande terraço, onde gostava de descontrair ao fim das tardes de Verão.

«Que raio.» O ligeiro degrau para o terraço seria uma barreira terrível para uma mulher numa cadeira de rodas. Se ele comesse a andar com Bethany e a levasse a sua casa, teria de construir rampas e reorganizar a mobília para que ela pudesse circular. Tinha também de pensar nas casas de banho. Eram espaçosas, e como ele muitas vezes alojava criaturas recém-nascidas doentes nas suas casas de banho enquanto estavam a ser medicadas, as portas eram bastante largas, mas, pelo menos, teria de instalar barras de apoio.

Suspirou e esfregou os olhos doridos. Tensão. Se ele agarrasse naquele telefone, não poderia voltar atrás. Não podia fazer isso a Bethany. Se fosse em frente, tinha de ter a certeza, sem qualquer dúvida, de que o que sentia por ela era real e duradouro.

Depois de agarrar no telemóvel e no casaco, assobiou a chamar o cão e saiu de casa. Havia equipamento para reparar, um cavalo que tinha de ser ferrado, e muitas outras tarefas que lhe ocupariam todo o dia. Não tinha tempo para ficar a olhar para o telefone.

Já dentro do estábulo, dirigiu-se a baía de *Rosebud* para lhe dar os bons-dias. A égua relinchou uma saudação e aproximou-se do portão, dilatando as narinas e olhando por cima do ombro dele, como se estivesse à espera de ver mais alguém.

Ryan sorriu.

— Gostaste mesmo dela, não foi? — murmurou ele enquanto esfregava o focinho da égua. — Eu também.

Rosebud empurrou-lhe o braço com o focinho e cheirou-lhe o casaco. Ryan meteu a mão no bolso para retirar o torrão de açúcar desejado. Enquanto a égua comia a guloseima, deu-lhe umas palmadas no pescoço, pensando no quanto Bethany gostaria daquele ritual matutino.

— És terrível, sabias? — sussurrou ele. — Porque é que todos os meus animais são tão mimados? Tenho de deixar de te tratar tão bem.

Rosebud resfolegou e relinchou, como se lhe estivesse a dizer o que pensava daquela ideia. Ryan olhou para o fundo da baía, recordando como os olhos de Bethany tinham brilhado na noite anterior quando vira o poldro.

Sentiu um aperto na garganta. Quando tentou recordar-se da cara das outras mulheres com quem tinha saído, todas surgiram desfocadas, eclipsadas por umas feições de duende e por um par de olhos enormes, azuis como amores-perfeitos. Parecia que não conseguia tirá-la da cabeça.

Olhou por cima do ombro para as marcas deixadas pela cadeira de rodas na terra batida. Noutros pontos do corredor, havia zonas de lama, onde ela ficaria presa se ele não aplicasse asfalto, e, se ele o fizesse, mais valia usar lajes de cimento e passeios de cimento no exterior do estábulo. O que seria dispendioso. Mas, afinal, não era como se o dinheiro lhe fizesse falta. Quase conseguia imaginá-la no corredor, o seu sorriso iluminando as sombras. Uma visão a qual um homem não podia atribuir um preço.

¹ Neste caso, e literalmente, *tripper* significa algo ou alguém que nos faz tropeçar. (N. do T.)

Bethany. Suspirou, cansado. Não conseguia entender o que sentia por ela. Não parecia importar que não fizesse sentido.

Eram simplesmente sentimentos que se tornavam mais fortes em cada segundo que passava.

Bethany molhou o pincel na tinta preto-esverdeada para acrescentar sombras e definição às árvores da sua paisagem montanhosa. Era o mais perto que ela se podia aproximar daquela vista, recriando-a na tela. Enquanto pintava, recordava-se de viagens que fizera com os irmãos. O cenário, os cheiros, o som de risos. A vontade que ela tinha de viver tudo aquilo mais uma vez.

Bem, paciência. O que estava a fazer era quase o mesmo, e ficar em casa tinha as suas vantagens, um banho quente todas as noites sendo uma das primeiras da lista. O novo elevador da banheira era fantástico, permitindo-lhe descer numa posição reclinada, permitindo-lhe tomar um banho de imersão.

Acrescentou algumas sombras a um ramo de abeto, pensando na sorte que tinha por poder dispor de toda a manhã para pintar. Para além do trabalho e de alguma obrigação familiar ocasional, era pouco o que acontecia na sua vida que pudesse interferir com o seu tempo livre. Podia fazer o que queria, quando queria, e isso agradava-lhe. Não precisava de um homem na sua vida, isso era garantido. Porque complicar tudo? Gostava de viver sozinha, apenas com a sua gata *Cleo* a precisar da sua atenção. Se lhe apetecesse ler durante todo o fim-de-semana, geralmente conseguia fazê-lo. Se decidisse ver televisão, não tinha de disputar o telecomando com um macho prepotente.

O telefone tocou. Bethany levava sempre o aparelho portátil com ela para a sala de trabalho. Inclinou-se para o lado para o retirar da bancada, uma superfície de trabalho improvisada que Jake lhe preparara com cavaletes aos quais reduzira a altura e uma prancha de contraplacado.

— Estou?

Uma voz profunda respondeu:

— Bom dia, linda. Ainda estás zangada comigo?

"Ryan.» A mão de Bethany apertou-se sobre o telefone e o coração subiu-lhe à garganta. Um calor de humilhação queimou-lhe as faces, sempre que pensava na noite anterior, apetecia-lhe morrer.

— Bom dia para ti também — conseguiu ela dizer num tom animado. — E eu estava zangada contigo, não contigo. Foi uma noite fantástica e diverti-me imenso.

Ele ficou calado durante um momento.

— Foi mesmo uma noite fantástica e eu gostava de repetir a dose. Bethany fechou os olhos com força.

— Adorava. Telefona-me um dia destes e logo vemos se podemos.

— É o que eu estou a fazer. — O tom dele tinha um misto de diversão. — Gostava de te ver esta noite.

«Esta noite? Porquê?» Para ela se atirar outra vez a ele e fazer figura de parva?

— Oh, Ryan, desculpa — disse ela, tensa. Por qualquer motivo, mentir nunca lhe fora tão fácil. — Não te lembras? Eu disse-te na semana passada que esta noite estava ocupada.

— Oh, tens razão. — Ele suspirou. — Então, e amanhã?

— Igreja e coisas de família.

— Amanhã à noite também? Tenho de ir a uma festa importante. Gostava de te levar comigo.

— Sim, também estou ocupada, lamento — disse ela, bastante aliviada por não ter de mentir mais uma vez. O jantar anual da Associação de Rancheiros de Crystal Falls era na noite seguinte e, na qualidade de proprietários da The Works, os pais dela ainda eram membros. Pensou de passagem se essa seria a festa importante de que Ryan falara, mas disse a si mesma que não devia ser.

— Não faz mal — disse ele. — Eu aceito qualquer coisa. Em que noite da semana que vem é que estás livre? Eu arranjo-me.

Bethany olhou para a janela sem ver.

— Desculpa. Segunda-feira tenho coisas da loja que me vão deixar ocupada até tarde. As terças e quintas são para a natação no «Y». Como vês, tenho uma semana cheia.

— Porque é que não vens até cá nadar na terça-feira ao fim da tarde? Tenho uma piscina aquecida. Depois, podemos jantar. Faço uns bons bifes grelhados.

— Eu nado com a minha mãe. Ela ajuda-me a vestir depois. Quando estou longe de casa e de todo o meu equipamento, preciso de assistência.

— Ah. — Novo silêncio. Depois: — Que tipo de equipamento?

Ela não conseguia perceber por que motivo ele lhe estava a perguntar aquilo.

— Todo o tipo, essencialmente, aparelhos de *transfer*.

— Aparelhos de *transfer*?

— Coisas que me levantam de uma cadeira e me largam noutro lado. Não consigo movimentar-me sozinha. Fora do meu ambiente, é muito difícil dar conta do recado.

Pronto, pensou ela. Se aquilo não o fizesse dar meia-volta, nada faria.

— Eu sou um ótimo aparelho de *transfer* — disse Ryan num tom aveludado. — Além disso, sou multifuncional e bastante económico. Apenas cobro um sorriso.

— Eu nunca confiaria num cego que quisesse agarrar em mim e levar-me de um lado para o outro.

Breve silêncio.

— Eu não sou cego.

— Se te aproximares de mim enquanto eu estiver a vestir-me, é bom que sejas.

Ele riu-se:

— Ah, estou a perceber. Pelos vistos, tenho de ir às compras. Bethany sentiu um aperto na garganta e o sangue começou a latejar-lhe nas têmporas.

— Porque é que estás a fazer isto, Ryan? — perguntou ela, abalada.

— Acho que é óbvio. — Ela ouviu um cavalo relinchar, depois, o som de água a correr. Imaginou-o no estábulo, a falar com ela ao telemóvel enquanto cuidava dos seus animais. — Desenvolvi um fascínio incurável por uma certa senhora com olhos azuis enormes. O que é que fazes na próxima sexta-feira a noite?

— Próxima sexta? — Estendeu o braço e mexeu nalguns papéis, esperando que ele pensasse que estava a verificar a agenda. — Que azar, estou ocupada.

— Estou a perceber. Uma tampa. Muito simpática, mas uma tampa. Bethany tocou nos lábios com as pontas dos dedos, recordando-se da sensação quando ele a beijara — como ela praticamente se derretera e depois se agarrara a ele quando Ryan tentara afastar-se. Recordou-se também do aviso de Jake, de que Ryan Kendrick tinha fama de trocar de mulher como quem trocava de camisa. Ela não queria ser mais um nome na lista. Havia algo nele que penetrava todas as suas defesas e que a deixava demasiado vulnerável. Aquilo podia ser mais um engate para ele, mas não para ela. Acabaria por se apaixonar por ele, e ficaria desfeita quando ele decidisse seguir em frente.

— Não é uma tampa — garantiu-lhe ela. — Agradeço-te imenso que tenhas pensado em mim. Diverti-me muito ontem à noite, adorava repetir; e lamento ter a agenda tão ocupada neste momento.

— Eu vou dando notícias. Talvez te apanhe numa noite em que ainda não estejas ocupada.

— Boa ideia. Adeus, Ryan.

— Detesto a palavra adeus, especialmente com uma mulher linda que estou decidido a voltar a ver. Falamos depois, que tal?

— Certo. Falamos depois.

Bethany desligou e deixou cair o telefone no colo. Baixou a cabeça e deixou-se ficar assim durante um minuto, repreendendo-se silenciosamente. Era tão tolo desejar mais do que já tinha, tão tolo querer mais. Era tanto o que ela tinha por que estar grata. O que é que Ryan Kendrick tinha que fazia com o que tudo parecesse vazio e destituído de significado?

Além disso, e sendo realista, o que tinha ela para oferecer a um homem que já tinha tudo?

Devia estar agradecida por ele ter sido um cavalheiro na noite anterior. Fora por pouco. Colocar-se novamente em risco seria um disparate. Sabia por experiência própria que um coração partido demorava muito tempo a sarar.

Quando Ryan desligou o telemóvel, virou costas ao bebedouro de *Rosebud* e viu o seu irmão mais velho, Rafe, do lado de fora da baía. Depois de fechar a torneira, Ryan saiu, fechou o portão e passou o trinco.

Levantando uma sobrancelha negra, Rafe mirou o irmão por baixo da aba do seu chapéu preto de vaqueiro, a boca inclinada num sorriso divertido.

— Pareceu-me uma derrota, maninho. Estás a perder-lhe o jeito?

— Podes ter a certeza de que tive boa pontaria com esta. — Ryan guardou o telemóvel no bolso. — Parece que me vai dar trabalho para a convencer.

— E vais dar-te a esse trabalho? Costumas avançar para pastos mais verdes.

— Não desta vez.

— Hmm. Isso nem parece teu.

Rafe aproximou-se do portão da baía, os movimentos preguiçosos do seu corpo magro mas bem musculado enganadoramente lânguidos para um homem capaz de ser rápido como um raio quando assim o decidia. Vestido de cambraia azul e ganga, poisou os braços no portão, um pé suportando quase todo o seu peso.

Foi então que Ryan viu o seu sobrinho no corredor. Com umas minúsculas calcas de ganga *Wrangler*, botas *Tony Lamas* e blusão de ganga, Jaimie parecia uma cópia de Rafe à excepção dos grandes olhos castanhos, que herdara da mãe. Considerando o facto de o rapaz não ser, de facto, filho de Rafe, a semelhança deixava sempre Ryan espantado.

Quando o rapaz de dois anos tentou escapulir-se, Ryan agarrou-o pelo cotovelo.

— O que é que tenho aqui? Sarilhos?

— Jaimie! — exclamou o rapaz com uma gargalhada.

Ryan levantou-lhe o chapéu preto para lhe ver melhor a cara.

— Ora essa, é mesmo o Jaimie. O que é que a tua mãe te dá de comer, valentão? Cresceste dois centímetros desde a última vez que te vi.

Sempre irrequieto, o rapaz riu-se e tentou descer. Ryan beijou-lhe a bochecha anafada, sentindo o hálito de manteiga de amendoim, o que o fez sorrir enquanto o poisava no chão.

Rafe ficou a vê-lo afastar-se pelo corredor.

— Aonde será que ele vai agora?

— À procura do Sly, aposto. Aquele velhote atrai os miúdos como o mel chama os ursos. Lembras-te de como costumávamos chagá-lo?

Tripper ladrou e largou a correr atrás do rapaz.

— Muito bem. — Rafe abanou a cabeça, o seu olhar ainda fixo em Jaimie. — Ele está a crescer depressa, não está? Quando der por isso, há-de estar a pedir-me as chaves da carrinha.

Ryan riu-se.

— Ainda temos alguns anos antes que isso aconteça, graças a Deus. O que é que te traz por cá?

Rafe e a sua mulher, Maggie, viviam na casa principal do rancho do outro lado do lago, não muito longe, mas a uma distância de cinco quilómetros de carro.

Rafe inclinou a cabeça na direção da baía:

— Decidi vir ver o poldro. A Maggie estava a pintar as unhas dos pés. Resolvi dar-lhe uma folga. A mãe está lá a brincar com a bebé. Não é muitas vezes que a Maggie pode ter um pouco de sossego.

— A mãe está lá? — Não era preciso dizer mais nada. — Ou seja, já sabes tudo sobre a Bethany.

Rafe fingiu estar muito interessado no poldro de *Rosebud*:

— Ouvi qualquer coisa.

— Qualquer coisa? Em toda a sua vida, quando é que a nossa mãe foi discreta?

— Está bem, ouvi bastante — admitiu Rafe com um encolher de ombros. — Pensei que talvez te apetecesse conversar.

Ryan não gostou de ouvir aquilo. Foi ter com o irmão junto ao portão.

— Não há muito para contar. O nome dela é Bethany Coulter.

— Alguma relação com o Harv Coulter?

— Filha dele. Conheci-a na semana passada quando fui à loja. Convidei-a para sair, ela aceitou. Levei-a ao concurso de tractores ontem à noite e correu muito bem.

— Esqueceste-te de acrescentar que os olhos dela te fazem pensar em amores-perfeitos.

Ryan riu-se.

— Há certas coisas na vida com as quais podemos sempre contar. O Sol nasce todas as manhãs, põe-se à noite, e a nossa mãe há-de falar sem parar enquanto houver luz entre essas duas ocasiões.

— A mãe é assim, coerente. — Rafe voltou-se para olhar para o irmão com olhos solenes, azul-aço, que pareciam não deixar escapar nada. — Ela diz que essa rapariga é paraplégica.

— Sim. Um acidente numa prova de *barrel racing* há oito anos. Um músculo contraiu-se na face de Rafe.

— O que é que tu pensas disso? Ryan ponderou a pergunta.

— Não tenho problemas.

— Não tens problemas? Pelo que a mãe disse, as tuas intenções são sérias, maninho. É melhor dares-me uma resposta mais convincente.

— Já sou crescidinho, Rafe. Sei o que estou a fazer.

— Espero que sim. Não gostava de te ver estragar a tua vida.

— Ou seja?

— Ou seja, és demasiado piegas para o teu próprio bem. — Rafe estendeu o braço num movimento circular, apontando para o rancho. — Todos os touros que temos neste sítio são testemunhas disso mesmo. Se tomas conta de um bezerro doente, ficas preso a ele e, quando chega a altura de os castrar, não me dizes.

— Nunca te escondi um bezerro.

— Claro que não. Há dois anos, foi o *Boomer*. Não conseguias suportar a ideia de o ver acabar num tabuleiro de esferovite e fechaste-o numa das baías dos cavalos. Eu soube, como o sei agora. Não percebo porque é que insistes em negá-lo.

— Conversa de merda. Ele é que veio aqui ter.

— Ah, foi? Sem dúvida, temos muitos bezerros que *vão ter* aos estábulos no dia da castração. No ano passado, foi o *T-bone*. — Rafe estendeu a mão. — Toca a pagar. «Merda» não é permitido.

Ryan cerrou os dentes e tirou o dinheiro do bolso. Se não limpasse a boca, ainda acabava falido. Enquanto retirava uma nota de dez, disse:

— Por esta altura, esse fundo já deve ter o suficiente para mandar o miúdo para Harvard.

— Não mudes de assunto. Ryan suspirou.

— Quem é que, no seu juízo perfeito, chamaria *T-bone*¹ a um bezerro?

— Um coração mole que quisesse distanciar-se e não se afeiçoar ao raio do bicho. — Rafe guardou o dinheiro no bolso da camisa para não se esquecer de o colocar no respectivo frasco quando chegasse a casa. — E não me venhas dizer que não o escondeste. De outra maneira, como é que ele tinha ido parar à sala dos arreios?

— Deve ter seguido alguém, e esse alguém fechou a porta.

— Alguém. — Rafe sorriu. — Tu, talvez?

— É possível. Ele andava sempre atrás de mim, se bem te lembras.

— Só sei que ele nunca foi à faca.

¹ Literalmente, costeleta. (*N. do T.*)

— Há-de ser um belo touro. Nem tu podes negá-lo.

Rafe suspirou e baixou a cabeça enquanto esfregava a bota na terra.

— Não, não posso. Saiu um belo animal. Talvez por causa daquela ração especial que lhe deste.

— Qual ração especial? Estás a deixar-te levar pela imaginação. Como se estivesse à espera da deixa, *T-bone* entrou no estabulo naquela altura. Quando o touro preto descobriu Ryan, os seus olhos castanhos e inexpressivos iluminaram-se e a criatura avançou direita a eles, mugindo para reclamar a sua ração.

— Mas que merda — disse Rafe.

— Ficas a dever dez ao fundo para a universidade. — Ryan ainda estava a rir-se quando foi buscar o pequeno-almoço de *T-bone* à sala das rações. Quando o touro já comia satisfeito, Ryan foi ter com o irmão à baía. *Rosebud* aproximou-se, à espera de mimos. Rafe coçou-lhe o focinho e passou-lhe os dedos pela crina.

— Isto aqui é um rancho, ou um abrigo de criaturas mimadas? — perguntou Rafe. — Aqui tens mais um dos teus projectos. Se não fosses tu, ela nunca teria sobrevivido.

— Pois não, e não é uma beleza?

Depois de fazer mais algumas festas à égua, Rafe sorriu.

— Não te quero mudar, Ryan. És um bom homem. Não é nenhum crime ter um grande coração. Apenas estou a dizer que, só porque sentes pena de uma pessoa, não tens de casar com ela.

— Aquilo que eu sinto pela Bethany não tem nada a ver com pena. — Ryan tentou encontrar uma forma de explicar. — Ela é divertida e interessante, não é de todo o género de pessoa que inspira pena. E eu não disse que estava nos meus planos casar com ela.

— Não, mas estás a pensar nisso. Eu conheço-te. Ryan deu um pontapé no portão da baía.

— Acabei de a conhecer, Rafe. Não exageres.

— Pois, pois. Desde quando é que o tempo impediu os homens desta família? Estás a falar com o mais rápido de todos, não te esqueças. De quanto tempo é que precisei para pedir à Maggie em casamento, três dias?

— E vês como és feliz. Nunca vi um homem tão embeijado por uma mulher.

— Pois, bem, este embeijado está preocupado contigo, maninho.

— Não estejas. Já dei algumas voltas a pista. Não vou fazer nenhuma asneira. Acredita.

— Ninguém que estivesse necessitado alguma vez te deixou indiferente. Eu conheço-te, Ryan. Não podes passar por um passarinho com uma asa partida. Se te amarrares a uma mulher numa cadeira de rodas, nunca te livrarás da corda.

— *Necessitado*? — Ryan riu-se e abanou a cabeça. — Só quero ver quando a conheceres. O que é que estás a imaginar, uma invalida mirrada e pálida? Ela tem um sorriso que ilumina uma sala e um sentido de humor que não desarma. Mal reparas na cadeira de rodas.

— Hás-de reparar nela quando ficares preso em casa, a brincar aos enfermeiros — avisou-o Rafe. — Para alguns homens, casar com uma paraplégica pode resultar, mas não tenho assim tanta certeza que seja o teu caso. A actividade física é a tua vida.

— E a minha vida é assim tão fantástica que Deus me livre de introduzir-lhe algumas mudanças? Estás tão fascinado com a Maggie e os miúdos que não sabes o que é a vida real. Talvez seja eu o necessitado. Alguma vez pensaste nisso?

— Tu? — Rafe olhou-o demoradamente. — O que é que isso quer dizer?

Ryan apontou para o estábulo.

— Gozas comigo por causa do meu abrigo para criaturas mimadas. Talvez apenas me sinta sozinho. — Até àquela altura, Ryan nunca pensara na sua solidão, quanto mais tentara exprimir esse sentimento. Agora que o fizera, parecia ter aumentado. — Talvez estas criaturas mimadas sejam tudo o que tenho.

— A mãe e o pai vivem a poucos minutos daqui, e a Maggie e eu vivemos na direcção oposta. Podes aparecer sempre que quiseses. Também saís com mulheres regularmente. Como é que podes sentir-te sozinho?

— Porque nada disso conta. — Ryan pendurou os braços sobre o portão e olhou para os cavalos. — Gozas comigo por causa do *T-bone*. Bem, ri-te o que quiseres, mas aquele touro pateta, a pedir uma cenoura à janela da cozinha, é por vezes o ponto alto social das minhas noites.

— Estás a fazer-me sentir mal. Ryan riu-se.

— Não é isso que eu quero. Só estou a tentar explicar. Tu e a Maggie convidam-me para jantar, e... — calou-se e passou o peso de uma perna para a outra. — Agradeço que me incluam. E sei que me convidas mais vezes do que a maioria dos irmãos o faz, por favor, não penses que me estou a queixar. É só que, por mais agradável que seja e que eu aprecie a vossa companhia, depois, tenho de voltar para uma casa vazia. Às vezes, o silêncio é, sei lá, a única palavra que me ocorre é ruidoso. E levanto-me de manhã para uma nova dose do mesmo. Esfalso-me a trabalhar, de manhã à noite, e depois trabalho mais um pouco para adiar a solidão. Percebes o que estou a dizer?

A cara de Rafe adquiriu uma expressão preocupada.

— Mas, Ryan, porque é que não disseste nada? Adorávamos ter-te lá em casa mais vezes.

— É uma solidão que vocês não podem preencher, Rafe. Preciso de uma vida minha, de uma família minha. E não com a primeira mulher que aparecer. Quero estar com alguém realmente especial, alguém que me ame tanto como eu a ame a ela, alguém que precise tanto de mim como eu dela. Isso faz algum sentido?

— Claro que faz. — Rafe baixou a cabeça e encheu as bochechas com ar. — Já passei por isso. Sei exactamente o que queres dizer. Antes de encontrar a Maggie e o Jaimie, sentia-me perdido. Não me fazia diferença viver ou morrer, não tinha razão nenhuma para me preocupar. Só pensava em encontrar maneira de comprar a próxima garrafa.

— Não é assim tão mau comigo — admitiu Ryan. — Não perdi a minha mulher e os meus filhos, e ainda não me virei para a bebida. Apenas me sinto sozinho. No Natal, por exemplo. Vejo-te a ti e a Maggie, a comprar coisas e a sussurrar e a esconder os presentes do Jaimie. Para mim, é disso que se trata, dessa sensação de família e de ter um objectivo maior, e quando vejo como, comparando, a minha vida é tão vazia, só...

— Sentes-te perdido? — perguntou Rafe com um sorriso compreensivo.

— Sim. Acho que é a palavra que o traduz melhor, *perdido*. No fundo, sou um homem de família. Fui criado para o ser, é o que sempre imaginei que seria, mas ainda não tive a sorte de encontrar a mulher certa. O «um dia» já veio e já se foi. Tenho trinta anos e não estou a ficar mais novo, e já começava a pensar que talvez nunca me acontecesse.

— Até agora?

Ryan hesitou durante vários segundos antes de responder. Quando finalmente falou, a sua voz ficara rouca:

— Sim, até agora.

Rafe levantou uma sobrancelha.

— Tens a certeza, Ryan? Acabaste de a conhecer.

— Se me estás a pedir para explicar isto em termos racionais e que te sossegue, não posso — admitiu Ryan. — Não faz sentido nenhum. Eu sei. — Estava quase à espera que o irmão concordasse com ele, mas Rafe limitou-se a franzir o sobrolho, pensativo. — Só precisei de um olhar. Entrei naquela loja, com vontade de arrancar a cabeça a alguém. A última coisa que me podia passar pela cabeça era encontrar o amor da minha vida. E foi então que a vi. — Um rubor embaraçado subiu-lhe pelo pescoço. — Eu sei que parece uma loucura, mas foi o que senti assim que a vi.

Rafe tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo. Deixando o chapéu pendurado na mão, disse:

— Talvez sejamos os dois loucos, porque, para mim, isso faz muito mais sentido do que tudo o resto que disseste.

— O quê?

— Que sentiste qualquer coisa assim que a viste. — Rafe fixou o olhar no vazio, a sua expressão distante. — Senti exactamente o mesmo quando vi a Susan, quando ainda era um miúdo.

Lembras-te?

Ryan sorriu.

— Como se alguém da nossa família pudesse esquecer. Não olhaste para mais nenhuma rapariga até ao fim do liceu e da universidade.

Rafe assentiu.

— Quando ela morreu, não acreditava que alguma vez pudesse voltar a sentir o mesmo por outra mulher. Na realidade, eu sabia que não voltaria. Aquele género de amor, o que eu sentia pela Susan é daqueles que só acontecem uma vez na vida, e são muito poucos os homens que têm a sorte de o encontrar uma vez que seja. E então, sem mais nem menos, encontrei a Maggie. Saí de uma nuvem de embriaguez, olhei através das sombras e vi-a, dizendo a mim mesmo que nenhuma mulher podia ser assim. E depois aquela sensação entranhou-se. Senti-me mal por isso. Era como se estivesse a ser infiel à memória da Susan, só de pensar naquilo, mas não conseguia livrar-me daquela sensação. Acho que Deus deve ter pensado que eu tinha sofrido mais do que o meu quinhão e decidiu enviar-me um milagre, porque a Maggie e o Jaimie foram isso mesmo, uma razão para largar a bebida, duas pessoas que precisavam de mim tanto quanto eu precisava delas. Acho que me apaixonei por ela assim que a vi.

— E não pensaste se não estarias doido? Rafe sorriu.

— Eu *estava* doido. Lembras-te? Atirei-me a ela com tudo o que tinha. A pobrezinha nunca teve hipóteses.

— Mas acabaste por voltar a ti e tem resultado muito bem.

— Sim. Somos felizes. Muito felizes.

— Talvez devesse acreditar que também vai resultar muito bem para mim.

Rafe sorriu e concordou.

— Talvez.

— Uma coisa é certa. Nunca me senti assim, e garanto-te que não foi por falta de oportunidades. Saí com tantas mulheres que não consigo lembrar-me de todas, e nunca fiquei assim com nenhuma. Só com a Bethany.

— Se essa rapariga é o que tu queres, Ryan, podes contar comigo.

— Ainda bem, porque ela é a rapariga que eu quero. Não sei explicar. Só sei que não consigo livrar-me desta sensação, uma sensação de que ela é a mulher certa. Agora, só tenho de a convencer do mesmo.

Ainda pensativo, Rafe disse:

— Se está numa cadeira de rodas, ela não pode ter assim muitos programas. Acho que não deixaria passar a oportunidade de sair outra vez contigo.

Ryan bufou e disse:

— Pois, mas não é o caso. Gato escaldado e essa conversa. É uma poldra esquiva.

— Uma poldra esquiva?

— Sabes o que quero dizer. Enquanto mantive as coisas ligeiras, divertimo-nos imenso, mas assim que dei a entender que me sentia fisicamente atraído por ela, transformou-se em gelo.

Rafe pensou no que tinha acabado de ouvir.

— Parece-me que tens aí a tua resposta, maninho.

— Qual resposta?

— Manter as coisas ligeiras. Finge que tudo o que queres e ser amigo dela. Não sei muito bem porquê, mas as mulheres gostam de ir devagar. Acredita, eu sei. Passei pelo mesmo com a Maggie. Uma amizade não a assusta.

— Mas eu estou a pensar em muito mais do que uma amizade. Fingir outra coisa seria manhoso e, não sei, parece um pouco um golpe baixo.

Rafe riu-se e abanou a cabeça.

— Estou a ver que tens muito para aprender. Se fores demasiado directo e honesto com as mulheres, elas largam a correr no sentido oposto.

— Porque será?

— É assim. Eu e a Maggie, por exemplo. Passeamos junto ao lago quase todas as noites. Durante o passeio, eu estou quase sempre a pensar em sexo. Ela não. Ontem à noite, estava a pensar nos mosaicos para a cozinha: qual a cor e o padrão melhores quando remodelarmos. Os tons de terra estão a voltar. Devíamos antes ficar pelos amarelos e dourados? Brancos e verdes? E por aí fora. Achas que eu me importo? Hei-de adorar a cozinha seja lá como for, desde que ela esteja lá dentro, nua, assim que estiver pronta.

Ryan rebentou às gargalhadas.

— Tu és terrível.

— É o que a Maggie também acha, portanto, finjo que estou interessado em esquemas cromáticos. Passo-lhe a mão pelo braço, faço-lhe cócegas na orelha e digo que gostava de ter azulejos com a cor dos olhos dela. Ela fica toda contente e, quando chegamos a casa, eu também fico. Fala de manhas e de golpes baixos, se quiseres, mas, se eu fosse honesto, aonde é que isso me levava? Além disso, qual é o mal de seres amigo da Bethany antes de seres amante dela? Todas as boas relações começam com uma amizade sólida, portanto, não é assim nada de tão grave. Queres ser amigo dela. Certo?

— Claro. Rafe sorriu.

— Então, qual é o problema?

Um pouco depois das sete da noite, Bethany tinha acabado de tomar banho quando a campainha da porta tocou. Pensando que era um dos irmãos de visita para ver como ela estava, o que eles faziam com frequência, apertou o cinto do roupão de banho cor-de-rosa, envolveu rapidamente os cabelos molhados numa toalha e foi abrir a porta. Para sua surpresa e grande consternação, Ryan Kendrick estava no alpendre.

— Estás mesmo a precisar de um óculo na porta — disse ele secamente. — Assim, não corrias o risco de abrir a porta a alguém que preferias não encontrar.

Com os olhos azul-aço a cintilar de diversão, puxou o chapéu para trás, poisou uma bota na soleira e encostou-se à ombreira. Intencionalmente ou não, excluía qualquer possibilidade de ela fechar a porta. Vestido da mesma forma que na noite anterior, calças de ganga desbotada *Wangler*, camisa azul e blusão de *ganga*. forrado, parecia simultaneamente familiar e perigoso.

Bethany olhou para os olhos dele, consciente de cada elemento cinzelado daquelas feições morenas. Sentiu um arrepio descer-lhe pela coluna. Ainda que tivesse acabado de lavar os dentes, ficou subitamente com a boca seca.

Ele tinha um envelope branco na mão e bateu com ele na coxa.

— Ia deixá-lo à tua porta, mas a tua carrinha estava na entrada e as luzes estavam acesas, portanto, pensei que talvez estivesse em casa.

Considerando que lhe dissera naquela manhã que tinha planos para a noite, Bethany tentou encontrar uma explicação. Era, pensou ela confusa e em pânico, um caso clássico de uma mentira que dera para o torto.

Apertou novamente o cinto do roupão, baixou o braço para se certificar de que tinha os joelhos tapados e puxou uma ponta da toalha, que lhe caíra por cima da cara quando inclinara a cabeça.

— Eu, hmm... sim. Estou em casa.

— Esta é a tua ideia de um encontro escaldante? — Ele arqueou uma sobrancelha negra, os lábios finos curvando-se num ligeiro sorriso, os olhos perspicazes e implacáveis como aço afiado. — Tomar banho e lavar o cabelo?

Ela abraçou a própria cintura, tentando sem grande sucesso recuperar a compostura.

— O banho foi quente.

— Bom, sempre é qualquer coisa — disse ele a rir. Sem que o convidassem, entrou e fechou a porta. — Não quero que apanhes frio — disse ele em jeito de explicação enquanto lhe entregava o envelope. — São fotografias do poldro da *Rosebud* logo depois de ter nascido e mais algumas tiradas esta manhã. Achei que poderias gostar.

Afivelando um sorriso, Bethany aceitou a oferta, o seu cérebro gritando uma pergunta: «Porque é que ele está aqui?» Sem saber o que dizer abriu o envelope. Quando retirou as fotografias do poldro, a primeira era tão querida que, momentaneamente, esqueceu as suas preocupações.

— Oh... — disse ela em voz baixa. Olhou para a seguinte e riu-se. — Ele é tão fofo. Que batalha, levantar-se pela primeira vez!

Ryan debruçou-se para ver e riu-se.

— Aquela expressão horrorizada. Sempre que a vejo, penso se estaria a olhar para mim.

Ela passou para a terceira fotografia.

— Oh, meu Deus! Ele quase fez a espargata com as patas da frente. — Suspirou e poisou as fotografias no colo. — Obrigada, Ryan. Foste muito atencioso. É uma recordação fabulosa.

— Da noite... ou de mim?

O tom ligeiramente desafiador na voz dele apanhou-a de surpresa. O seu olhar saltou para o dele, e a determinação que ali encontrou deixou-a alarmada.

O cheiro distintamente masculino rodeava-a — uma mistura tantalizante de cabedal, ar fresco, cavalos e perfume especiado. Ele acorcorou-se, puxou a aba do chapéu para cima e deitou-lhe um olhar solene e demorado que a deixou com a sensação de estar numa montanha-russa.

— Acho que temos de conversar — disse ele, a sua voz um rumor sedoso.

— Sobre o quê?

— Sobre tu e eu, e sobre o que aconteceu entre nós ontem à noite. A sua abordagem directa deixou-a nervosa. Ele era um homem com uma missão e Bethany tinha a sensação de ser ela essa missão.

Recordava-se da noite anterior com uma nitidez brutal — como ele se baixara exactamente daquela forma e a beijara. «Nunca mais.» Ele era demasiado atraente, demasiado encantador, demasiado *tudo*. Ela ficaria perdida se ele lhe tocasse. Pior ainda, tinha a sensação de que ele também sabia isso.

Ela só queria que Ryan se fosse embora e a deixasse em paz.

Como se lhe adivinhasse os pensamentos, os olhos dele começaram a brilhar.

— É exactamente por isso que temos de conversar. Fiz asneira ontem à noite e gostava de a corrigir se puder.

Ele tinha feito asneira? Segundo ela, fora Bethany quem se espalhara ao comprido, deixando-se excitar por um beijo e atirando-se a ele.

— Eu, hmm... — Ryan tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos negros, coçando a cabeça acima da orelha. Quando olhou novamente para ela, os seus olhos reflectiam uma sinceridade genuína. — Eu diverti-me tanto contigo no concurso de tractores. Estávamos em sintonia. Percebes o que estou a dizer? Isso acontece tão raramente, encontrar alguém com quem consigo rir-me assim. Não quero estragar uma coisa com a outra. Entendes?

— A outra? Ele assentiu.

— Sim, tu sabes, o lado físico. Eu, hmm... — encheu as bochechas de ar. Quando voltou a olhar para ela, estava a sorrir. — Não vou mentir e dizer que não me sinto atraído por ti. Aquele beijo arrasou-me. Mas as relações físicas são fáceis de encontrar, e uma amizade como aquela que eu sinto que podemos ter não acontece todos os dias. Se eu tiver de escolher, e parece-me óbvio que tu não queres nada de físico, prefiro a amizade.

Bethany sentiu um aperto no coração.

— Queres ser meu amigo?

— Tens alguma coisa contra a amizade?

— Não, claro que não. Eu só...

— Tu só, o quê?

— Eu só não vejo como é que isso pode resultar.

— Porque não?

Um calor escaldante invadiu-lhe as faces. Como é que ela podia dizer a um homem que estar perto dele a fazia querer muito mais do que uma palmada ocasional e amigável no ombro?

— Sinto-me muito atraída por ti — acabou ela por dizer. Ele sorriu de novo e esfregou o queixo.

— A sério?

— A sério. Sendo esse o caso, a amizade torna-se um pouco difícil.

— Não é verdade. Se ambos acordarmos desde o princípio que uma boa amizade é o nosso objectivo, e nenhum de nós pisar esse risco, é fácil.

Para algumas pessoas, gostar de alguém não era uma decisão. Se ela passasse muito tempo com ele, acabaria por se apaixonar.

— Eu, hmm, não tenho assim tanta certeza de ser capaz de manter as coisas ao nível da amizade — admitiu ela a custo. — Fazia asneira antes sequer de começarmos e não posso correr esse risco. Não quero sair magoada, Ryan.

— Eu nunca te magoaria, querida. Não se magoa o nosso melhor amigo.

A sinceridade rouca do tom dele foi quase a desgraça dela. «0 meu melhor amigo.» Uma sensação desagradável apertou-lhe o peito.

— Oh, Ryan, eu sei que não o farias de propósito. É só que, às vezes, as coisas acontecem. Podes ter boas intenções, mas as coisas correm mal. Eu seria uma dessas coisas. Fazes-me sentir tão vulnerável. Ele suspirou e passou uma mão pelo cabelo.

— Se isso acontecer, deixamos correr e vemos aonde vamos parar.

— Não podemos ir parar a lado nenhum, o problema é esse.

— Porque não?

Olhando-o nos olhos, Bethany apercebeu-se de que ele não sabia sinceramente porquê. As lágrimas subiram-lhe aos olhos e um ardor ácido instalou-se no fundo da garganta. Com mãos entorpecidas pelo nervoso, tirou a toalha da cabeça e poisou-a no colo. Sabia que o seu cabelo devia estar um susto. Não lhe interessava. Ele que a visse no seu pior.

Devolveu cuidadosamente as fotografias ao envelope, os dedos a tremer enquanto dobrava a pestana. Desejando de todo o coração poder evitar aquela conversa, engoliu o nó que tinha na garganta, um nó que tinha a certeza de ser o seu orgulho e obrigou-se a olhá-lo nos olhos.

— Não sinto nada em certas partes do meu corpo. Podias espetar um alfinete na barriga da minha perna e eu não sentia nada.

O olhar dele desceu até aos joelhos cobertos pelo turco cor-de-rosa e voltaram ao rosto dela.

Antes que perdesse a coragem, Bethany prosseguiu:

— Não sei se sou capaz de ter uma relação física normal com um homem. É muito provável que não.

— E com base nesse prognóstico hipotético, viras as costas à vida?

— Eu não virei as costas à vida. Apenas aprendi a aceitar que algumas coisas talvez já não sejam possíveis. Talvez seja fácil para ti deixar correr e ver aonde as coisas te levam. Para mim, não é. O mais provável é que eu te desiluda e acabe magoada no processo. Prefiro não ir a jogo.

— Quem é que te fez isto? — perguntou ele tão inesperadamente que ela não conseguiu controlar a sua surpresa. Ele estava com os olhos quase fechados, o seu sorriso uma linha de dentes brancos. — És tão controlada... tens noção disso?

Bethany olhou espantada para ele:

— Controlada?

— Sensata. Calma. Não é natural, e sem dúvida que não é saudável. Alguém te magoou. Tens isso escrito por todo o lado. Vejo-o nos teus olhos sempre que olhas para mim. E sabes que mais vejo?

Ela abanou a cabeça.

— Não, mas tenho a sensação de que me vais dizer.

— Isso mesmo. É preocupante. — Ryan inclinou-se para lhe estudar os olhos como se houvesse uma bola de cristal no interior da cabeça dela. Ela sabia que ele estava a provocá-la, mas, mesmo assim, tinha a sensação de que o seu coração se transformara num livro aberto. — Vejo ira. Lá no fundo onde não consegues chegar, estás tão furiosa que eras capaz de partir qualquer coisa.

Um riso choroso quase a deixou engasgada.

— A sério? Consegues ver isso tudo?

— Pois. Isso e muito mais. Estás a fumar, em ebulição como um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Alguém já te disse que és doido?

— Algumas pessoas têm produzido sons nesse sentido. Ignorei-as.

— A maioria das mulheres acaba magoada algures no caminho, e não entram em erupção mais tarde como se fossem vulcões — disse ela.

— Pois, mas não costumam ficar magoadas da forma como imagino que tu ficaste — contrapôs ele. — Talvez levem uma tampa algumas vezes antes de encontrarem o homem certo, e talvez fiquem de coração partido. Mas não costuma ser por causa de uma coisa tão terrível.

Ela uniu as pontas dos dedos das duas mãos e levou-as aos lábios.

— E sabes que mais? Aposto que elas berram e choram e ficam danadas e descarregam toda a fúria em alguém, nas mães ou nas melhores amigas. Em *alguém*. Caso contrário, nove décimos da população feminina estariam internados num manicómio.

— Estás a dizer que eu devia estar internada? — perguntou ela, a provocá-lo.

Ele procurou-lhe o olhar.

— Não, querida. Só que estás a sofrer, e que isso nunca desaparecerá se não falares com alguém.

— Não posso permitir que um incidente afecte o resto da minha vida.

— Ou seja, *houve* um incidente. — Ryan piscou-lhe o olho. — Foste apanhada.

— E então? Mantenho o que disse. Ninguém deixa que um incidente afecte o resto da sua vida. Avançamos.

— Não obstante, não devias avançar, fingindo que nunca aconteceu. Falar sobre isso e deixar sair a raiva e a melhor opção. Já tentaste?

— Claro que sim, eu... — Bethany calou-se e ficou a olhar para ele enquanto se recordava do que acontecera.

— Gritaste e choraste?

— Não — murmurou ela.

— Atiraste coisas e chamaste-lhe uns quantos nomes bem feios? Ela riu-se de novo, um som oco.

— Aconteceu logo a seguir à minha primeira operação e eu não devia mexer-me muito. A minha família não me largava. Eu não podia deixar sair a raiva, como tu dizes. Não sem transtornar toda a gente que gostava de mim.

— Isso é terrível. — Ele transferiu o peso do corpo para o outro pé e poisou os braços cruzados no outro joelho. — Também me magoaram, uma vez no liceu.

— A sério?

— Sim. Como disseste, quase toda a gente sai magoada pelo menos uma vez. Também acontece aos homens. Mas naquela idade não somos muito filosóficos e não pensamos que podia ter sido muito pior. Apenas dói como o raio.

Por algum motivo, Bethany nunca imaginara Ryan Kendrick como o homem que alguma vez poderia ter tido um desgosto de amor. Parecia-lhe mais o oposto.

— E deixaste sair a raiva? — quis ela saber. Ele semicerrou um olho.

— Se não o tivesse feito, estaria a encorajar-te a fazê-lo? Claro que sim. E senti-me muito melhor depois. — Aproximou-se para sussurrar: — Queres ir à procura do estupor? Eu dou cabo dele.

Ela riu-se e abanou a cabeça:

— Não é necessário. Já passaram oito anos. Já segui em frente.

— Mentirosa. — Qualquer vestígio de humor desapareceu da cara dele. — Diz-me uma coisa que seja que tenhas feito para seguir em frente.

Ela encolheu os ombros.

— Resolvi o assunto à minha maneira. O Paul era...

— Aha! Estamos a chegar a algum lado. O estupor tem nome.

Ela não conseguia aguentar aquilo. Ele espreitava demasiado fundo, via demasiado. Sentia-se como se não conseguisse respirar. Passou um par de mãos trémulas sobre o envelope.

— Sim. Paul. — O nome ficou-lhe preso no fundo da garganta e transformou-se num nó enorme que ela não conseguia engolir. — E ele não era um estupor, apenas um rapaz simpático que queria ter uma vida normal, e não havia garantias de que a pudesse ter comigo.

— Portanto, o rapaz simpático deixou-te pendurada.

As recordações doíam. Ainda que já não sentisse nada por ele, a sensação de traição ainda era aguçada como uma lâmina. Baixou a cabeça e passou o dedo por uma ponta solta do turco do roupão.

— Sim.

— E dizes que era um rapaz simpático?

— Ele era mesmo um rapaz simpático, e também só tinha dezoito anos, o que é muito pouco para lidar com este género de coisa. Olhando para trás, não o censuro por se ter acovardado. — Encolheu os ombros e tentou sorrir. — Muitos homens adultos poderiam ter reagido do mesmo modo.

— Não o desculpes. Não és a mãezinha dele. — Ela revirou os olhos. — Então — insistiu ele —, quando somos magoados, não inventamos desculpas para o estupor que nos magoou. Isso cabe à mãezinha dele.

— Parece que mudamos de assunto. Eu estava a tentar explicar-te por que motivo eu...

— Não é preciso. Posso ver que não estás pronta para mais nada além de uma amizade, querida, e não faz mal.

— Mas eu não tenho a certeza de que não faz mal.

— Não estou a falar de um romance tórrido. Apenas amizade. Qual é o risco?

Ela esfregou as bochechas.

— Talvez. Deixa-me pensar nisso. Talvez.

Ele tocou-lhe na ponta do nariz com um dedo e depois enxugou-lhe uma lágrima com o polegar.

— Pensar em quê? Toda a gente precisa de um amigo. Podíamos divertir-nos tanto juntos.

Ela cerrou os punhos, tão tensa que cravou as unhas nas palmas das mãos. Receava que ele lhe visse o desejo nos olhos. Procurou outra coisa em que pensar e deu por si a olhar para o botão da camisa dele.

A porta da frente abriu-se naquela altura. Bethany levantou a cabeça e viu Jake, as pernas compridas e vestidas de ganga afastadas, os olhos de um azul penetrante ao olhar primeiro para Ryan, depois para ela. Quando o fez e viu as marcas de lágrimas nas faces da irmã, a sua expressão passou de surpreendido para furioso num simples segundo.

— Mas que raio é que se passa aqui? — perguntou ele, a sua voz vibrante de fúria.

Bethany sobressaltou-se. O seu irmão não era um adversário fácil quando se irritava, e nada o irritava mais do que qualquer coisa que a pudesse ameaçar, real ou imaginária. Esperava que Ryan tivesse o bom senso de ficar quieto. Pelo menos, podia ter a certeza de que Jake não lhe tentaria bater.

Mas não. Ryan levantou-se lentamente. Os dois homens estavam fisicamente ao mesmo nível, ambos altos, largos de ombros, todavia suficientemente ágeis para serem rápidos como um relâmpago. Bethany olhou aflita para os seus vasos de terracota pintados à mão, no chão, num canto junto à entrada. Deu por si a pensar que não devia estar boa da cabeça. O seu irmão e Ryan já estariam meios mortos antes que um deles desistisse. E ela estava preocupada com os vasos?

— Olá, Jake. — Ryan estendeu uma mão. Quando Jake não retribuiu, manteve o braço estendido e disse: — Respondendo a tua pergunta, não se passa nada. A Bethany e eu estávamos apenas a conversar.

Através de dentes tão cerrados que o deixaram espantado por conseguir falar, Jake rosnou:

— A conversar sobre o quê?

— A possibilidade de sermos amigos.

O coração de Bethany caiu-lhe aos pés. Naquele instante, teria dado um pontapé a Ryan para lhe chamar a atenção, se pudesse. «Não lhe digas a verdade», apeteceu-lhe gritar. «Não lhe digas a verdade.»

— As nossas personalidades dão-se mesmo bem — disse Ryan. — divertimo-nos muito quando estamos juntos.

— Espero bem que sejam só as personalidades que se dêem bem — disse Jake em voz baixa.

Ryan acabou por baixar o braço. Olhou para Bethany enquanto voltava a pôr o chapéu na cabeça. Era óbvio que ele não tinha noção do quanto Jake podia ser inconstante. Ou isso ou não tinha o bom senso de reconhecer o perigo quando o via. Como se não bastasse, piscou-lhe o olho.

— Nada de vir rondar a minha irmã — disse Jake. — Se eu não conseguir dar conta de ti, tenho quatro irmãos que estarão logo atrás de mim à espera de vez. Ninguém a faz chorar e pensa que se safa.

Bethany enxugou a cara freneticamente.

— Eu não estou a chorar, Jake. Entrou-me uma pestana para o olho. O Ryan estava a tentar ajudar-me a tirá-la.

Os dois homens alçaram as sobrancelhas e olharam para ela, sem acreditar. Muito bem, não era a mentira mais credível que ela já dissera. Não queria mais de duzentos quilos de testosterona à solta em sua casa.

Como se ela não tivesse dito nada, Ryan olhou para Jake e disse:

— Por mais incrível que pareça, não fiz nada que a fizesse chorar. Estávamos a conversar. É tudo. Também te posso recordar que ela é uma mulher adulta. Se ela não me quiser a rondar, acho que é bem capaz de o dizer.

— Não abuses da sorte — disse Jake num tom aveludado.

— Se dizer a verdade é abusar da sorte, um de nós tem problemas de atitude, e de certeza que não sou eu.

Bethany ficou à espera que o irmão o esmurrasse. Para sua surpresa, limitaram-se a mirar-se friamente, cada um deles fazendo valer cada centímetro da sua altura, os corpos tensos. Ela acabou por decidir que devia ser uma coisa de homens — uma misteriosa espécie de comunicação silenciosa que acontecia entre machos eriçados e que provocava um ataque cardíaco nas mulheres intimidadas.

Ryan olhou para ela e levou a mão ao chapéu, mirou novamente Jake e saiu porta fora como se não tivesse pressa nenhuma.

— Boa noite, Bethany — disse ele antes de fechar a porta. — Eu depois ligo-te.

Ela queria dizer: «Vai-te embora, por favor. Depressa!» Em vez disso, saiu-lhe um trémulo:

— Boa noite, Ryan. Desculpa lá isto.

Ele deitou-lhe um sorriso, piscou outra vez o olho e disse:

— Não faz mal.

Capítulo Sete

Bethany estava tão furiosa com o irmão que lhe apetecia abaná-lo.

— Não tens o direito de me entrar pela casa adentro e tratar os meus amigos dessa maneira.

Diante dela com as mãos nas ancas, Jake arregalou os olhos:

— *Teu* amigo?

— Sim, meu amigo. Posso ter amigos, não posso?

— Amizade não é o que aquele tipo quer. — O olhar dele desceu para o roupão de banho e voltou a subir até ao rosto. — Porque é que estavas a chorar? Ele pisou o risco? Se pisou, juro por

Deus, racho-o ao meio.

Só a ideia de Jake e Ryan se envolverem numa luta, deixou-a gelada.

— O Ryan não pisou o risco. Vê se metes isso na cabeça. O que é que te leva a pensar que ele havia de querer fazê-lo?

— E porque não? E se não pisou, porque é que estavas a chorar?

— Não era por nada que ele tivesse feito.

Bethany deu meia-volta com a cadeira de rodas e partiu na direcção oposta. Jake foi logo atrás dela, as botas batendo sonoramente no chão de madeira. Ela parou para pousar as fotografias na estante da entrada.

Jake viu o envelope.

— O que é isso?

— Nada de importante. — Atirou a toalha na direcção do cesto da roupa da casa de banho quando passou pela porta aberta. — São só umas fotografias que ele me trouxe.

— Fotografias de quê? — perguntou ele desconfiado enquanto agarrava no envelope. Uma expressão confundida estampou-se-lhe no rosto quando viu o conteúdo.

— De quem é o poldro?

— Do Ryan. — Enquanto continuava corredor fora, falou-lhe da saída da noite anterior. — Ele trouxe-me as fotografias como recordação.

— Foste sair com ele e não me disseste? Quantas vezes já te disse que nunca faças isso? Também te disse para te maneres longe dele.

— Sim, pois disseste; mas eu tenho o costume de tomar as minhas decisões. Porque é que não me fazes um grande favor, Jake, e te casas? Assim, sempre tens alguém com quem te preocupares para além de mim. Se isto continuar assim, volto para Portland, onde posso ter algum espaço.

Jake seguiu-a até à cozinha, parecendo quase cómico, com o cabelo escuro marcado pelos sulcos deixados pelos dedos compridos.

— Não podes voltar para Portland. Preciso de ti na loja.

— Tretas. O mercado da informática está cheio de gente qualificada.

— É jogo sujo, usar isso como ameaça. Pensa na desilusão do pai e da mãe se voltasses para lá.

— Não é uma ameaça, Jake, e uma promessa. Tens de me dar espaço para respirar. Não sou uma criança. Não preciso que olhes por mim.

— Estás apanhada pelo Kendrick.

Enquanto ela punha o café a fazer, recorrendo a rampa que o irmão instalara para que ela pudesse chegar ao lava-loiça, ele começou a desfiar motivos pelos quais Bethany devia manter-se afastada de Ryan.

Ela acabou por interrompê-lo para perguntar:

— Tens a certeza disso?

— Tenho a certeza de quê?

— De que ele troca de mulher mais vezes do que a maioria dos homens muda de camisa? Afinal, com que frequência é que os homens mudam de camisa?

Jake semicerrou os olhos.

— Não estás a levar a sério nada do que eu te disse.

Ela ligou a cafeteira e guardou o café num armário inferior.

— Falando em termos de experiência própria, sabes alguma coisa a respeito do Ryan?

— Já tratei de vários negócios com ele na loja. Pelo que ouvi dizer dele, é toda a experiência que quero ter.

— Ou seja, diz-que-disse. — Ela suspirou, exasperada. — Jake, nove em cada dez vezes, os boatos não são verdadeiros. Desculpa se te digo isto, mas tu também já tiveste uma bateria de namoradas. Isso faz de ti um conquistador sem coração?

— Não me compares ao Ryan Kendrick. Não temos nada de parecido.

Bethany achava que eles eram parecidos em muitas coisas, mas aquela não era a altura para o dizer.

— É verdade, a família dele é muito rica, e a tua não é. Se ele se atreve a respirar de forma diferente, toda a gente repara e faz imenso barulho, enquanto, contigo, ninguém presta muita atenção.

— E queres chegar aonde?

— Talvez ele não seja uma má pessoa, apenas vítima das más-línguas.

Jake apertou a cana do nariz.

— Muito bem — disse ele, mais calmo. — Percebo o que queres dizer. Não o conheço muito bem e há uma hipótese de tudo o que eu ouvi ser um monte de mentiras. Partindo do mesmo pressuposto, tens de admitir que também não o conheces muito bem, e que as histórias podem ser verdadeiras.

— Detesto quando vens com essa tua lógica. Preferia uma discussão.

Ele emitiu um som estranho, um sinal garantido de que estava prestes a zangar-se.

— Está bem, está bem. Admito que não o conheço bem. Mas não é assim tão simples, percebes? Ele parece ser um homem muito simpático.

— Ele é encantador, admito, mas há uma diferença. Alguns homens não sabem o que é respeitar uma mulher, Bethany. Só lhes interessa metê-las na cama e nada os faz parar. Não quero que sejas o novo sabor do mês dele.

Ela fechou a porta do armário com um pouco mais de força do que queria.

— Ele não é assim.

— Ai, não? E como é que tu sabes?

Antes que pudesse parar para pensar nas implicações, Bethany respondeu:

— Experiência pessoal.

As palavras cortaram o ar como uma faca.

— O que é que queres dizer com isso?

Um calor escaldante apoderou-se da cara dela. Apeteceu-lhe retirar as palavras, mas era demasiado tarde.

— Exactamente o que eu disse. Quando me trouxe a casa, limitou-se a dar-me um beijo de boas-noites. Isso não é propriamente um crime com direito à força.

— Então, porque é que estavas a chorar?

— Por nada que ele tivesse feito. O resto foi culpa minha.

— O resto?

Ela passou uma mão pelos olhos. Não era a primeira vez que pensava que a sua vida teria sido muito mais simples se tivesse nascido com um fecho de correr na boca.

— Não foi nada, Jake. Apenas um beijo simples, educado, ao fim da noite, como já te disse. Só que, bem, as coisas descontrolaram-se um pouco. Ele é muito bonito, eu gosto dele e há muito tempo que não saio com ninguém. — Exasperada, deitou-lhe um olhar significativo. — Será que tenho de te explicar porquê?

As sobrancelhas de Jake uniram-se numa expressão carregada.

— O que é que estás a dizer, que estavas interessada em mais e que ele recusou a oferta?

— Não o poria nesses termos. — Tentou pensar numa forma melhor de o dizer, mas não lhe ocorreu nenhuma. — Mais ou menos, acho eu. — Suspirou e fechou os olhos. — Da forma mais correcta que possas imaginar, sim, ele recusou a oferta. Já estás satisfeito, agora que conseguiste sacar todos os pormenores sórdidos?

O silêncio abateu-se sobre a cozinha, um silêncio terrível, doloroso interrompido apenas pelos sons da cafeteira e pelo tiquetaque do relógio de parede. Enquanto esperava pela reacção do irmão, Bethany susteve o fôlego, sem saber muito bem o que esperar. Mesmo assim, foi apanhada de surpresa pela explosão indignada dele.

— Ele *recusou* a oferta? Que raio é que ele pensa que é?

Bethany quase sufocou com a gargalhada de espanto que lhe saiu da boca. *Jake*. Oh, ela

adorava aquele irmão. De todas as reacções que poderia ter previsto, a indignação não era uma delas. Fixou o olhar na cara tensa dele.

— Ele deu-te uma *tampa*? Dou cabo dele. Juro por Deus, é um homem morto.

Ela riu-se de novo, desta vez um pouco histérica.

— Não acredito no que estou a ouvir. Primeiro, queres rachá-lo ao meio porque achas que está a tentar abusar de mim. Agora, ameaças dar cabo dele porque não o fez?

— Oh, querida. — O tom rouco de simpatia na voz dele apanhou-a em cheio e trouxe-lhe as lágrimas aos olhos.

Com duas passadas, ele tinha atravessado a cozinha. Acocorando-se ao lado da cadeira dela, puxou-a para si. Era uma sensação simplesmente maravilhosa ter novamente os braços dele à sua volta, trazendo à memória inúmeras ocasiões da sua infância em que ele a abraçara assim. *Jake*. Ele sempre estivera presente. Infelizmente, agora que ela era mais velha, as mágoas eram demasiado profundas para soluções fáceis.

— Meu Deus — murmurou ela entre soluços contra a camisa dele.

— Eu não te queria contar uma coisa destas. Não tenho por hábito atirar-me aos homens. O que é que vais pensar de mim?

— Que és de carne e osso — respondeu ele, a sua voz grave mas afectuosa. — E uma mulher muito tola que deita as suas pérolas a porcos.

— Não sei se isso se aplica neste caso.

— Não interessa. Ele é um porco. Como é que se atreve a dar-te uma *tampa*? Ele é o quê? Cego?

— Oh, Jake. Adoro-te.

— E eu também te adoro, querida. Nunca saberás quanto.

Ela encostou a cara ao colarinho da camisa do irmão para abafar os soluços. Como se chorar adiantasse alguma coisa. A agitação das últimas vinte e quatro horas esgotara-lhe as defesas, pensava ela, e todos os seus sentimentos encontravam-se perigosamente perto da superfície.

Ele cerrou um punho e inspirou tremulamente:

— Ah, Bethie. Eu disse-te que te mantivesses longe dele, é exactamente por isto. Sabia que acabavas por sair magoada.

Sorrindo através das lágrimas, ela disse:

— Acredites ou não, a culpa não é dele, Jake. Por favor, não te zangues com ele.

— Eu nunca me zango, apenas ajusto contas.

— Não há conta nenhuma para ajustar. A sério, não há.

— Para começar, fico mesmo lixado só por saber que ele te beijou. Se não estava preparado para levar as coisas mais longe, porque é que começou? Não há nada que magoe mais do que ser rejeitado.

— Ele não me rejeitou. Foi o que eu pensei na altura, mas agora começo a perceber que não foi isso. Foi apenas um beijo de boa-noite que se descontrolou, que o apanhou de surpresa tanto quanto a mim. Ele podia ter sido um estupor e tirado partido da situação, mas não o fez.

A mão de Jake descontraiu-se, a palma e os dedos compridos envolvendo-lhe a cabeça. Não era de admirar que ela corresse o grave perigo de se apaixonar por Ryan Kendrick, pensou ela. Era tão parecido com o seu irmão — grande e brusco, mas também desconcertantemente meigo. Por mais desgraças que lhe pudessem acontecer, teria sempre uma riqueza incalculável na sua família.

— Estás com ele mesmo entranhado, não estás? — murmurou Jake.

— Acho que sim — admitiu ela. — Sei que é uma burrice, que não pode ser, mas o meu coração não me dá ouvidos.

— Então, o que é que vais fazer, Bethany? Ela suspirou.

— Manter-me longe dele. Há outra hipótese? Ele passou por cá esta noite para sugerir que fôssemos amigos e apenas isso. À superfície, soa muito bem. Divertimo-nos imenso ontem à noite, e acho que podíamos continuar a fazê-lo. Mas sinto-me demasiado atraída por ele para que pudesse resultar. Acabava por me apaixonar. Eu sei que sim.

Jake segurou-lhe a cara entre as duas mãos.

— Quando nos apaixonamos, as coisas nem sempre acabam num desgosto. Com o homem certo, pode ser um bilhete só de ida para o paraíso. Se vocês se deram tão bem, quem é que pode dizer que ele não é o homem certo?

— Não estás a mudar de direcção muito de repente? Ele alçou uma sobrancelha.

— Antes, eu não sabia a história toda. Ele leva-te a sair, tu divertes-te imenso. Depois, ele traz-te a casa, tem-te ao seu dispor e recusa a oportunidade? — Jake encolheu os ombros. — Pelas minhas regras, isso diz muito sobre o carácter dele.

— Sim — concordou ela melancolicamente.

— Talvez lhe devesse dar uma oportunidade. Mas cuidado com o coração. Não estou a dizer que não tens hipóteses. Mas, pelo menos tenta conhecê-lo melhor.

— Para quê? São tantas as circunstâncias contra mim, tantos possíveis problemas. Nem sequer posso ter filhos.

— Isso não será um pouco prematuro? A questão dos filhos vê-se depois.

— Comigo não é assim. Era incapaz de dormir com ele com isso sempre na consciência. Não funciono dessa maneira.

Jake fitou-a por um momento. Ela quase conseguia ver-lhe as engrenagens a trabalhar no cérebro.

— Não. Claro que não. Não sei o que é que me passou pela cabeça. — Suspirou. — Seja com for, não quero sequer que tentes ter filhos. Demasiado perigoso. E aqueles medicamentos que tu tomas para diluir o sangue? O mais provável era que tos tirassem durante a gravidez e arriscavas-te a ter outro coágulo.

Pois. Segundo o que o Dr. Reicherton lhe dissera, era mais provável que ela tivesse um aborto espontâneo antes que os coágulos pudessem representar um risco.

— Oh, Jake. Por mais importante que seja, a questão dos filhos é apenas uma parte do problema. Ele é um *rancheiro*. A vida dele anda à volta de actividades no exterior. Terrenos irregulares, vedações. Como é que uma cadeira de rodas se encaixa num mundo assim? Eu seria um grande fardo, ali sentada numa cadeira.

— O mundo dele pode ser modificado — referiu o irmão. Apontou para a rampa do lava-loiça. — Com o dinheiro que ele tem, podia remodelar a casa toda.

— A casa, sim. Mas não se pode remodelar milhares de hectares. Eu nunca poderia ser uma parte efectiva da vida dele. Para não falar, tu sabes, da questão mesmo importante — disse ela sem expressão.

— O sexo, é o que queres dizer? — Os olhos de Jake encheram-se de pena. — Querida, não podes ter a certeza sem antes tentares.

Bethany sentiu-se como se tivesse uma mão a apertar-lhe a laringe.

— Pois não. Mas se corresse mal, o que é muito provável, ele ficaria preso.

— Tu não o prendias. Quem teria de tomar a decisão seria ele, não tu.

— Nunca poderia resultar — murmurou ela —, não a longo prazo. Um homem como ele? Podia ter qualquer uma. — Ela levantou as mãos. — É tudo, Jake. Qualquer que seja o ângulo, só vejo problemas. Fico cansada só de pensar nisso.

— Ah, Bethie — sussurrou ele. — Se gostas mesmo dele, porque não ser franca e deixar que ele decida? Se ele gosta de ti, todas essas coisas que te deixam tão preocupada não lhe farão diferença.

Conseguindo fazer um sorriso forçado, ela recostou-se e esfregou a cara.

— Não consigo acreditar que me estás a dizer para avançar.

Ele riu-se e despenteou-lhe o cabelo. Depois, poisou-lhe as mãos nos ombros. Em voz baixa, disse:

— Não julgues todos os homens pelo Paul. E só isso que eu estou a dizer.

Vinte minutos depois de Jake sair, o telefone de Bethany tocou. Ela correu a atendê-lo.

Então, quando estava quase a levantar o auscultador, mudou de ideias e deixou que fosse o gravador a atender.

«Olá, Bethany, é o Ryan.»

Recostou-se na cadeira.

«Só queria ter a certeza de que está tudo bem. O teu irmão estava muito alterado. Espero que a minha presença em tua casa não te tenha causado muitos problemas. Em circunstâncias normais, eu teria ficado, mas ele estava demasiado transtornado; achei que só poderia piorar as coisas.» Parou e clareou a voz. «Deves estar longe do telefone.» Outra pausa. Depois, suspirou e ela ouviu o som de pancadas. Imaginou-o a bater numa superfície rígida com um lápis ou uma caneta. «Gostava mesmo de poder acabar a nossa conversa. E que tal telefonares-me amanhã quando tiveres algum tempo? Vou andar de um lado para o outro o dia inteiro, mas posso verificar as mensagens.»

Deixou-lhe os números de telefone de casa e do telemóvel. Então, num tom rouco que lhe provocou um aperto no coração, disse:

«Eu sei que estás nervosa com a perspectiva de um novo encontro. Podemos falar sobre isso. Pode ser? Não há nada que não possamos resolver, Bethany. *Nada*. Só te peço que me dês uma oportunidade. Prometo que não te arrependes.» Hesitou e acabou por acrescentar: «Não te digo adeus. Prefiro um até logo.»

Quando desligou, Bethany apercebeu-se de que estava a conter a respiração e expirou. Ryan. Fechou os olhos, as palavras dele repetindo-se na sua cabeça: «Só te peço que me dês uma oportunidade.»

Ryan estava a abrir uma lata de sopa para o jantar quando bateram à porta. Olhando para o relógio da cozinha com a sua moldura de cobre viu que já passava das nove. Pensando se haveria algum problema com uma das éguas com crias, limpou rapidamente as mãos e foi abrir.

Não poderia ter ficado mais surpreendido quando viu que a visita era nada mais, nada menos do que Jake Coulter.

De pé com as pernas afastadas e com as mãos nos bolsos do blusão de cabedal castanho, Jake olhou-o intensamente antes de dizer o que o levava ali:

— Temos de conversar.

Ryan abriu mais a porta e recuou, indicando-lhe que entrasse. Assim que o fez, Jake estudou a sala com olhos de um azul intenso que Ryan achou muito parecidos com os de Bethany, a única diferença sendo o facto de os dela reflectirem doçura enquanto os do irmão eram afiados como lâminas. A atenção de Jake deteve-se nos jornais largados no tapete cor de marfim ao lado do cadeirão.

— Eu estava a preparar qualquer coisa para comer — disse Ryan, indicando o caminho até à grande cozinha adjacente. — Posso oferecer-te uma bebida?

— O que é que tens?

— *Coca-Cola*, água com gás, cerveja. — Ainda pensou em oferecer-lhe um pouco do vinho laxante de Hazel Turk, mas resistiu ao impulso — Também tenho bebidas mais fortes. Diz-me o que preferes.

— Uma cerveja está muito bem. — Jake pendurou o blusão nas costas de uma cadeira e sentou-se à mesa de carvalho. Olhando de Ryan para a parede de tijolo que incluía a lareira da cozinha, disse: — Não é o que eu esperava.

— Ah, sim? E o que é que esperavas?

— Qualquer coisa mais janota, acho eu. Bela casa, mas não é tão elaborada como pensei.

Ryan abriu o frigorífico.

— Somos rancheiros, atolados em bosta de vaca todos os dias. As coisas requintadas são para a gente requintada e para a igreja aos Domingos.

Batendo com a bota no mosaico, Jake disse:

— Apenas um bom rapaz, é isso?

Ryan tirou duas cervejas de uma prateleira e fechou a porta com o cotovelo. Depois de

entregar uma das garrafas a Jake, sentou-se do outro lado da mesa. Abriu a sua garrafa e disse:

— Vieste até cá para me dizer isso, Jake?

Jake atirou a tampa da garrafa ao ar, apanhou-a na descida com um movimento rápido do pulso e poisou-a na mesa. Bebeu um gole, assobiando depois de engolir, e recostou-se, os seus olhos cintilando ao encarar o olhar interrogativo de Ryan.

— Estou aqui para falar contigo sobre a minha irmã.

A espera de o ouvir dizer que se mantivesse afastado de Bethany, Ryan ficou tenso.

— Então, podes começar.

Jake olhou pensativamente para as letras douradas do rotulo da garrafa.

— Ela mata-me quando descobrir que vim cá. Meto-me na vida dela provavelmente mais do que devia, e isto é mesmo o que se chama meter o nariz onde não se é chamado.

— Nada do que possas dizer poderá afastar-me da Bethany. Só ela pode decidir isso e eu farei tudo ao meu alcance para a fazer mudar de ideias.

Um musculo contraiu-se na cara de Jake.

— E amizade é tudo o que tu tens em mente.

Os olhos daquele homem eram muito mais aguçados do que lâminas, decidiu Ryan. Cortavam-no como raios *laser*. Uma coisa era dizer a Bethany que tudo o que ele esperava era amizade, outra, completamente diferente, era convencer o irmão dela.

— Não, amizade não é tudo o que tenho em mente — admitiu ele. — Para que saibas, todavia, se lhe disseres que eu te disse isto, eu nego.

— Ou seja, mentiste-lhe descaradamente.

— Se menti ou não, depende completamente da noção que cada um tem do conceito de amizade.

— Nada de jogos. Amizade e intimidade são coisas completamente diferentes.

— Dizes tu. Eu pertenço a uma escola diferente e acredito que todas as relações precisam de um alicerce sólido, e o alicerce mais sólido é a amizade. Algo que dê a Bethany e a mim uma base onde poderemos construir o que quisermos mais tarde, mais tarde sendo a palavra-chave nesta frase. Ela precisa de tempo. Eu percebo, e estou disposto a dar-lho.

— Resumindo, pretendes ter uma relação íntima com a minha irmã e estás a usar a história da amizade para lhe dares uma falsa noção de segurança.

— Essencialmente. — Ryan estava praticamente à espera que Jake se levantasse da cadeira ao ouvir aquilo. Em vez disso, o outro apenas assentiu.

— E depois disso?

— Desculpa? Qual é exactamente a pergunta?

— Depois de a seduzires, o quê? Não quero que ela se magoe, Kendrick. Ela não é do género que podes usar e deitar fora, não se tiveres alguma decência.

Ryan tocou com a ponta de um dedo na superfície da garrafa coberta de condensação.

— Não tenho qualquer intenção de a usar e deitar fora, Jake. Estou preparado para ir até ao fim.

Jake riu-se amargamente.

— Até ao fim? Diz-me, isso inclui votos e até que a morte vos separe? Ou dás à sola quando começares a sentir-te chateado?

— Votos e até que a morte nos separe. Jake não tentou esconder a sua surpresa:

— Assim, sem mais nem menos.

— Não, não é «sem mais nem menos». Estou apaixonado por ela.

— Só a conheceste há uma semana.

— Sei muito bem quando é que a conheci e ainda não passou uma semana. O tempo não tem nada a ver. — Ryan suspirou e encolheu os ombros. — Não consigo explicar o que quero dizer com isto, portanto não perguntes. Apenas sei, é tudo.

— Chama-se atracção física.

— Eu sei o que é atracção física. Isto é mais do que isso. Ri-te, se quiseres, mas ela é a tal.

— És sempre assim tão rápido a tomar decisões a respeito de mulheres?

— Nunca tive de as tomar. A Bethany é diferente.

— Como?

— É diferente. — Uma imagem do rosto dela passou-lhe pela mente e ele sorriu. — Qualquer homem com olhos pode ver que ela é diferente, Jake. — Ergueu uma sobrancelha. — Por que outro motivo estarias tu aqui? Sabes exactamente como ela é vulnerável. E estás cheio de medo.

— Sim, estou. Tenho medo que a magoes.

— Não o farei.

Jake descontraíu-se na cadeira.

— Estás mesmo apanhado por ela, não estás?

— Podes chamar-lhe isso. Sei que estás preocupado, e entendo. Mas tens a minha garantia pessoal de que não é necessário. Ela fica em boas mãos.

— Há coisas que tu não sabes, coisas que podem fazer-te mudar de ideias.

— Duvido.

Jake debruçou-se, poisando os braços nos joelhos.

— Faz-me um favor e ouve-me. Se nada do que eu te disser nos próximos minutos te fizer mudar de ideias, muito bem, mas no caso de isso acontecer, faz um favor a Bethany e vai à tua vida agora, antes de lhe dares um desgosto. Ela já sofreu muito uma vez, Ryan. Precisou de quase dois anos para recuperar.

— Ela ainda não recuperou. Acredita. Ela ainda não recuperou. Jake concordou com um aceno de cabeça, bebeu um pouco de cerveja e praguejou entre dentes:

— Ou seja, ela falou-te sobre ele?

— Não. Apenas me disse um nome, e só porque eu insisti.

— Pouco depois do acidente, ele começou a andar com uma miúda e era a melhor amiga da Bethany desde o jardim-de-infância.

— Meu Deus. — Ryan sentiu um aperto no estômago. — A melhor amiga?

— Isso mesmo. Em termos de traição, foram duas pancadas. Antes de a Bethany ser levada para Portland para ser operada, os dois foram vê-la ao hospital todas as noites, a fingir que se importavam com ela enquanto já andavam enrolados. A Nan engravidou e o Paul casou-se com ela em Reno sem avisar a Bethany. Vergonha e cobardia. O estupor fez um belo trabalho. Não conseguia encará-la e admitir o porco que era. Ela teve de ficar a saber pelos jornais. Ali deitada, presa ao raio da cama, ainda com o anel de noivado que ele lhe tinha dado, e viu o anúncio do casamento num jornal de cá. Eu estava lá quando ela descobriu. Ficou branca como a cal.

— A melhor amiga? Grande amiga.

— Exactamente. Alguém em quem ela confiara toda a vida. O pior foi que o casamento não se aguentou três meses. Não sei o que e que magoou mais a Bethany, o Paul tê-la largado ou a traição da Nan. Do sei que foi o tipo de dor que se arrasta, demasiado profunda, durante anos. Ela limitou-se a ficar a olhar para o vazio com uma expressão terrível nos olhos e a tirar o anel. Depois disso, parecia, que raio, nem sei que palavra usar. Diminuída, não sei, como se a vida a tivesse deixado.

Silêncio. Ryan imaginou novamente a cara dela e aqueles olhos grandes que revelavam todos os pensamentos e sentimentos dela. Esperava sinceramente nunca encontrar aquele Paul. Enfiava-lhe um murro nos queixos.

— Não lhe vou partir o coração outra vez, Jake. Se é só isso que te preocupa, podes ficar descansado. Não sou perfeito e é certo que hei-de fazer alguma asneira, mas magoá-la dessa forma não será uma delas.

Jake olhou-o fixamente.

— Acredito sinceramente que seria fatal.

— Se há uma coisa que posso dizer com certeza absoluta a respeito dos homens da minha família é que somos leais. Não viramos as costas às nossas mulheres e não largamos a correr como gatos escaldados quando as coisas não correm bem.

Não te preocupa o facto de ela talvez não poder apreciar uma vida sexual normal? — perguntou Jake directamente. — Ela não sente nada em certas partes do corpo que são mais ou menos vitais para o prazer de uma mulher. Ryan bebeu mais um gole de cerveja antes de responder.

— A princípio, fiquei um pouco preocupado com o sexo. Tenho de admitir.

— E agora?

— Agora, não. — Ao ouvir aquela resposta vaga, uma expressão irritada surgiu nos olhos de Jake. Ryan fez um esforço para não sorrir. — A minha mãe é enfermeira. Fiquei a saber algumas coisas muito interessantes com ela, nomeadamente que a ausência de sensação não é um dobre a finados. Existe uma química fantástica entre mim e a Bethany e isso é mais do que muita gente tem no princípio de um casamento. Se surgirem problemas, encontraremos uma forma de os resolver. Estou disposto a ser inventivo se for necessário.

— Inventivo. — Jake curvou o lábio. — E dás-te por satisfeito com isso?

Ryan suspirou.

— Somos ambos homens sem compromissos na casa dos trinta. Podes olhar-me na cara e dizer que bom sexo com alguém que não amas te deixa feliz e satisfeito depois, sem desejares mais alguma coisa?

— Não, claro que não.

— Eu também não e estou farto de desejar mais alguma coisa. Sinto-me feliz e satisfeito quando estou com a tua irmã. Isso faz algum sentido?

— Sim, faz muito sentido — respondeu Jake.

— Da forma como eu o vejo, se algumas coisas na nossa vida pessoal não se encaixam nos moldes habituais, achas que me importo? Se estivermos felizes juntos, e satisfeitos, o que é que interessa *como* é que o fazemos?

— Nada, acho eu. — Jake sorriu ligeiramente. — E se ela não puder levar uma gravidez até ao fim? As probabilidades são fortes. O cirurgião disse-lhe sem margem para dúvidas que não devia ter filhos.

Ryan foi apanhado de surpresa. Sabia de mulheres em estado de morte cerebral que tinham levado a gravidez até ao fim, e uma mulher não podia ficar muito mais paralisada do que isso.

— Ela não pode ter filhos? A paralisia não interfere com a fertilidade. Tenho lido umas coisas sobre o assunto na Internet. Nunca vi qualquer referenda a isso.

Jake encolheu os ombros.

— O Dr. Reicherton, o cirurgião dela, disse que o mais provável seria um aborto espontâneo. Problemas especiais, não sei. A questão é, essa é uma possibilidade. Como é que a encaras?

— Sou capaz de viver com isso.

— Sempre pensei que um homem com todas as tuas terras e dinheiro havia de querer ter filhos.

— Claro que quero, mas estou preparado para adoptar se for preciso.

— Não digas isso só por dizer. A minha irmã pode nunca ter filhos. E se eu tivesse voto na matéria, preferia que nem sequer tentasse. Depois da última operação, apareceu-lhe um coágulo numa das pernas. Uma coisa muito desagradável que deixou a veia permanentemente estreita com fibras residuais do coágulo que interferem com umas válvulas quaisquer. É provável que lhe retirassem a medicação durante a gravidez, aumentando o risco de um segundo coágulo. Podíamos-la ter perdido com o primeiro.

— E garantido que não a vou engravidar se um médico me disser que é perigoso. Mas tenho de referir que o exercício e um bom tónus muscular melhoram bastante um problema como esse. Se ela começar um bom programa, é provável que não precise de medicamentos.

— Exercício? — Jake suspirou e revirou os olhos, num gesto tão idêntico ao da irmã que Ryan quase sorriu. — Pois. Ela começa já amanhã. Umas corridas, que tal?

— Isso, continua. Arma-te em esperto. Como te disse, tenho andado a ler umas coisas. Sabias que há passeiras especiais equipadas com suportes onde até os tetraplégicos podem

caminhar normalmente e manter as pernas tonificadas?

— Sim, e tem preços iguais aos da dívida nacional.

— Eu posso pagar — disse Ryan em voz baixa. Jake suspirou.

— Ou seja, já pensaste em tudo e continuas a querer avançar. Ryan riu-se.

— A questão é essa? Estavas a ver se me assustavas? Esquece, Coulter. Não me podes dizer nada que me assuste assim tanto, nada que eu não descubra uma forma de resolver. Também te posso recordar que tenho muito dinheiro. Uma das principais razões pelas quais as pessoas deficientes não podem ter uma vida mais normal, mais activa, é o facto de o seguro de saúde não o permitir e não disporem de recursos financeiros com os quais possam modificar o seu ambiente.

Jake semicerrou um olho.

— E se o Estado não a aprovar para mãe adoptiva?

— Existem agendas privadas, e, como te disse, o dinheiro não é problema. Seremos capazes de adoptar, garantido.

— E como é que a tua família vai reagir a isso? Aceitam uma criança adoptada?

— Os meus filhos serão amados, adoptados ou não.

— Estás mesmo a pensar a sério em casares-te com ela — disse Jake.

— Claro que sim. Muito a sério.

Depois de lhe estudar os olhos durante um longo momento, Jake acabou de beber a cerveja.

— Tens mais uma destas aí dentro?

— A viagem até à cidade ainda é longa. Tens a certeza?

— O meu limite são duas quando vou conduzir. Sim, agradecia mais uma.

Ryan foi buscar mais uma rodada. Quando já estava novamente sentado na cadeira, Jake disse-lhe:

— Parece que fizeste os trabalhos de casa e sabes no que te vais meter.

— Isso mesmo.

— Sendo esse o caso, só há mais uma coisa que tenho para te dizer, Kendrick. Depois de a dizer, talvez possamos tentar ser amigos.

Ryan encolheu os ombros.

— Até aqui, não gosto particularmente de ti, mas já aconteceram coisas mais estranhas.

Jake sorriu.

— Também não gosto muito de ti, mas a minha irmã gosta. Acho que o voto dela é que tem peso. Eu saio de campo. Acabaram-se as interferências. Ficas com o campo todo à tua disposição. Mas tens de entender uma coisa. — O sorriso desapareceu e um brilho perigoso instalou-se-lhe nos olhos. — Se a magoares, se a fizeres chorar uma lágrima que seja, terás de te haver comigo. E, prometo-te, quando eu acabar, hás-de lamentar o dia em que o teu pai olhou para a tua mãe com um brilhozinho nos olhos.

Capítulo Oito

Tinham passado nove anos desde que Bethany fora ao jantar da Associação de Rancheiros de Crystal Falls, mas a ocasião revelou-se bastante idêntica àquilo de que se recordava. Continuava a ser realizado no Rancher's Coop Grange, um salão cavernoso nos limites da cidade no qual mesas a perder de vista eram instaladas em redor de uma pista de dança central. Durante a refeição, o presidente da associação competia com o barulho de loiças e talheres e proferia um longo discurso intercalado com interferências do microfone e piadas secas e que sempre arrancavam risos educados entre a assistência.

Enquanto comia, Bethany trocava olhares divertidos com o seu irmão de vinte e oito anos, Hank. O par de Jake, um conhecimento recente que dava pelo nome de Muriel, era uma novidade. A ruiva era bonita de uma forma vistosa e voluptuosa, sem dúvida o que chamara a atenção de Jake,

mas o seu gosto para se vestir era terrível. Na noite em questão usava um vestido justo de lantejoulas que lhe retratava as curvas em verde-esmeralda. O decote descia tão baixo que o peito ameaçava saltar para o prato sempre que ela se inclinava para comer.

Os homens da família Coulter e a mãe de Bethany observavam num fascínio horrorizado. Bethany mal conseguia manter uma expressão séria. «Pobre Jake.» Duvidava que ele voltasse a convidar outra mulher para um primeiro encontro em que a família estivesse presente. Bethany e a mãe usavam vestidos escuros e discretos: o de Bethany era de malha, o de Mary de uma lã leve.

Oh, meu Deus! — Muriel quase saltou da cadeira quando viu a banda chegar. — Eu *adoro* música ao vivo. Vamos dançar, Jake?

O olhar de Jake disparou como uma bala para o peito saltitante da «amiga», e a cara dele ganhou um tom interessante de castanho polido com matizes de cor de vinho.

— Acho que eles tocam essencialmente música *country*. Não deve ser bem o teu género.

— Oh, eu gosto de todos os tipos de dança. Rápida, lenta, e tudo o que fica pelo meio.

O sorriso de Jake foi tenso.

— Fantástico.

— Guarda pelo menos uma dança para mim, Muriel — disse Hank os seus olhos azuis a brilhar.

O olhar que Jake lhe deitou poderia ter pulverizado granito. Naquele momento, Bethany viu por que motivo tanta gente em Crystal Falls acreditava que o seu irmão mais velho era um encantador de cavalos. Os seus olhos tinham um azul tão intenso em contraste com o tom escuro da pele que o olhar possuía uma chama fria que quase queimava.

Bethany baixou a cabeça e fingiu estar muito interessada no seu bife. Assim que o irmão desviou o olhar, deu uma cotovelada a Hank.

— Vê se te portas bem.

— Então, diz-nos, Muriel — interveio diplomaticamente a mãe de Bethany, uma morena madura com olhos azuis meigos e um sorriso caloroso. — Como é que conhecestes o nosso filho?

Muriel bateu as pestanas cobertas de rímel. A expressão vaga e vazia daqueles olhos verdes e bonitos não se devia exclusivamente à presença de lentes de contacto.

— Qual deles?

Mary deitou um olhar espantado ao marido, que estava sentado ao lado dela. Uma expressão divertida dançava nos olhos azuis de Harv Coulter. Ele encolheu os ombros, as suas feições cinzeladas amaciando-se num sorriso enquanto servia mais vinho à mulher.

— Eu, Muriel — murmurou Jake. — Conhecestes o Hank e os meus pais esta noite.

— Oh! — Muriel sorriu e olhou novamente para Mary. — O Jake e eu conhecemo-nos no Safeway. Ele estava a apalpar os abacates.

— Ah! — Mary deitou um olhar interrogativo ao filho mais velho. — Estou a ver.

— Nunca consegui escolher bons abacates — desenvolveu Muriel.

— Portanto, pedi-lhe que me ensinasse. Quando demos por nós, o monte todo desmoronou-se. Abacates por todo o lado! Quando acabámos de arrumar aquilo, uma coisa levou à outra e ele pediu-me o meu número de telefone. — Piscou o olho a Jake. — Eu não acreditava que ele me telefonasse. Mas telefonou, e aqui estou eu.

— O que será que ela tinha vestido? — murmurou Hank a Bethany.

— Aposto vinte em como o Jake ficava cego de cada vez que ela se inclinava.

Bethany levou o guardanapo aos lábios, fazendo um esforço para não se rir.

— Comporta-te — sussurrou ela de novo.

— Perdeste a graça — queixou-se Hank.

Quando a mesa foi levantada e a banda começou a tocar a primeira canção, todos os presentes na mesa dos Coulter ficaram aliviados quanto ouviram Jake convidar Muriel para dançar. Enquanto o par se dirigia para a pista de dança já apinhada, Harv riu-se e disse:

— Aposto que o Jake há-de pensar duas vezes antes de voltar a aproximar-se de uma secção de produtos frescos.

— Ela é simpática — disse Mary com a sua habitual simpatia. — Um bocadinho tonta, talvez, mas não é culpa dela.

Harv sorriu e piscou o olho ao filho:

— Não se pode dizer que esconda o brilho que tem dentro dela.

Hank, que não levava par, pediu licença e foi convidar uma loira de uma mesa próxima para dançar. Depois de ver o seu filho alto e moreno afastar-se, Harv olhou para a sua mulher:

— Então, querida? Queres polir a fivela do meu cinto? Mary franziu o cenho.

— Tens a certeza de que podes dançar?

— O médico disse que o *stress* é que me vai matar, não um pouco de exercício à moda antiga. Faço exercício todas as manhãs. Qual é a diferença?

Mary sorriu e olhou para Bethany.

— Ficas bem, querida? Não me agrada nada deixar-te aqui sozinha.

— Não seja tonta, mãe. Eu gosto de ficar a ver.

Quando os seus pais foram para a pista, Bethany deixou cair o sorriso. Olhou para as cadeiras vazias à volta da mesa, resignando-se a mais uma noite de tédio. Teria preferido ficar em casa com as suas tintas e os seus pincéis.

Paciência. Virou a cadeira para ver melhor os pares que dançavam, as pontas dos dedos tamborilando ao compasso da música. Subitamente, a sala ficou escura e uma esfera rotativa ganhou vida diante dela, projectando espirais de luz colorida no chão. Bethany observou a multidão. Os seus pais tinham desaparecido, mas Jake era tão fácil de encontrar como se estivesse a dançar sob um holofote.

Quando a música seguinte começou, ela viu um vaqueiro alto de cabelo escuro chegar a pista de dança com uma morena debaixo do braço. A forma como eles se moviam despertou algo, os passos soltos e o movimento fluido dos ombros largos eram familiares. *Ryan*. Vestido de preto com a camisa aberta no colarinho deixando ver um pouco do peito bronzeado, era uma figura tão atraente que ela sentiu o coração bater-lhe contra as costelas.

Com o cabelo a brilhar como ónix polido, ele baixou-se para ouvir qualquer coisa que a mulher estava a dizer. A cara enrugou-se num sorriso que revelou dentes brancos. Depois, inclinou a caneca para trás e lançou uma gargalhada, fazendo-a girar no círculo do seu braço até ficar de frente para ele quando começaram a dançar. Faziam um belo par, ele tão alto, musculado e moreno, ela tão delicada e bonita. O ritmo vivo da música exigia rapidez de pés e eles estavam à altura, as botas pretas de cerimónia dele apequenando os saltos altos dela enquanto Ryan descrevia um círculo, puxando-a depois para os seus braços num rodopio. Bethany percebeu que aquela não era a primeira vez que dançavam juntos, antes pelo contrário.

Concentrou o seu olhar na mulher, registando a blusa e a saia de seda cor de vinho, rodada e girando graciosamente à volta das pernas bem desenhadas. Quando Ryan poisou uma mão nas costas da mulher, Bethany não pode deixar de reparar como os dedos se abriam até à curva da anca. A silhueta delicada dela acentuava o volume musculado dele, o par constituindo um estudo de contrastes.

Ela não queria acreditar no quanto a incomodava vê-lo a dançar com outra mulher. E não era pouco. Fechou as mãos em punhos, mas abriu-as quando se apercebeu do que estava a fazer. Que diferença é que lhe fazia se ele tinha aparecido com outra pessoa?

Uma outra pessoa muito bonita.

Uma sensação desagradável preencheu-lhe o peito. Tentou desviar o olhar e observar os outros pares, mas os seus olhos permaneciam fixos em Ryan. Como lhe apetecia ser a mulher nos braços dele. Teria dado praticamente qualquer coisa para ter um par de pernas operacionais e poder dançar com ele até de madrugada.

Quando a canção acabou e ele se virou para levar a sua parceira para fora da pista, Ryan estudou as mesas, o seu olhar passando por Bethany e depois voltando atrás para se fixar nela com uma intensidade rutilante. Ainda que a luz não fosse muita, ela viu o queixo contrair-se. Ryan virou na direcção dela, puxando a mulher atrás dele à medida que abria caminho na multidão.

A última coisa que Bethany queria era conhecer o par de Ryan Kendrick. Pensou em fugir e esconder-se na casa de banho, mas percebeu que seria um comportamento infantil. Em vez disso, obrigou-se a sorrir.

— Olá! — disse ela quando eles se aproximaram.

A boca firme de Ryan contraiu-se nos cantos e depois inclinou-se num sorriso que a deixou com medo de que os seus ossos se derretessem. Ele manteve o braço à volta dos ombros esguios da mulher até parar diante da mesa.

— Bethany. — O seu olhar procurou-a lentamente. — Não fazia ideia de que vinhas esta noite.

A mulher, ainda mais bonita vista de perto do que parecera à distância, sorriu amistosamente, os seus olhos grandes e castanhos não revelando qualquer vestígio de animosidade. Olhou para Ryan, expectante. Percebendo que ela estava a olhar, ele disse:

— Maggie, gostava de te apresentar uma grande amiga minha, Bethany Coulter. Bethany, a mulher do meu irmão Rafe, Maggie.

Bethany sentiu as bochechas a arder enquanto apertava a mão à cunhada de Ryan:

— É um prazer, Maggie.

— O prazer é todo meu. — Os olhos dela brilharam, calorosos. — O Ryan disse-me que gostas de ir aos concursos de tractores.

— Sim, bastante.

— Eu também. Talvez possamos ir os quatro ao próximo. Bethany olhou para Ryan.

— Gostava muito — acabou ela por dizer.

— Então, está combinado? Vai ser divertido. Eu peço à mãe do Rafe que fique com os miúdos e fazemos um programa completo. Gostas de mexicana?

Bethany precisou de algum tempo para perceber o que ela queria dizer.

— Adoro mexicana, quanta mais picante, melhor. Maggie assentiu com uma expressão decidida.

— Vou gostar de ti. Mais uma fanática de feijão e *tortilla*! Descobrimos um restaurante fantástico. O ambiente é simplesmente incrível, muito descontraído e amigável.

— Se deres a Maggie uma boa dose de *tortilla* cheia de gordura e uma tigela enorme de molho bem picante, ela acha que o lugar tem um ambiente fabuloso — disse Ryan.

Maggie deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Não lhe dêes ouvidos, Bethany. A verdade é que ele não era capaz de reconhecer comida mexicana autêntica nem um bom ambiente mesmo que fossem ter com ele e lhe mordessem uma perna.

Ryan gemeu e apoiou uma mão sobre o estômago.

— Coitadinho. — Os olhos de Maggie brilharam. — Não há nada mais triste do que ver um homem crescido e forte tremer de medo perante a ideia de comer uma *enchilada*. — Sorriu a Bethany. — É capaz de fazer frente a um touro de quinhentos quilos só com as mãos, mas larga a fugir se vê um frasco de molho picante.

Bethany não pode deixar de rir. Maggie era deliciosa, e ela estava encantada com a provocação constante entre os dois. Recordava-lhe a forma como ela e os irmãos costumavam picar-se.

Maggie virou-se e puxou ligeiramente a manga da camisa de Ryan.

— Vou buscar o meu marido antes que comece a próxima canção. Prometeu que dançava comigo. — Voltou-se para Bethany e estendeu-lhe uma mão delicada. — Gostei muito de te conhecer, Bethany. Por favor, convence o Ryan a levar-te ao Rocking K em breve. Livramo-nos dos homens e fazemos um lanche à moda antiga.

— Com todo o prazer — disse Bethany, e estava a ser sincera. Era fácil gostar de uma pessoa como Maggie Kendrick.

Enquanto ela se afastava, Bethany olhou interrogativamente para Ryan, que sorriu preguiçosamente, sentando-se numa cadeira diante dela, os braços cruzados e apoiados no espaldar.

Depois de ficar a olhar para ela até a deixar com vontade de gritar, disse:

— Olá. — A sua voz uma carícia rouca que parecia envolvê-la. — Não estava à espera de te encontrar aqui.

— Parece que, afinal, o mundo é pequeno. — Pensou que tinha sido uma observação estúpida e que devia ter dito outra coisa qualquer, mas o quê? Quando ele a olhava daquela maneira, o seu cérebro parecia ficar paralisado.

Ele assentiu, o seu olhar provocando o dela enquanto a boca se inclinava noutro sorriso lento.

— Demasiado pequeno para que consigas evitar-me. É isso que estás a pensar?

Naquele momento, ela estava a ter dificuldades em pensar fosse o que fosse.

— Ficas assim tão nervosa com todos os homens? — perguntou ele inesperadamente.

— Nervosa?

O olhar dele desceu para as mãos de Bethany, apertadas, com os nós dos dedos brancos, no colo.

— Eu não mordo. — Um brilho quente introduziu-se nos olhos dele. — Bem, nunca com tanta força que magoe. — Estendeu o braço para lhe tocar na ponta do nariz. — O que é que estás a fazer, aqui sentada e sozinha?

— Eles não demoram. Agora, estão todos a dançar. Ryan olhou para a mesa vazia.

— Isto não deve ser muito divertido.

— Eu estou bem. — Encolheu os ombros. — Os meus dias de dançarina acabaram, mas isso não quer dizer que os outros não se possam divertir.

Ele observou-a pensativamente.

— Aposto que adoravas.

— Adorava o quê?

— Dançar.

Recordações. Bethany tentava não pensar em coisas que já não podia fazer, mas não poder dançar era difícil, especialmente quando dava por si sentada junto a uma pista de dança.

— Sim, adorava — admitiu ela. — O meu pai ensinou-me a dançar a valsa quando tinha cerca de sete anos e, desde então, fiquei viciada. Sempre que íamos a alguma festa com música, eu deixava-o doido, e os meus irmãos também, a pedir que dançassem comigo. Gostava de todos os géneros, rápida ou lenta, não fazia diferença.

Ele voltou as palmas das mãos para cima e olhou para as linhas nelas marcadas. Quando voltou a olhar para ela, disse:

— Sentes muito a falta disso?

Normalmente, Bethany dizia mentiras diplomáticas, mas era-lhe difícil senão impossível, dizer-lhe algo que não fosse a verdade.

— Sim, muito. — Tentou fazer aquilo que esperava ser um sorriso animado. — Há muitas coisas das quais tenho muitas saudades.

— A amizade tem de ser uma delas?

Ela riu-se. Foi mais forte.

— Alguém já te disse que és mais teimoso do que um *Pit Bull* depois de cravares os dentes nalguma coisa?

— As palavras da minha mãe, quase textual. — Deixou cair as mãos, encolhendo os ombros. — O que é que posso dizer? Fiz-te uma proposta e tu ainda não me deste uma resposta. Podemos ser amigos ou não?

— Ainda estou a pensar no assunto.

— Enquanto pensas, posso fazer companhia? Ela riu-se de novo.

— És impossível.

— Pensa só no quanta nos podemos divertir.

O brilho nos olhos dele era pleno de promessa.

— A fazer o quê? — Não resistiu ela a perguntar.

— As possibilidades são ilimitadas.

— Nunca ouvi uma evasiva tão boa.

— Bem, se tudo o resto falhar, sempre podes ensinar-me a pintar. Ao ouvir aquela sugestão, Bethany riu-se até ficar com os olhos rasos de lágrimas. Estava quase a recuperar a compostura — *quase* —, mas olhava para aquelas mãos enormes e começava a rir outra vez.

— Sinto-me ofendido. Ela enxugou os olhos.

— Desculpa. A sério. Tenho a certeza de que podes aprender. É só que... — ficou com a voz sufocada pelas gargalhadas reprimidas. — Não sei, mas não me pareces o género de pessoa com a paciência necessária.

Ryan sorriu, pensando para consigo que tudo dependeria do que ele usasse como tela. Aquela pele impecável de marfim certamente o manteria interessado. Começaria por pintar as pétalas de um malmequer em redor do umbigo dela e depois continuaria.

— Quero uma resposta sincera — disse ele, debruçando-se sobre a cadeira para a olhar nos olhos. — Agora, neste preciso momento, não estás a divertir-te?

O sorriso dela desapareceu e uma expressão sombria, preocupada, surgiu nos seus olhos.

— Sim.

— Muito bem. Sem fazer nada, divertimo-nos imenso. Imagina só o quanto nos poderíamos divertir se pensássemos nisso.

— Provavelmente, muito. Ele assentiu e levantou-se.

— Pensa nisso.

Ela ficou de cenho franzido, para não dizer que parecia abandonada e um pouco perdida quando ele se afastou. Sabendo que não demoraria a voltar, Ryan sorriu ao abrir caminho entre os restantes, dirigindo-se para a zona da sala onde a banda estava a tocar.

Todos os membros da sua família tinham voltado a mesa e tinham partido de novo para dançar quando Bethany viu Ryan novamente na multidão, de regresso à mesa dela. A fivela prateada do cinto brilhava na luz difusa com cada movimento das ancas estreitas. Era um homem tão bonito que ela se permitiu um breve momento de devaneio, fingindo que era um desconhecido que não sabia da sua paralisia e que se aproximava para a convidar para dançar. Não. Se ela ia sonhar, porque não ir até ao fim e sonhar que podia andar?

Ele parou, sorriu lentamente de uma forma que lhe fez disparar a pulsação e perguntou:

— Dá-me a honra da próxima dança, miss Coulter?

Por um instante, Bethany sentiu-se como se ele tivesse acabado de lhe aplicar um soco no plexo solar. Ele não tinha noção do quanto ela gostaria de dançar com ele? Às vezes, quando se permitia pensar nos anos de limitação que tinha pela frente, sentia-se como um rato numa gaiola.

— Adorava — respondeu ela com ligeireza.

— Esperava que a resposta fosse essa.

Ryan colocou-se atrás dela e agarrou na cadeira. Ao ver que ele se dirigia para a saída da frente, Bethany olhou por cima do ombro.

— O que é que estás a fazer?

Ele sorriu mais uma vez e piscou-lhe o olho.

— Espera e já vês.

Quando estavam no vestíbulo, que fazia as vezes de bengaleiro, ele começou a remexer nos casacos pendurados ao longo da parede.

— Vamos sair? — perguntou ela.

— Sim.

— Não sabes onde tens o teu casaco?

— Não.

— Bem, se estás à procura do meu, está na outra ponta.

Ele voltou com uma camisola preta e grossa, olhou-a demoradamente e disse:

— Um bocado grande, mas serve. — Voltou-se, aproximou-se de Bethany e começou a introduzir-lhe os braços nas mangas. — O teu casaco era demasiado volumoso para aquilo em que

estou a pensar.

— Mas... isto não é meu.

— Eu sei — disse ele enquanto lhe puxava a camisola ate aos ombros.

— De quem é?

— Não faço ideia — respondeu ele com um brilho travesso nos olhos. — Trazemo-la de volta antes de a dona dar pela falta dela.

— *Ryan!* — exclamou ela enquanto ele a empurrava na direcção da porta.

— Sim?

— Eu não posso tirar a camisola de outra pessoa. Ele riu-se.

— Não a tiraste.

— Não a tirei?

— Não. Eu e que a tirei, tu só a tens vestida.

— Seja como for! Eu não levo a camisola de outra pessoa.

— Ah, levas, levas. — Ele inclinou-se por cima dela para abrir a porta e empurrou a cadeira. — Descontrai-te. O que é que nos podem fazer, prender-nos por roubo de camisola de curta duração?

Bethany sentiu-se grata pela camisola quando o ar frio da noite a envolveu.

— És louco. E vais gelar aqui fora sem um casaco. Mas, afinal, aonde vamos?

— Já vais ver, e, acredita, eu não vou morrer de frio. Passo tanto tempo na rua que me tornei imune ao frio.

— «Imune»? Os vaqueiros não deviam conhecer palavras dessas.

— Peco desculpa, minha senhora. Vou tratar disso. Arranjo um pouco de tabaco para mascar, cuspo entre frases, e coço-me onde não devo. A universidade estragou-me por completo.

— Não sabia que tinhas frequentado a universidade. Qual era o curso?

— Criação de animais e agricultura. Formei-me em ambos. — Ele virou à esquerda para a empurrar ao longo de um passeio de cimento que contornava as traseiras do edifício. — Nunca percebi porque é que um homem no seu juízo perfeito havia de querer qualquer coisa com touros. Mas tive boas notas em anatomia feminina.

Ela riu-se.

— Não duvido.

— Quando voltei para casa com o canudo na mão, era capaz de adivinhar as medidas de uma mulher a cem metros de distância. Depois de todo o dinheiro que teve de largar pelas propinas, o velhote ficou impressionado.

Bethany sorriu, imaginando um Ryan mais novo acabado de sair da universidade. Com aquele aspecto, devia ser praticamente mortífero.

— Foste para que escola?

— Oregon State. A maioria dos criadores de cabras vão para lá para se poderem passear pelo *campus* com os seus chapéus e cuspir para o chão. É um requisito, saber cuspir, e é preciso jeito para a coisa. O Sly, nosso capataz, é capaz de apanhar uma mosca a três metros.

— Eu fui criada num rancho, lembras-te? Sei tudo o que há a saber a respeito de vocês, vaqueiros. Pelo que vi, são uma cambada de empregados.

— É verdade. Cresceste com vaqueiros. Acho que isso quer dizer que seria melhor se eu me deixasse de tretas.

— Boa ideia.

— Nunca fiz Anatomia Feminina. O resto é verdade. Tenho um olho para curvas femininas que não falha. Tu, por exemplo. Era capaz de te comprar um guarda-roupa completo, começando pela roupa interior, e cada peça havia de te servir na perfeição. Queres apostar?

— Oh, por favoor.

— Mulheres. Porque será que nunca estão interessadas em ver um homem gabar-se?

— Porque somos difíceis de impressionar.

— Trinta e dois, copa B. Cintura de cinquenta e cinco centímetros. Já estás impressionada?

Ele acertara em cheio, e saber que a observara com tanta atenção deixou-a com um formigueiro na pele.

— Se gostas de pisar gelo fino, estás a sair-te muito bem.

Ele riu-se e calou-se. A direita deles havia um parque de estacionamento. Com o luar, os carros e carrinhas pareciam-se com escaravelhos de carapaças cintilantes. Acima deles, a Lua assemelhava-se a um prato de porcelana contra um fundo de veludo azul-escuro polvilhado de estrelas. A brisa fresca levava com ela o aroma de abetos e pinheiros, puxando o olhar de Bethany para as montanhas que delineavam o lago.

Ela suspirou.

— Está uma noite linda. Olha só para aquele céu.

— Não há nada que se pareça, pois não? Já ouvi dizer que o Montana é um estado de céu. Acho que essa gente nunca deve ter passado pelo Oregon numa noite como esta.

Ryan empurrou a cadeira até a um telheiro nas traseiras. As portas estavam abertas e eles podiam ouvir a música quase tão bem como se estivessem no interior. A banda estava a acabar aquela canção. Antes que começasse a seguinte, Ryan contornou a cadeira e inclinou-se, ficando quase nariz-com-nariz com ela.

— Põe os teus braços a volta do meu pescoço, querida.

— Porquê?

Ryan agarrou-lhe nos pulsos e levantou-lhe ele próprio os braços.

— Porque — murmurou ele — nós vamos dançar.

— Oh, não, eu... — Antes que ela pudesse concluir o seu protesto, Ryan passou-lhe um braço pela cintura e levantou-a da cadeira. Sem outra escolha, ela soltou um guincho sobressaltado e agarrou-se a ele. — *Ryan!*

— Está tudo bem. Juro que não te deixo cair. — Ele segurou-a contra si, uma mão grande apoiando-lhe o fundo das costas. — Segura-te. Agarraste-te bem?

— Sim, mas tem cuidado. Nada de palhaçadas. Eu consigo sentir isso, sabes?

— Consegues? — Baixou a mão desde a cintura e desceu a outra. Entrelaçando os dedos, formou uma espécie de assento para lhe segurar as ancas contra as suas. — Julgava que os paraplégicos não tinham qualquer sensação da cintura para baixo.

— Não é o meu caso. A lesão da coluna situa-se na L2 e não afectou todas as... — Ela deu um salto e olhou para ele. — O que é que estás a fazer?

Ele sorriu e piscou-lhe o olho:

— Estava com o polegar numa má posição. Estou a ver que tens mesmo sensibilidade aí em baixo.

Ela estreitou um olho.

— Pois tenho, e se fazes mais uma dessas vais ver o que te acontece.

— Acabou-se. Prometo.

— Isto não vai dar certo. Agradeço a ideia. És um querido, mas...

— Caladinha — sussurrou ele.

As primeiras notas da canção seguinte fizeram-se ouvir e ela apercebeu-se de que era uma versão da sua preferida de Montgomery.

— Não pode ser. — As lágrimas saltaram-lhe aos olhos porque, assim que reconheceu a música, percebeu que fora Ryan quem a pedira.

— Dança comigo — murmurou ele.

— Sinto-me tola.

— E quem é que está a ver? Só eu e sou o teu melhor amigo, portanto, não conto. Além disso, porque é que havias de te sentir tola?

— Tenho as pernas penduradas. Os meus pés vão bater nas tuas pernas.

— Esses sapatinhos macios não me magoam — garantiu-lhe ele. E, dito isto, arrastou-a para uma valsa.

Bethany estava à espera de uma sensação estranha. Quando ele executou os primeiros

passos, sentiu-se hirta devido à tensão, com medo de que ele tropeçasse e a deixasse cair, ou que ela fosse demasiado pesada e o cansasse.

Em vez disso, era fabuloso, e ela sentiu-se como se estivesse a flutuar, a força dele mantendo-a à tona. *A dançar.* Não era bem dançar, claro. Ela não parava de se dizer isso. Mas sentia-se como se estivesse a fazê-lo. *A dançar.* Tivera vontade de fazer aquilo uma centena de vezes durante os últimos oito anos, e agora estava mesmo a fazê-lo. Dava-lhe a sensação mais incrível. Livre e leve como um pássaro, nos braços de um vaqueiro alto e moreno.

Bethany esticou os braços, deixou a cabeça cair para trás e fechou os olhos, desejando que aquela sensação nunca acabasse.

— Oh, Ryan.

— Sabe bem?

— Sim. Oh, *sim*. Não podes fazer ideia.

Ao observar as expressões que passavam pela cara dela, Ryan pensou que até fazia. A sensação que devia ser, deu por si a imaginar, estar sempre presa naquela maldita cadeira, e agora, subitamente, estar a rodopiar ao luar.

Senti-la assim nos seus braços era o mais perto do céu que ele alguma vez esperava estar. «Bethany.» Um sorriso sonhador curvava os lábios dela, traduzindo um prazer tão intenso que ele duvidava que o conseguisse exprimir por palavras. Imaginou fazê-la sorrir exactamente assim enquanto fazia amor com ela, ouvi-la suspirar assim quando a beijasse.

Um dia...

Por enquanto, era suficiente segurê-la assim ao luar e vê-la sorrir, saber que ela estava feliz e que, ainda que pouco, ele era o responsável por aquela felicidade.

Quando a segunda música acabou, as energias de Ryan começaram a falhar. Ela não pesava muito, mas dançar sem parar enquanto suportava cinquenta e cinco quilos suplementares tinha o seu preço. Não queria devolvê-la à sua cadeira, e desejava do fundo do coração não ter de o fazer.

Infelizmente, não há bem que nunca acabe. Ryan resistiu a uma terceira dança e depois as pernas começaram a acusar o esforço.

Ela pestanejou quando a música acabou e ele parou com relutância. A expressão sonhadora e ligeiramente confusa nos olhos dela dizia-lhe o quanto Bethany apreciara aquelas danças e que guardaria aquela recordação muito depois de a noite ter acabado.

— Oh, Ryan. — Brindou-o com um sorriso radioso, os olhos a brilhar de alegria e lágrimas. Não disse mais nada, mas aquelas duas palavras queriam dizer tanto, muito mais do que ela provavelmente se apercebia, uma gratidão demasiado profunda para ser exprimida, e uma incredulidade porque ele fizera algo completamente inesperado, apenas para lhe dar prazer.

Foi a expressão de incredulidade que mais o comoveu. Fora uma coisa tão insignificante, na realidade, tirá-la da cadeira e dar algumas voltas no telheiro. O esforço fora maior inúmeras vezes e com uma recompensa bastante inferior. Haveria um presente melhor do que ver Bethany sorrir?

Ela não voltaria a passar uma noite sozinha e sentada a uma mesa enquanto todos os outros dançavam e se divertiam, prometeu Ryan a si mesmo. Nunca mais.

Poisou-a na cadeira com cuidado, a qual, apercebia-se ele cada vez mais, era uma prisão sem grades. Inclinou-se, enxugou-lhe uma lágrima com o polegar e murmurou:

— Então, o que é isso? Era para nos divertirmos, não para te fazer chorar.

— Oh, mas eu *diverti-me* — disse ela. — É só que... — Abanou a cabeça e limpou a cara. — Desculpa. Isto é uma parvoíce. É só que foram tantas as vezes que tive vontade de dançar, e achei que não podia. Não te posso dizer como me senti. — Sorriu com lábios trémulos. — Obrigada, Ryan.

Poisando as mãos nos braços da cadeira, ele olhou-a nos olhos durante um momento.

— Podemos divertir-nos muito juntos, tu e eu. Sem riscos, sem expectativas, apenas amizade. Sou capaz de fazer com que isto funcione se tu me deres uma oportunidade.

— Estou tentada — disse ela com uma gargalhada. — Fazes com que seja tão difícil dizer não.

— Então, não digas.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, os olhos reflectindo hesitação e incerteza.

— Deixa-me pensar nisso.

— Mas o que é que há para pensar?

— Se passarmos muito tempo juntos, tenho medo de fazer uma grande tolice, tipo, apaixonar-me por ti — admitiu ela.

Ryan estava a contar com isso.

Capítulo Nove

Na tarde seguinte, de regresso de Bend, onde fora buscar uma encomenda de mantas de sela feitas à medida para a loja, Bethany encontrou mau tempo. A princípio, quase não queria acreditar no que estava a ver quando uma mancha branca atingiu o pára-brisas. A previsão meteorológica não falara em neve.

Passados segundos, a visibilidade ficara praticamente reduzida a zero. Ela ligou os limpa-pára-brisas no máximo e espreitou através do véu branco diante dela. Rajadas de vento sacudiam os abetos e os pinheiros que ladeavam a estrada e varriam o alcatrão, formando pequenos taludes em cada berma.

Aquilo não podia estar a acontecer. Era o último dia de Abril, por favor, demasiado tarde para nevar. Abrandou e agarrou-se com força ao volante. Encontrava-se a uma altitude elevada. Dentro de alguns minutos era provável que entrasse numa zona de aguaceiros. Chuva, tudo bem. Desde que não precisasse de correntes para a neve, não teria problemas.

Passaram-se aproximadamente dez minutos. Os limpa-pára-brisas não paravam, o som rítmico parecendo troçar dela à medida que as escovas empurravam a espessa camada de neve. A estrada estava completamente coberta. «Meu Deus.» A carrinha dela não se dava muito bem com o gelo. Ainda na véspera, durante o jantar de domingo, os irmãos dela tinham estado a falar em arranjar-lhe uma SUV com tracção às quatro rodas antes do Inverno seguinte. Servia-lhe de muito agora.

Depois de ligar a aparelhagem e passar do leitor de CD para a EM, tentou apanhar uma estação de rádio de Crystal Falls. Quando encontrou o seu posto preferido no mostrador, um canal de *country-western* que apenas passava sucessos, ouviu os comentários do apresentador com um desconforto crescente. «Um nevão anómalo.» O homem dizia que era melhor não conduzir, mesmo na cidade, a não ser que fosse uma emergência garantida. Vários acidentes envolvendo mais do que um veículo já tinham acontecido nas zonas limítrofes de Crystal Falls.

Gotas de um suor nervoso cobriam-lhe a cara. Sentia as traseiras da carrinha a perder tracção e a fugir para a berma. Tinha de colocar dispositivos de tracção. Um grande problema. Seria pura loucura sair da carinha. Se o veículo estava a derrapar, a cadeira de rodas faria o mesmo. Desligou a aparelhagem e escutou. Um som agudo e ocasional disse-lhe que os pneus traseiros estavam a perder aderência. Com os olhos semicerrados para tentar ver melhor, não vislumbrava qualquer indício de melhoria no tempo, apenas neve até onde a vista conseguia alcançar, formando uma muralha branca. Se ela perdesse o controlo e saísse da estrada, bem, era melhor nem pensar nisso.

«Pensamentos positivos», disse ela para consigo. Se conduzisse devagar e se mantivesse no centro da estrada, talvez não tivesse problemas. Era uma tolice preocupar-se com as coisas antes de elas acontecerem. Certo?

Acabara de pensar nestes termos quando a carrinha guinou num ligeiro declive. Ela tentou contrariar o movimento e recuperar o controlo, mas o veículo começou a rodopiar. Durante um instante, o mundo transformou-se num borrão, as encostas arborizadas de ambos os lados da estrada

passando pelas janelas como imagens de vídeo em movimento acelerado. Árvores, neve, rochas e céu. Agarrou-se com força ao volante, a sua única âncora enquanto era atirada para um lado pela força da gravidade.

«Meu Deus.» A sua prece foi cortada cerce quando, com um sacão súbito, a carrinha mergulhou na vala da berma com tal impulso que o pára-choques dianteiro abriu um sulco na terra gelada. Os seus dentes fecharam-se com força. A correia de *nylon* que segurava Bethany na cadeira cravou-se-lhe no ombro. Ela gritou e tentou desesperadamente recuperar o controlo do veículo, mas o travão de mão não funcionava.

A parte inferior da carroçaria da carrinha ressaltava no terreno irregular. De cada vez que o metal encontrava pedras, o ruído parecia explodir no ar em redor dela. Através do nevão, conseguiu ver uma mancha cinzenta e branca que se aproximava. Ainda agarrada ao travão, tentou parar, mas era impossível. A carrinha continuou em frente, imparável, até atingir o obstáculo, o amolgar de metal resultante tão ensurdecedor que lhe pareceu martelar no interior do crânio.

A sua cabeça saltou para a frente, a cara quase batendo no volante. Durante um momento, Bethany ficou a olhar, confusa, para o pára-brisas, a única noção presente a de que os limpa-pára-brisas continuavam a funcionar. Com cada passagem, a escova da esquerda ficava presa numa mancha de lama, produzindo um som de arranhar que em breve a iria deixar louca. Estendeu um braço para os desligar mas hesitou, imaginando a sensação de claustrofobia, ficar ali fechada sem conseguir ver para o exterior.

Mas em que é que ela estava a pensar? Aquele era o menor dos seus problemas. Acabara de ter um acidente. Um *acidente*. O combustível podia estar a verter através de uma racha no depósito — ou ela própria podia estar a esvair-se em sangue devido a um golpe que não sentia. A carrinha estava inclinada num ângulo bizarro. A carteira e o casaco que estavam no banco do passageiro, encontravam-se agora no chão e fora de alcance. Uma grande embrulhada, sem dúvida.

«Uma pedra», decidiu ela. A carrinha tinha embatido numa pedra. Não. Uma pedra daquele tamanho seria antes um pedregulho. Esticando o pescoço para ver por cima do tablier, tentou avaliar os estragos. Através da neve que continuava a cair, apenas podia afirmar com alguma certeza que o capo parecia amolgado.

«Meu Deus, meu Deus.» Ela tinha de fazer alguma coisa. Mas o quê? A cadeira apenas continuava no seu lugar graças às correias de fixação. Se ela se atrevesse a desapertá-las, podia cair da cadeira.

Trémula devido aos nervos, passou uma inspecção ao seu corpo, prestando especial atenção às pernas, uma vez que um ferimento naquela zona não lhe provocaria dor. Tanto quanto podia ver, estava ilesa. «Graças a Deus.» Não vira qualquer trânsito durante, pelo menos, os últimos trinta minutos, como tal, não podia contar com ninguém que parasse para a ajudar.

A carrinha continuava a trabalhar. Era bom sinal. Talvez conseguisse recuar, sair da vala e arrastar-se até casa. Assim que pensou nesta hipótese, ouviu um som sibilante e viu uma nuvem de vapor que se desprendia do capo amolgado. O motor engasgou-se duas vezes, hesitou e parou.

Silêncio. Instalou-se em redor dela com uma densidade enervante, interrompido apenas pelos ténues estalidos do metal a arrefecer.

— Fantástico!

Esfregou o vidro embaciado para conseguir alguma visibilidade. A neve já era tanta que não conseguia ver o alcatrão, nem sequer as marcas da derrapagem.

— Não percas a calma. — Inspirou e expirou lentamente. — Não é uma grande catástrofe. Apenas um pára-choques amolgado e um radiador avariado. Nada de mais.

Só que para alguém como ela, era algo de mais. Como espectros ameaçadores erguendo-se da névoa, as enormes árvores cobertas de neve que cresciam ao longo da estrada eram testemunhas da situação desoladora em que ela se encontrava. O bosque estendia-se por quilómetros em todas as direcções. Pela primeira vez na sua vida, sentiu-se intimidada pela Natureza.

Nos limites da sua mente, o pânico não parava de crescer. Uma mulher com um corpo saudável poderia passar por cima da consola central e apanhar o casaco, pelo menos. Sem

aquecimento a funcionar, não seria difícil morrer congelada.

Com as mãos a tremer, revirou o recheio da consola, a maior parte do qual estava espalhado por todo o lado. Onde é que estava o seu telefone? Guardava-o sempre ali quando viajava. Olhou preocupada para a carteira. Quando saíra de Bend, esquecera-se de voltar a guardar o telefone na consola?

Pois. Teria podido fazer alguma coisa mais estúpida do que isso?

Pensou em todas as ocasiões em que protestara porque os seus irmãos eram demasiado protectores. «Sou uma mulher crescida. Não preciso de ninguém a olhar por mim.» Aquelas palavras pareciam persegui-la agora. «Não preciso de ninguém. Não preciso de ninguém.» O orgulho a falar, mais nada. Em alturas como aquela, a sua impotência era mais do que óbvia.

Bem... não valia a pena ignorar a situação. Se a carteira não ia ter *com* ela, ela teria de ir ter com ela. Aquele telemóvel era a sua única ligação com o exterior. Não podia ficar ali sentada até que alguém finalmente aparecesse e a encontrasse.

Com o coração na garganta, baixou um braço para soltar as correias que a prendiam a ela e a cadeira. O fecho abriu-se. Durante um instante, não aconteceu nada. Bethany estava prestes a soltar um suspiro de alívio. Então, com uma subitaneidade que a apanhou de surpresa, a cadeira virou-se de lado, o braço direito batendo na consola.

Bethany caiu para o lado e para a frente, batendo com o peito no tablier. Quando deu por si, estava toda torcida no chão, a cabeça entalada contra a porta do passageiro, o pescoço numa posição dolorosa, as pernas inúteis afastadas e prendendo-lhe a parte inferior do corpo. «Meu Deus.» Mexeu-se e contorceu-se, tentando endireitar-se. A força da gravidade estava contra ela, a carrinha inclinada num ângulo tal que a deixava quase de cabeça para baixo.

Tendo perdido rapidamente o fôlego devido ao esforço, parou um momento, terrivelmente consciente de que estava em cima da carteira e do casaco. Quando a respiração voltou ao normal, ignorou a posição incómoda do pescoço e tentou puxar a carteira. Passado o que lhe pareceu uma eternidade, conseguiu libertá-la. Retirou o telemóvel e olhou para ele, preocupada, receando tê-lo danificado durante a queda. Parecia intacto.

Marcou o numero da Polícia estadual, rezando enquanto o fazia para que a chamada fosse atendida. Quando ouviu uma voz feminina, o alívio foi tão grande que perdeu as forças. Explicou rapidamente o seu problema.

— Há vários acidentes nessa zona — disse a mulher. — Em alguns lugares, o trânsito está bloqueado numa extensão de alguns quilómetros. Onde é que a senhora está, exactamente?

Bethany tentou recordar-se dos últimos sinais que tinha visto e repetiu os nomes.

— Não consigo ver nenhum marco para lhe dar uma localização mais exacta.

— Isso já chega. A senhora está na estrada, não muito longe da cidade. O problema será chegar aí com uma viatura. Poderá demorar uma hora ou mais, dependendo da disponibilidade de agentes e do tempo que demorarmos a desobstruir a estrada. Temos em mãos varias situações de emergência neste momento, as mais urgentes são prioritárias.

Bethany olhou para a janela embaciada acima dela, pensando que a sua situação era bem urgente.

— Eu entendo. É que eu estou numa situação um tanto complicada. Ouviu-me dizer que sou paraplégica? Caí no chão e fiquei em cima do meu casaco. Não sei se vou conseguir vesti-lo.

— A senhora está ferida?

Bethany sentiu-se tentada a responder que sim, só para conseguir alguma ajuda. Não tinha graça nenhuma, estar toda torcida e em cima do pescoço. Mas pensou nas outras pessoas na estrada que tinham sofrido acidentes, pessoas que talvez estivessem feridas e precisassem de assistência que não receberiam se ela mentisse.

— Não, não estou ferida — admitiu ela. — Apenas extremamente desconfortável e a ficar com muito frio.

— Vou enviar uma viatura o mais depressa possível — respondeu a mulher, a sua voz revelando preocupação. — Consegue aguentar uma hora, ou assim?

Bethany não queria terminar a chamada.

— Eu não saio daqui — disse ela, forçando uma gargalhada. Quando desligou, voltou a olhar pela janela do lado do passageiro, a qual, uma vez que estava parcialmente protegida pelo ângulo do veículo, não estava completamente coberta de neve. Ver a neve a cair sob aquela perspectiva deixava-a tonta, como se estivesse no interior de um caleidoscópio branco. Não demoraria muito tempo até que a sua carrinha estivesse completamente coberta. Só podia esperar que a vala não fosse tão funda que um carro-patrolha que passasse não a conseguisse ver.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo. *Frio*. Entrava pelo chão, os seus dedos gelados enrolando-se a volta dela. Bethany tinha pouca circulação nas pernas, o que não ajudava. Era mais atreita a ficar com frio do que as outras pessoas.

Decidiu aplicar-se no esforço de retirar o casaco de debaixo do seu corpo. *Impossível*. O rabo prendia a lã ao chão e a inclinação da carrinha dificultava qualquer tentativa de elevar o tronco. Empurrou, puxou, torceu-se, em vão. O estúpido casaco continuava debaixo do seu traseiro.

Pestaneando para se livrar das lágrimas de frustração, resolveu puxar uma ponta da lã para cima da perna direita. Disse a si mesma que o casaco sempre protegeria uma parte do corpo.

Os segundos arrastaram-se. Para ver o relógio, tinha de limpar a condensação do mostrador de vidro. A mulher ao telefone dissera que demoraria uma hora, talvez mais, até que um agente a pudesse encontrar. Considerando os tremores que já sentia, esperava não ter de esperar tanto tempo.

Passaram dez minutos e Bethany começou a tremer ainda mais. Não fazia ideia de qual seria a temperatura ambiente. A saia e a blusa de lã forneciam-lhe calor suficiente numa sala aquecida, mas ali era praticamente o mesmo que estar nua.

Olhou para o telefone. Jake estaria na loja. Sabia que se lhe telefonasse ele moveria céu e terra para a encontrar, exactamente o motivo que a levava a hesitar. A sua situação não era tão desesperada que a levasse a colocar o seu irmão em risco, a conduzir com aquelas condições atmosféricas.

Cinco minutos depois, Bethany sentia-se como um cristal de gelo vibrante. Recordou-se de Ryan ter «subtraído» a camisola para ela vestir na noite anterior e pensou como saberia bem tê-la agora. Atrás daquele pensamento, lembrou-se da sensação de força e de calor dos braços dele, envolvendo-a com tanta firmeza.

«Ryan.» Bethany pestanejou e olhou para o pára-brisas coberto de neve. O rancho dele não era muito longe. Talvez a estrada não estivesse bloqueada naquele troço.

Agarrou no telefone, e hesitou. Se fizesse aquele telefonema, seria um passo irrevogável. «Amizade.» Em condições normais, não consideraria aquela hipótese assustadora. Como Ryan dissera, os amigos nunca são de mais. Mas quantas mulheres tinham amigos tão bonitos que um simples sorriso as deixava com o coração a palpitar?

«Estúpida, tão estúpida.» Afinal, não era como se ele estivesse à procura de um caso tórrido, nem sequer o sugerira. Recordando-se do cuidado com que ele a segurara na noite anterior e da sinceridade dolorosa que vira nos olhos dele quando lhe falara em amizade, confiava instintivamente nele.

Tinha de decidir. Podia ser uma idiota completa e deixar-se ficar ali, a morrer desnecessariamente de frio, ou podia aceitar a oferta de amizade de Ryan.

Tentou recordar-se do número de telefone, mas não conseguiu. Telefonou para as informações. Um momento depois, estava a marcar o número de casa. «Por favor, atende, Ryan. Por favor, por favor, atende.»

Ryan estava a acender a lareira quando o telefone tocou. Limpou as mãos nas calças de ganga e dirigiu-se à mesa de apoio para retirar o telefone portátil da base. Pensando que seria a mãe a ligar de novo, começou logo a falar:

— Não, não quero ir comer um gelado consigo e com o pai — disse ele a rir. — Só se fosse doido e que saía de casa com este tempo.

— Ryan? — perguntou uma voz feminina e trémula. — É a Bethany. Ela parecia estar mal e

ele sentiu um aperto no coração, um súbito receio.

— Bethany? Querida, estás a chorar?

— Não, não. Só estou a tremer.

Ele ficou com os pêlos da nuca em pé.

— A tremer?

— De frio. Desculpa telefonar-te assim, mas meti-me num grande sarilho.

Passou a descrever o que lhe acontecera. Ryan apertou o aparelho com mais força. Olhou para o nevão que continuava no exterior.

— Meu Deus, ficaste presa com este tempo?

Com a voz a tremer de uma forma que o deixou ainda mais preocupado, ela respondeu:

— Não estou ferida nem nada. Por favor, não te preocupes. Não é nada de mais. Acho que o radiador ficou danificado. O motor engasgou-se e parou, portanto, não consigo ligar o aquecimento.

— Ele ouviu-a inspirar mais uma vez. — Digamos que estou feita num oito, no chão da carrinha. — Riu-se. — Em cima do meu casaco, claro. Lei de Murphy e essas coisas.

Ryan começou a andar de um lado para o outro. Passos largos e decididos, abafados pelo tapete, o corpo tenso.

— Grande gaita. Onde estás, querida?

A imagem que se formou na mente dele, Bethany caída no chão da carrinha, provocou-lhe uma sensação de puro terror. Ela podia estar a sangrar devido a um corte nas pernas e nem sequer daria por isso.

— Já verificaste se tens algum golpe?

— Oh, sim. Não consegui encontrar uma única marca. Estou bem, a sério. Só estou com frio.

Com frio? Pela voz dela, parecia estar numa cama vibratória.

— Onde estás? — perguntou ele novamente.

— Estás a ver o desvio de Eagle Ridge? Lembro-me de ver o sinal mesmo antes de sair da estrada. Não é muito longe de tua casa, pois não? Quero dizer, se é, as condições da estrada são tão más que eu posso esperar pela Polícia. Há acidentes entre o sítio onde estou e Crystal Falls, mas eles estão a tentar desimpedir as estradas e devem estar aqui dentro de mais ou menos uma hora.

Ryan não a podia deixar numa carrinha gelada durante uma hora. Sabia exactamente onde Bethany estava, e, viajando depressa, podia chegar lá em vinte minutos.

— Não te preocupes. Estou habituado a viajar com neve.

— Eu só... — calou-se e suspirou, um som tão agudo, abalado, transmitindo tanta fraqueza, que ele apenas quis já estar junto dela. — Tem cuidado, Ryan. Nunca me poderia perdoar se tu tivesses um acidente ao tentar chegar cá.

— Só tens de esperar um pouco, querida. Vou a caminho. Tenho cobertores na bagageira da minha moto de neve. O Rafe e eu somos membros da Busca e Resgate. Quando deres por isso, já estas quentinha e aconchegada.

Depois de desligar, Ryan saiu de casa a correr, vestindo o casaco no caminho. Segundos depois, abriu as portas do barracão da moto de neve, dando graças a Deus por ele e Rafe estarem sempre preparados para uma emergência. Ele tinha uma grande caixa de plástico resistente nas traseiras da moto de neve, equipada com cobertores, rações de emergência, e um estojo de primeiros socorros bem apetrechado. Tirou algumas cordas e um arnês da parede e guardou-os também. Em seguida, atestou o depósito de combustível.

Em menos de cinco minutos, já estava a caminho de Eagle Ridge, seguindo a corta-mato através de pastos cobertos de neve e de bosques densos onde a neve de Inverno ainda não derreteria.

Bethany aninhava-se o melhor que podia no fundo da carrinha, tremendo tanto que os dentes lhe batiam. Pareceu-lhe que já se tinham passado horas quando ouviu o som distante de um motor. O seu coração saltou de alegria. Inclinou o pescoço, tentando ver pela janela acima dela, mas a neve era tanta que a visibilidade era praticamente nula.

Finalmente, ouviu o que apenas podia ser a moto de neve de Ryan a aproximar-se da estrada

a norte do local onde ela estava. O som tornou-se mais fraco, revelando que o condutor tinha virado na direcção oposta. Em breve, o som tinha desaparecido.

E se ele não a encontrasse? Bethany não conseguia ver através do pára-brisas. E se a carrinha já não fosse visível para quem estivesse na estrada?

Minutos depois, ouviu a moto de neve regressar.

— Ryan! — gritou ela. — Ryan, estou aqui em baixo!

Quando o veículo finalmente parou algures nas proximidades da carrinha, ela quase chorou de alívio. O motor calou-se. Então, ela ouviu botas na neve.

— Bethany?

Sabia-lhe tão bem ouvir a voz dele. Antes que pudesse responder, a porta do passageiro abriu-se e ela quase caiu da carrinha.

— Então, rapariga!?

— Ryan!

Nunca lhe soubera tão bem encontrar alguém. Exactamente como imaginara, os braços fortes dele apertaram-na. Bethany agarrou-se ao calor dele, tremendo descontroladamente.

— Oh, Ryan.

Sentiu-o passar-lhe uma mão pela anca.

— Desculpa, querida, mas tenho de verificar eu mesmo para ter a certeza de que não estás ferida.

Ela pestanejou e olhou por cima do ombro, com uma estranha sensação de distanciamento enquanto o via puxar-lhe a saia para cima e passar-lhe as mãos grandes e bronzeadas pelas pernas torcidas. Os dedos compridos apertavam o *nylon* cor de pele das meias de descanso, e ela apercebeu-se de que estava à procura de fracturas. Em circunstâncias normais, ter-se-ia sentido insuportavelmente humilhada. As suas pernas encontravam-se em ângulos estranhos em relação ao corpo. Só que aquele homem era Ryan. Não um qualquer. Observando a forma cautelosa como ele lhe tocava, não conseguia sentir-se embaraçada.

Ele suspirou, o som transmitindo o seu alívio:

— Parece que estás inteira. — Puxou-lhe a saia para baixo e depois endireitou-lhe as pernas com cuidado, mantendo uma mão sobre os joelhos enquanto as poisava no chão. — Graças a Deus. — Arqueou as costas à volta dela e abraçou-a, encostando a cara ao seu cabelo. A neve derretida correu pela borda da aba do chapéu dele e caiu na manga de Bethany. Ela sentiu a tensão abandonar o corpo dele. — Bem, querida. Isto é que foi um susto. Tinha tanto medo de que pudesses estar ferida.

Através de dentes que não paravam de bater, ela disse:

— Eu d-disse-te que n-nao est-tava.

Ele largou-lhe os joelhos e ela sentiu-o torcer-se pela cintura. Quando deu por si, o casaco pesado de Ryan estava nos seus ombros, o forro ainda quente devido ao contacto com o corpo dele. O calor sabia tão bem.

Ele estendeu um braço para agarrar no telefone e marcou o número da Polícia Estadual. Um instante depois, estava a falar com uma operadora. Explicou rapidamente que não era necessário o envio de um agente. Quando terminou a chamada, guardou o aparelho num bolso do casaco que ela usava agora. Depois, sorriu e abraçou-a outra vez. Parecia forte e capaz, o colarinho da camisa sacudido pelo vento. O constante chapéu preto estava coberto de neve.

— Eu posso vestir o meu casaco, Ryan — protestou ela. — Vais ficar gelado.

— Sou imune ao frio. Lembras-te? E o meu casaco já está quente. Talvez te ajude a aquecer. Usamos o teu casaco para te cobrir as pernas.

Enquanto falava, levantou-a a ela e ao casaco nos seus braços. Bethany abraçou-se ao pescoço dele, tão feliz por tê-lo ali que, para variar, não se assustou.

— Uma pergunta: que raio é que tu estavas a fazer na estrada num dia destes?

Com a boca comprimida contra o colarinho húmido dele, Bethany respondeu:

— A previsão não falava em neve. Fui a Bend buscar uma encomenda.

— Estamos no Oregon, lembras-te? E no alto das montanhas, ainda por cima. Nunca, e quero dizer *nunca*, leves a sério uma previsão meteorológica. A frente fria devia ter passado a norte de nós, mas mudou de direcção. Há já dois dias que cheiro a neve no ar.

— A sério?

Ele começou a subir para sair da vala. Quando chegou à moto de neve, instalou-a no lugar de trás e cobriu-lhe as pernas com o casaco dela. Bethany agarrou-se aos manípulos para não perder o equilíbrio enquanto ele abria a caixa de plástico atrás dela. Ryan retirou duas mantas pesadas, um cobertor prateado de isolamento e embrulhou-a com eles, a folha prateada sendo a última para bloquear o vento.

Enquanto prendia as mantas a volta das pernas dela, não parava de falar:

— Da próxima vez que fizeres uma viagem longa, telefonas-me e eu vou contigo. Há muita gente tarada nestas estradas. E se tiveres um furo?

— Posso sempre chamar a assistência rodoviária.

— Pois podes. Tenho um amigo que é polícia. Dá palestras sobre segurança na estrada para grupos femininos. Mesmo que chames a assistência, é perigoso ficar na estrada. Os tarados andam à procura de alvos fáceis, e uma mulher sozinha com problemas no carro numa estrada deserta é um dos alvos mais fáceis que possas imaginar. Já ouviste dizer para pôr uma bandeira na antena e trancar as portas?

— Sim.

— Pois, é o pior que podes fazer. Estás essencialmente a dizer a todos os que passam por ti que estás sozinha, com o carro avariado e indefesa. Um estupor qualquer pode agarrar numa chave de pneus, partir o vidro e a seguir vais tu.

— Meu Deus.

— Pois, «meu Deus», isso mesmo. — Os flocos de neve acumulavam-se na cara de ambos quando os olhos azul-aço dele encontraram os dela. Nas suas profundezas, Bethany viu mais medo do que ira. — Não quero que te aconteça nada. Acabaram-se as viagens compridas, sozinha. Está bem?

— Às vezes, tenho de ir a algum lugar — disse ela debilmente.

— A partir de agora, só tens de apitar e eu vou contigo. Posso sempre dar um jeito no que tenho para fazer e tirar umas horas. — Ele suspirou, fechou os olhos durante um segundo e poisou uma mão na nuca dela, encostando testa com testa. — Desculpa. Eu não queria gritar, Quando vinha para cá, não parava de pensar em todas as coisas que podiam acontecer, rezando para que mais ninguém parasse.

Antes que ela pudesse falar, ele tinha partido. Ela viu-o ir buscar as chaves e a carteira, e depois retirar a cadeira de rodas da carrinha. Trancou as portas e voltou a subir.

— Há mais alguma coisa de que precisas para esta noite? — perguntou-lhe ele.

— Ora, a estrada há-de estar desimpedida antes do anoitecer.

Ele prendeu a cadeira numa armação de transporte nas traseiras da moto de neve e prendeu-a com as cordas elásticas.

— Olha para esta neve. A estrada há-de continuar fechada até que consigam limpá-la, e, mesmo depois de o fazerem, o piso ficará escorregadio. Para que é que te hei-de levar para casa quando podes ficar na minha?

— Tudo o que tenho comigo que seja importante está na carteira. Não tinha planeado passar a noite fora.

— Tens medicamentos suficientes?

— Não. Não tinha contado com isto e não os trouxe comigo.

— O que é que tu tomas?

— Só *Coumadin*, um anticoagulante, e um relaxante muscular antes de me deitar para evitar espasmos nas pernas.

Ele pensou por um instante:

— Um par de copos de vinho ajuda a diluir o sangue e também devem resultar como

relaxante muscular. Eu pergunto à minha mãe, só para jogar pelo seguro.

Depois de guardar as coisas de Bethany na caixa de plástico, sentou-se atrás dela. Sentada de lado, o seu ombro tocou-lhe no peito quando ele se inclinou. Depois de lhe dizer que se agarrasse à sua cintura, Ryan ligou o motor.

— Estás pronta? — perguntou ele.

— Acho que sim.

— Agarra-te bem, querida. Eu vou devagar.

Bethany enterrou a cara na camisa dele, sentindo-se confortada pelo calor que irradiava através do tecido húmido. Assim que meteu a primeira velocidade, Ryan passou um braço forte à volta dela. O veículo saltou em frente e eles partiram.

Estranhamente, ela sentia-se perfeitamente segura mesmo quando a moto de neve se inclinava e ela escorregava no assento. Ryan estava a segurá-la. O barulho do motor dificultava a conversação, como tal, limitou-se a agarrar-se a ele e descontraiu-se. Sabia tão bem sentir-se novamente um pouco mais quente.

Seguindo a corta-mato em lugar de se manter na estrada, Ryan conseguiu poupar vários quilómetros e não demorou muito a chegar ao seu rancho. Sentiu-se grato por isso. Todavia, podia sentir Bethany a tremer violentamente. Ele tinha de a aquecer e depressa.

O cão, *Tripper*, apareceu aos saltos na neve para os receber quando Ryan estacionou perto da casa. Ele dirigiu-lhe algumas palavras de afecto, mas não lhe deu a palmada esperada, antes agarrando em Bethany e carregando-a rapidamente para casa. Levou-a de imediato para a grande sala onde se preparava para acender a lareira quando ela telefonara. Depois de a poisar no sofá, agarrou no telefone portátil e marcou o número de casa dos pais.

Foi a mãe quem atendeu ao terceiro toque. Ryan explicou-lhe rapidamente a situação:

— Tenho de a meter numa banheira de água quente — concluiu ele. — Pode vir até cá?

Ann suspirou teatralmente, o som ténue através da linha telefónica:

— Valha-me Deus. Já viste o tempo? Isto é um nevão.

— Tenho noção disso, mãe. Meta-se na moto de neve.

— Não quando está a nevar desta maneira. Ainda posso ir parar ao lago.

A mãe dele era capaz de seguir a margem do lago de olhos fechados.

— Venha devagar. Eu preciso mesmo de si, mãe. Outra mulher, percebe?

Ann suspirou de novo.

— Ryan, querido. Estamos a falar da Bethany, a rapariga que te deixou a cabeça num oitão durante esta semana que passou?

— Certo.

— Estou a ver. A mesma Bethany que tens procurado a vida inteira e que tem olhos da cor de amores-perfeitos?

— Aonde é que quer chegar? Ann riu-se:

— Parece-me que um homem esperto trataria desta emergência sozinho.

Ryan pensou que ela estava a brincar e também se riu.

— Agradeço a ideia, mãe, mas há um lugar e uma altura para tudo. E não é o caso.

— Usa a cabeça sem ser para pendurar o chapéu — disse Ann com um sorriso na voz. — A oportunidade bate à porta. Disseste que ias avançar com a abordagem da amizade.

— Sim.

— Então... sê amigável.

— Mãe, eu preciso mesmo...

— Ups! O relógio do fogão tocou. Tenho mesmo de ir, senão os biscoitos queimam-se.

— Mãe! Não desli...

A linha ficou silenciosa. Ryan olhou para o telefone, resistindo à tentação de soltar um palavrão.

— O que é que se passa? — perguntou Bethany, batendo os dentes com frio.

Ryan poisou o aparelho na base. A mãe dele tinha perdido o juízo, mas, de algum modo,

parecia-lhe que não devia partilhar essa informação com Bethany. Sorrir com os dentes cerrados era difícil.

— Não é nada, querida. Só a neve. Com uma visibilidade tão fraca, a minha mãe tem receio de vir até cá.

— Oh. — Ela encolheu-se debaixo dos cobertores, olhando para ele com olhos grandes e preocupados. — Percebo. — Esperou um pouco, estremeceu, e acabou por dizer: — Afinal, eu não preciso de um banho quente, ainda que fosse simpático da tua parte teres pensado nisso.

— Estás gelada. Com uma circulação tão fraca nas pernas, demoravas horas a aquecer se não o tomasses.

— Cá me arranjo.

— Arranjas-te? — Ryan levantou-a do sofá. — Arranjamo-nos, queres tu dizer.

— Não posso tomar um banho, não se só te tiver a ti para me ajudar.

— Claro que podes. Sei ser um tipo muito inventivo quando quero.

Sentado na sua cadeira de baloiço estofada junto à lareira, Keefe Kendrick observava a sua mulher através de olhos semicerrados. Ela estava a sorrir como o gato de *Alice no País das Maravilhas* quando desligou o telefone.

— Annie, estás a preparar alguma?

Ela deitou-lhe um olhar espantado, os seus olhos cinzentos cintilando.

— Preparar alguma?

Keefe reprimiu um sorriso quando ela se aproximou:

— Tu não tens medo de ir parar ao lago e, se tens biscoitos no forno, eu quero comer alguns.

Ela encolheu um ombro esguio, as ancas reveladas apetitosamente pelas calças de ganga justas. Mesmo com sessenta anos, Annie era um arraso, com pernas fabulosas e seios perfeitos que lhe enchiam a camisola vermelha exactamente como ele gostava.

— Às vezes, o Ryan precisa de um empurrão para se mexer.

Poisou o seu belo traseiro no colo dele e passou-lhe os braços à volta do pescoço. Keefe sabia quando a sua mulher estava a tentar dar-lhe a volta. Ergueu uma sobrancelha:

— O que é que estás a tramar?

— Hmm. — Ela mordiscou-lhe o lábio. — Está a nevar lá fora. E *tão* romântico. Não achas? — Mexeu o rabo, fazendo com que uma certa parte da anatomia dele se alterasse. — Vamos abrir um vinho e fazer amor diante da lareira.

Keefe prendeu-lhe o lábio inferior entre os dentes e aplicou apenas a força suficiente para a fazer saber que não era tão tolo quanto ela pensava.

— Annie, minha menina, estás a intrometer-me na vida amorosa do nosso filho?

Ela beijou-o, usando a língua com tanta perícia que ele quase se esqueceu da pergunta.

— Nunca. Estou apenas a ser uma boa mãe e a resistir totalmente à tentação de interferir. É a Bethany que está em casa do Rye. A Bethany.

Os dedos de Keefe subiram pelas costelas dela. A sua Annie era um belo pedaço.

— A rapariga dos olhos incrivelmente azuis?

— Essa mesma. Ficou presa na tempestade e o Rye foi buscá-la. Esta meio-morta de frio e precisa de um banho quente. Ele queria que eu fosse até lá ajudar. O tonto. Como se eu alguma vez o fizesse. Ainda que um banho quente apresente algumas possibilidades interessantes.

Keefe levantou-se de repente. Ela soltou uma exclamação de surpresa ao vê-lo ir para a casa de banho. A mente dele quase transbordava com imagens de Annie, rosada pela água quente e escorregadia devido ao sabonete perfumado.

— Um banho apresenta sem dúvida algumas possibilidades — concordou ele em voz baixa e rouca. — Às vezes, minha menina, o feitiço vira-se contra o feiticeiro.

Capítulo Dez

Bethany estava sentada na casa de banho, os seus olhos fixos no espelho, iluminada por uma barra de carvalho com globos que lançavam uma claridade ofuscante sobre ela e tudo o resto. Observando-se no espelho, decidiu que se parecia com um bebé trémulo com olhos enormes e um monte de cabelo desgrenhado. Não admirava que Ryan estivesse preocupado. Ela não conseguia usar os músculos das pernas como a maioria das pessoas para obrigar o sangue a circular, o que significava que a metade inferior do seu corpo tinha um sistema de controlo de temperatura ineficaz.

Esfregou os braços mas continuou a tremer. Levantando a bainha da saia de lã, tocou no joelho e sentiu-o frio, mesmo através da malha de *nylon* das meias de descanso. Quem lhe dera estar em casa, na sua casa de banho com todo o seu equipamento.

Ouviu uma pancada ligeira na porta. O som assustou-a de tal forma que a fez saltar.

— Entra — conseguiu Bethany dizer num tom praticamente normal. O seu enfermeiro de serviço entrou — mais de um metro e oitenta dele. A ganga molhada colava-se-lhe às pernas compridas e musculadas. A cada passo que dava, as botas ressoavam nos mosaicos de tijoleira com um som penetrante e decidido. Tinha vestido uma camisa seca, que não abotoara, revelando uma extensão de pele bronzeada com um revestimento ligeiro de pelos negros que estreitava num triângulo ao descer para o estômago liso e musculado.

Bethany ficou com a boca completamente seca e apenas lhe ocorreu dizer:

— Olá.

— Olá — respondeu ele, a sua voz profunda e vibrante. Aquele som deixou-a com a sensação de ter a pele a latejar. — Tudo pronto?

Ela nunca estaria pronta. A sua mãe ajudara-a a vestir-se e a despir-se vezes suficientes para saber que ele não o poderia fazer sem a ver nua.

Com um olhar penetrante como aço afiado, ele olhou-a de alto a baixo. Da cintura para baixo, Bethany continuava completamente vestida. Dali para cima, contudo, tudo o que ela tinha era uma *t-shirt* demasiado grande que ele lhe emprestara. A blusa e o *soutien* estavam muito bem dobrados na bancada do lavatório, o *soutien* por baixo para que ele não o visse.

O único ponto positivo em toda aquela situação embaraçosa era o facto de ele lhe ter emprestado uma *t-shirt* azul, e não uma branca. Ela sabia por experiência própria que as brancas se tornavam transparentes assim que se molhavam.

— Ainda está a nevar? — perguntou ela.

— Sim, ainda. Lamento. E não parece que vá melhorar. Telefonei ao Jake, a propósito. Não queria que a tua família ficasse preocupada. Ele diz que vai lá a casa dar comida e água à gata. — Assustou-a quando se baixou diante dela. A sua boca firme inclinou-se lentamente num sorriso quando estendeu um braço para lhe afastar uma madeixa húmida da cara. — Querida, espero que esses tremores sejam por causa do frio e não dos nervos. Não estás com medo de mim, pois não?

— Não, claro que não. — Ela riu-se com pouca convicção e cerrou os dentes para tentar que parassem de bater.

— Tens a certeza? — passou-lhe um dedo ao longo da maçã do rosto, parando no queixo, onde se deteve um instante com um nó do dedo na ligeira covinha. — Tenho estado a tentar pôr-me no teu lugar. É um pouco difícil. Mesmo assim, sei que isto deve ser difícil.

— Eu estou bem, Ryan. A sério. Só queria que não fosse preciso tomar um banho.

— Já pensei em tudo.

Pois, pois. Não tomara obviamente em consideração que, sem barras de apoio nem um elevador, ela nem sequer podia despir as cuecas e as meias sem ajuda. Em casa, desembaraçava-se sozinha com o equipamento, e, mesmo assim, não era uma tarefa fácil.

— Confia em mim — disse ele em voz baixa. — Os bons amigos não se embaraçam uns aos outros.

— Só preferia estar em casa, só isso. Tenho lá tudo de que preciso.

— Lamento não ter tudo o que precisas aqui. Mas terei em breve.

— Oh, não. Não comeces a comprar coisas para mim.

— Porquê?

Ela sabia que havia uma dúzia de boas razões, mas não lhe ocorreu nenhuma.

— Porque não. Ele riu-se.

— Uma das vantagens de ter tanto dinheiro é poder comprar coisas para os meus amigos sempre que me apetece. Fazes ideia dos juros anuais que rendem cinquenta milhões de dólares? O imposto que tenho de pagar mais parece a dívida nacional.

Bethany não conseguia imaginar como seria ter tanto dinheiro.

— Coitadinho.

Ele semicerrou um olho.

— O que eu tenho aqui não deixa de ser um negócio, e tudo o que eu comprar para poder receber pessoas deficientes, nomeadamente, tu, será um abatimento bastante bem-vindo.

— Estou a ver.

— Nós temos compradores deficientes que vêm ver os nossos cavalos. Se eu quiser comprar coisas que os deixem mais confortáveis no meu rancho, compro, fim de discussão. Está bem?

— Está bem.

Ele fez um ligeiro sorriso.

— Vamos para a frente com esta coisa da amizade. Certo?

— Eu não me desfaço das minhas roupas por qualquer um, portanto, parece-me que será seguro dizer que te considero um bom amigo.

Esta afirmação fez com que ele se risse.

— Ou seja, posso deixar de insistir?

— Não, por favor. Quanto mais falares, mais é o tempo que posso adiar isto.

— Estás a ver? A situação que temos aqui é terrível. Tu precisas de tomar um banho, e meter-te na banheira é uma megaprodução, tu aí toda nervosa e aflita. Eu gostava de ter tudo para te deixar tão confortável como em casa. Assim, quando quisesses tomar banho, podias meter-te na banheira sozinha.

— És um maníaco das limpezas?

— Um quê?

— Se te dá para cheirar sovacos, posso ter de repensar a nossa amizade.

Ele suspirou e abanou a cabeça.

— Armada em engraçada quando estás nervosa. Já devia saber. Culpada. Ela tinha de facto a tendência para fazer piadas quando se sentia desconfortável e, naquela ocasião, sentia-se extremamente desconfortável.

— Aqui, poder tomar um banho rápido é uma necessidade. Tu já viveste com animais por perto. Levas com uma cauda de cavalo cheia de lama e dás graças por ter contado com essa eventualidade.

Bethany esfregou os braços.

— É uma pena que não estejas preparado para isso agora.

— Eu sei.

A voz dele ficou mais rouca, indicando-lhe que ele entendia o quanto aquela situação era desagradável para ela. De algum modo, saber isso tornava-lhe as coisas menos difíceis.

Respirou fundo, a respiração entrecortada porque estava a tremer muito.

— Está bem — disse ela, tentando injectar alguma confiança na sua voz. — Vamos ver se nos despachamos.

— Sentes-te melhor se eu te disser que telefonei ao nosso capataz, o Sly, e ele já está a trabalhar na oficina, a preparar umas barras de apoio provisórias?

— A sério?

— Quando acabarmos o teu banho, vou até lá ajudá-lo. O que conseguimos não é nada de

especial, mas sempre ficas mais confortável, aqui até amanhã.

Barras de apoio para a casa de banho? Bethany quase o abraçou. Resistiu à vontade de olhar para a sanita. Provisórias serviria muito bem. Provisórias seria *maravilhoso*. Queria lá saber se as barras eram bonitas, desde que lhe permitissem obviar essa necessidade sem ajuda.

Ainda abraçada à cintura e a tremer, disse:

— Detesto dar-te tanto trabalho, Ryan.

— Não dás trabalho nenhum, querida. Soldamos muita coisa aqui no rancho e tenho toneladas de tubos na oficina. Havemos de ter alguma coisa pronta dentro de alguns minutos. — Levantou-se e inclinou-se. — Agarra-te ao meu pescoço. Vamos levar-te para aquela banheira. Só de olhar para ti, começo a ficar com frio.

Como ela temia aquele momento. Todavia, não havia como o evitar.

— Talvez bastasse se me embrulhasses num cobertor eléctrico. Sempre acabava com o frio.

— Não tenho nenhum. Desculpa. Tenho edredões em todas as camas.

— Eu podia sentar-me à frente da lareira.

Como fizera na noite anterior, Ryan agarrou-lhe nos pulsos e puxou-lhe os braços até os colocar à volta do seu pescoço.

— Estás a ver como estás a tremer? Vais mas é para a banheira. Não vais apanhar nenhuma pneumonia durante o meu turno. O Jake nunca me perdoaria.

«O Jake.» Bethany pensou no quanto gostaria de o ter ali.

— Tem um pouco de confiança em mim — murmurou Ryan. Imaginou-o a tentar mantê-la direita com um braço e a puxar-lhe desajeitadamente as roupas com a outra, o corpo dela comprimido contra o dele durante o processo. «Meu Deus... que situação.» O embaraço deixou-lhe a cara a escaldar.

— Isto já está acabado antes de teres tempo para dizer «Aleluia». Bethany estava à espera da atrapalhação habitual que tinha de enfrentar com a sua mãe nas noites de natal, com ela a gemer e a esforçar-se, as pernas dela penduradas para cada lado como esparguete. Mas já o devia conhecer. Depois de a prender pela cintura com um braço, Ryan endireitou-se como se ela não pesasse praticamente nada. Quando deu por si, estava colada ao peito dele, as pernas suspensas.

— Ai, ai.

— Está tudo bem, querida. Não te deixo cair.

Ele introduziu uma mão por baixo da *T-shirt* para lhe desapertar a saia. Assim que o fez, libertou-a daquela peça de roupa, das meias e das cuecas com um único movimento. Bethany sentiu os dedos tocarem-lhe nos rins, mas, fora isso, a manobra foi executada sem qualquer toque íntimo. Ainda não se tinha referido daquela rapidez e ele já estava a puxar-lhe a *T-shirt* para baixo e a sentá-la na cadeira.

— Pronto, estás a ver? — acorrou-se novamente diante dela para lhe tirar as meias elásticas das barrigas das pernas. — Não foi assim tão desagradável, pois não?

Não fora nada desagradável, e só esse facto deixou-a a tremer. Ele agarrou-lhe nos tornozelos para lhe descalçar os sapatos pretos de pele de gamo e depois tirou-lhe as roupas.

— Arre! Os teus pés estão frios como gelo. — Passou-lhe uma mão pela barriga da perna. — Não admira que estejas a tremer.

Bethany puxou a bainha da *T-shirt* para baixo, tentando tapar os joelhos.

— Não posso acreditar que foi tão fácil. É sempre uma batalha quando a minha mãe me ajuda.

Ele deitou-lhe um olhar divertido:

— Eu vi a tua mãe ontem à noite no jantar. Ela é tudo menos grande, portanto, isso não me espanta. — Depois de pôr os sapatos de lado, levantou-se. — Agora, vou levantar-te e pôr-te na banheira. Se fechares o punho na beira da *T-shirt*, ela não sobe quando eu te baixar. Trouxe uma mola de roupa para fazer de ancora quando estiveres instalada.

Uma mola de roupa? Ele tinha mesmo pensado em tudo.

Quando ele se debruçou, Bethany preparou-se, visualmente alerta quando ele a segurou por

trás dos joelhos com um braço, sensualmente alerta quando o braço esquerdo deslizou entre a cadeira e as costas dela. Uma mão grande e quente apertou-lhe o flanco, dedos fortes abrindo-se sobre as suas costelas imediatamente abaixo do peito.

— Calma, querida — disse ele enquanto a levantava. — Não te deixo cair.

Ela sentia-se rodeada por uma força vibrante e masculina. O calor do peito nu propagava-se através da *T-shirt* e os pelos negros roçavam-lhe um dos cotovelos. A sensação era tão boa que ela quase lhe mordeu o pescoço. Tinha a cor do caramelo, o qual vinha logo a seguir ao chocolate na lista dos seus sabores preferidos.

Ele flectiu um joelho ao lado da banheira, passando-a por cima da borda e baixando-a com cuidado na água. Manteve um braço por baixo dos joelhos para lhe arrumar as pernas.

Como ele lhe sugerira, Bethany agarrou na bainha da *T-shirt* para que o algodão não flutuasse.

— Tens muito jeito para isto.

— Deve ser inato. — Deitou-lhe mais um sorriso quando tirou uma mola de roupa do bolso da camisa. Afastando-lhe a mão e agarrando na bainha da *T-shirt*, torceu-a para ajustar o algodão em redor das coxas e depois prendeu-a com a mola.

Bethany observava enquanto ele abria as torneiras da água quente e da água fria, colocando em seguida uma mão grande por baixo para verificar a temperatura. Enquanto ajustava os manípulos, Ryan disse:

— Vamos deixar-te quentinha num instante.

Ela suspirou agradecida e deixou-se escorregar um pouco mais para baixo.

— Oh, isto sabe tão bem. — A água quente que estava a sair da torneira envolveu-lhe as ancas. — Obrigada. Desculpa estar a dar-te tanto trabalho. — Não dás trabalho nenhum, já te disse. Gosto de te ter cá em casa. O calor estava a ajudá-la a parar de tremer e os músculos já começavam a descontrair-se. Ryan começou a massajar-lhe as pernas, as mãos queimadas pelo Sol estabelecendo um forte contraste com a pele pálida dela. Enquanto o observava, Bethany deu por si a desejar poder sentir-lhe o toque. Imaginou que as palmas das mãos seriam ligeiramente ásperas, os dedos longos e grossos deliciosamente quentes. «Não vás por aí, Bethany. Amizade. Nada mais, nada menos.» Não podia permitir que o seu coração tonto começasse a tecer fantasias e arruinasse o que prometia ser uma boa amizade.

Ele apanhou-a a olhar para as suas mãos e disse:

— Achei que era melhor estimular a circulação. Não te estou a magoar, pois não?

— Não. Quem me dera.

Ele olhou-a com espanto. Depois, fez uma careta.

— Claro. Desculpa. Pergunta idiota. Só pensei; que raio, sei lá o que estava a pensar. — As mãos subiram até acima do joelho. — Não consegues sentir mesmo nada? Em lado nenhum? Custa tanto a imaginar. Intelectualmente, sei que sim, mas, a um nível mais instintivo, penso automaticamente em termos de sensações.

Bethany conseguiu fazer um sorriso tenso.

— Não peças desculpa. Eu é que sou a anormal, não tu. Por acaso, tenho alguns pontos vivos. — Levou a ponta de um dedo ao interior da coxa esquerda. — Um deles é aqui.

Ele olhou para o ponto indicado como se estivesse a memorizá-lo.

— Só aí?

— E mais alguns. As lesões nos nervos são uma coisa bizarra, especialmente no meu caso, onde os danos mais graves se acumularam num dos lados da coluna. Tenho sensibilidade em lugares onde não devia ter, e nenhuma onde a devia ter. Imediatamente a seguir ao acidente, o nosso médico de família e um especialista local ficaram a olhar para mim, de sobrolho franzido e a coçar a cabeça. Eu não estava em conformidade com os manuais de referência nem com as revistas da especialidade.

Ele ficou pensativo:

— Ou seja, não tens as pernas completamente dormentes?

— Não. A dormência estende-se em manchas desde o ponto da lesão até ao alto das coxas, de onde alarga até cobrir a totalidade das pernas. — Baixou a voz para um sussurro: — Sou bastante sensível no meu traseiro, por exemplo, e consigo detectar polegares curiosos.

Estava à espera que ele se risse, mas em vez disso o olhar dele desceu até ao ponto de união das coxas.

— Não me agarres pelos cabelos nem me metas a cabeça debaixo de água por perguntar. Está bem? De um amigo para outro. Sentes alguma coisa aí em baixo?

Bethany não percebia como é que a sua cara podia ficar tão quente quando ainda continuava a sentir tanto frio, mas foi o que aconteceu. Ele retrocedeu imediatamente:

— Desculpa. Pergunta imprópria. — Devolveu a sua atenção às torneiras e depois meteu a mão na água para ver se estava bem quente. — Curiosidade, só isso. Pareces estar convencida de que não és capaz de ter uma relação física normal. Se tens alguma sensação que seja aí em baixo, eu estava só a pensar porquê.

— Para começar, o meu médico disse-me de caras que era provável que não fosse capaz.

— Os médicos podem enganar-se.

— Eu sei, mas considerando a sua reputação como especialista, a opinião dele tem bastante peso. É um dos melhores da Costa Ocidental. — Bethany passou os dedos pela superfície da água, mantendo o olhar cuidadosamente desviado. — As lesões nervosas são uma coisa estranha. Um nervo pode funcionar muito bem, mas um outro ao lado que é vital para o funcionamento pode estar morto. Por outras palavras, um sino sem badalo.

Ele riu-se:

— Ora aí está uma forma de encarar a questão.

— Seja como for que a encaremos, quem pode dizer o que poderei sentir? Apenas posso orientar-me pelo que o Dr. Reicherton me disse, o que não foi encorajador.

Ele ergueu uma sobrancelha escura.

— Ou seja, tu nunca... sabes... tentaste um voo a solo para verificar por tua conta?

Os olhos dela procuraram os dele.

— Não. Eu, hmm... — encolheu os ombros, sentindo-se subitamente desconfortável. Como podia explicar-lhe que decidira manter a sua sexualidade numa caixa bem fechada? Fazia pouco sentido alimentar necessidades e desejos físicos que talvez não pudesse satisfazer. — Não saí com ninguém desde o meu acidente e acho que nunca vi grande necessidade de verificar as possibilidades. — Deitou-lhe um sorriso travesso. — Além disso, um dos meus irmãos quase ficou cego por fazer coisas dessas.

Ele largou às gargalhadas. Então, um rubor subiu-lhe pelo pescoço. Era a sua vez de desviar o olhar.

— Desculpa. Não devia ter perguntado. — Experimentou a água mais uma vez. — Acho que, por enquanto, está suficientemente quente. O que achas?

Ela achava que ele se sentia tão desconfortável quanto ela com aquela conversa, o que tinha o estranho efeito de a deixar com uma sensação de maior descontração.

— Está ótima.

Ele fechou as torneiras e virou-se para se sentar no chão ao lado da banheira, as costas largas apoiadas nos azulejos de cor creme que subiam até meia altura. Levantando uma perna para apoiar o braço, ficou a olhar para ela.

Bethany deslizou as pontas dos dedos pela coxa, parando no joelho e voltando para cima. Quando levantou a cabeça, ele estava a puxar pelo lóbulo da orelha, um gesto que ela começava a reconhecer como um tique nervoso.

— Desculpa — disse ele com voz rouca. — Não sei o que me passou pela cabeça para te fazer uma pergunta destas. Não tenho nada a ver com isso e foi falta de educação.

Ela ficou a pensar durante um momento.

— Não me importo que perguntes. Só não sei muito bem o que responder. É como viver na cidade e ter uma espingarda de longo alcance. Se sabes que nunca terás oportunidade para a usar,

limitas-te a guardá-la num lugar seguro e esqueces-te de que a tens.

Ele sorriu e assentiu.

— Isso, consigo perceber. — Puxou outra vez pela orelha. — Bem... fala-me da tua família. Tu e o Jake parecem muito chegados. Tens o mesmo tipo de relação com os teus outros irmãos?

Feliz por poder mudar de assunto, Bethany lançou-se numa breve descrição dos seus irmãos:

— Numa família grande como a nossa, nunca é fácil ser a mais nova, e acho que foi particularmente difícil por ser a única rapariga. Demasiado protectores. Estava sempre alguém a olhar por mim. Eram necessárias muitas manobras para conseguir fazer alguma coisa.

— Tenho a certeza de que os teus pais davam valor aos esforços dos teus irmãos.

— Oh, sim. Nunca tiveram de se preocupar muito comigo. Quando o Jake foi para a universidade, estava lá o Zeke para lhe ocupar o lugar, e, quando chegou a vez dele, os gémeos andavam sempre atrás de mim.

— Os futuros veterinários. Ela assentiu.

— Logo a seguir vinha o Hank, com vinte e oito anos agora. A idade era suficientemente próxima para que fosse mais um amigo do que uma chaga. As vezes, até me ajudava.

— E os teus pais? Já conheci o teu pai na loja. Parece um homem simpático. Como é que é a tua mãe? Vi-a ao longe ontem à noite. Parece um doce.

— E é mesmo. — Bethany encostou uma mão à barriga. — Tens de a conhecer para perceber como ela é. Ela é, quais são as palavras certas? Uma freira rechonchuda sem o seu hábito e que por acaso é casada e tem seis filhos, todos os quais ela jura que foram largados por magia na bota do meu pai durante a noite, quando eles estavam a dormir. Às vezes, quase penso que ela própria acredita nisso.

Ele riu-se ao ouvir aquela descrição.

— Dá para ver pela tua cara que gostas muito dela. Bethany concordou.

— É uma mulher impecável. Só um pouco ingénua. O meu pai é da velha escola, e sempre a protegeu. A mim também, já agora. Só que não se saiu tão bem comigo. Se tivesse dependido dele, eu teria recebido apenas a informação necessária sobre os passarinhos e as abelhas.

— Que os passarinhos cantam e as abelhas zumbem?

— Exactamente. Quando ainda tínhamos o rancho, ele fazia as coisas mais incríveis para que eu nunca visse os cavalos em processo de reprodução. — Bethany sorriu. — O trabalho que me deu.

— Foste espreitar às escondidas — disse ele com um sorriso conhecedor.

— Claro.

Ryan abanou a cabeça.

— Coitado do teu pai. Criar-te deve ter sido uma dor de cabeça.

— Para ele ou para mim? Pode ser incrivelmente difícil quando és a queridinha do papá. Se tivesse de passar por tudo outra vez, tinha começado a minha actividade sexual aos doze anos.

— Doze? Isso preocupa-me. A Heidi tem doze.

— Quem é a Heidi?

Os olhos dele brilharam com ternura ao descrever a irmã mais nova de Maggie.

— Ela está sempre a pedir-me para esperar que ela cresça para se casar comigo. Não me dá tréguas. Adoro-a e não a quero magoar. Ao mesmo tempo, também não quero encorajá-la. É uma linha delicada.

— Deve ser uma querida.

— Pois é. Não há-de faltar muito para que os rapazes façam fila à porta. Vou ter de dar uma mão ao Rafe para correr com eles.

— Eu gostava tanto de cavalos quando era adolescente que quase não dava importância aos rapazes, até conhecer o Paul. Talvez a Heidi também seja assim.

— Talvez. Ela quer entrar em provas de *barrel racing*.

— A sério? — O interesse de Bethany fora despertado e estava prestes a fazer mais perguntas quando ele a interrompeu:

— Por falar no Paul. Como é que tu acabaste envolvida com um rapaz daquela idade que não percebia nada de beijos?

— Para começar, éramos novos, e o Paul era filho de um pastor e muito religioso. Essencialmente, nós so... — Ela sentiu-se subitamente embaraçada e deu por si a pensar como tinham ido parar àquele assunto. — Estávamos à espera de nos casarmos.

Os lábios dele tornaram-se duros.

— Uma pena que ele não tenha sabido manter a braguilha fechada com a tua amiga. Como é que ela se chamava?

— Nan. Como é que sabes da existência dela?

Uma sombra passou pelos olhos dele, e Ryan ficou súbita e inexplicavelmente interessado no tecto da casa de banho.

— O casamento deles foi anunciado no jornal, se bem me lembro. Não é propriamente um segredo de estado, pois não?

Ela sentiu um formigueiro na nuca.

— Porque será que os homens olham sempre para o tecto quando estão a mentir?

Ryan voltou a olhar para ela.

— Tens demasiados irmãos.

— O Jake? — murmurou ela. Não era propriamente uma pergunta. Ryan suspirou.

— Tens muita sorte, sabes? Ter um irmão mais velho que gosta tanto de ti. Era capaz de fazer frente a um puma, ele, e só com as mãos.

— Telefonou para falar contigo. Ele suspirou outra vez e disse:

— Que raio. Eu e a minha boca grande. Não o queria denunciar. — Abanou a cabeça. — E não, ele não telefonou. Apareceu aqui na noite de sábado. Tivemos uma longa e simpática conversa.

— Simpática? Tu e o Jake?

— Bem, não foi simpática a princípio. Mas ele acalmou depois de conversarmos, e convenci-o de que as minhas intenções eram honradas.

— Que nós só queríamos ser amigos? Ele sorriu.

— Isso. Grandes amigos. Ele não se importa. Não foi por mal que veio cá, sabes? Está só a olhar por ti. Admiro-o por isso.

— Deixa-te ficar. Não tarda, a tua admiração por ele não terá limites.

— E o que penso fazer — garantiu-lhe ele.

— Pensas fazer o quê?

— Deixar-me ficar.

Deitado diante da lareira com a sua mulher nos braços, Keefe sentiu a tensão no corpo dela. Depois da partilha intensa que tinham acabado de viver, tinha a certeza de que aquele estado não se devia a uma falta de satisfação sexual.

— O que se passa, minha Annie? — perguntou-lhe ele, passando-lhe uma mão pelo cabelo e dando-lhe um beijo na testa.

— Consciência pesada — confessou ela. — Devia ter ido à casa do Ryan. Em circunstâncias normais, não interferir estaria muito bem, mas não consigo deixar de pensar naquela pobre rapariga. Se tivesse outra mulher para a ajudar, sentir-se-ia muito melhor.

— Hmm!

— Achas que eu devia ir até lá?

— Estamos tão bem aqui. Uma viagem de moto de neve não me parece muito sedutora.

— Não tens de ir. Ele suspirou.

— E arriscar-me a ver a minha mulher ir parar ao lago no meio de um nevão?

— Sabes bem que não. Conheço o caminho de olhos fechados. Keefe apoiou-se num cotovelo.

— Se eu ficar aqui, perco a oportunidade de conhecer a minha nova nora.

— Ele ainda não se casou com ela. Keefe riu-se.

— Sim, pois... O Ryan sempre foi lento. Ha-de chegar lá.

— Lento? Segundo os padrões de quem?

— Dos Kendrick. Se fosse comigo, já a tinha levado a Reno e já estava de volta. Nunca percebi aquele rapaz. Rumina sobre tudo o que tem de fazer antes que se decida.

Ann abraçou-lhe o pescoço.

— Deixo-te vir comigo, mas com uma condição.

— Qual é?

— Não lhe dê conselhos. Keefe franziu o sobrolho.

— E porque não?

— Porque ele está a desembaraçar-se muito bem sozinho e eu não quero que faça alguma coisa disparatada, tipo, raptá-la.

— Eu não te raptei.

— Fingiste que estávamos perdidos e mantiveste-me no meio de parte nenhuma durante cinco dias. Se isso não é um rapto, o que é?

— Uma jogada muito inteligente. Quando te levei para casa, já tinhas aceitado casar comigo. Poupei-me a semanas de frustração. — Piscou o olho e sorriu. — Também te fiz um grande favor. Quando finalmente te levei para casa, sabias que afinal aquele magricelas da universidade não era assim tão fantástico. Também já não tinhas dúvidas de que eu podia olhar por ti, fosse qual fosse a situação.

— Ah, pois. — Ann virou-se até ficar deitada de costas, riu-se e fechou os olhos. — Até conseguiste acender uma fogueira com dois paus. Lembras-te? Mais tarde, descobri que tinhas um isqueiro escondido no bolso.

— E também tinha mais um cobertor no meu alforge.

— *O quê?*

Keefe debruçou-se e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Foi o que tu ouviste. Eu tinha dois cobertores. Ann agarrou-o pelas orelhas.

— Seu patife manhoso.

Descontraída pelo banho, Bethany aquecia-se diante da lareira enquanto esperava que Ryan voltasse da oficina. Onde estava sentada podia ver a neve a cair através das portas de correr envidraçadas, uma simpática imagem de Inverno. O lago cintilava como vidro negro polido, as margens definidas por densos aglomerados de altas árvores cobertas de neve. O crepúsculo já chegara, deixando tudo com um ar enevoado e etéreo perto do solo, os tons de carvão transformando-se em fuligem ao recortarem-se contra o céu.

Aninhando-se na cadeira, saboreava a calma, a qual lhe dava algum tempo para pensar no apuro em que se encontrava. Não que aquele fosse exactamente um apuro. Sofrera um acidente e agora tinha de passar ali a noite, uma situação que apresentava todas as características de uma catástrofe para alguém limitado a uma cadeira de rodas. Mas, até ali, Ryan conseguira satisfazer todas as suas necessidades e de uma forma tal que a deixara com uma sensação mais de estar a ser apaparicada do que de embaraço.

Exactamente como dissera, conseguira vesti-la sem grande dificuldade. Depois de forrar a cadeira de rodas com uma toalha de banho, retirara Bethany da banheira, sentara-a no pano turco e saíra. Sozinha, ela despira a *T-shirt* molhada, secara-se e vestira uma seca. Depois, Ryan voltara para a ajudar a vestir um par de calças de treino cinzentas com bainhas elásticas e cós de amarrar, o que acontecera com a mesma facilidade com que a saía, as meias e as cuecas tinham sido despidas. Aquelas roupas demasiado grandes para ela tinham então sido complementadas com um par gigantesco de meias de lã cinzenta com biqueiras e calcanhares vermelhos.

Depois de a vestir, Ryan levara a cadeira para a grande sala onde a deixara perto da lareira, cobrira-lhe os ombros com uma manta e depois mudara algumas peças da mobília para criar caminhos de circulação mais largos. Antes de sair para a oficina, preparara-lhe uma caneca de chocolate quente. Considerando as circunstâncias em que se encontrava menos de duas horas antes,

Bethany sentia-se como se estivesse presa num sonho delicioso, onde nada era como devia ser.

«Ryan.» Pensar nele deixou-lhe um sorriso nos lábios. Quantos homens teriam pensado em usar uma mola de roupa para impedir que a sua *T-shirt* flutuasse? Ele era tão querido e maravilhoso.

— Olá! Sou eu! — disse uma voz cheia.

Bethany saltou com o susto, voltou-se e viu Ryan na entrada.

— Isso foi rápido.

Mal tinha acabado de falar quando se apercebeu de que, afinal, não era Ryan, mas um estranho que se parecia tanto com ele que poderiam ser gémeos. O homem parou, nitidamente tão surpreendido quanto ela. Quando tirou o chapéu preto, a neve que o cobria lançou gotas de água em todas as direcções.

— Olá. Deves ser a Bethany. — Sacudiu a neve das mangas do blusão de ganga forrado. — Peco desculpa por molhar o chão. Tentei sacudir tudo lá fora, mas a neve não pára de cair.

— Deves ser o...

— Rafe. Conheceste a minha mulher, Maggie, ontem à noite. Bethany assentiu.

— Ela é muito simpática.

— Eu também acho. — Ele passou os dedos pelo cabelo, um gesto que a fez pensar em Ryan. Ouvira dizer que os irmãos Kendrick eram muito parecidos, mas só agora se apercebera da semelhança. — Peco desculpa por entrar assim. — Olhou para as roupas que ela tinha vestidas. — Não sabia que o Ryan tinha companhia.

— Sim, pois, o Ryan também foi apanhado de surpresa. — Contou-lhe rapidamente a sucessão de acontecimentos que a levara até ali.

— Não te magoaste, pois não?

— Nem um arranhão. Não foi muito grave. O pior foram os outros acidentes, o que tornou mais difícil que alguém me pudesse ir buscar. Se o tempo o permitir, alguém da minha família vem buscar-me amanhã de manhã.

— Duvido que o Ryan esteja com muita pressa em ver-se livre de ti. Deve antes estar a fazer uma dança aos deuses da neve.

— Desculpa?

Um rubor subiu-lhe pelo pescoço bronzeado. Puxou pela orelha, mais um gesto que a fez recordar-se de Ryan.

— Nada.

O ar frio que entrava pela porta aberta rodopiava à volta dos ombros de Bethany e ela apertou mais a manta. Rafe endireitou-se, estendeu um braço na direcção da porta, mas hesitou.

— Importas-te que eu a feche? Bethany não pôde deixar de rir.

— Não, até agradeço. Já passei frio suficiente para um dia.

— Desculpa. — Rafe fechou a porta. — Eu só, bem, tu sabes, como não nos conhecemos... Pensei que pudesses ficar desconfiada.

Bethany riu-se:

— Não sou desse género.

Mesmo com o casaco vestido, ela viu que os ombros dele se contraíram.

— Não, estou a ver que não. Ainda bem. Nós não somos de muitas cerimónias.

— É o que acontece com a maioria dos rancheiros.

Ele sorriu, a inclinação da boca mais uma vez fazendo-a pensar em Ryan.

— É verdade. As vacas não são nenhuma novidade para ti, pois não?

— Não, ainda que já tenha passado muito tempo desde a última vez que as tive por perto. És tão parecido com o Ryan, até faz confusão.

— As pessoas dizem que somos um pouco parecidos.

— Um pouco? Passavam por gémeos verdadeiros.

— Na. Eu sou muito mais bonito. — Os cantos da boca dele contraíram-se. — É o que a Maggie está sempre a dizer.

— Tenho a certeza de que é sincera.

— Pois, e também usa óculos com lentes cor-de-rosa.

— Só falamos durante alguns minutos, mas fiquei com uma impressão de que ela é uma mulher calorosa e sincera. Gostei imenso dela.

— Eu também gosto muito dela.

Rafe encostou um ombro à porta. Mais uma vez, o porte dele, com a maior parte do peso sobre uma perna comprida, fê-la pensar em Ryan. Ele estudou-a durante um momento, aqueles olhos azul-acinzentados não deixando passar nada. Depois, sorriu.

— Mas, afinal, onde está o Ryan? Acho estranho que não esteja colado a ti.

— Está na oficina de soldagem, seja lá onde for que ela fica.

— O que é que ele está a fazer lá?

— Ele, hmm... — Bethany tentou pensar numa forma delicada de explicar a questão. — Está a preparar umas barras.

— Barras?

— Para a casa de banho.

Ela viu que ele tinha percebido. Rafe afastou-se da porta, batendo com o chapéu na coxa.

— Bem, acho que vou até lá. — Inclinou a cabeça morena. — Foi um prazer. A Maggie disse que vais fazer-lhe uma visita. Ela sente a falta de companhia feminina, vivendo tão longe da cidade, espero que apareças em breve.

— É o que pretendo fazer.

Ele abriu a porta, parecia ir sair, mas parou.

— Acho que afinal não vou. O Ryan vem aí.

Bethany ouviu vozes masculinas e botas na neve, juntamente com o que parecia ser uma moto de neve a aproximar-se da casa.

— Olá mãe, olá pai — ouviu ela Ryan dizer. — O que vos traz por cá?

— Disseste que precisavas de ajuda — respondeu uma voz de mulher. — O teu pai ofereceu-se para me trazer, para ter a certeza de que eu não ia parar ao lago.

— Já tenho tudo controlado.

— A sério? Bom, ainda bem — disse a mulher. — Entramos só para conhecer a Bethany e depois vamos embora, se não houver problema.

Ryan resmungou e ouviu-se um som metálico.

— Mas há problema. Ela não está vestida para conhecer um monte de gente e eu não quero que ela se sinta... mãe, volte aqui.

Rafe sorriu a Bethany e abriu a porta.

— Olá, mãe.

Uma loira delicada entrou sem cerimónias. Ajeitou o cabelo com mãos pequenas para se livrar da neve e estendeu a face para que Rafe a beijasse.

— Olá, querido — disse ela, animada, os olhos grandes e cinzentos passando por ele até encontrarem Bethany diante da lareira de tijolo. — Amores-perfeitos. Não admira que lhe tenha dado para a poesia.

Espantada com o comentário, Bethany inclinou a cabeça numa saudação:

— Olá. Deve ser a mãe do Ryan.

— Ann — corrigiu-a ela calorosamente enquanto atravessava a sala com a mão direita estendida para a cumprimentar. — E tu és a Bethany, claro. O Ryan já nos falou tanto sobre ti.

— Ah, sim?

— Só coisas boas.

Ann Kendrick tinha um aperto de mão firme e um olhar sincero e Bethany gostou dela. Sem artifícios, sem a distância que tantas vezes erguia uma parede entre desconhecidos. Era simplesmente Ann, vestida com um par de calças de ganga justas, botas de montar bastante usadas e um blusão de ganga, branco nos cotovelos de tanto uso. Olhando para ela, Bethany nunca teria imaginado que era uma das mulheres mais ricas da região. Sem diamantes, sem ouros. A única coisa que brilhava em Ann Kendrick era o seu sorriso encantador.

Depois de lhe apertar a mão, Ann manteve-a entre as suas e sentou-se junto à lareira.

— Estas com óptimo aspecto depois do que te aconteceu hoje. Ouvi dizer que tiveste um acidente.

— Não foi bem um acidente, mais um choque com um grande pedregulho. — Bethany começava a sentir-se como um gravador encravado. — Não me magoei.

— Ainda bem. O Ryan disse-me que apanhaste muito frio. Bethany explicou-lhe que o casaco e a carteira tinham caído no chão com o impacto:

— Antes disto, nunca me tinha apercebido da quantidade de ar frio que entra pelo chão de um veículo.

Ann suspirou.

— Bom, ainda bem que te lembraste de telefonar ao Ryan. Naquela altura, um Ryan coberto de neve entrou às arrecuas pela porta aberta, debatendo-se e praguejando contra um enorme novelo de tubos que se recusava a caber na abertura. Bethany ficou de boca aberta. Mas, afinal, de quantas barras e que ele achava que ela precisava?

— Meu Deus — murmurou Ann. — Ele fez-te um arranha-céus, querida.

Bethany abafou uma gargalhada. Realmente, aquilo *parecia* um pequeno arranha-céus, com uma barra triangular pendurada numa corrente no alto da estrutura.

— Filho da puta. — Ryan levou um nó do dedo esfolado à boca.

— São dez dólares — disse Ann. — Eu estou atenta.

Ryan deitou-lhe um olhar furioso e resmungou entre dentes.

— Porque é que não tentas as portas de correr? — sugeriu Rafe.

— E depois? Se não passa por aqui, de certeza que não passa pela porta da casa de banho — respondeu Ryan.

Um vaqueiro magro e idoso com pescoço de peru e uma cara tão queimada e enrugada que mais parecia um saco de papel pardo amarrotado segurava o outro extremo do arranha-céus. O chapéu castanho mais parecia uma extensão do seu corpo, o tom de pêlo de camelo do feltro estafado e encardido praticamente o mesmo da pele do seu proprietário. Com olhos solenes, olhou para Ryan através das barras.

— Achas que ela cabe se a inclinarmos?

— Porque será — perguntou Ann em voz baixa — que os homens pensam automaticamente que qualquer coisa difícil é do sexo feminino?

Bethany quase se engasgou com uma gargalhada.

— Não faço ideia. Neste caso, ainda bem que é. Vou ter uma relação muito próxima com aquela coisa.

Os olhos de Ann dançavam de diversão enquanto observava os homens.

Sacudindo a mão magoada, Ryan recuou para estudar a estrutura sob todos os ângulos. A aba do chapéu e os ombros do blusão estavam cobertos de neve e as calças de ganga estavam molhadas até aos joelhos. Observando-o, Bethany não pode deixar de se lembrar de que ele lhe dissera que aquilo não daria trabalho nenhum.

Então, um homem mais velho que era muito parecido com Ryan e com Rafe apareceu no alpendre ao lado do vaqueiro magro, o qual Bethany calculou que seria Sly.

— Mas o que é que tu achas que a rapariga é? Uma artista do trapézio?

— Já chega, pai. Não sabíamos que altura havíamos de dar às barras e resolvemos fazer duas. E o Sly pensou que uma barra para ela se içar seria uma boa ideia, por isso é que a estrutura é alta. Se não fosse, vocês batiam com a cabeça sempre que... — calou-se e olhou para Bethany. — Sempre que tivessem de se aliviar — terminou ele.

O pai de Ryan sorriu a Bethany através das barras:

— Já agora, sou Keefe Kendrick. Esta não é a maneira mais incrível de conhecer alguém?

Era um eufemismo. Bethany não se recordava de nenhuma ocasião em que o seu equipamento de casa de banho tivesse sido o principal tópico de discussão entre pessoas que ela não conhecia.

Estranhamente, uma vez passada a primeira vaga de intenso embaraço, conseguiu descontraír-se, essencialmente porque todos os presentes pareciam tão pragmáticos. Dedicaram-se todos à empresa, conseguiram meter a estrutura dentro de casa e depois, trabalhando em equipa, acabaram por encaixá-la na casa de banho. As piadas e as gargalhadas eram constantes e em breve Bethany também se ria com eles.

— Ya-hoo! — exclamou Keefe Kendrick com uma voz atoadora quando o trabalho ficou finalmente concluído. — Parece que o raio da coisa até pode ser que funcione, filho. Ela que a experimente.

Bethany olhou assustada para o pai de Ryan, receando que ele estivesse à espera de que ela o fizesse naquele preciso momento.

— Vamos — insistiu ele.

«Meu Deus, ele está mesmo à espera que eu o faça.»

— Não é a sério — garantiu-lhe Ryan. — Só temos de ver se as barras ficaram bem. Senão, vou buscar a soldadora portátil e fazemos alguns ajustes rápidos.

E foi assim que Bethany experimentou pela primeira vez o seu arranha-céus enquanto todos os presentes assistiam. A barra triangular para se içar revelou ser um melhoramento fantástico em relação às barras de apoio que tinha em casa. Era capaz de se agarrar a ela e sair da cadeira com tanta facilidade que soltou uma exclamação de prazer. O seu público aplaudiu e Ryan e Sly sorriram com orgulho por terem feito algo que funcionava tão bem.

— Ryan, isto é fantástico!

— Gostas mesmo? — perguntou ele, esperançoso.

— Oh, *adoro*. Quando me for embora, posso levá-lo comigo?

— Nem sonhes. Esse monstro não sai daí. Se gostas mesmo dele, construímos outro para a tua casa.

Bethany franziu o sobrolho:

— Não estás a pensar deixar isto aqui.

— Não é assim tão feio se o pintar. Ela deitou-lhe um olhar incrédulo.

— Pintá-lo?

Ryan piscou-lhe o olho.

— Primeiro, aplico uma base com um *spray*. Depois, podes pintar florzinhas e coisinhas aqui e acolá. Vai ficar bem catita.

— Mas isso demorava dias.

— Por mim, é perfeito.

Keefe, que estava à porta com um braço à volta dos ombros da mulher, olhou demoradamente para o arranha-céus. Voltou-se para Bethany e disse:

— Se não queres que os homens se queixem como mulheres por causa do assento da sanita, e melhor não te esqueceres de prender aquela corrente numa das barras depois de a usares, querida. Caso contrário, alguém ainda vai acabar com os dentes no fundo da garganta.

Ann sorriu serenamente.

— Que nome lhe vais dar, Bethany? Uma coisa tão grande e desajeitada precisa de um nome.

Ainda instalada no seu trono, Bethany pensou durante um momento e deu uma pancada na barra triangular.

— Acho que lhe vou chamar Doce Vingança.

Capítulo Onze

Jantaram todos em casa de Ryan, uma reunião familiar que ficou completa depois de Rafe ir a casa buscar Maggie, a sua sogra Helen, e as três crianças. Apenas Becca, a governanta-ama, que tinha a noite de folga, não compareceu. Depois de um pouco de discussão bem-humorada,

escolheram esparguete como prato principal, com pão de alho, salada e feijão verde para acompanhar.

De um modo geral, as pessoas partiam do princípio de que Bethany não podia ajudar nos preparativos de uma refeição. Na família Kendrick esperava-se que todos ajudassem, incluindo Sly, que foi enviado a casa de Ann em busca de alho fresco. Bethany foi recrutada para preparar o pão. Ryan e a mãe trataram do molho para o esparguete. Helen ficou encarregada de pôr a mesa, Maggie e Rafe prepararam a salada. O avo Keefe e Heidi receberam como tarefa olhar pelas crianças mais pequenas, uma tarefa que parecia agradar-lhes bastante.

Aquela camaradagem recordava a Bethany a sua própria família, e adaptou-se facilmente ao círculo dos Kendrick, sorrindo ao ouvir as suas provocações, rindo-se quando se tornava o alvo das mesmas. Deu por si a desejar que aquela noite não acabasse — ou, mais exactamente, que aquela sensação de pertença não tivesse fim.

Ryan. Por vezes, os seus olhares encontravam-se e a expressão nos olhos dele fazia-a ficar sem fôlego. «Estás a ver?», parecia estar ele a dizer. «Isto pode resultar. Vai resultar, se tu me deres uma oportunidade.»

— Cuidado com os pés! — avisou Bethany quando levou o pão para o forno preaquecido. — Passo por cima de todos os que se atravessarem no meu caminho.

— Estás é a ver se te escapas de secar os pratos — disse Maggie com uma gargalhada. — Estás com azar, menina. Nós arriscamos.

A bebé acordou e começou a chorar naquela altura. A meio da leitura de uma história a Jaimie, Keefe gritou da sala:

— A Heidi está ao telefone. Alguém pode olhar pela Amelia? O Jaimie e eu estamos na parte melhor.

— Bethany, podes tratar dela? Eu estou destacada para as inundações. — Maggie enxugava a cara de Rafe com uma toalha. — Coitadinho. As cebolas nunca falham.

— Não tenho jeito para bebés — disse Bethany. — Não tenho prática.

— Nada como o presente para começar — respondeu Maggie com ligeireza. — Ela pode estar molhada. As fraldas descartáveis estão no saco ao lado do sofá.

Bethany foi até à sala. Amelia não estava satisfeita. Deitada no sofá com almofadas a ampará-la, não parava de agitar os braços e as pernas enquanto chorava. Sly estava de pé ao lado do sofá, mãos nas ancas, queixo projectado, olhos franzidos a observá-la. Avaliando pela expressão naquele rosto batido, sentia-se mais à vontade com vacas. Não podia contar com a ajuda dele.

— Já mudou alguma fralda? — perguntou-lhe Bethany, esperançada.

— Nunca tive nada a ver com crianças antes de elas saberem andar e limpar o nariz.

Sly não largou a fugir depois de dizer isto. Um verdadeiro vaqueiro não tinha pressa, mesmo quando estava a apagar um fogo. Todavia, conseguiu desaparecer com uma rapidez espantosa.

Bethany levantou Amelia dos cobertores. A cara da bebé ficou serena. Fitou Bethany com grandes olhos castanhos e sorriu, mostrando dois dentes minúsculos.

— Olá — disse Bethany em voz baixa. Introduziu a mão na fralda e, não havia dúvida, estava molhada. Nunca tendo mudado uma fralda, murmurou:

— Ena, pá. Não sei se estou preparada para ti, Amelia. Keefe levantou os olhos do livro.

— Não tem nada que saber, querida. As fraldas tem faixas adesivas. Deslizam melhor do que caca de coruja oleada.

— Ainda não temos bebés na nossa família, portanto, a minha experiência é nula.

— A Amy não é difícil de agradar. — Keefe puxou Jaimie para perto de si e virou a página do livro. — Se não fizeres tudo na perfeição, ela não protesta.

As mãos de Bethany tremiam quando abriu o saco à procura de uma fralda. Estava sempre à espera que a bebé comesse a berrar com impaciência, mas Amelia apenas gorgolejava e sorria, como se tudo aquilo fosse muito divertido.

Heidi voltou à sala na altura em que Bethany tinha acabado de tirar a fralda. Debruçou-se nas costas do sofá, os seus grandes olhos castanhos curiosos mas amigáveis.

— O Ryan diz que tu eras incrível nos concursos de *barrel racing*. Bethany olhou para ela.

— Não era má de todo. Ouvi dizer que tu também gostas.

Heidi torceu o nariz. Era muito parecida com a irmã mais velha Maggie, com as mesmas feições delicadas e uma abundância de cabelo castanho-escuro.

— Estou a tentar. O Ryan diz que talvez, se eu te pedisse com muito jeito, tu pudesses ir ver-me e dar-me alguns conselhos.

— Oh, não sei, eu...

— *Por favor?* — insistiu Heidi. — Ele diz que tu foste aos estaduais *três* vezes. Isso faz de ti o máximo, praticamente uma *lenda*.

— Não era assim tão boa — disse Bethany com uma gargalhada de embaraço.

Heidi olhou para a bebé:

— Agora, tens de a limpar.

— Oh! — Bethany sentia-se tola, com uma rapariga de doze anos a explicar-lhe como trocar uma fralda. Não sabia o que fazer.

— E o que é que eu uso para a limpar?

— Um toalhete. — Heidi contornou o sofá e começou a revirar o saco. Descobriu finalmente uma caixa branca e estreita cheia de toalhetes descartáveis. Retirou um e entregou-lho.

— Nunca fizeste isto?

— Não. — Bethany limpou o rabo de Amelia. — É a minha estreia.

— Estás a ir bem — assegurou-lhe Heidi. — Mas não tens de ser tão cuidadosa. Só tens de a limpar toda, e as dobrinhas também. Senão, a Maggie diz que ela fica toda assada. Depois, pões o talco.

Bethany assim fez, e em breve Amelia estava de volta ao normal. A bebé riu-se com prazer e esperneou, as pernas rechonchudas agitando-se por baixo da barra do vestido aos quadrados vermelhos e brancos.

— Fazemos uma boa equipa — disse Bethany à Heidi enquanto sentava a bebé no colo. — Quando a lama secar, acho que posso tirar uma tarde para ir ver-te correr.

Heidi arregalou os olhos.

— A sério? Mesmo? *Uau*, Espera até eu dizer à Alice. Vai ficar verde. Bethany riu-se.

— A Alice? Mais uma que gosta de corridas?

— Sim, e é muito melhor do que eu. Agora, fico em vantagem.

— Não sei se vou poder ajudar-te muito — avisou-a Bethany. — Não posso subir para um cavalo e mostrar-te nada. Os conselhos não ajudam assim tanto.

— Ajudam imenso. Tenho a certeza! E não temos de esperar que a lama seque. O Ryan há-de pensar nalguma coisa.

— O Ryan há-de pensar em quê? Bethany levantou a cabeça e viu que o tema da conversa se dirigia para elas. Inclinou-se para apoiar os cotovelos nas costas do sofá.

— Estás a oferecer-me para alguma coisa, Heidi?

— Só para descobrires uma maneira de a Bethany me ver correr. Ela está preocupada com a lama.

Ryan sorriu a Bethany.

— Ela tem uma fixação com a lama. Não é um problema. Posso usar umas tábuas, em último caso. Podes ir no próximo sábado? Era mais fácil do que marcar uma hora depois da escola.

— Tenho os sábados livres — concordou Bethany. — Era um bom dia.

Heidi estava tão entusiasmada que não parava de saltar.

— Isto é o máximo! — Apanhou Bethany de surpresa quando se inclinou e a beijou na cara. — Eu tinha tanta certeza de que não ia gostar de ti. Mas tu és tão simpática, e mais forte do que eu.

Bethany ainda estava a rir quando a rapariga foi a correr para quarto de dormir para telefonar à amiga.

— Porque é que ela tinha tanta certeza de que não ia gostar de mim? Ryan riu-se.

— Acho que ela te vê como uma rival.

— Ui, ui. Ele olhou para ela.

— Estás safa. Em termos de importância, eu fico bem abaixo das corridas, graças a Deus.

— Seja como for, não sou uma concorrente no que toca ao teu afecto.

— Não. Seja como for — concordou ele.

Acabada a história, Keefe poisou Jaimie no chão e ficou a vê-lo correr para a cozinha. A criança era uma réplica mínima do seu avô, o cabelo e a pele morena marcando-o como um membro da família Ken-drick.

O olhar de Bethany passou para Ryan.

— Ele é tão parecido com vocês.

Ryan olhou para o rapazinho com uma expressão pensativa.

— Sim, é verdade. Estou sempre a dizer ao Rafe que se escondeu no monte da lenha há três anos, mas ele jura que não andava por perto de Prior, Idaho, quando o rapaz foi concebido.

Bethany franziu o sobrolho e olhou espantada para o rapazinho.

— Desculpa?

— Ele não é filho biológico do Rafe. Tinha um mês de idade quando o meu irmão conheceu a Maggie. Não que isso tenha importância, seja como for. — Olhou para ela, a sua expressão subitamente intensa. — É só uma coisa que achei que devias saber.

— Não é do Rafe? — Ela abanou a cabeça. — Nunca me teria passado pela cabeça. Ele é tão parecido com vocês todos, e parecem gostar tanto dele.

— E gostamos. As linhagens são importantes nos cavalos, não nas pessoas. O Jaimie é filho de Rafe em tudo o que importa, e quando tiver idade suficiente para perceber, nunca se sentirá menos Kendrick do que qualquer um dos filhos biológicos do Rafe. A nossa família é assim. Certo, pai?

Keefe entalou a fralda traseira da camisa de cambraia no cóis das calças com os dedos.

— Isso mesmo. Eu ficava com mais uma dúzia igual a ele. Enquanto Keefe se dirigia à cozinha, Bethany observou a forma ociosa, quase desconjuntada como ele andava, tão parecida com a dos seus filhos. Um dia, quando Jaimie fosse mais velho, haveria de caminhar com a mesma graciosidade fluida, simplesmente porque fora criado por aqueles homens?

Olhou, pensativa, para Ryan. Por que motivo se convencera de que ele nunca estaria disposto a adoptar?

Um brilhinho passou pelos olhos dele quando lhe retribuiu o olhar. Quase esperava que ele dissesse alguma coisa. Mas limitou-se a endireitar-se e sair da sala, deixando-a sozinha com a bebé e com os seus pensamentos confusos.

Amelia não permitiu que Bethany pensasse muito. Bem descansada depois da sua sesta, estava pronta para conviver, e esbracejou e barafustou até que Bethany dedicou toda a sua atenção aquele rosto sorridente. Grande erro. Ela era um anjinho tão bonito, tão anafado e macio e bem cheiroso. Segurando-a nos braços, tocando-lhe, brincando com ela, Bethany não pôde deixar de desejar ter uma só sua. Uma filha que ela nunca poderia ter. O médico responsável pelas operações fora bastante claro a esse respeito: «0 mais provável é que nunca consiga levar uma gravidez até ao fim. Em minha opinião, é uma bênção. Uma mulher numa cadeira de rodas não deve ter filhos.»

Recordar aquelas palavras provocava em Bethany uma mágoa terrível, ainda agora. «Uma bênção.» Nunca ninguém lhe dissera nada tão cruel. Tinha dezanove anos quando se sujeitara à terceira operação. Apenas dezanove, e um médico praticamente a dizer-lhe que nunca poderia ter uma vida sexual normal nem uma família. Pensando bem, o que é que lhe restava? *Nada*.

Olhando para o pequeno rosto de Amelia, Bethany esforçou-se por afastar aquelas sensações. Aquilo era uma estupidez. Mais ainda, seria embaraçoso se alguém a visse com aquela cara. Só que... Estar ali em casa de Ryan, começando a conhecer a família dele... ela não seria humana se não lhe passasse pela cabeça que aquela podia ser a *sua* casa, a *sua* família.

O que é que ele tinha que a deixava naquele estado? Pois, sim. O irmão dele tinha adoptado um filho e agora, naquela fase da sua vida, Ryan poderia pensar que se daria por satisfeito se fizesse o mesmo. Só que no caso de Rafe era diferente. Ele já tinha outro filho seu com Maggie, e era

provável que viesse a ter mais. Ryan nunca poderia ter um filho com Bethany.

Como é que ele se sentiria quando tivesse cinquenta anos? Muitos homens queriam ser os pais biológicos dos seus próprios filhos. Ela desconfiava que era uma coisa de homens, de algum modo ligada à noção de auto-estima e de virilidade. O que Ryan poderia considerar pouco importante agora tornar-se-ia uma grande preocupação mais tarde. Ele era um proprietário abastado com uma dinastia a continuar. Quando envelhecesse, não haveria de querer que o seu património fosse transmitido a filhos com sangue Kendrick?

Além disso, quem é que ela estava a enganar? Como se a sua incapacidade de ter filhos fosse o único problema. Nem de longe. Ele passava a maior parte do dia no exterior, a cavalo, em terreno irregular, e as suas actividades nos tempos livres também se centravam no exterior. Um casal devia partilhar uma vida, não existir em estratosferas diferentes.

Ela não podia ter a esperança de partilhar a realidade de Ryan. Se resolvesse sair naquele preciso instante, não andaria um metro antes que as rodas da cadeira se afundassem na lama e na neve. Ryan acabaria por ter de carregar com ela e com a cadeira para onde quer que fosse. Era isso que ela queria? Transformar-se num fardo? *Não*. Queria ser uma parceira participante num casamento, não uma observadora.

E, naquele rancho, uma observadora era tudo o que ela podia ser.

Parado junto à bancada, Ryan olhou para ela naquela altura. Por um instante, Bethany sentiu-se como se o mundo tivesse desaparecido e eles fossem as duas únicas pessoas naquela sala.

Foi ela a primeira a desviar o olhar e fê-lo com uma peremptoriedade sentida. Talvez Ryan pudesse aceitar a sua paralisia, mas nunca poderia aceitar tudo o que lhe estava associado — ou, mais concretamente, tudo o que não lhe estava associado, filhos dele e uma mulher fisicamente activa figurando no topo da lista.

Mais importante, só uma mulher muito egoísta lhe pediria uma coisa dessas.

Depois de um jantar muito agradável em redor da mesa da cozinha, Ryan ligou o leitor de vídeo e todos passaram a sala para ver o filme, uma história infantil sobre dois cães e um gato que embarcavam numa viagem através do país para voltarem a casa. Bethany estava à espera de ficar na sua cadeira como fazia quando via filmes com a sua família, mas Ryan tinha outras ideias. Agarrou nela, poisou-a no cadeirão declinável e sentou-se ao lado dela.

Depois de colocar uma manta em cima de ambos, levantou o apoio dos pés e passou-lhe um braço à volta dos ombros.

— Confortável?

Ela estava mais do que apenas confortável. Era delicioso, poder aconchegar-se numa cadeira fofa como uma pessoa normal.

— Perfeita — assegurou-lhe ela.

— Pois és — concordou ele em voz baixa. Antes que Bethany pudesse perguntar-lhe o que queria dizer, ele perguntou: — Já viste este filme?

— Não. E tu?

Ele olhou para as crianças, que estavam sentadas numa ponta do sofá com Rafe e Maggie. Mais parecendo suportes de livros desirmanados, Sly e Helen estavam sentados lado a lado na outra extremidade.

— Diria que todos já o vimos cerca de vinte vezes. É o preferido do Jaimie. A Sally Fields faz a voz do gato e o Michael J. Fox faz a do cão mais novo.

— A sério? — Bethany olhou para a mãe de Maggie, Helen, cujos olhos castanhos estavam fixos no ecrã. Se já vira o filme assim tantas vezes, Bethany não percebia por que motivo estava tão ansiosa para o ver mais uma vez.

— A Helen não joga com o baralho todo — murmurou Ryan.

Sly olhou para ele e franziu o sobrolho, levando Bethany a pensar se não teria ouvido o comentário, não o tendo apreciado. Bethany deitou um olhar espantado a Ryan:

— O que é que queres dizer com isso?

— Ataque cardíaco — explicou ele. — Privação de oxigénio no cérebro. É uma querida, só

um pouco infantil.

Olhou para Helen com novos olhos. Durante o serão, reparara que a mãe de Maggie era estranha de uma forma muito querida.

— Ainda é tão nova e tão bonita. Que pena.

— Depende da forma como vires a questão, acho eu. Vai pensar mais ou menos como uma criança de dez anos para o resto da vida, mas é a pessoa mais feliz que alguma vez hás-de conhecer. Cinquenta e cinco anos de idade, e acredita no Peter Pan.

Bethany estudou Helen durante mais um pouco e decidiu que Ryan tinha razão. Ela parecia tão feliz, os olhos a brilhar de prazer quando o filme começou. Parecia estar tão cativada como as crianças.

Bethany dirigiu a sua atenção para o televisor, esperando apreciar o filme. Não era uma tarefa fácil. Para o fazer, tinha de ignorar as carícias das pontas dos dedos de Ryan no seu ombro. Ele descrevia círculos na manga, num assalto incessante às suas terminações nervosas. A pele dela queimava onde ele lhe tocava.

Quase lhe pediu para tirar a mão uma dúzia de vezes, só que se o fizesse, ele ficaria a saber que o seu toque a perturbava. Afinal, era apenas um toque inocente — um movimento ausente e repetitivo das pontas dos dedos no tecido de algodão.

Ao ver a expressão que provocava as rugas na testa lisa de Bethany, Ryan sorriu para consigo. Sabia perfeitamente qual era a causa e continuou sem um único vestígio de culpa. Qualquer mulher nova que nunca voara a solo precisava urgentemente do toque da mão de um homem, e, naquele caso em particular, não bastaria a mão de qualquer um. Ryan estava decidido a ser ele quem a ensinaria a voar.

Olhou para o outro lado da sala e piscou o olho à mãe, que estava sentada no colo do pai. Ann Kendrick sorriu sonolentemente e aninhou-se contra o seu marido, poisando a cabeça no ombro dele.

Quando o filme acabou, Bethany não conseguia recordar-se de grande parte da história.

— Foi muito agradável — disse Ann enquanto se levantava da caldeira. — Mas agora está na hora de esta velhota ir para casa deitar-se na sua caminha confortável. — Deu um abraço a Rafe e ao resto da família dele e foi por trás do sofá ate ao cadeirão declinável. Depois de se debruçar para beijar Ryan, poisou uma mão no ombro de Bethany:

— Gostei muito de te conhecer, Bethany. Espero passar a ver-te muito mais vezes a partir de agora.

Bethany estava a pensar em algo para dizer em resposta quando Keefe atravessou sonolento a sala para se juntar à mulher. Passou um braço à volta dela.

— Vamos para casa, Annie. Essa cama de que falaste parece-me muito convidativa.

Com o seu cabelo grisalho a brilhar como prata com a luz difusa, Keefe baixou a cabeça para morder o pescoço da mulher e sussurrar qualquer coisa enquanto se dirigiam para a porta.

Ann levantou um braço e deu-lhe uma pancada no alto da cabeça com os nós dos dedos.

— Keefe Kendrick, pára com isso. Os nossos netos estão aqui.

— Estão todos a dormir, mãe — disse Rafe enquanto se debruçava sobre Heidi para lhe vestir as mangas da *parka*. — E não pensem que se escapam como um caszinho de adolescentes. Preciso de ajuda com a carga.

Helen levantou-se atrás do seu genro, quase chocando com Sly quando aquele se levantou.

— Calma, querida — disse ele quando a agarrou. — Não vale a pena cansar-se para não ir a lado nenhum.

A cara dela ficou rosada quando deitou a Sly um olhar tão coquete como o de uma rapariga. O capataz apertou-lhe ligeiramente o ombro, o que a fez corar ainda mais.

— Só quero ajudar — explicou ela.

— Tenho a certeza de que o Rafe há-de pensar nalguma coisa para a Helen fazer — disse o capataz. — Não é, Rafe?

Rafe sorriu:

— Pode calçar-lhe os sapatos, Helen. Já era uma ajuda.

Keefe voltou atrás para ajudar o filho mais velho. Ryan percebeu que aquela era uma deixa para começar a ajudar também. Enquanto Rafe comandava as tropas no outro lado da sala, Ryan levou Jaimie para o cadeirão e começou a tentar calçar as luvas de Inverno nas mãos inertes do rapaz. Pouco depois, Bethany também tentava ajudar e, passados segundos, estavam os dois a rir.

— Isto é como tentar apertar umas botas com atacadores de couro molhados — queixou-se Ryan. — Que raio, Rafe, porque é que não compras umas luvas sem dedos ao rapaz?

Rafe espreitou por cima do ombro do irmão.

— Ele quer luvas a sério como as minhas.

Jaimie gemeu durante o sono e afastou a mão, o que os deixou de volta à estaca zero.

— Oh, por favor — queixou-se Ryan.

Maggie aproximou-se. Incapaz de ajudar porque tinha Amelia no colo, limitou-se a observar durante um momento e depois riu-se e abanou a cabeça.

— Rafe, guarda as luvas no bolso do casaco dele.

— Não quero que ele fique com as mãos frias — insistiu ele enquanto se ajoelhava ao lado do irmão. — Vamos lá, rapaz. — Prendeu o rapaz na curva do braço. — Vamos, Jaimie. O papá precisa que tu acordes.

Jaimie aninhou-se contra o peito do pai.

— Papá — murmurou ele.

Deixando Rafe encarregado das luvas, Ryan começou a tentar arrumar os pés de Jaimie nas suas botas de vaqueiro. Depressa se tornou óbvio que seria mais uma tarefa difícil. Bethany olhou para Maggie, que lhe sorriu.

— Eles protegem-no de mais — disse ela em jeito de explicação. — Não têm cura, portanto, eu deixo andar.

— Não é nada disso — disse Rafe. — Mas está muito frio lá fora.

— O Jaimie não é muito grande, Maggie — interveio Ryan. — Não tem muita carne. E o Rafe tem razão. Esta noite está mais fria do que o traseiro de um cavador de poços.

Keefe afastou os filhos para um lado:

— Por favor, não é assim tão complicado vestir uma criança. Juntaram-se todos para ver Keefe conseguir vestir o rapazinho adormecido. Depois de conseguir calçar-lhe uma luva, recuou, coçou o queixo e disse:

— E que tal se o embrulhássemos numa colcha?

Aquela sugestão foi recebida com entusiasmo e, em breve, Ryan estava a acompanhar a família à porta. Antes de partir, Keefe inclinou-se para dar um abraço a Bethany.

— Boa noite, minha querida. Fazes um pão de alho razoável. Acho que ficamos contigo.

Bethany olhava sem ver para o ecrã do televisor durante a ausência de Ryan. Rezou para que ele soubesse manter a distância agora que iam ficar sozinhos. Se não o fizesse, ela não tinha a certeza de conseguir resistir-lhe.

Quando voltou para a sala, Ryan percebeu que ela estava tensa assim que lhe viu a cara. Deixou-se ficar perto da lareira, pernas afastadas, braços cruzados sobre o peito. Tanto quanto se podia aperceber, ela suportara todos os rodeios e manobras sensuais que poderia suportar. Se ele fosse inteligente, dava-lhe tréguas. Teria todo o tempo do mundo para a convencer mais tarde se conduzisse bem a situação e a deixasse com vontade de voltar para outras visitas.

— Pareces exausta — disse ele. — Acho que o melhor é preparar-te para dormir. Aqui, tão longe da cidade, nunca sei quando vou ter visitas inesperadas que passam cá a noite, portanto, tenho escovas de dentes e coisas assim a mais.

— Ainda bem. Agradeço uma escova de dentes.

Ele recordou-se subitamente de que ela não tinha tornado os medicamentos.

— Que raio. Não me lembro de te ver beber muito vinho ao jantar.

— Tive medo de ficar tonta e passar uma vergonha à frente da tua família.

Ryan foi à cozinha.

— Bem, eles já se foram embora. Se ficares tonta, não tem importância.
 Agarrou na garrafa de vinho meio cheia e tirou dois copos de um armário.
 — Apetece-te comer alguma coisa antes de te deitares?

Ouviu o zumbido da cadeira de rodas e, levantando a cabeça, viu-a contornar a outra ponta da bancada para lhe fazer companhia. Enquanto começava a tirar *pickles* de um frasco e a cortar queijo na tábua, perguntou-lhe:

— Como é que funciona essa cadeira?

— Uma bateria recarregável. Vou ter de a ligar a uma tomada durante a noite.

— Tudo bem. — Ryan sorriu enquanto lhe metia um pedaço de queijo na boca e entregou-lhe um copo de vinho. Quando ela quisesse, estava disposto a recarregar as baterias daquela mulher.
 — Duma vez. Dois copos cheios.

— Não precisas de insistir. Não quero ter câibras nas pernas.

Sem saber porque, Ryan nunca pensara que os paraplégicos poderiam sentir dor nas pernas. Na realidade, partira exactamente do pressuposto contrário, de que nunca sentiam nada, o que o fez pensar quantos mais dos seus outros pressupostos estariam errados. Estudando o rosto dela, que estava a sorrir noventa e cinco por cento das vezes, percebeu que começava a pensar em muitas coisas agora que a ia conhecendo melhor, nomeadamente, quantas vezes ela sorria quando o que realmente lhe apetecia era chorar.

Recordou-se de ter visto um filme chamado *Passion Fish* sobre uma mulher paraplégica. A cena que lhe ficara gravada na memória era a de uma mulher sentada na cozinha, frustrada pela sua incapacidade, que começava subitamente a gritar. Puxando os cabelos e berrando a plenos pulmões, tendo apenas as paredes a ouvi-la. Houvera alguma ocasião em que Bethany quisera puxar os cabelos e gritar? Provavelmente. Sem dúvida, ainda haveria alturas em que lhe apetecia fazê-lo.

— Uma massagem alivia as câibras? — perguntou ele.

— Eu tinha de me torcer tanto para me massajar que acabava por ficar com espasmos, que ainda são piores — disse-lhe ela com uma gargalhada.

Ryan não se teria importado de poisar as mãos novamente naquelas pernas bonitas para lhes dar uma massagem, prestando especial atenção ao ponto no interior da coxa esquerda. Aquele pensamento levou a outro, ainda mais frustrante, de que Bethany talvez tivesse alguma sensação, ainda que parcial, nas suas partes íntimas. Talvez estivesse a exagerar, mas parecia-lhe que ela tinha boas hipóteses, excelentes até, de apreciar uma relação sexual, se houvesse pontos em que conseguisse sentir alguma coisa.

Pensar naquilo fê-lo agarrar no copo de vinho. Se tinha alguma esperança de dormir naquela noite, precisava de uma boa dose. Sentado no cadeirão com ela durante quase duas horas, a sua libido ficara inflamada.

Concentrou-se na comida e no vinho, decidido a não deixar que o seu olhar se perdesse nas curvas de Bethany. Depois de lhe servir um prato, começou a comer. Bethany agarrou num pedaço de *pickles*. Em lugar de o morder, levou a ponta da língua à extremidade e começou a chupá-lo. Ryan não tirava os olhos, uma fatia de queijo esquecida entre os dentes. «Que inferno.» Estava metido num bom sarilho. Vê-la chupar aquele *pickle* era o suficiente para o mandar para um mergulho gelado no lago.

Empurrando o queijo para a bochecha, perguntou numa voz abalada:

— Gostas de *pickles*?

— Mmm! — Ela chupava e mordiscava o pedaço, deixando-o louco sempre que estendia a ponta da língua. — E tu?

Ryan duvidava que lhe conseguisse sentir o sabor. A pulsação latejava-lhe nas têmporas como cascos ferrados sobre betão.

— Não tenho dúvidas de que gosto de te ver comê-los.

Bethany parou, envesgando ligeiramente os olhos ao olhar para baixo. As suas faces ficaram rosadas e ela tirou o *pickle* da boca.

Ryan sorriu, conhecendo uma sensação de satisfação puramente masculina por tê-la feito

corar. Ela não lhe era tão indiferente quanto tentava parecer, e ele deixava-a um pouco nervosa, o que era sempre um sinal encorajador.

— Não pares. Sabe-me bem ver uma mulher saborear a sua comida. — Uma das coisas que mais o irritavam eram as mulheres cuja obsessão com a magreza regia todos os aspectos da sua vida. — São tantas as mulheres que estão sempre em dieta hoje em dia. Ultrapassa-me, mas comportam-se como se comer fosse um pecado mortal. Quando como um *filet mignon*, gosto que uma mulher me faça companhia e goste do que está a comer.

Ela olhou-o nos olhos e deu uma grande dentada no *pickle*. Ryan fez os possíveis por não fazer um esgar. Quase soltou uma gargalhada porque sabia muito bem que ela fizera de propósito, apenas para o excitar. Os olhos dela tinham uma expressão travessa. Bethany era uma mistura tão fascinante, pensou ele, com uma grande falta de experiência concreta com homens, mas astuta e capaz de ler nas entrelinhas. Ele gostava daqueles duelos com Bethany.

— Nesse caso, estou bem para ti — disse-lhe ela enquanto mastigava, com uma bochecha dilatada. — Gosto de comer. Mas, quanto ao meu *filet mignon*, devoro-o até ao último pedaço.

Ele riu-se ao ver a expressão nos olhos dela.

— Muito bem. E qual seria a sobremesa? Ela ergueu as sobrancelhas delicadas:

— Ainda tens de perguntar?

— Chocolate?

Bethany ficou com uma expressão sonhadora.

— Quanto mais doce e pior para a linha, melhor. Tenho uma fome de chocolate que nem te passa pela cabeça.

Ryan pensou se ela saberia que os ingredientes do chocolate alegadamente reproduziam os sentimentos que uma mulher tinha quando estava apaixonada. Aquela ideia acabara de lhe ocorrer quando ela disse:

— É um grande substituto para o sexo, sabias? Um facto provado cientificamente.

Desta vez, ele riu-se.

— Estás a fazer os possíveis para me chocar, não estás?

Ela sorriu beatificamente.

— Só a testar a tua resistência. Com cinco irmãos, aprendi cedo que é melhor manter um homem na linha do que o contrário. Porquê? Ficas preocupado com uma visita sexualmente frustrada? Podes sempre preparar uma *mousse* de chocolate.

Ryan Kendrick tinha uma cura garantida para o mal que a afligia, e de certeza que não era chocolate.

Capítulo Doze

Com dois copos de vinho para a descontrair, Bethany dormiu profundamente e acordou na manhã seguinte bem repousada mas desorientada. Algumas pessoas cantavam no duche e abriam os braços para receber o novo dia. Quando ela acordava, apenas lhe apetecia cafeína, solidão e silêncio absoluto até passar a rabugice. Era sempre assim desde o acidente, uma sensação terrível de estar encurralada apoderando-se dela assim que abria os olhos e se apercebia de que os seus sonhos nunca voltariam a ser possíveis. Sonhos em que caminhava e corria... andava a cavalo e dançava... em que se libertava da prisão em que o seu corpo se transformara.

A luz da manhã entrava através das janelas, o seu brilho quase a cegando porque reflectia a neve no exterior. As cortinas de cor crua de pouco serviam para atenuar a claridade. Bethany abriu um olho, gemeu, e passou um braço por cima da cara. Até o roçar do tecido da fronha parecia demasiado barulhento.

Com a esperança de se adaptar lentamente à claridade, baixou o braço. As paredes brancas eram mais brancas do que o branco. Não havia nada para quebrar a monotonia, nenhuma fotografia, nenhum quadro, nada. A cómoda e a secretária estavam praticamente nuas, sem bibelôs nem

napperons. Os quartos de hotel tinham mais personalidade.

Homens. Como é que podiam viver assim? Os irmãos dela eram iguais. A ideia que tinham de decoração consistia em pendurar um calendário na parede durante a primeira metade de Janeiro.

Bethany gemeu e afastou os braços do corpo. Olhando para o tecto, tentou recordar-se de ter ido para a cama. Imagens desfocadas rodopiavam na sua mente. Recordava-se de Ryan sentado ao lado dela depois de se deitar, mas não se lembrava do que tinham falado. A única recordação distinta era do brilho dos olhos dele com a luz difusa, um azul suave e prateado que a deixava com arrepios sempre que ele olhava para ela.

Deitada de costas, amaldiçoou silenciosamente as suas pernas, desejando poder voltar-se de lado para aliviar a tensão entre os ombros. Impossível. Virar-se dava mais trabalho do que merecia, puxar e levantar e torcer. Era melhor deixar-se ficar ali deitada como uma baleia encalhada e dar-se por satisfeita.

Ensonada, estudou os desenhos no tecto de estuque, que também se encontrava pintado com um branco implacável. Como é que ela ia sair da cama? A porta do quarto estava fechada e, ainda que estivesse atenta, não ouvia qualquer ruído indicativo de que Ryan estivesse a pé. Logo pela manhã, a primeira coisa de que sempre precisava era de usar a casa de banho. Pequeno problema. Sem o seu elevador, estava presa.

Não queria pedir ajuda e acordá-lo. Apoiando-se nos cotovelos olhou para a sua cadeira, que ele deixara junto à parede, perto de uma tomada para recarregar a bateria. Não chegava a estar a dois metros dela, mas bem poderia estar nos confins setentrionais do Canadá.

— Raios! — exclamou ela. — *Detesto isto*. Detesto, detesto, detesto. Segundos depois, bateram à porta.

— Estás decente?

Bethany sobressaltou-se e pestanejou:

— Sim. Entra.

A porta abriu-se e Ryan espreitou. Ainda molhado do duche, o cabelo negro e ondulado brilhava como obsidiana polida e o queixo reluzia com a luz da manhã, indicando que acabara de se barbear. Parecia perfeitamente acordado e desagradavelmente bem-disposto. Ela detestava pessoas que sorriam tão cedo. Ficava com vontade de lhes dar um murro.

— Olá — disse ele, dentes fortes e brancos brilhando num sorriso. Abriu mais a porta.

— Como é que sabias que eu estava acordada? — perguntou ela, irritada.

Ele apontou com o polegar para uma caixa de plástico branco montada na parede perto da porta. Seria que tudo o que se encontrava acima do nível do chão naquela casa era branco?

— Intercomunicador. Estava a tomar o pequeno-almoço e à espera de te ouvir mexer. — Sorriu novamente. — Parece-me que estás um pouco resmungona.

Resmungona não traduzia nem metade. Levantar-se da cama demorava uma eternidade. Depois, seguia-se o processo arrastado de ir para a casa de banho. À semelhança da maioria das pessoas, ela queria uma chávena de café assim que abria os olhos, e passava-se geralmente meia horas antes de sequer ver a cozinha.

Ryan aproximou-se de cama. Bethany olhou para ele, detestando o facto de não poder levantar-se sozinha e ter de ficar ali, à espera de que ele a ajudasse.

— Tens as paredes vazias. Não te cansas de olhar para tanto estuque branco?

Ele deu uma vista de olhos ao quarto.

— Por acaso, não olho muito para as paredes.

Grande novidade.

— Bem, precisas de decorá-las. A tua casa diz quem tu és.

— Ui, ui.

— Isso mesmo. Se as tuas paredes fossem um indicador, não tinhas personalidade.

Ele riu-se e disse:

— Estou a tratar de arranjar um decorador.

— Não precisas de um decorador. Precisas de... *coisas*.

— Que género de coisas?

— Não sei. *Coisas*. Sabes, coisas que reflectam quem tu és.

— Tenho espelhos nas casas de banho. Eles reflectem quem eu sou.

— Muito engraçado. Não tens coisas que sejam importantes para ti? — Puxou o lençol, cujo canto ficara preso debaixo do traseiro. — Tens de pendurar coisas nas paredes que digam algo.

— O que é que eu quero dizer?

— Que és alguém. Que viveste e tiveste experiências de vida. Fotografias dos teus cavalos, talvez. Imagens das pessoas de quem gostas, pelo menos.

— Tenho um par de botas velhas das quais gosto muito. Ela olhou-o furiosa, o que o fez rir.

— És sempre assim de manhã? — perguntou ele.

— Sim.

— Ai. — Ele inclinou-se para puxar as cobertas para baixo e depois agarrou nela.

Bethany agarrou-se à camisa dele, ainda não muito à vontade:

— Só aceito reclamações depois do meio-dia. Ele poisou-a na cadeira.

— Estou na cozinha, querida. Tens o pequeno-almoço à espera. Quando Bethany foi ter com ele alguns minutos depois, Ryan deitou-lhe um olhar desconfiado.

— Estás mais bem-disposta desde que te vi pela ultima vez?

Ela parou perto da bancada e esfregou os olhos. Tinha o cabelo todo emaranhado, cheirava mal das axilas, e, tanto quanto podia dizer, Ryan não tinha uma escova, apenas pentes que lhe puxavam o cabelo comprido pelas raízes. Ela era uma criatura de hábitos, com rituais matutinos que começavam o seu dia. Ali, nem sequer tinha roupa lavada para vestir.

— Posso beber um pouco de café?

Ele correu para a máquina e encheu uma caneca.

— Como é que o bebes?

— Forte?

— Sem natas, sem açúcar?

— Isso mesmo. Direito à veia está muito bem.

Ele riu-se, o que lhe valeu mais uma expressão furiosa.

— Queres uma unha para roer?

Ela ignorou a graça, agarrou na caneca e foi para junto da lareira da cozinha, olhando com uma expressão ausente para as chamas enquanto tentava acordar. Depois de beber o café, começou a sentir-se um pouco mais humana e muito mais culpada por ter sido tão brusca.

— Desculpa a rabugice.

Ryan levantou-se da mesa e foi ter com ela, poisando um pé no tijolo enquanto olhava para ela.

— Não foi assim tão mau que tenhas de pedir desculpa. Apenas foste um pouco áspera.

Ela tentou suprimir um sorriso.

— Estás a ser bem-educado. O Jake diz que já viu texugos mais bem-dispostos do que eu quando acordo de manhã.

— A sério? — Ele encolheu os ombros e suspirou. — Ora aí está um bom irmão, sempre pronto a dizer-te a verdade nua e crua, quer tu queiras ouvir quer não.

Bethany rebentou às gargalhadas.

Jake chegou meia hora depois. Bethany já se lavara o melhor que conseguira e estava a apreciar uma segunda caneca de café quando Ryan e o irmão dela entraram em casa, conversando e trocando piadas como se fossem grandes amigos.

Bethany não estava com disposição para rituais masculinos. Olhou para o irmão com os olhos semicerrados e sorriu docemente.

— Meu Deus, mas que oportuno. Espanta-me que tenhas encontrado a casa do Ryan tão facilmente.

Jake olhou para Ryan. O seu olhar passeou pela sala, parando no tecto.

— Já tive de tratar de coisas por estas bandas.

Ryan clareou a voz e tentou fazer-lhe sinal com um olhar de esguelha, o qual Jake perdeu porque estava ocupado a contar as rachas no tecto e a parecer inocente.

— A sério? — insistiu Bethany. — Que género de coisas?

Jake coçou a cara diante da orelha, olhou para ela e abandonou a observação do tecto, estudando agora a tijoleira do chão.

— O Rocking K está sempre a encomendar coisas da loja. Tu sabes isso.

— E por isso é que passaste por cá, para entregar uma encomenda? Jake pareceu ficar aliviado.

— Sim, exactamente. Vim cá há pouco tempo entregar uma encomenda. Certo, Ryan?

Ryan encolheu os ombros e olhou desconfiado para Bethany.

— Foi uma encomenda, podes ter a certeza.

Jake franziu a testa. Olhou para Ryan, depois para ela, com os lábios apertados e uma expressão pensativa nos olhos.

— Deste com a língua nos dentes — disse ele em voz baixa. Ryan levantou as mãos.

— Foi um acidente, parceiro. Estávamos a conversar e ela apanhou qualquer coisa que eu disse. Quando me perguntou à queima-roupa, não lhe quis mentir.

Jake olhou para a irmã como quem pede desculpa.

— Não foi nada de especial, Bethie. Só queria esclarecer algumas coisas com o Ryan. Só isso.

— Mas foi especial. Estás *sempre* a meter-te na minha vida. Isso tem de acabar.

Ele encolheu os ombros.

— E acabou. Não repito.

— Porquê a súbita mudança de ideias? Escapou-me alguma coisa? Jake sorriu-lhe.

— Não. Apenas percebi que é provável que não precisas que eu continue a olhar por ti.

Subitamente, Ryan entrou em acção:

— Que tal um café antes de voltares, Jake?

— Parece-me bem.

Ryan tirou uma caneca do armário.

— Nada como uma boa caneca de Java numa manhã de neve.

— É verdade. Não há nada melhor. — Jake sentou-se ao lado da irmã. — Posso perguntar-te se estás bem, ou também vou ser mal recebido?

Bethany teve a sensação de que os dois estavam ansiosos por mudar de assunto, e uma vez que achava que tinha deixado bem claro o que sentia, descontraiu-se.

— Não, não és mal recebido e, respondendo à pergunta, estou bem. Nem sequer um arranhão, e o Ryan foi um excelente anfitrião ontem à noite. — Descreveu o serão a Jake. — Ele tem uma família muito simpática. Excederam-se todos para me fazerem sentir bem-vinda.

— É bom saber isso.

Ryan sentou-se do outro lado da mesa. Parecia tenso, mas Bethany não conseguia perceber porquê. Não era por causa da presença de Jake. O seu irmão mudara de opinião e não poderia estar a ser mais simpático.

Os dois falaram sobre gado durante alguns minutos. Depois, a conversa passou para os cavalos, um tópico que Bethany achava muito mais interessante. Como se se apercebesse disso, Jake levantou-se de repente.

— Então, mana? Estás pronta? Bethany suspirou.

— Não corro nenhum risco se *falar* sobre cavalos, Jake. Jake sorriu.

— Se meteres na cabeça que queres voltar a montar, o pai não há-de vir atrás do meu coiro. Deixo que o Ryan se aguentar à bronca.

— Não vou voltar a montar. Jake olhou para Ryan.

— Eu nunca disse isso.

Voltar para casa era o menor dos problemas de Bethany. A sua carrinha especialmente

equipada continuava no fundo de uma vala. Jake disse-lhe que não se preocupasse, que podiam passar sem ela na loja até que voltasse a ter transporte próprio, mas Bethany estava preocupada. Tinha contas para pagar e estava decidida a sustentar-se. Podia demorar um dia até que as estradas ficassem suficientemente desobstruídas para que um reboque pudesse levar a carrinha para uma oficina, e só Deus sabia quanto mais tempo até que as reparações necessárias estivessem prontas.

Ryan telefonou naquela tarde e percebeu imediatamente pelo tom dela que estava preocupada. Quando lhe disse porquê, tentou tranquilizá-la:

— Se precisas de ir a algum lado, posso levar-te.

— Não, não. É só que detesto faltar ao trabalho enquanto isto não estiver resolvido. Vai ser um grande rombo no meu ordenado.

— Posso fazer-te um pequeno empréstimo.

— Não é isso. O Jake não tem problema nenhum em dar-me o dinheiro.

— Então, qual é o problema?

Ela suspirou e torceu o fio do telefone à volta do dedo.

— O problema é esse. Nada deixaria a minha família mais feliz do que eu depender deles e não trabalhar de todo. Deixa-me... — calou-se. — Sei que parece um disparate, mas saber que vou faltar ao trabalho durante uma semana ou mais, deixa-me em pânico.

Silêncio prolongado do lado dele.

— Em pânico por causa de quê, querida? Voltas ao trabalho na semana seguinte.

— E o Jake há-de estar lá com o dinheiro na mão, todo contente por estar a tomar conta de mim.

— Ele é mesmo um palerma. Bethany riu-se e fechou os olhos.

— Eu sei que estou a ser tonta. É só que... não consigo explicar.

— Tenta.

— Esforcei-me tanto para não precisar de ninguém. Não é nada de especial para os outros, mas para mim, ser independente, ganhar a minha vida é tudo. Sei que não soa bem, mas a minha família paira à minha volta como um bando de abutres, apenas à espera de que eu falhe. Os meus pais adoravam que eu voltasse para casa, para que a mamã pudesse olhar por mim e o papá estragar-me com mimos. Ficavam contentes se eu nunca mais voltasse a trabalhar, se eu os deixasse fazer tudo. Só a ideia deixa-me com dificuldade em respirar.

— E não teres a tua carrinha pode facilitar-lhes a vida.

— Exactamente. Sem ela, perco terreno. A intenção deles é boa. E adoro-os a todos. É horrível pensar assim, quanto mais dizê-lo.

— Eu entendo. Todos temos a necessidade de sermos auto-suficientes.

— Os meus pais querem-me de volta ao ninho.

— Bem, nos não vamos deixar que isso aconteça, portanto, não te preocupes. Se eles tentarem levar-te para o ninho, eu dou-lhes com uma tranca. Que tal?

Ela sorriu com tristeza. O simples facto de ele sentir a necessidade de lhe oferecer o seu apoio fazia-a sentir-se um ser inferior.

— Obrigada, Ryan. És um bom amigo.

Depois de ele desligar, Bethany foi até a uma janela e olhou para a neve. Em Portland, nunca ficara presa daquela maneira. Quando nevava, as condições de condução não eram tão más. Pelo menos, nunca caíra numa vala numa estúpida estrada de montanha.

Ela precisava da sua carrinha. Era a sua liberdade. Nem sequer podia ir à mercearia comprar pão sem ela. Enquanto não a tivesse de volta, seria uma prisioneira na sua própria casa, dependente de terceiros para tudo.

Era quase meia-noite ainda no mesmo dia quando o toque da campainha da porta arrancou Bethany de um sono profundo. Debateu-se com o elevador para conseguir sair da cama, o coração a bater furiosamente devido ao medo. Ninguém na sua família apareceria aquela hora se não tivesse acontecido qualquer coisa de grave. «O meu pai.» A primeira coisa que lhe ocorreu foi que ele tivera um ataque cardíaco. «Meu, Deus, meu Deus.» O pai dela não.

— Raios! — Puxou pelo elevador, irritada com o facto de não poder simplesmente saltar para fora da cama e correr até à porta. Quando a campainha soou de novo, pensou se seria um dos seus irmãos. Todos eles tinham chaves, para o caso de ela cair. Porque é que estariam a tocar?

— Já vou! — gritou ela.

Minutos mais tarde, destrancou a porta e abriu-a para espreitar. Esquecera-se de acender a luz e apenas conseguiu ver a sombra volumosa de um homem. «Ryan?» Estava com vontade de o matar. Ele estava louco, aparecer àquela hora?

— Tiraste-me dez anos de vida.

— Desculpa, querida. Não a consegui trazer mais cedo.

— Trazer o quê?

Ele abanou um conjunto de chaves diante do nariz dela.

— A tua carrinha. Já está a funcionar. Usamos solda líquida para consertar o radiador. Não é definitivo, mas dura até eu te arranjar outro.

Bethany sentiu um nó na garganta. Abriu mais a porta para olhar para a rua e, sem dúvida, lá estava a carrinha. Atrás dela, um jipe de tracção às quatro rodas estava com o motor a trabalhar, os faróis projectando uma luminosidade amarelada na neve.

— O Sly ajudou-me a trazê-la. — Ryan debruçou-se e beijou-a na testa. — Não o quero deixar muito tempo à espera, vou andando. Desculpa arrancar-te da cama tão tarde, mas achei que gostarias de ter a carrinha amanhã de manhã. Agora, podes ir trabalhar.

— Oh, Ryan... — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — Não sei o que dizer. Não precisavas de fazer isto.

— Não foi nada de especial. Só tivemos de a tirar da vala com um guincho e levamo-la para minha casa para uma reparação rápida.

Mas era especial. Muito especial. Agora que os seus olhos estavam a habituar-se à escuridão, Bethany podia ver como ele parecia cansado. Imaginou que Ryan tivesse trabalhado durante horas para deixar a carrinha a funcionar.

— Não sei como te agradecer.

— Os amigos não têm de agradecer, querida. É assim mesmo. Quando fores ver a Heidi montar no sábado, o Sly e eu trocamos o radiador. Tens de ir a uma oficina para reparar a grelha e o capô, mas, pelo menos, a carrinha trabalha.

Dito isto, foi-se embora, e Bethany ficou ali sentada, a tremer com a aragem fria, a olhar para ele. «Os amigos não têm de agradecer». Aquele homem. Aquele homem grande, maravilhoso, *impossível*. Ia fazê-la cair de cabeça, apaixonar-se por ele, quer ela quisesse quer não.

Capítulo Treze

«Apenas amigos.» Durante os dias seguintes, aquele tornou-se o mantra de Bethany. Ela nunca poderia ser a mulher de que Ryan precisava, ou merecia, nem na cama nem fora dela. Permitir-se desejar ou alimentar a ideia de que poderiam ser mais do que amigos seria uma pura tolice, dizia ela a si própria com firmeza. Por mais tentador que pudesse ser, não seria justo para ele.

No sábado seguinte, quando foi ao rancho ver Heidi montar, estava decidida a definir o tom da relação entre eles. A primeira parte da visita foi fácil, uma vez que Ryan estava ocupado noutro lugar, a trabalhar na carrinha dela. Quando o radiador foi finalmente substituído e ele foi ter com ela para ver Heidi montar, Bethany recordou a si mesma que não podia deixar que a gratidão abalasse a sua determinação.

— Obrigada, Ryan. Fico-te a dever. Ele mirou-a com olhos cintilantes.

— Não deves nada. Encontrei-o num ferro-velho e só custou meia dúzia de dólares. Temos a nossa oficina, portanto, não deu muito trabalho fazer a troca, não com todas as ferramentas certas.

— Mas eu quero mesmo pagar.

— Na. — Ele piscou-lhe o olho. — Prefiro usá-lo como moeda de troca.

Bethany já ouvira aquela expressão. As suas bochechas ficaram a escaldar e ela desviou os olhos, momentaneamente sem saber o que dizer. Então, anos de experiência de batalhas verbais com os seus irmãos foram em seu auxílio.

— Detesto aproveitar-me de um amigo. Se o usares como moeda de troca, é garantido que saís a perder.

Ele riu-se e disse:

— Podes oferecer-me um jantar uma noite destas. Que tal?

— Quem te disse que sei cozinhar?

— Qualquer mulher que aprecia a sua comida tanto como tu só pode saber orientar-se numa cozinha.

A tensão entre eles dissipou-se e ela conseguiu descontraír-se. Era fácil trocar piadas com um rancheiro que tinha um touro de estimação muito mimado, um cão igualmente mimado e muito anafado, e estava em pleno processo de construir uma capoeira junto ao lago para salvar patinhos órfãos de carnívoros salteadores. Ryan tinha um sentido de humor fantástico, um gosto pelo absurdo, e não se ofendia facilmente quando ela o provocava por ter um coração tão mole.

Quando o touro dele apareceu, Ryan avisou Bethany:

— Se o *T-bone* começar a berrar e a babar-se do outro lado da porta de vidro quando estiveres em casa sozinha, atira-lhe uma cenoura. Mas certifica-te de que fechas a porta depressa, para ele não entrar.

— Aquele touro *entra* em tua casa? — perguntou Bethany, incrédula. — Valha-me Deus.

— Ele só quer ir à casa de banho — explicou ele com uma expressão séria. — Apanhou uma pneumonia quando era bebé e eu levei-o para lá, por causa do vapor, até melhorar. Ele ainda se lembra e parece que não percebe porque é que deixou de ser bem-vindo dentro de casa. — Coçou a cabeça e franziu o sobrolho. — É preciso definir um limite.

Alguns minutos depois, *T-bone* começou a pedir uma guloseima a Ryan. Bethany riu-se até as lágrimas lhe correrem pela cara. O touro deu uma marrada em Ryan, quase o deitando ao chão e fazendo-o ir a casa buscar uma cenoura. *T-bone* não estava disposto a aceitar um não como resposta.

Quando a lição de equitação de Heidi terminou, Bethany voltou para casa usando as tábuas que Ryan instalara para evitar que a cadeira ficasse presa na lama, Ryan caminhando ao lado dela.

— És uma professora de equitação fantástica — disse-lhe ele. — Já alguma vez pensaste em abrir uma academia?

— Quando eu própria não posso montar? — perguntou ela por sua vez com uma gargalhada.

— Com instalações adequadas e uma sela especial, podias voltar a montar. Nunca digas que não consegues. — Olhou para ela com uma expressão divertida. — É o lema do Sly, e ele educou-me de acordo com isso. «Não é por dizeres que não consegues que as coisas aparecem feitas, e isso é um facto.»

Bethany suspirou quando se aproximaram da carrinha.

— Bem, não querendo contradizer o Sly, parece-me que, de vez em quando, todos temos de aceitar as nossas limitações.

— Mas tu nasceste para isto — insistiu ele em voz baixa. — Reparas-te em erros que a Heidi estava a cometer e que eu nunca vi. E ela tem razão, sabes? O teu nome é quase uma lenda por estas bandas. Com um pouco de publicidade para despertar o interesse, terias montes de rapazes e raparigas a inscreverem-se para aulas e acampamentos de Verão. Mais ainda, ias adorar o trabalho. Que desperdício, tu sentada atrás de um computador. Bethany sorriu.

— Sabe bem pensar nisso.

— Já é um começo. — Ryan afastou-se enquanto ela se instalava. Depois, poisou os braços na porta da carrinha. — Obrigado por teres vindo. A Heidi já ganhou o dia.

— Foi divertido. Do princípio ao fim.

T-bone apareceu mais uma vez e, desta feita, marrou no traseiro de Ryan. Ele riu-se e disse:

— Se eu te subornar com um bife de churrasco, voltas para a ver montar?

— Adorava. — Bethany debruçou-se para dar uma palmada na cabeça do touro. — Não lhe dê ouvidos, *T-bone*. Ele nunca te comeria.

Ryan sorriu e coçou as orelhas do bovino.

— Podes crer que comia. Mais uma marrada e acabas em assado, *T-bone*. Cresce-me a água na boca, só de pensar.

Bethany ainda estava a sorrir quando partiu. Gostara imenso daquela tarde e ficara com vontade de repetir. Todavia, não esperava voltar a ver Ryan em breve. Ele tinha um rancho a alguma distância da cidade, ela tinha um trabalho de secretária, e não era provável que os seus caminhos se cruzassem com frequência.

Mas Ryan tinha outras ideias. Apareceu à porta de Bethany nessa mesma noite, uma caixa de piza equilibrada numa mão, dois vídeos alugados na outra. Ela importava-se de ter alguma companhia inesperada? Ele estava a sentir-se sozinho.

Bethany não podia mandá-lo embora, portanto, abriu a porta, não lhe passando pela cabeça ao fazê-lo que não era apenas a sua casa que ele pretendia invadir.

Ryan queria reclamar-lhe o coração, e nada o impediria. Os filmes pirosos série B definiram o ambiente. Passaram a noite a desmontar os enredos, a criticar a representação, e a rir com os absurdos enquanto comiam a piza e bebiam *Coca-Cola*, aninhados no sofá debaixo da manta de croché que a avó de Bethany fizera. *Apenas amigos*. Sem olhares inquiridores, sem beijos, sem um vestígio de nada de natureza mais sensual.

Se a pulsação de Bethany acelerava quando Ryan lhe passava um braço pelos ombros, era um segredo só dela. Se o seu coração parava apenas um pouco quando os dedos dele lhe tocavam na manga, o problema era dela — ou, pelo menos, assim dizia a si própria.

Na realidade, aquele era o plano de Ryan — ser o proverbial lobo vestido de cordeiro.

Tornou-se uma visita frequente em casa dela a partir daquela noite. As vezes, levava-a a jantar e depois ao cinema. Em duas ocasiões acompanhou-a e à mãe dela ao «Y» numa noite de natação e levou uma valente coça quando desafiou Bethany para uma corrida na piscina. A rapariga nadava como um golfinho, compensando a falta de propulsão nas pernas com braçadas fortes e ritmadas. Depois, Ryan deu por si a arfar, encarando-a com novo respeito e pensando como ela seria antes do acidente. Competitiva, certamente, e incrivelmente determinada. Não teria sido agradável participar num rodeio com ela como adversária. Devia ter sido um diabo numa sela, o que explicava por que motivo estava a caminho dos campeonatos nacionais de *barrel racing* quando o destino lhe pregara uma partida.

Noutras noites, ficavam sentados à mesa da cozinha, ocupados com jogos. Ela ensinou-o a jogar *pinochle*, que, por acaso, ele já sabia jogar há anos, mas fingiu desconhecer porque assim era mais confortável. Ele ensinou-a a jogar póquer, que também era confortável — mas não tanto como se estivessem a apostar pecas de roupa, o que ele não se atreveu a sugerir. Nas noites restantes entretinham-se com outros jogos — Monopólio, Aggravation, Yahtzee, Trivial Pursuit e dominó mexicano. Fizessem o que fizessem, divertiam-se.

Era frequente Ryan olhar para o outro lado da mesa, para aquela cara doce, pensando como é que Bethany não via o que era tão óbvio para ele — que eles eram perfeitos um para o outro. Adorava a forma como ela se ria, inclinando a cabeça para trás e deixando-se ir, com um som quase musical. Adorava o seu sentido de humor indomável. Agradava-lhe ver que ela jogava para ganhar e que ficava radiante quando o conseguia. Até gostava de discutir com ela. Bethany tinha um raciocínio rápido e revelava ser tão obstinada nas suas convicções como uma mula, mas também era aberta a novas ideias e admitia a derrota sem rancor se ele conseguisse convencê-la de que estava enganada, o que não era frequente.

As noites preferidas de Ryan eram aquelas em que chegava com vídeos para ver, depositava Bethany no sofá, aconchegava-a com a manta da avó e esfalfava-se durante duas ou três horas para tentar seduzi-la. Carícias casuais e aparentemente inocentes eram o truque, todas elas executadas de

uma forma tão distraída que Bethany não podia adivinhar o que ele estava a preparar — até ser demasiado tarde.

Ryan, o lobo. Não demorou muito a descobrir alguns dos pontos mais vulneráveis dela, os seus favoritos sendo a nuca sedosa e a depreciação sensível abaixo da orelha, a qual ele torturava impiedosamente com toques leves das pontas dos dedos. Fingia ver os filmes enquanto lançava o ataque, observando Bethany pelo canto do olho e sorrindo — lupinamente.

Quando lhe tocava ao de leve abaixo da orelha, podia ver a pulsação disparar e depois agitar-se no pescoço como as asas de uma ave assustada. Se passava casualmente os dedos pela nuca e os introduzia por baixo do colarinho, um rubor rosado subia às faces de Bethany. Ele adorava a forma como a respiração se alterava e como os lábios se entreabriam num arquejo breve e silencioso, as pestanas descendo para velar olhos escurecidos pelo desejo. Era frequente ela deitar-lhe olhares inquiridores que lhe diziam que estava desconfiada dos seus motivos. Ele retribuía com um olhar inocente e muito praticado que sempre lhe fora útil com as mulheres durante grande parte da sua vida adulta.

Bethany, uma combinação fascinante de inocência e sabedoria. Ryan dava frequentemente por si a olhar para aqueles olhos azuis, grandes e assustados, e a sentir-se como um patife da pior espécie por estar a enganá-la.

Mas não permitia que o sentimento de culpa o detivesse.

Ele queria-a — na sua cama — na sua vida. De uma forma ou de outra, Bethany seria sua. Quando não estava com ela, trabalhava furiosamente no rancho, remodelando a cozinha, construindo rampas e instalando passeios de cimento, até o rancho ficar coberto por uma rede de acessos, permitindo que a cadeira de rodas pudesse mesmo ir até ao lago. Falou com Jake e recrutou-o para o ajudar a encontrar a égua de Bethany, *Wink*, e depois descobrir uma forma de a comprar.

Quando Bethany voltasse a visitar o rancho, Ryan queria que tudo estivesse pronto e perfeito, o seu objectivo sendo rebater todas as reservas e argumentos que ela pudesse apresentar contra o casamento de ambos. Toda a vida ouvira dizer que as acções valiam mais do que as palavras, e queria mostrar-lhe, com o suor do seu rosto, o quanto a amava e que podiam ter uma vida maravilhosa juntos, se ela lhe desse uma oportunidade.

Todavia, enquanto Ryan se ocupava a equipar o seu rancho, Bethany debatia-se em busca de uma forma de terminar a amizade de ambos. Andavam a encontrar-se praticamente todos os dias há mais de um mês, e chegara a altura de encarar a realidade. Ela não conseguia fazer com que aquilo resultasse. Sempre que estava com Ryan, tornava-se cada vez mais difícil pensar nele apenas como um amigo. Tinha tentado — oh, se tinha — e, durante algum tempo, conseguira mentir a si mesma. Quem lhe dera poder continuar a mentir para continuar a encontrar-se com ele. Ryan era tão divertido, e fazia-a sempre rir, fosse o que fosse que estivessem a fazer. Deixar de o ter na sua vida iria deixá-la meio-morta.

Mas as suas necessidades e a sua felicidade não eram a questão. Ela tinha de fazer o que estava certo, e, por mais difícil que fosse, o que estava certo era abrir mão dele. Apenas se tornaria mais difícil à medida que o tempo fosse passando, ela sabia isso. Com cada dia que passava, a sua determinação enfraquecia um pouco mais, tornando-lhe cada vez mais fácil acreditar que podia satisfazer as necessidades dele, quando, na realidade, nunca poderia ser a mulher de que ele precisava, que ele merecia.

Bethany, «sua tola, patética.» Receara desde o princípio que aquilo acontecesse, e agora acontecera. Ela estava completa, loucamente apaixonada por ele, e não sabia quanto mais tempo poderia continuar a fingir o contrário.

Poderia ter corrido bem — ela poderia ter continuado a enganá-lo a ele e a si mesma — se Ryan fosse do género que sabia manter a distância, mas não era. Era uma pessoa muito física e afectuosa, sempre a abraçá-la, sempre a *tocar-lhe*. No cabelo. Na orelha. No pescoço. Na cara. Ele estava a deixá-la completamente louca. Às vezes, depois de Ryan partir, ficava acordada durante horas, a olhar para o tecto, a pensar qual teria sido a sensação se ele a tivesse beijado em todos

aqueles sítios.

Em certas manhãs, Jake passava pelo escritório dela para perguntar:

— Então, como é que vão as coisas entre ti e o Ryan?

— Eu e o Ryan é uma coisa que não existe — respondia ela sempre. — Somos apenas amigos, Jake. Não tentes ver alguma coisa onde não há nada para ver.

Invariavelmente, Jake sorria quando a ouvia dizer aquilo.

— Está bem, deixa-me alterar a pergunta. Como é que vão as coisas entre ti e o teu *amigo* Ryan?

— Bem.

Jake franzia o sobrolho.

— Bem? Só isso?

— Não há mais nada para dizer. Somos amigos. Estamos bem. Ele é muito simpático e gosto da companhia dele, fim da história.

Na manhã em que Bethany decidiu que tinha de deixar de ver Ryan, Jake repetiu a pergunta de sempre, encostando-se à porta do escritório enquanto bebia uma caneca de café.

— Então, mana, como é que vão as coisas entre ti e o Ryan? Bethany estava tão deprimida que não conseguiu reunir a energia para enfrentar a rotina habitual. Limitou-se a encolher os ombros e a dizer:

— Tudo bem, acho eu.

— Ui, ui. Isso não parece boa coisa. Problemas?

— Nem por isso — respondeu ela, quando na realidade lhe apetecia chorar sempre que pensava como a sua vida iria ser vazia sem Ryan nela. Como é que poderia preencher as suas noites sem ele? — Seja como for, não é nada que eu não possa resolver.

— Querida, estás a sentir-te bem? — Jake aproximou-se para a olhar nos olhos. — Estás com olheiras.

— Não tenho dormido muito bem nas últimas semanas. Segurando a caneca entre as mãos, Jake apoiou uma anca na secretária.

— O que é que te está a incomodar?

Bethany pensou no que ele diria se lhe contasse qual era o problema — que a sua querida irmã, que ele considerava digna de canonização, se sentia sexualmente frustrada e prestes a perder o juízo.

— Nada. Uma crise de insónia, só isso. Tenho a certeza de que há-de passar.

Franzindo o cenho pensativamente e estreitando os olhos para se proteger do vapor do café, ele levou a caneca aos lábios e bebeu lentamente.

— Se continuar, talvez fosse melhor procurares um médico. Bethany já vira médicos suficientes para a vida inteira, e, além disso, não pensava que um médico pudesse ajudá-la com o seu problema. Considerando as suas complicações físicas, nem tinha a certeza de que o próprio Ryan conseguisse. E se ela estivesse condenada a uma comichão perpétua, sem uma forma de se coçar? Só aquela ideia dava-lhe vontade de gritar. Suspirou e apagou uma entrada errada no computador com uma pancada violenta do dedo na tecla «Delete».

Ryan estava na sala dos arreios, a substituir um freio, quando o telemóvel tocou. Suspirou e tirou o casaco de um prego na parede para tirar o aparelho do bolso.

— Fala Kendrick — disse ele.

— Ryan? Jake Coulter.

Ryan sorriu e encostou-se à parede.

— Olá Jake. Como estás?

— Tudo bem. Mas que raio é que passa entre ti e a Bethany? Ryan afastou o telemóvel da orelha.

— Nada. — Para grande pena sua. — De que é que estás a falar? Eu não lhe toquei.

— Foi o que eu pensei — disse Jake. Silêncio demorado. Depois, suspirou. — Mas que

gaita.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou Ryan cautelosamente. Jake Coulter não era um homem que ele quisesse enfrentar se o pudesse evitar.

— Ela não tem dormido — respondeu Jake. — Esta manhã, parece que levou um soco nos dois olhos.

— Não tem dormido? — As sobrancelhas de Ryan uniram-se numa expressão preocupada. — Não está doente, pois não?

— *Hello!?* Não sabes somar dois e dois? Ela não consegue dormir e tu dizes que não lhe tocaste. Não é preciso um génio para perceber o que se passa.

Ryan sorriu como um pateta.

— Achas que é isso? Jake suspirou de novo.

— Ryan — disse ele com uma paciência exagerada. — Lembras-te da nossa conversa quando fui ao teu rancho naquela noite?

— Perfeitamente.

— Quando é que estás a pensar chegar à parte dos votos matrimoniais?

— Estou a tratar disso.

— Bem, se gostas dela, vê se te mexes. Ryan ergueu as sobrancelhas.

— Importas-te de repetir, só para eu ter a certeza?

— Não abuses da sorte. E, para que se saiba, és um homem morto se não casares com ela depois. Entendido?

Ryan riu-se.

— Entendido, Jake.

Seduzir uma mulher como Bethany exigia um planeamento cuidadoso. Ryan preferiu preparar o cenário no seu rancho. Assim, o risco de ser interrompido seria menor. Ele não queria que um dos irmãos dela surgisse de repente a meio do processo para ver como ela estava. Podia avisar a sua própria família para não aparecer nem telefonar, sob pena de morte.

Tivera a esperança de adiar a ida de Bethany ao rancho durante mais uma semana. A sela dela ainda não tinha chegado e Ryan ainda não instalara a passadeira de exercício. Mas, paciência. Situações desesperadas exigiam medidas desesperadas. Olheiras. Pois. Ele entranhara-se-lhe na pele. Agora, tudo o que faltava era colher a sua recompensa.

Naquela tarde, Ryan telefonou para a loja e convidou Bethany para ir jantar ao rancho. Ela pareceu-lhe distraída e abatida e, por um instante, receou que fosse recusar.

— Tenho uma coisa especial para te mostrar — acrescentou ele rapidamente.

— Bom... está bem. Eu também tenho uma coisa para te dizer. Talvez o possa fazer em tua casa.

Ele não gostou de ouvir aquilo.

— Então — disse em voz baixa. — Passa-se alguma coisa?

— Não propriamente. É só que... é complicado. Falamos logo à noite. Seis e meia, pode ser?

— Está perfeito.

Ryan franziu o sobrolho e desligou o telefone. Ela tinha uma coisa para lhe dizer? Soava-lhe a uma tampa. «Mas que raio.» Esfregou a testa. A dor de cabeça que ele tentava contrariar desde o telefonema de Jake naquela manhã estava a piorar. Não tinha com que se preocupar. Ele amava Bethany e sabia perfeitamente que ela gostava dele. Se estava a pensar em deixar de o ver, conseguiria convencê-la a não o fazer.

Tomou um comprimido, apanhou as meias sujas e os jornais espalhados pela sala de estar, tirou dois bifos do frigorífico e deixou-os a descongelar. Depois, foi tomar um duche.

Com a cabeça a doer debaixo dos jactos de água quente, Ryan conseguia pensar melhor, e começou a preparar a sua estratégia. Queria estar com bom aspecto, mas, ao mesmo tempo, não queria exagerar. Seria ele a grelhar os bifos. Nada de extravagante. Decidiu vestir um par engomado de calças de ganga preta e uma camisa preta de mangas compridas, e um par de botas pretas bem engraxadas. As mulheres gostavam de preto. Não fazia ideia porquê, mas não ia questionar o que

resultava. Não naquela noite.

Todos os homens sentiam-se assim tão mal antes de se declararem? O seu estômago mais parecia uma peúga molhada e virada do avesso. Encostou um braço aos mosaicos e poisou a cabeça no pulso. Há anos que não se sentia assim tão nervoso por causa de uma mulher. Depois de ganhar alguma experiência, sempre se limitara a ir em frente sem pensar duas vezes, sem se preocupar com o seu aspecto nem com o que iria dizer.

Estar apaixonado era um inferno.

Ela estava atrasada. Ryan olhou para o relógio. Seis e trinta e dois. «São só dois minutos.» Nada de mais. A viagem era demorada e as pessoas nem sempre contavam com isso. Ela havia de chegar.

Começou a andar de um lado para o outro. Na cozinha, na sala de estar. À volta do sofá. Diante da porta de vidro. Uma paragem rápida para olhar para a estrada. Seria capaz de a ver junto ao lago muito antes de ela chegar. De volta à cozinha. Verificou os bifes pela enésima vez para se certificar de que estavam descongelados. Abriu o novo frigorífico baixo e olhou para a salada que tinha preparado. «Continua verde.»

Suspirou e foi até ao novo lava-loiça baixo para lavar mais uma vez as batatas. Olhou outra vez pela janela. Onde é que ela estava? «Raios.» Sentiu um aperto no estômago. Passou uma mão pelos olhos. Correu em revista tudo o que se lembrava de lhe ter dito durante os últimos dias. Tanto quando se apercebia, não fizera nada, *nada*, que a fizesse querer deixar de o ver.

Foi então que viu a carrinha cinzenta dela através das árvores. O seu coração saltou e dançou no peito, deixando-o com receio de estar prestes a ter um ataque cardíaco. Respirou fundo, apercebeu-se de que estava a suar e chamou a si mesmo um monte de nomes. «Nunca permitas que te vejam a suar.»

La esperar por ela dentro de casa, decidiu. Se fosse até ao alpendre, pareceria demasiado ansioso. Acabara de decidir-se e já saía porta fora. Ou seja... estava ansioso. Grande coisa. Queria casar-se com ela. Ela era a tal. Não fazia mal dar-lhe a entender o que sentia.

Bethany estacionou na superfície de cimento que ele preparara entre os estábulos e a casa. Depois, limitou-se a deixar-se ficar ali, sentada, a olhar. Ryan desceu a rampa que acrescentara ao alpendre da cozinha e avançou direito a ela, mantendo um sorriso que parecia ter-lhe sido talhado no rosto. Ergueu um braço numa saudação.

Quando ela finalmente abriu a janela, ele disse:

— Olá.

Bethany fitou-o com aqueles enormes olhos azuis. Tinha a cara tão branca que parecia exangue.

— Oh, Ryan, o que é que tu fizeste? — perguntou ela.

Não parecia estar muito satisfeita. No mínimo, aquela não era a reacção de que ele estava à espera. «Uau» teria sido simpático. Olhou em volta, engoliu em seco. Tinha as explicações na ponta da língua, mas percebeu que seria uma estupidez. Era óbvio que ele construía passeios por tudo o que era sítio.

— O que é que te parece? — contentou-se ele em perguntar. — Até podes ir até ao lago e acompanhar a margem em qualquer direcção.

A cara dela ficou ainda mais pálida, acentuando as olheiras que Jake referira.

— Meu *Deus*. O que é que tu fizeste?

Ryan tivera alguns dias na sua vida em que pensara que ficaria melhor se nunca mais saísse da cama. Aquele começava a parecer um deles. Com o som da voz dela, um cavalo no interior do estábulo começou a relinchar e a escoicinhar na baia. Ryan não precisava de ir ver qual deles seria. «Raios.» Contava fazer uma surpresa a Bethany com *Wink* um pouco mais tarde. Havia um limite para o que uma pessoa podia suportar de uma vez.

Mas não. A égua tinha reconhecido a voz dela. Incrível. Tinham passado oito anos. *Oito anos*. A maioria dos cavalos tinha boa memória, mas Ryan nunca ouvira falar de um que reconhecesse a voz de alguém passado tanto tempo.

Bethany olhou intrigada na direcção do estabulo:

— Mas o que é que se passa ali dentro?

Parecia que o estábulo estava prestes a desmoronar-se como um castelo de cartas. Ryan seguiu-lhe o olhar e esfregou o queixo.

— Não é nada. — Esperava que Sly ainda estivesse por perto e fizesse alguma coisa para acalmar *Wink*. E *depressa*. — Temos uma égua nova. Ela fica um pouco...

Wink resfolegou três vezes e relinchou. Ryan nunca a ouvira produzir aquela sequência de sons, mas sabia reconhecer o tom apaixonado de um cavalo quando o ouvia. Sentiu um aperto no estômago e apenas pode rezar para que Bethany não estabelecesse a relação.

— *Wink?* — murmurou ela. Começou a abrir a porta para sair da carrinha. — *Wink!* — Fixou um olhar incrédulo e raso de lágrimas em Ryan enquanto preparava a plataforma elevatória. — E a minha *égua!*

Ryan pensou: «Bem, paciência...» Encheu as bochechas de ar.

— Nada como mostrar-te as surpresas todas ao mesmo tempo. Eu, hmm... comprei-a para ti. Ela levou a cadeira para a plataforma, travou-a, e começou a descer.

— Tu o quê?

Para o caso de ela não ter percebido, Ryan repetiu o que acabara de dizer.

— Tu o quê? — perguntou ela de novo.

Ryan não ia dizê-lo uma terceira vez. Ela passou da plataforma para o pavimento de cimento e foi direita ao estábulo. Ryan foi atrás dela, quase desejando poder impedi-la de entrar. Mas não. Ele preparara o caminho, por assim dizer.

Bethany estacou subitamente na entrada, olhou para o largo caminho de asfalto que se estendia a todo o comprimento dos estábulos até às portas duplas que davam acesso ao picadeiro. Diante de cada baia, uma faixa de asfalto rampeada permitia o acesso ao fecho da porta a quem estivesse numa cadeira de rodas.

— Oh, *Ryan* — murmurou ela, abalada.

Ligeiramente afastado, ele pôde ver-lhe uma lágrima escorrer pela face pálida. Sensivelmente a meio do estabulo, *Wink* espreitou por cima do portão da baia, as narinas dilatadas enquanto resfolegava. Repetiu os três sons e relinchou com ansiedade. Tratava-se nitidamente de uma saudação exclusiva e reservada apenas para Bethany. Com os olhos fixos na égua, ela soltou um gemido e tapou a cara com as mãos.

— Meu Deus, *Ryan*, porque é que fizeste isto? — Baixou as mãos e virou-se para ele. — Apenas amigos, foi o que tu disseste. Sem riscos, sem expectativas! — A cada palavra, a sua voz tornava-se mais aguda. — O Jake vendeu a *Wink* por vinte e cinco mil. Eu sei que o Hunsacker não se teria desembaraçado dela por menos um cêntimo que fosse. Quanta é que pagaste por ela?

Ryan passou uma mão pela boca. Em lugar de se sentir um herói, como imaginara, sentia-se como se tivesse cometido um crime.

— O dinheiro não tem importância, querida.

— Mas *tem* importância! E não me chames *querida!*

— Bethany, eu...

— *Quanto?*

— Cerca de trinta — admitiu ele. — Nada de mais, Bethany. Já paguei mais de cem por um bom cavalo sem pestanejar.

— *Cerca de trinta?* — Olhou para ele com um misto de espanto e incredulidade. — E esse cerca é de quanto?

— Mais seis.

— Trinta e seis mil? — Ela passou uma mão pelos olhos. Estava a tremer. Descontroladamente. — Não posso acreditar que fizeste isto. Não posso acreditar! Nem sequer te posso pagar. Nunca.

— Nem eu estou à espera que o faças.

Ela fitou-o com uma expressão acusadora nos olhos. Como se nunca o tivesse visto antes.

Depois do que pareceu uma pequena eternidade, falou, a sua voz vazia e sem expressão:

— Tem sido tudo uma mentira desde o princípio, não tem? Nunca quiseste que fôssemos apenas amigos. Mentiste para que continuássemos a ver-nos.

Ryan ponderou a hipótese de voltar a mentir. Naquela altura, parecia a escolha mais sensata. Admitir a verdade não lhe parecia uma jogada brilhante.

— Sim — disse ele em voz baixa. — Acho que sim. Na realidade, depende de como defines amor e amizade, querida. Achas que é possível ter um sem a outra? — Encolheu os ombros, fazendo os possíveis para parecer razoável. — Não me parece. Uma relação íntima sem uma boa amizade não é amor nem nada que se pareça. Já passei por isso e, acredita, não vale nada.

Ela agarrou-se à cintura e recostou-se na cadeira, encolhendo-se quando *Wink* aplicou novo coice na porta da baía e relinchou. Fechou os olhos e os músculos da cara ficaram tensos.

— Eu disse-te logo, Ryan. Não disfarcei. Nunca poderemos ser mais do que amigos. *Nunca*. E ia dizer-te esta noite que, pela parte que me toca, a nossa amizade não está a resultar.

— Por amor de Deus, porquê?

Ela ergueu as pestanas e fixou-o com aqueles maravilhosos olhos azuis que ele amara assim que os vira pela primeira vez. Um azul profundo, intenso, tão transparente que não podia esconder nada, especialmente a dor — o género de dor demasiado entranhada para que as lágrimas a pudessem exprimir e que doía tanto que não havia palavras para a traduzir.

— Eu não posso ser aquilo de que tu precisas — murmurou ela. Contornou-o, dirigindo-se para a carrinha. Ryan ficou a olhar para ela durante um momento. Então, foi atrás dela.

— Bethany, não podemos discutir isto?

— Não há nada para discutir.

Alcançou-a quando Bethany estava a chegar à plataforma elevatória. Ela subiu e instalou-se atrás do volante. Em silêncio, Ryan viu-a accionar o controlo para recolher a plataforma e debruçar-se para apertar as correias.

— Ou seja, vais-te embora. É isso?

— Sim — disse ela em voz baixa, e fechou a porta. Ryan poisou os braços na janela.

— E eu deixo-te ir embora?

— Não tens escolha.

Quando ela estendeu o braço para ligar o motor, ele agarrou-lhe no pulso.

— Tenho mais sessenta quilos do que tu. Estou em vantagem. Bethany olhou para ele, espantada.

— Larga-me, Ryan.

— Só depois de dizer o que tenho a dizer.

— Nada do que possas dizer vai fazer-me mudar de ideias.

Ryan sabia que estava prestes a perder a calma. Campainhas de alarme dispararam no fundo da sua mente. Mas já não lhe fazia diferença.

— Muito bem. Foge, Bethany. É só isso que sabes fazer, não é? É o que tens feito nos últimos oito anos, enterrar os teus sentimentos e fugir.

Aquilo prendeu-lhe a atenção. Pelo menos, olhou para ele. Frente a frente, Ryan retribuiu-lhe o olhar.

— Este tempo todo, sempre pensei que tivesses uma coluna vertebral. Parece que estava enganado. Não perdeste apenas a mobilidade das pernas naquele acidente. Perdeste a coragem.

Ela fez um esgar como se tivesse sido esbofeteada.

— Isso não é justo.

— Justo? É disso que se trata? Desculpa. Acho que não dei por isso. Estou apaixonado por ti, que raio! — Fez um gesto abrangente com o braço, indicando o rancho. — Esfalfei-me durante praticamente um mês, a equipar isto tudo para te provar que podemos ter uma vida juntos. Em vez de ficares contente, em vez de teres a coragem de, pelo menos, tentar, resolves fugir! A verdade é que eu te meto medo. O velho Paul, sempre a assombrar-nos. Tens medo de sair magoada e és demasiado cobarde para correr esse risco.

— Isso *não* é verdade! — exclamou ela. — Estou a fazer isto por ti! — As lágrimas subiram-lhe aos olhos. — És tão cego que não vês! — O seu rosto contorceu-se e ela levou uma mão trémula à testa. — Eu amo-te.

— Tens uma forma muito estranha de o mostrar.

— É a única forma! Achas que eu não quero isto tudo? — A voz tremia-lhe. — Que é fácil voltar as costas a isto? Estás a oferecer-me *tudo*! Tudo o que sempre quis, tudo o que sempre sonhei, uma vida contigo, fazer parte do teu mundo! Meu Deus! Até a *Wink*! Até compraste a minha égua!

A agonia contida naquelas palavras provocou uma sensação desagradável no estômago de Ryan. A fúria extinguiu-se como um pavio, apagado com um balde de água gelada. Ele era culpado. Tentara realizar todos os sonhos dela. Pensara e congeminara e planeara, criando um mundo expressamente para ela — para que ela pudesse ir aonde quisesse, quando quisesse, para que ela pudesse estar perto dos cavalos e voltar a montar, para que ela pudesse fazê-lo sempre que quisesse.

Vendo aquilo tudo através dos olhos dela, tentou imaginar como seria difícil virar as costas e partir se estivesse no lugar dela. Não sabia se conseguiria. Vira-lhe o desejo na expressão tantas vezes — um desejo profundo, de todas as coisas que amara e perdera — precisamente o motivo que o levara a esforçar-se tanto para lhas devolver.

Não obstante, ela estava preparada para partir... para simplesmente virar-lhes as costas, até à égua que relinchava e chamava por ela naquele momento — uma égua que ainda se recordava dela e a adorava passados oito longos anos. Era razoável pensar que Bethany provavelmente retribuía a devoção daquele animal em igual medida.

Não obstante, ela estava disposta a partir...

Ryan sentiu um aperto na garganta e, por um instante, não conseguiu respirar. Apenas podia haver um motivo para ela partir quando lhe apetecia tanto ficar. Acreditava sinceramente que era o melhor para *ele*. A questão não era ela, de todo. Nunca fora. E Bethany tinha razão: ele fora demasiado cego para o perceber.

— Oh, Bethany — murmurou ele. — Desculpa. — Passou-lhe um braço por trás do pescoço e puxou-lhe a cara para o ombro. — Eu não devia ter dito nada daquilo. Não falei a sério.

As mãos dela fecharam-se na camisa dele quando estremeceu com um soluço que parecia arrancado das suas entranhas.

— Eu... não... posso... ser... aquilo de que precisas, Ryan! Sem filhos. Nunca. Talvez, até, nunca sexo decente! Posso m-morrer muito nova. E n-nao posso ser uma b-boa mulher de um rancheiro. Seria um f-fardo para ti e p-para todos os outros!

Ryan agarrou-lhe na cabeça e puxou-a para si.

— Querida, não. Ouve-me. Estás-me a ouvir?

Ela gemeu e quase se engasgou, tentando conter os soluços.

— Eu *amo-te*! — disse ele com ferocidade. — Se não pudermos ter filhos, adoptamos.

— Não é a m-mesma coisa! Não para um homem. E posso não ser aprovada. Tu devias ter uma família. Nascestes para ser pai. Bastou-me ver-te com o *T-bone* para saber isso. Tens tanto amor para dar.

— Querida, nós vamos ter uma família. Queres uma dúzia de filhos? Muito bem. Podemos recorrer a uma agenda privada. Já comecei a sondar para saber quais são as de confiança. E quem é que disse que não era a mesma coisa? Sou capaz de amar filhos adoptados tanto como se fossem meus.

— Dizes isso agora. O que é que vais sentir quando fores mais velho?

— Exactamente o mesmo. Se não posso ter filhos contigo, não os quero ter com mais ninguém. Posso ser um pai solteiro e adoptar sem ti, mas nunca haverá outra mulher. Tu és a tal.

— Isso é um disparate. Não estás a falar a sério.

— Oh, mas estou. — Ryan virou a cara contra o cabelo dela. — Estou a ser sincero, Bethany. Do fundo do coração.

— Mesmo que eu não te possa dar bom sexo?

— Só o saberemos depois de experimentarmos. Talvez seja fantástico, talvez não. Havemos de encontrar uma forma, alguma coisa que nos dê prazer a ambos.

— E por que motivo havias tu de te contentar com isso?

— Contentar? Bethany, eu amo-te. Fui até ao fim de um monte de becos sem saída, à tua procura. Nenhuma dessas mulheres teve algum significado para mim. Só tu. Não estou a contentar-me, que raio. Se eu pudesse ter qualquer mulher no mundo, escolhia-te a ti.

— Não ouviste nada do que eu disse? As pessoas como eu tem uma vida emprestada. Riscos de saúde, coisas que não podemos evitar! Pode aparecer-me um coágulo para a semana e eu morro. E lá ficavas tu, com uma dúzia de filhos adoptados e sem mulher para te ajudar a criá-los. *NÃO!* Eu não era capaz de te fazer uma coisa dessas. Não!

Ryan apertou-a contra si, receando perdê-la se a largasse.

— Bem, então, fica comigo até para a semana, pelo menos — murmurou ele com a voz entrecortada. — Deixa-me ter esses sete dias. Talvez tenha sorte e haja mais uma semana depois dessa, e outra ainda. Deixa-me ter o que for possível. Fica comigo enquanto puderes. Eu deixo-te partir quando Deus te levar e fico agradecido por todos os segundos que Ele me der, mas não te posso deixar partir assim.

— És louco.

— Sou. Acertaste. Louco por ti. Dá-me o que podes. Ninguém tem garantias, Bethany. Ninguém. Todos vivemos por empréstimo. E sabes que mais?

— Não, o quê? — perguntou ela.

— Tu não vais morrer. Esqueça isso, minha senhora. Eu não deixo. Vou controlar a tua dieta. Ponho-te numa passadeira de exercício todos os dias, e ajudo-te a tonificar os músculos das pernas de outras formas para evitar os coágulos. E também te ponho a trabalhar no rancho, muita actividade. Não vais morrer nova, não no meu turno.

Ela recomeçou a chorar, desta feita como se o seu coração se estivesse a partir. Ryan introduziu o outro braço na carrinha para o passar à volta dela, puxando-a para si. Percebeu que tinha vencido quando ela deixou de resistir e se deixou ficar agarrada ao pescoço dele.

Deixou-se simplesmente ficar ali abraçado a ela, deixando-a chorar. Tinha a sensação de que aquelas lágrimas tinham um atraso de oito anos, que ela as contivera durante demasiado tempo. Quando, por fim, os soluços começaram a diminuir, passou-lhe uma mão pelas costas e murmurou:

— Amo-te. Não podes alterar isso, Bethany. Não há nada a fazer. E se fugires de mim, destróis a minha vida. És capaz de viver com esse peso na consciência?

Ela riu-se, o som abafado contra a camisa dele.

— Dá-me o presente — insistiu ele. — Sem garantias. Eu aceito correr o risco. Dá-me o tempo que puderes. És capaz? *Por favor?*

— Oh, Ryan... como é que posso dizer que não?

— Isso é que é falar.

Bethany sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e soluçou.

— Acho que podemos tentar — murmurou ela. — Pelo menos, até vermos o que acontece com o sexo.

Alerta vermelho. Ryan recolheu o queixo para olhar para ela.

— Nada de períodos de experiência.

Ela levantou a cabeça e fitou-o com um par de olhos enormes e cobertos de lágrimas que o deixaram com a sensação de estar a afogar-se em veludo.

— Mas, Ryan, pode correr *muito* mal. Sem promessas. Sem compromissos. Não antes de sabermos.

Ainda que fosse a coisa mais difícil que alguma vez fizera na vida, Ryan agarrou-a pelos ombros e afastou-a:

— Nem pensar, minha senhora. Se isso é tudo o que tens para me oferecer, dispenso.

Ela pestanejou e esfregou as faces.

— O quê?

— Foi o que tu ouviste. Tudo ou nada. Sem condições. Entras nisto para o melhor ou para o pior, ou nada feito. Quero que cases comigo.

— Mas...

— Nada de mas. Quando duas pessoas se amam, agarram nos limões e fazem limonada. Não me contento com menos. Quero uma mulher que fique ao meu lado, seja como for.

— Mas tu é que ficas agarrado ao limão!

— Como é que sabes? Eu posso ser o pior amante do mundo.

Ela limpou novamente a cara, com uma expressão de incredulidade.

— Isso é uma tolice.

— Já tive algumas reclamações. — Ele deu um passo atrás. — Poucas, mas tive. Ninguém sabe o que tu vais achar. E qual é a garantia de que as coisas vão ficar como estão? Os homens podem ter acidentes, ficar doentes. Daqui a um ano, eu posso tornar-me impotente e incapaz de fazer amor contigo. Vais mudar de ideias nessa altura? — Recuou mais um passo. — Muito obrigado, mas dispenso. Quero promessas, e quero compromissos. Se não me podes oferecer isso, não aceito.

Os olhos dela tornaram-se escuros, as sobrancelhas unindo-se com uma expressão séria.

— Isso é uma estupidez, Ryan. Estou a oferecer-te uma saída.

— Muito obrigado. É muito simpático da tua parte, mas não quero uma saída. — Afastou as pernas, cruzou os braços e olhou para ela, sorrindo ligeiramente. — Então? Vais ou ficas? — Olhou em redor. — Não vai ser nada agradável se fores. Nunca vou conseguir dar uso a isto tudo, e o betão custa bastante a partir.

Ela seguiu-lhe o olhar, olhando finalmente com olhos de ver para a rede de caminhos que Ryan construirá para ela. Os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas e a boca começou a tremer.

— Oh, Ryan, não posso acreditar que fizeste isto tudo por mim.

— Só para ti, e toda a gente sabe isso. Se me disseses que não, transformo-me numa anedota. Os empregados hão-de rir-se de mim nas minhas costas durante vinte anos. Estás mesmo disposta a fazer-me uma coisa dessas?

Bethany abanou a cabeça, o olhar cintilante ao contemplar o lago.

— Há caminhos por *todo* o lado! Eu podia andar por aí sem parar.

— Podes ir aonde quiseres, querida. Mas, por favor, não te vás embora.

Ela fitou-o novamente com aqueles olhos azuis e preocupados e mordeu o beijo inferior.

— Tenho *medo*.

— De quê?

— De que, um dia, não teres filhos teus te incomode. De que tu vejas sexo na televisão e te apercebas do quanto eu sou *aborrecida* e de tudo o que estás a perder.

Sexo na televisão? Ele costumava mudar de canal. Ryan olhou para aquele rosto doce e soube que poderia ficar a olhar para ele durante cem anos e nunca se aborreceria.

— Sabes, aquela mulher do anúncio do amaciador de tecidos? — perguntou ela num tom agudo. — Aquela que rebola e salta da cama com um grande sorriso, veste o fato-de-treino e vai correr?

Ryan não fazia a mínima ideia do anúncio de que ela estava a falar, nem percebia qual poderia ser a relação.

— Sim.

— Pois, eu não consigo rebolar. Fico onde me largam. Tenho de agarrar numa perna e puxá-la e depois fazer o mesmo com a outra. E mais trabalho do que merece.

Ele sorriu.

— Na cama comigo, rebolar vai ser canja. Agarro-me a ti e rebolamos juntos.

Ela torceu o nariz.

— Também não consigo saltar para fora da cama. É uma grande trabalhadeira todas as manhãs, e, depois de sair da cama, não vou a correr para lado nenhum.

— Minha querida, aonde é que tu queres chegar? Se saltar e correr fossem grandes prioridades na minha lista, estava aqui a ter esta conversa contigo?

— Mas eu tenho medo, Ryan. Um dia, vais ver um anúncio como aquele e vais sentir que eu te enganei e detestar-me porque te estraguei a vida.

Ryan aproximou-se lentamente da carrinha.

— Nunca. Juro, querida. Isso nunca há-de acontecer.

Abriu a porta e inclinou-se para soltar a cadeira e afastá-la do volante, e assim poder agarrar em Bethany.

— O que é que estás a fazer!? — exclamou ela.

— Estou a decidir por ti — respondeu ele enquanto a levantava. Ela agarrou-se ao pescoço dele e riu-se.

— Sou capaz de decidir sozinha, muito obrigada.

— Não. Aprendi bem com o Sly. «Nunca te deixes ficar à espera que uma mulher se decida, filho. A não ser que queiras ganhar raízes.»

— E o que é que decidiste por mim?

— Que tu ficas — murmurou ele. — Vais casar comigo, Bethany Ann Coulter. Não te deixo outra saída.

Inclinou a cabeça para a beijar, exactamente como sempre quisera e sonhara fazer desde aquela primeira noite na entrada de casa dela.

Não ficou desiludido. A boca de Bethany continuava tão doce quanto a recordava. Depois da primeira retirada tímida, ela afastou os lábios e entregou-lhe aquela doçura, e, exactamente como antes, Ryan sentiu uma descarga percorrê-lo até aos calcanhares. «Incrível», foi tudo o que ele conseguiu pensar. Não importava como o sexo pudesse vir a ser, não faria diferença.

Ele seria capaz de viver apenas dos beijos dela...

Capítulo Catorze

Ryan levou Bethany até meio do caminho antes de parar. Talvez alguns homens conseguissem ignorar os queixumes daquele pobre animal fechado no estábulo, mas ele não era um deles. Olhou para baixo e viu que ela também estava a olhar para o estábulo. *Meia-volta*.

— Parece-me que tens de cumprimentar alguém.

Durante o caminho até à baia, Ryan dizia a si mesmo que havia coisas mais importantes do que o sexo, e dizer olá a um amor há muito perdido tinha de ser uma delas. *Wink* fora isso mesmo para Bethany, um dos grandes amores da sua vida. «Eu até tinha dormido com a minha égua se o meu pai não tivesse batido o pé», dissera-lhe ela naquela primeira noite. Grande parte do coração de Ryan ficara a pertencer àquela mulher depois de ouvir aquilo — depois de ver o amor que lhe brilhava nos olhos, depois de sentir a tristeza porque uma parte intrínseca do que ela fora lhe tinha sido roubada.

Aquilo era importante — um reencontro após oito anos de separação. Ele poderia fazer amor com Bethany durante o resto da vida, mas aquele momento especial não se repetiria, nem para Bethany nem para *Wink*. Ryan queria que as duas o apreciassem. De que outro modo justificaria o dinheiro gasto?

Quando se aproximaram da baia, a égua começou a resfolegar mais uma vez. Ryan nunca ouvira um cavalo portar-se daquela maneira.

— Ouve-me só aquilo. Quase parece que está a falar.

Quando chegou à baia, Ryan pensou que a égua talvez ainda saltasse por cima do portão para alcançar a sua dona. Bethany lançou os dois braços à volta do pescoço de *Wink*, que começou a baloiçar a cabeça, e, quando Ryan deu por si, estava a ver-se aflito para não deixar fugir Bethany.

— *Wink!*— exclamou ela. — Oh, *Wink!*

Agarrando-a pela cintura para a manter afastada do portão, tentando evitar que as pernas se arranhassem ou magoassem, Ryan gritou:

— Bethany, pelo amor de Deus, larga-a!

Nada feito. Ela agarrara-se à égua com tanta força que seria preciso um pé-de-cabra para as separar. A confusão apenas aumentou, a égua a resfolegar e a relinchar, Bethany a soluçar e a cobrir-lhe o focinho de beijos. Ryan registou mentalmente que teria de mergulhar aquela mulher num bebedouro e esfregá-la bem antes de voltar a dar-lhe um beijo.

Quando a parte mais húmida do reencontro passou, ele colocou-a ao ombro com cuidado, o que a fez guinchar, agarrou-a pelos joelhos e abriu o portão. Depois de a levar para dentro da baia, poisou-a no monte de feno fresco num dos cantos.

— Pronto — disse ele a rir. — Agora, vocês as duas podem fazer o que quiserem durante o tempo que quiserem sem que eu fique preso no meio.

Wink aproximou-se, emitindo breves gemidos e sons agudos de saudação e cheirou Bethany desde os pés até à cabeça.

— Oh, *Wink*. Minha linda. Estás tão bonita. — Bethany voltou um par de olhos cintilantes e vermelhos para Ryan. — Ela não é linda? — Tinha chorado tanto que parecia ter um clipe no nariz.

Ryan já estudara bem a égua. Ele tinha uma das melhores coudelarias de criação de *quarter horses* do estado e já vira animais melhores.

— É a égua mais bonita que já vi. — Aproximou-se para passar uma mão pela garupa de *Wink* e depois deu-lhe uma palmada. — Consigo ver porque é que era uma campeã.

— Estás a ver, *Wink*? O Ryan é um especialista, e até ele diz que tu és a melhor. — Bethany beijou novamente o focinho da égua. Para horror de Ryan, *Wink* virou o beijo para trás e passou-o pela cara de Bethany. — Beijo, beijo! — exclamou ela, rindo-se com prazer. — Ensinei-a a fazer isto — disse ela com orgulho a Ryan. — Ela ainda se lembra!

Ryan sentou-se ao lado dela.

— Só te tenho a dizer que vais lavar a cara, escovar os dentes e bochechar antes que eu volte a beijar-te.

Bethany revirou os olhos.

— Ela não tem doenças. Não sejas tão mariquinhas. — Agarrou nos arreios de *Wink* e puxou-lhe a cabeça na direcção dele. — Diz «beijo, beijo». Ela não é esquisita.

Ryan levantou o braço para evitar que o beijo da égua se chegasse à sua cara.

— Não, obrigado. Tudo tem o seu limite.

— É uma habilidade especial — insistiu Bethany, triste.

Era especial, sem dúvida. Ryan suspirou, baixou o braço e deixou que a égua lhe passasse o beijo pela cara. Não era tão mau como estava à espera, mas também não era uma das suas experiências preferidas.

O que um homem estava disposto a fazer por amor.

Uma hora depois, Ryan deu por si a jantar sanduíches de bife numa baia. O prato de *Wink* foi maçãs às rodela, que Bethany lhe deu, rodela a rodela, enquanto comia a sua sanduíche. De algum modo, aquilo não era o que Ryan imaginara como uma noite romântica.

— Esta é a noite mais maravilhosa da minha vida — disse Bethany com um sorriso radiante quando acabou de comer. Estendeu um braço para fazer festas no pescoço da égua. — Nunca pensei voltar a vê-la, Ryan. Obrigada.

— Podes agradecer-me voltando a montá-la. Bethany empalideceu.

— Tenho algum receio.

— A tua sela só chega para a semana. Até lá, vocês as duas têm tempo mais do que suficiente para voltarem a conhecer-se. Se estivesse no teu lugar, é provável que também me sentisse um pouco apreensivo por voltar a montá-la.

— Oh, não é isso. — Bethany encostou a cara ao focinho aveludado da égua. — O que aconteceu não foi culpa dela. Sempre o soube e confio-lhe a minha vida. Se eu voltar a montar, terá

de ser com ela. Ela tinha um desgosto se não fosse.

Ryan teve de reprimir um sorriso. Bethany falava sobre a égua como se fosse humana.

— Mesmo que quase tivesses morrido da última vez que a montaste?

— Mesmo assim — disse ela com uma certeza absoluta. — Quando digo que não foi culpa da *Wink*, estou a falar a sério. — Os seus olhos adquiriram uma expressão distante ao recordar-se do acidente que a deixara paralisada. — Ela estava a correr como uma louca por mim, a dar-me tudo o que tinha. Não teve culpa de meter a pata num buraco e cair. Depois, nem consigo contar às pessoas que foram ver-me ao hospital só para me dizer que não devia culpar a *Wink* pelo que tinha acontecido. Disseram que quando ela percebeu que não podia parar, transferiu o próprio peso para um lado, tentando não cair em cima de mim. Não teve culpa se o barril se virou e me atirou mesmo para a frente dela.

Ryan viu-a passar as pontas dos dedos pela queixada do animal, o toque tão leve e terno que poderia estar a acariciar uma criança.

— Acho que não se pode pedir mais do que isso seja a quem for — disse ele em voz baixa —, cavalo ou pessoa. A correr àquela velocidade e meter a pata num buraco, podia tê-la partido. Muitos cavalos não se teriam preocupado com os cavaleiros numa altura dessas.

— Não. — Ela sorriu com uma expressão ausente. — E nenhum cavalo teria conseguido parar. — Deu mais uma palmada na égua. — Eu sei que ela tentou não cair em cima de mim e não preciso de saber mais nada. Porque é que as pessoas querem sempre atribuir culpas? Às vezes, acontecem coisas desagradáveis. A equipa de manutenção do recinto da feira limpou a pista toda naquela manha e alisou o piso com um cilindro. Não devia haver buracos. Eles têm imenso cuidado com isso porque há cavalos muito valiosos nos concursos de *barrel racing*, e eles não querem ser processados. — Encolheu os ombros. — Deve ter sido uma marmota qualquer que abriu um túnel até à superfície depois de o piso estar preparado. Não vou dizer que foi um acto de Deus porque me recuso a acreditar que Ele quisesse que eu ficasse paralisada, mas digo que foi um acto da Natureza, imprevisível, cuja responsabilidade não pode ser atribuída a ninguém. — Torceu o nariz. — A não ser, claro, que eu queira deitar as culpas à marmota que abriu o túnel.

Ryan sacudiu um pouco de feno das calças.

— Queres ir à caça? Temos muitas marmotas por estes lados que podes usar para praticar a pontaria.

Ela riu-se e abanou a cabeça.

— Agradeço a oferta, mas já resolvi essa questão há muitos anos. Não acredito que um pobre roedor tenha aberto um túnel só porque queria tramar a Bethany Ann Coulter.

Ryan sorriu.

— Uma forma muito racional de ver a questão. Não muito satisfatória, mas racional.

— Encará-la de uma forma racional foi a única maneira de não perder o juízo. Sabias que a ira é a emoção mais fácil de sentir para os seres humanos e, quando perdemos as nossas faculdades, é a última a desaparecer? É por isso que as pessoas com demência muitas vezes se tornam violentas, porque nas fases finais tudo o que lhes resta são sentimentos de raiva impulsivos. — O sorriso de Bethany esbateu-se e ela olhou-o nos olhos. — Já passei por lá, só conseguia sentir raiva. Não quero voltar a sentir-me assim. A amargura e a ira afectam todas as partes da nossa vida. Eu só quero ser feliz e tirar o máximo partido de tudo. Temos de aceitar e seguir em frente. Temos pena de nós próprios e procurarmos culpados apenas destrói o que restou.

— Eu não tenho dúvidas de que quero apreciar a vida — concordou ele.

— Para mim, isso significa que, se voltar a montar, terá de ser com a *Wink*. Qualquer outra solução seria uma fuga. Montá-la talvez me traga más recordações e talvez me assuste, mas é algo que terei de fazer. Preferir montar outro cavalo seria uma traição. Não lhe posso fazer isso. Não o farei.

— Eu entendo — disse ele com uma voz rouca, e entendia realmente, talvez melhor do que ela pensava. Bethany não era uma cobarde e não era mulher para escolher a saída mais fácil, não quando achava que poderia magoar a égua da qual gostava tanto. — Só tenho uma pergunta:

sentindo o que sentes pela *Wink*, confiando nela como confias, porque é que tens tanto medo de voltar a montar?

— Porque sei que não poderei usar as pernas e que nunca será a mesma coisa. Uma parte de mim tem medo de que seja uma grande desilusão, que talvez fosse melhor sonhar com isso e dizer a mim mesma que seria fantástico em vez de tentar descobrir que não é e que nunca voltará a ser. Faz algum sentido?

— Faz todo o sentido. Em sonhos, não temos limitações. A realidade raramente está à altura deles. Mas, Bethany, vê o outro lado. E se a realidade se revelar diferente do que era antes, mas igualmente incrível à sua maneira? Se nunca te atreveres a tentar, nunca saberás.

— Eu sei. — Ela respirou fundo lentamente. Os seus olhos escureceram com sombras quando voltou a olhar para ele. — Também tenho muito medo de poder cair. Imagina o que é estar numa sela e não poderes usar os joelhos. Só a ideia deixa-me o estômago feito num nó.

— Não caís, querida. Vais estar presa com correias. — Ryan estendeu um braço e afastou-lhe uma madeixa de cabelo da cara. — Vamos com calma. Nas primeiras vezes, dou umas voltas ao curral contigo. Habitua-te e, não demora muito, voltas a adorar andar a cavalo.

— Oh, quem me dera...

— É o que vai acontecer. Ryan ia certificar-se disso.

Bethany.

Quando Ryan sugeriu que já tinham passado tempo suficiente com *Wink* e deviam voltar para casa, a cara dela ficou rosada como as flores do trevo em Junho. A caminho da carrinha dela para levar a cadeira de rodas, Ryan riu-se para consigo perante a timidez dela. Depois, franziu o cenho, apercebendo-se subitamente de que não tivera grande experiência com virgens — ou antes, nenhuma, ponto final. Mesmo na universidade, procurara sempre raparigas que já sabiam o que fazer. O seu pai tê-lo-ia esfolado vivo se soubesse o contrário.

Ryan suspirou quando voltou ao estábulo. Uma vez diante da baia de *Wink*, preparou a cadeira de rodas, aplicou-lhe o travão, e entrou para ir buscar Bethany. Ela tinha palha no cabelo e, quando a instalou na cadeira, a bainha da saia rodada azul levantou-se, revelando um buraco nas meias. O rasgão revelava um arranhão no joelho.

Ryan baixou-se para examinar a abrasão. Ela começou imediatamente a puxar pela saia, ajeitando os folhos à volta e entre as pernas. Ele levantou a cabeça. Grandes olhos azuis desconfiados devolveram-lhe o olhar. Ele tentou um sorriso inofensivo. Nunca tivera muito talento com eles.

— O que foi? — perguntou ele em voz baixa.

— Nada — respondeu ela abanando a cabeça.

Pois claro. Ryan suspirou para dentro, pensando que aquele era exactamente o motivo pelo qual a noite de nupciais era o tema de tantas piadas. Era quase como ir ao dentista. Se pensássemos muito naquilo antes de irmos à consulta, ficávamos uma pilha muito antes de nos sentarmos na cadeira.

— Estás um pouco nervosa? Ela abanou a cabeça, mas disse:

— Sim. Um pouco.

Satisfeito por ver que o arranhão no joelho não era preocupante, Ryan segurou-lhe a cara entre as mãos. As maçãs do rosto pareciam frágeis sob os seus polegares — minúsculas quando comparadas com as suas.

— Preferes esperar?

— Esperar porquê?

Ficou sem saber o que dizer. Boa pergunta. À excepção do casamento, que ele esperava concretizar antes que a tinta tivesse tempo para secar na certidão do registo, não havia nenhum motivo para esperar. A não ser, claro, que ele contasse com a expressão preocupada nos olhos dela. O que era o caso.

Bethany fechou os dedos delicados sobre os pulsos dele.

— Oh, Ryan, não estou nervosa pela razão que estás a pensar. Não é por fazer amor contigo.

Eu já... — calou-se e ficou ainda mais corada. — Já pensei muito sobre essa parte, e quero experimentar. É só que...

— É só quê, o quê? — insistiu ele.

Ela passou uma mão pelos botões da camisa.

— Eu, hmm, a modos que, não sei, sinto-me envergonhada. Tu és tão... — Percorreu-o com o olhar. — És tão *perfeito*. Bonito e com um corpo incrível, o género de homem com o qual a maioria das mulheres apenas sonha.

Ryan sentiu um aperto na garganta.

— Obrigado. Acho que estás a exagerar, mas é um belo elogio, e fico lisonjeado por saber que pensas assim. — Olhou atentamente para ela. — Isso constitui alguma espécie de problema?

— Não! Não é um problema, propriamente. É só que eu não sou. Ele contornou mentalmente aquela frase, sem saber muito bem qual o seu significado.

— Tu não és o quê?

— Perfeita — respondeu ela, a palavra pouco mais do que um sussurro.

— Oh, querida. — Ryan apercebeu-se então de que se tinha esforçado tanto para desempenhar o papel do melhor amigo de uma forma convincente que não conseguira dar-lhe a entender o quanta a desejava fisicamente. Nunca permitira sequer que o seu olhar percorresse o corpo dela. Seja como for, não quando ela o pudesse ver. — Se fosse mais bonita, Miss Coulter, eu já teria um caso crítico de pneumonia por esta altura.

Ela parecia intrigada:

— Pneumonia? Ele riu-se.

— Por causa de tantos duches de água fria. Ela riu-se e disse:

— Ah. *Pneumonia*. Claro. — Uma expressão esperançosa, ligeiramente incrédula passou-lhe pelos olhos. — Tomaste mesmo duches frios?

Ver a incredulidade dela deixou Ryan com um aperto no coração. Para ele, parecia um crime que alguém tão bonito pudesse chegar aos vinte e seis anos sem que nunca lhe tivessem dito o quão desejável era. Era uma questão que ele pretendia resolver dentro de muito pouco tempo.

— Dúzias de duches frios — garantiu-lhe ele. — Tenho vontade de fazer amor contigo desde a primeira vez que te vi. Sempre que estava perto de ti, tinha de vir para casa e ficar debaixo da água fria até ficar suficientemente dormente para conseguir adormecer.

Sorriu e baixou os olhos até aos seios pequenos mas perfeitamente desenhados. Talvez fosse apenas um desejo esperançoso, mas pareceu-lhe ver os mamilos endurecerem em resposta. Encorajado por aquela visão, mirou-lhe o resto do corpo, as suas mãos ansiosas por agarrarem aquelas ancas, o seu corpo desejoso de senti-la contra ele.

Quando voltou a olhá-la nos olhos, a cara dela estava rosada até aos cabelos, mas havia uma centelha puramente feminina no olhar. Decidiu naquele momento que ia passar a mirá-la, muito, e que se certificaria de ser apanhado no acto.

— Não consigo exercitar certas partes do corpo como as outras pessoas — disse ela num tom pouco seguro. — Nesses sítios, os músculos atrofiaram-se, e não estou muito tonificada.

— Isso quer dizer que és tão macia e fabulosa como pareces?

Ela suspirou, transmitindo com a sua expressão que aquela não era uma ocasião para dizer disparates.

— Tenho tanto medo de te desiludir. Que não gastes do meu aspecto e eu seja uma grande desilusão noutros aspectos também, é que...

Ele interrompeu-a ao baixar a cabeça para a beijar. Como ele adorava aquela boca, tão macia e voluntária, todavia, insegura e hesitante.

Queria continuar a saboreá-la para sempre, queria passar o resto da vida a dar prazer a si próprio com ela. Queria aquela mulher, com baba de água e tudo.

Obrigando-se a pôr um fim ao beijo, murmurou:

— Querida, podes parar de te preocupar? Acho que és linda e a minha opinião é a única que importa. Vai correr tudo bem entre nós. Tenho esta sensação, e estas minhas sensações raramente se

enganam.

— Oh, Ryan, espero que tenhas razão. Se pudermos pelo menos ter *sexo* satisfatório, não me sinto tão culpada por me casar contigo. Se não conseguir sentir nada, acho que *morro*.

Wink empurrou o ombro de Ryan com o focinho. Ele levantou um braço para lhe esfregar o pescoço.

— Tens a certeza de que é só isso que te preocupa? Não tens medo que eu te magoe? — Para o caso de ela ter vergonha de admitir que se sentia apreensiva nesse campo, apressou-se a acrescentar: — É a tua primeira vez. É uma preocupação muito natural para uma mulher.

Ela riu-se.

— Espero que sim.

— O quê?

— Espero que doa. É um bom sinal, Ryan. Seria fantástico.

Só aquela ideia deixou-o com uma desconforto no estômago. Preferia arrancar um braço a magoá-la. Mas ela tinha razão. Ele também devia esperar que doesse. Naquele caso em particular, quanto maior o desconforto, maior o motivo para festejar.

Devolveu *Wink* à sua baia e trancou o portão para a noite. Em seguida levou Bethany para fora do estábulo.

— Queres ir até ao lago? — perguntou Ryan, pensando que tinha de a cortejar um pouco. — Aquilo ali em baixo é lindo à noite. As estrelas reflectem-se na água como milhares de diamantes.

— Depois — disse ela com firmeza. — Podemos lá ir depois. Manobra falhada. Quando chegaram a casa, Ryan acendeu um par de luzes e agarrou no controlo remoto para ligar a aparelhagem enquanto ia à cozinha buscar um pouco de vinho para os dois. Bethany ficou fascinada com as alterações na cozinha, e instalou-se do outro lado do balcão, os seus grandes olhos azuis seguindo-o nervosamente.

— Ryan?

Ele parou de encher os copos e olhou para ela.

— Sim?

— Podemos só... — passou os dedos pela frente da blusa, inspirou com pouca convicção e engoliu em seco. — Tu sabes, podemos só... — expirou apressadamente. — Nada de muito demorado. Por favor? Quero só, hmm, passar logo para a parte importante. Só desta vez. Prometo. Desculpa apressar-te, mas preciso de saber.

Ele sentiu um aperto no coração só de ver a angústia nos olhos dela. Ela estava prestes a morrer de ansiedade, e ele estava a empatar. Poisou a garrafa de vinho e contornou o balcão para a tirar da cadeira.

— Não terás de repetir esse convite.

Quando a puxou para o seu peito, Bethany passou-lhe os braços à volta do pescoço, encostou a cara a curva imediatamente abaixo do queixo dele e sussurrou:

— Diz-me outra vez, Ryan, preciso de ouvir-te dizê-lo mais uma vez. Ela não tinha de esclarecer aquele pedido. Ele baixou o queixo para lhe encostar os lábios à têmpora.

— Amo-te, Bethany. E vou amar-te para o resto da minha vida com todo o meu coração.

Levou-a para o quarto. Quando a poisou na cama, ela baixou a cabeça de tal forma que o cabelo caiu para a frente, cobrindo-lhe a cara, e começou a desabotoar a blusa com dedos trémulos. Parecia tão desamparada, ali sentada, com os pés numa posição esquisita, um virado para dentro, o outro dobrado pelo tornozelo.

Ryan passou-lhe as mãos pelas barrigas das pernas, consciente de que ela não sentia nada ali, mas, mesmo assim, permitindo-se esse prazer. Através da malha das meias, a pele dela parecia fresca e incrivelmente macia, fazendo-o recordar-se do seu toque acetinado. Beijou-lhe o arranhão no joelho, o que lhe mereceu um olhar espantado da parte dela.

Quando voltou a olhar para ela, Bethany debatia-se com um botão. Ele afastou-lhe as mãos:

— Importas-te? — perguntou-lhe. — Prefiro ser eu a desembrolhar os meus presentes.

Ela olhou-o intrigada e ele limitou-se a sorrir.

— Para mim, és um presente, Bethany Coulter. O melhor presente que Deus me podia ter dado.

A boca dela contraiu-se, um canto virando-se para baixo e começando a tremer.

— Oh, Ryan, esqueci-me de te dizer mais uma coisa horrível.

— O quê? — perguntou ele, sentindo o coração parar porque ela parecia tão preocupada. — Não pode ser assim tão mau. O quê, querida?

— Tenho cicatrizes. Horríveis.

O coração dele recuperou o ritmo normal.

— É só isso? — Ryan desapertou os botões que restavam, abriu a frente da blusa e agarrou no cós da saia. — Aposto que as tuas cicatrizes não são nada comparadas com as minhas. Queres ver uma cicatriz, querida? Eu mostro-te uma cicatriz.

Ele inclinou-se para trás sobre um calcanhar para desapertar a camisa, soltou um dos lados e mostrou-lhe uma cicatriz vermelha na caixa torácica.

— Foi um gancho de feno. O Rafe e eu pegamo-nos à pancada quando éramos miúdos. Eu atirei qualquer coisa, já nem me lembro do que era, e acertei-lhe na cabeça. Quando ele se virou para trás para vir atrás de mim, apanhou-me acidentalmente com o gancho.

— Oh. — Ela tocou na marca com as pontas dos dedos. — Oh, Ryan, deve ter doido tanto!

Ele riu-se:

— Doe mais a ele do que a mim. Sentiu-se tão culpado que até chorou. O meu pai teve tanta pena dele que nem lhe bateu.

Os olhos dela arregalaram-se.

— O teu pai batia-vos muito?

— Uma vez por dia e duas aos domingos, só para nos manter na linha. — Ryan riu-se ao ver a expressão horrorizada dela. — Nada disso. Tanto quanto me lembro, bateu com o cinto no Rafe uma vez, e foi no primeiro ano, quando ele bateu numa rapariga. Código dos Kendrick. Nenhum homem digno desse nome bate numa mulher, o que também se aplica a rapazes de seis anos.

— E tu, alguma vez apanhaste?

— Não. A única vez em que ele veio atrás de mim foi quando eu tinha dezoito anos, e deu-me uma bofetada na boca. — Ryan esfregou o queixo. — Virou-me de pantanas. O velhote ainda tem muito força.

— Porque é que ele te bateu? Ryan riu-se ao recordar-se:

— Queres uma lista? Saí da cidade a conduzir bêbedo como um cacho. A minha mãe viu-me quando entrei na cozinha e disse que eu era um irresponsável. Menti e disse que não tinha estado a beber, o que foi o meu segundo erro. Depois, chamei-lhe um nome de forma dissimulada. Ainda não tinha acabado a frase quando o meu pai me apanhou.

Bethany esquecera-se nitidamente do seu estado de nudez parcial, o que para ele era perfeito.

— Mas o que é que tu lhe chamaste?

— Não lhe chamei propriamente nada. Só referi que havia outros tipos que bebiam e que as mães deles não se comportavam como cabras quando eles voltavam para casa. Não conseguí dizer muito mais depois de «cabras». O meu pai avançou, eu caí, e quando comecei a levantar-me, ele plantou-me a bota no meio do peito para me informar de que não havia um único homem vivo que tivesse chamado cabra à minha mãe e que lhe tivesse pedido desculpa de pé. Se eu fosse esperto, falava primeiro e levantava-me depois.

Bethany riu-se.

— Bem... e o que é que tu fizeste?

— Deixei-me ficar deitado e pedi desculpa à minha mãe. Depois, o meu pai ajudou-me a levantar, verificou os meus dentes, disse à minha mãe para me pôr um pouco de gelo no lábio e saiu da cozinha. Nunca mais voltou a falar do assunto, e eu também não. — Ryan sorriu com a recordação. — Nunca mais voltei a falar à minha mãe sem o devido respeito. Lição amarga, boa escola. O meu pai não é um mau homem, mas pode ser difícil se o zangares, e a forma mais rápida

de o fazeres é pisares o risco com a minha mãe.

Ryan puxou-lhe a camisa pelos braços, fazendo os possíveis para fingir que não estava muito interessado na vista. Ela era uma coisinha tão bonita, tão branca e macia, com ossos salientes aqui e ali para um homem poder mordiscar.

— Onde é que estão essas cicatrizes horríveis? — perguntou ele, fingindo procurá-las enquanto apoiava as mãos nas copas de renda do *soutien* e no que elas aconchegavam. Os seios dela eram tão perfeitos quanto ele os imaginara, com o tamanho suficiente para lhe encher as mãos. Através da renda, podia ver as pontas rosadas a espreitar. Estavam duras e empurravam o tecido como pequenos rebites. — Não vejo nada em ti que não seja perfeito.

Um rubor de humilhação instalou-se na cara dela.

— Nas minhas costas. Foram três operações, lembras-te? Ele começou a inclinar-se.

— Por favor, não olhes — pediu ela. — Tenho vergonha delas. São feias.

Ryan semicerrou um olho.

— Bem, parece que não há nada a fazer. Tenho de baixar as calças e mostrar-te o que é uma verdadeira cicatriz. — Agarrou na fivela do cinto. — Enredado em arame farpado. Outra história. O Rafe também estava metido.

Ela reparou que ele estava prestes a desapertar o cinto e abanou a cabeça.

— Não, não. Eu... acredito. Não tens de me mostrar. Ryan arqueou as sobrancelhas.

— Tens de me mostrar as tuas. Não há lugar para segredos entre nós, e eu não quero que depois tenhas medo que eu as veja. Melhor despachar já o assunto. De acordo?

Ela assentiu, mas, avaliando pela sua expressão, não estava nada entusiasmada com a ideia. Ryan decidiu acabar o mais depressa com a agonia e inclinou-se para ver as cicatrizes na coluna. Sentiu um aperto nas entranhas quando as descobriu, não porque as três marcas eram feias, mas porque representavam toda a dor que ela tinha suportado. Desejou que ela pudesse ter sido poupada aquele sofrimento desnecessário, todavia, também aceitava que também ele a teria encorajado a fazer as operações, apenas pela remota hipótese de as intervenções a poderem ajudar a voltar a andar.

Consciente de que ela estava à espera da sua reacção, Ryan tentou pensar em algo reconfortante que pudesse dizer — que as cicatrizes não eram feias, que mal repararia nelas quando fizesse amor com ela. Tudo isso era verdade, mas, por algum motivo, as palavras não saíram. Assim, e por impulso, apoiou-se num cotovelo e inclinou-se ainda mais, passando lentamente os lábios ao longo de cada uma das incisões. Bethany inteiriçou-se e arqueou a coluna.

— Oh, Ryan, não faças isso.

Ele acabou de beijar cada uma das cicatrizes e levantou-se para olhar para ela.

— Amo tudo o que faz parte de ti — disse ele em voz baixa. — Até as partes ligeiramente imperfeitas. Apenas servem para me recordar como o resto de ti é tão bonito.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Não as achas feias?

— De todo. Nada em ti se aproxima sequer do que pode ser considerado feio.

Agarrou as beiras do colchão de cada lado dela e avançou até tocar com o nariz no dela. Vendo que ele continuava a avançar, ela soltou um guincho assustado e caiu para trás, exactamente como ele a queria. Poisou as mãos de cada lado dos ombros dela e desceu também. Bethany envesgou ligeiramente os olhos ao olhar para ele ao longo da cana do nariz. Ele não conseguiu resistir a beijá-la, seguindo a curva numa lenta ascensão até à testa, onde percorreu os arcos negros acima dos olhos com a ponta da língua.

— Meu Deus, tu és tão bonita — sussurrou ele. — Podia passar a noite toda só a saborear-te.

Ela fechou as mãos nos braços dele e Ryan sentiu-a a tremer. O seu coração parou:

— Querida, não estás com medo de mim, pois não?

— Não, não.

Reprimiu um sorriso. Ela era tão atrevida durante a maior parte do tempo que lhe era fácil

esquecer que não tinha experiência absolutamente nenhuma com homens. «Calma, rapaz.» Quer ela quisesse, quer não, ele tinha de ir com calma.

Mudando o peso do corpo até ficar deitado ao lado dela, soergueu-se num cotovelo e passou a ponta de um dedo pela orla do *soutien* dela, começando num ombro e seguindo numa viagem ociosa pelos seios até chegar à alça do lado oposto.

— Fazes ideia do quanto eu te desejo?

— Tanto quanto eu, espero. — Ela poisou-lhe uma mão esguia no queixo, o polegar delicado seguindo ao de leve a face. Só sentir o toque dela deixava-lhe o sangue em brasa. — Esforcei-me tanto para não te desejar, mas não consegui, foi mais forte. — Ela sorriu sonhadoramente. — Tornou-se tão sério que já nem conseguia dormir. Ficava ali deitada, completamente acordada, a pensar e a desejar. Ainda me custa a acreditar que estou aqui contigo, agora, e que nunca mais terei de pensar e imaginar.

Ryan procurou-lhe os olhos e viu desejo, turbulento e quente, naquelas profundezas azuis.

Ela mordeu o lábio, uma súbita expressão séria franzindo-lhe a testa.

— Tenho de te agradecer por seres tão atencioso. Ires devagar e perderes tempo a dizer coisas bonitas. Mas eu não preciso que o faças, se é por isso que estás a fazê-lo. Estou pronta para que tu, sabes, *comeces*.

Ryan abafou uma gargalhada:

— Desculpa, não me queria arrastar.

— Oh, não me estou a queixar. É só que...

— Eu percebo — murmurou ele, interrompendo-a com um beijo ao de leve. Contra os lábios dela, acrescentou: — Mas, querida, tenho de te preparar.

— Eu estou preparada — garantiu-lhe ela.

Ele poisou-lhe uma mão na barriga e aprofundou o beijo. «Cristo.» Ela *estava* pronta. A boca rendida e macia abriu-se esfomeada, encorajando-o a entrar e tomar. Só um morto poderia resistir a um convite daqueles, e ele estava muito longe da cova.

Entre beijos, Bethany murmurou:

— Nada de segredos nem de jogos. Certo? O meu corpo já está tão pronto como poderia estar há mais de um mês.

Ele inclinou-se para trás:

— Um mês? Ela assentiu.

— Todas aquelas noites no sofá, quando estavas a ver os filmes? Eu estava a pensar, bem, tu sabes, em fazer isto.

Ryan fez um esforço para manter uma cara séria.

— Estás a gozar.

— Não, a sério.

Ele desapertou-lhe o cós da saia. Depois, não conseguiu resistir a sorrir e começou a rir-se quando baixou a cabeça e começou a morder-lhe o pescoço.

— Quando eu te tocava aqui? — perguntou ele. — E aqui? — Tocou com a língua na depressão abaixo da orelha. — E aqui? — Esticou-se, tentando chegar a nuca. — Bem, eu sou mesmo bom.

Ela voltou a cara para olhar para ele.

— Estavas a fazer de propósito.

Não era propriamente uma pergunta. Enfrentando o olhar dela, Ryan abriu o fecho no lado da saia.

— Há ursos nos bosques? Claro que fiz de propósito. Estava a dar o meu melhor para te seduzir.

Ela riu-se e fechou os olhos.

— Quando acabarmos, lembra-me que tenho de te esfolar com uma faca embotada. Todavia, e por enquanto, podes ficar descansado, os teus esforços foram bem sucedidos. Insisto que comeses a cumprir aquelas promessas todas que me fizeste.

— Quais promessas?

— Que, um dia, me havias de beijar em todos aqueles lugares, e talvez noutros também. Há um mês que penso qual será a sensação. Agora, estou pronta para ver se estás à altura da tua conversa. — Riu-se outra vez.

Ryan estava mais do que pronto para cumprir aquelas promessas. Ainda lhe custava a acreditar que ela estava a pedir, e que ele era o sortudo que ela escolhera. Tinha imaginado que teria de a convencer, que ela se mostraria tímida e um pouco relutante. Em vez disso, ela estava impaciente, deliciosamente ansiosa, e mais do que pronta, se os seus beijos servissem como indicação.

«Por favor, Deus.» Ele queria que fosse perfeito para Bethany — uma noite incrível que ficaria para sempre na sua memória. Ela era tão doce que ele não conseguia imaginar o que poderia ter pensado, deitada na sua cama solitária a olhar para o tecto, mas queria tornar realidade todas as suas fantasias.

Quando ele lhe despiu a saia, as meias e as cuecas, Bethany fechou os olhos com embaraço, receando nitidamente que ele pudesse ficar desiludido. Ele percorreu-a com os olhos desde a orla inferior do *soutien* até às pontas dos pés delicados, absorvendo aquela abundância de pele de um branco leitoso. Cada centímetro dela era perfeição absoluta, as costelas formando uma escada por onde descer para uma cintura incrivelmente fina que dava lugar ao suave arredondado das ancas. Incapaz de resistir ao desejo, curvou-se para morder o alto onde se destacava o osso ilíaco, o que a fez estremecer, arquejar e abrir os olhos.

Ele sorriu e prendeu a ponta de um dedo sob a orla do *soutien*. Puxando um pouco disse:

— Tudo fora. Quero ver-te toda.

Com mãos trémulas, ela começou a abrir o fecho entre as copas. Enquanto a renda caía, a cara dela ficou cor-de-rosa, Bethany evitando deliberadamente olhar para ele.

— Não são muito grandes. Gostas deles grandes?

Ryan estava tão absorto a olhar que quase não ouviu a pergunta. Os globos leitosos eram pequenos, mas requintadamente definidos, cada um deles encimado por um mamilo delicado e rosado que endureceu e se projectou ansiosamente na direcção dele, como que excitado pelo calor escaldante do seu olhar. Ele queria levar a língua a cada um daqueles cumes sensíveis, aprender o sabor dela. Mas a pergunta ainda pairava entre eles, à espera de uma resposta.

Ryan estudou-lhe os olhos, apercebendo-se ao fazê-lo de que para ela aquela era uma revelação muito importante, a primeira vez na sua vida adulta em que qualquer homem que não um médico a via nua. Naturalmente, estava insegura. Ele próprio não tivera assim tanta autoconfiança na sua primeira vez.

— Prefiro peitos para o pequeno — encontrou ele finalmente a presença de espírito para lhe dizer.

— Não estás a dizer isso só por dizer, pois não? Ryan não pôde deixar de sorrir.

— Não, não é só por dizer. E quando eu te apanhar deitada, tenho algumas promessas ainda por cumprir.

Quando ele se debruçou por cima dela para afastar os lençóis, Bethany sentiu um aperto terrível no estômago. Não sabia por que motivo se sentia tão nervosa, apenas que se sentia assim, e por mais dura que fosse consigo mesma, não parecia adiantar rigorosamente nada.

Ryan passou-lhe um braço à volta da cintura, puxou-o para a virar na cama e depois encostou-a com cuidado à almofada. Olhando para ele, Bethany pensou que nunca tinha visto um homem tão bonito. Com a luz difusa, a pele dele parecia tão escura como madeira de teca, e os olhos cinzento-azulados brilhavam como prata iluminada pelo luar ao percorrermos lentamente o seu corpo.

Ela apercebeu-se de que tinha os joelhos afastados e agarrou nos cobertores para tapar as pernas. Agarrando-lhe no pulso, Ryan impediu-a de se refugiar debaixo dos cobertores enquanto se posicionava ao lado dela.

— Não — murmurou ele.

— Mas as minhas pernas são...

— Esta noite, essas pernas são *minhas*. — Ainda com a camisa vestida, Ryan mudou de posição para conseguir ver melhor a cara dela, libertando-lhe o pulso para poder deslizar a palma da mão pelo interior da sua coxa esquerda. — Não sei qual o ângulo em que tens visto as tuas pernas, querida, mas, do meu ponto de vista, são simplesmente fabulosas. Nunca te disseram isso?

— Não. — Bethany susteve novamente a respiração ao sentir a palma dura e quente na pele sensível do interior da coxa. — Não é que eu... ui.

— Tens covinhas nos joelhos — murmurou ele com voz rouca. — As covinhas mais engraçadas que eu já vi.

A cara morena dele aproximou-se da sua — suficientemente perto para que o calor da respiração lhe afagasse a face quando falava. Baixou a cabeça para a beijar onde o bafo já lhe deixara a pele em frêmitos. Os lábios eram sedosos e tocavam-na como um sussurro, deixando um rasto incendiário até chegarem à orelha, onde a ponta da língua entrou em acção, lambendo-lhe o lóbulo e electrizando as terminações nervosas.

Bethany revirou os olhos parcialmente fechados. Agarrou-lhe nos ombros e cravou os dedos, sentindo-se como se aquela solidez fosse a sua única âncora num mundo que subitamente começara a girar. Que bem lhe sabia a forma como os lábios dele lhe passavam pela pele, tão ao de leve que mais parecia estar a ser provocada por asas de borboleta. E, oh, como era bom sentir o peito dele roçar os seus mamilos. A cada passagem, o seu coração dava um salto e a respiração tornava-se mais entrecortada. A maciez da camisa era uma fraca barreira sobre uma massa dura e vibrante de musculo quente que se agitava de cada vez que ele se mexia. *Ryan*. Ela até gostava do cheiro dele — uma mistura tantalizante de aromas masculinos que lhe estimulava os sentidos.

Quando ele levou os lábios até à garganta dela, Bethany deixou a cabeça cair para trás, adorando as sensações enquanto ele beijava e mordiscava e sugava a sua pele. Uma sensação de um formigueiro escaldante percorria-a, acumulando-se como fogo líquido no seu baixo-ventre, e a sensação estranha que a mantivera acordada durante tantas noites tornava-se tão forte que a deixava com vontade de arquear o corpo contra o dele como se fosse um gato. A tentação foi ainda mais intensa quando ele lhe percorreu a clavícula com a ponta da língua. A respiração tornou-se ainda mais irregular, os breves arquejos mal alcançando os pulmões. Deixou escapar um gemido involuntário quando sentiu os lábios dele começarem a descer.

Pensara um milhar de vezes qual seria a sensação de ser amada por um homem, e uma boa metade dessas vezes tivera lugar durante os últimos dois meses. Na escuridão do seu quarto, deitada sozinha na cama, ficara a olhar cegamente para o negrume da noite, a imaginar, a dor da necessidade dentro dela fazendo-a fantasiar e *querer*.

Como seria ter as mãos de Ryan no seu corpo?

Como seria se ele lhe beijasse a pele?

Como seria se ele lhe sugasse os mamilos?

Agora, ele estava prestes a fazê-lo e ela mal podia esperar. Susteve a respiração, ansiando pelo calor da boca dele nos seus seios.

Enquanto prosseguia a sua descida, Ryan não se afastava do centro do peito, seguindo a linha do esterno. A cabeça de Bethany começou a latejar — um latejar ressonante que lhe assaltava os ouvidos. Os mamilos ficaram completamente duros, tão sensíveis que o mais leve movimento da camisa dele lhe deixava os pensamentos em estilhaços. Ele beijou a curva interior de um seio, depois a do outro. Ela só queria que ele fosse para aquele ponto onde precisava tão desesperadamente que ele estivesse, mas Ryan parecia decidido a provocá-la e acumular a antecipação.

Começou a beijá-la rumando aos mamilos, mas desviando-se quase ao chegar, atormentando-a impiedosamente até a deixar convencida de que ia enlouquecer. Sempre que o queixo dele roçava a auréola, ela estremecia e pensava em agarrar-lhe nos cabelos para o segurar.

Quando já não conseguia suportar aquela tortura, foi o que fez, prendendo-o com os braços quando ele se tentou afastar. Ryan ergueu a cabeça morena e olhou para o cume exposto que era o

seio dela, os seus olhos ficando ainda mais escuros. Ele sabia perfeitamente o que ela queria. E vendo que ele não lho dava, como ela tanto desejava que fizesse, Bethany quase chorou de frustração.

— Meu Deus, Bethany, tu és linda — sussurrou ele com uma voz entrecortada, o bafo quente roçando-lhe o mamilo latejante e apenas intensificando o seu desejo. — Fazes-me pensar em morangos com natas, a minha sobremesa preferida.

Ela só queria que Ryan provasse.

— Ryan...?

Ele subiu para lhe beijar a boca longa e profundamente, o que não era bem o que ela queria, mas ele beijou-a até ela já não conseguir lembrar-se muito bem do que poderia ser.

Até que o peito dele roçou o dela. Recordação imediata.

— Ryan?

— Sim, querida?

— Importas-te... — Bethany engoliu em seco, desejosa de que ele passasse à acção. — Importas-te de me beijar?

Ele tomou-lhe novamente a boca. Um beijo profundo, intenso, de línguas enredadas que a deixou com a cabeça a andar à roda. Era delicioso. Indescritível. Um beijo fantástico, maravilhoso, arrebatador que lhe deixava o coração descontrolado. Mas não era o que ela *queria*.

Quando Ryan finalmente se afastou para recuperar o fôlego, ela engoliu e disse:

— Não na boca. No peito.

Ele estudou-lhe os olhos durante um longo momento. Então, sorriu e disse:

— A espera é que lhe dá graça.

— Mas eu já achei graça mais do que suficiente. Vinte e seis anos dela.

Ele riu-se, um som travesso e com laivos de pura satisfação masculina.

— Ganhei. Estou à espera de beijar o teu peito há trinta anos, e podes ter a certeza de que vou saborear a expectativa. — Baixou a cabeça e lambeu a depressão entre as clavículas. — Vou saborear cada centímetro de ti e guardar estes seios lindos para o fim.

Bethany quase gemeu. Queria tanto que ele a beijasse ali que praticamente tremia. Manteve uma mão firme nos cabelos dele, ou assim tentou, os seus pensamentos ficando em branco quando o calor daquela boca a atingiu na face interior do braço erguido e subiu lentamente até ao cotovelo. Não sabia como ele conseguia, mas fazia com que as partes mais banais do seu corpo se transformassem em zonas erógenas ultra-sensíveis.

— Meu Deus. — Quase soluçou quando ele se libertou da mão que lhe prendia o cabelo e atacou a respectiva palma, percorrendo cada uma das linhas ali marcadas como se as quisesse memorizar. Quando ele lhe envolveu a ponta de um dedo com os lábios e ela sentiu aquele calor incrivelmente húmido e macio a sugar-lhe a carne, soluçou mesmo.

— Ryan, basta. Eu não aguento.

— Claro que aguentas. — A língua começou a descer pelo dedo. — Quando eu acabar, nem sequer conseguirás lembrar-te do teu nome, e hás-de implorar que eu te beije os seios. E quando eu finalmente o fizer, a sensação vai dar contigo em doida.

— Ah-ah-ahhhh — foi tudo o que ela conseguiu dizer em jeito de resposta. Agora, ele estava a morder-lhe o pulso. Bethany sentia-se como um bufete preparado exclusivamente para o prazer dele.

Ele mordiscou-a no regresso ao cotovelo e chupou-o, banhando-lhe a pele com a língua.

— Vou prender-te os mamilos entre os dentes — sussurrou ele —, assim. — Ofereceu-lhe um antegosto das delícias que a esperavam, mordiscando-lhe o braço muito ao de leve. — E sempre que os meus dentes os puxarem, hás-de pensar que estás a morrer de prazer.

Ela já estava a morrer. Ryan passou a cabeça por baixo do braço dela para lhe morder as costelas, subindo aquela escada até à axila, o que ela talvez tivesse achado embaraçoso se ainda lhe restasse algum pensamento lúcido.

— Ryan... — murmurou ela, arrastando as sílabas.

Ele agarrou-lhe nos pulsos com uma mão grande, prendeu-lhe os braços acima da cabeça e depois recuou para olhar para o peito dela.

— Minha menina, mas que visão. — Os olhos dele ardiam com o calor da paixão quando voltou a olhá-la nos olhos. Sorriu ligeiramente, o sorriso de um homem que sabia exactamente o que estava a fazer, apreciando cada segundo.

— Vou beijá-los agora. Estás pronta?

Ela estava pronta há dez minutos. Conseguiu assentir com a cabeça. Ele sorriu e, com uma lentidão agonizante que a deixou com a pele a arder de expectativa, baixou a cabeça.

— Observa — sussurrou ele.

Aquela ordem era completamente desnecessária. Os olhos dela estavam fixos na boca dele e acompanharam a sua descida preguiçosa. Quando os lábios pararam a um centímetro do peito dela, o mamilo fincou ainda mais duro, projectando-se ao seu encontro. Ele sorriu e soprou. O bafo inesperado de calor seguido pela frescura do ar fez com que a coluna dela se arqueasse, deixando-a sem respiração. Bethany tentou libertar as mãos, mas ele apertou-as com mais força.

— Não, não. Nem penses. Nenhuma interferência. Por enquanto, és toda minha.

Contornou-lhe a auréola com a ponta da língua. Bethany ouviu vagamente um arquejo trémulo misturado com gemidos quase inaudíveis e apercebeu-se de que era ela quem estava na sua origem. Ele enrolou a língua à volta do mamilo. O choque de calor e o toque sedoso provocaram-lhe uma descarga que sacudiu o colchão. Bethany soluçou perante aquelas vagas de sensação electrizante e arqueou a coluna, querendo mais, *mais*, os seus pulmões tão destituídos de ar que não conseguia falar.

Ryan pareceu perceber sem que ela dissesse as palavras. Puxou-a para a sua boca, o movimento tão inesperado e intenso que ela gritou. Depois, prendeu-lhe a carne latejante entre os dentes. Ela soluçou e exclamou:

— Oh, sim. *Sim*. — Sentiu-o libertar-lhe os pulsos e agarrou-se cegamente aos ombros dele, precisando de o sentir. Frustrada, puxou-lhe pela camisa, o seu corpo mais parecendo que se dissolvia a cada movimento da boca dele. — Oh, Ryan, amo-te, amo-te, amo-te. — Puxou-lhe freneticamente a camisa, encontrando finalmente a pele nua, e deliciou-se com aquela sensação. — Sim. Oh, sim. Não pares. Por favor, não pares.

Ele riu-se e começou a morder-lhe o pescoço. Enquanto descia mais uma vez, beijando-lhe a pele de regresso aos seios, sussurrou:

— Nunca. Não paro. Mas vou fazer alguns desvios que serão igualmente agradáveis.

Não havia nada que se comparasse — a boca quente de Ryan estava novamente no peito dela, e o que quer que fosse que ela estivesse prestes a pensar dissolveu-se por completo. *Ryan*. Nunca nas suas fantasias mais desvairadas imaginara que poderia ser assim tão maravilhoso. Nunca.

Ele fez um daqueles desvios para os quais a alertara, semeando beijos escaldantes até ao umbigo, o qual ele contornou e mordiscou, e depois invadiu com a língua. Quando finalmente encarou os seus olhos hipnotizados, arqueou uma sobrelanceira escura e perguntou:

— Gostas?

Ela nunca teria acreditado que o seu umbigo era tão sensível, e estava a adorar. Não conseguia encontrar a voz para lhe responder. Havia algo de incrivelmente erótico em vê-lo beijá-la ali. Como se lhe adivinhasse os pensamentos, Ryan parou para olhar novamente para ela. A boca assumiu aquele sorriso de esguelha que ela sempre achara tão devastador, muito mais devastador quando a covinha do queixo dele quase lhe tocava no umbigo.

Ele ajoelhou-se para acabar de despir a camisa. Era tão bonito que quase lhe provocava um ataque cardíaco. Ela já lhe vira o peito um par de vezes, e ele já afastara a camisa para lhe mostrar a cicatriz. Mas ver apenas partes dele não a tinha de forma alguma preparado para a visão de Ryan Kendrick, nu da cintura para cima.

Ele era o epítome da beleza masculina, os braços, os ombros e o peito polidos pelo sol com um tom opulento de ocre, cada centímetro dele talhado por um trabalho árduo. Até então, Bethany não acreditara que houvesse algum homem tão musculado *como os seus* irmãos. Mas Ryan era. O

seu mais ligeiro movimento dava origem a uma reacção em cadeia de contracções. Ela podia passar horas apenas a admirar a vista.

Ele atirou a camisa para o chão, o seu sorriso crescendo quando poisou as mãos no colchão de cada lado dela, deixando-os cara-a-cara. Com os olhos a brilhar, mirou-lhe os seios.

— Se alguma vez tive alguma dúvida, posso afirmar agora com absoluta certeza que prefiro seios pequenos — murmurou ele. — És tão bonita, Bethany. Quase tenho medo de acreditar que estás aqui, comigo.

— Oh, Ryan. Também me sinto assim, como se estivesse a ter um sonho maravilhoso.

Ele deitou-se ao lado dela, suportando o seu peso com um braço. Poisou-lhe a palma da mão nas costelas e debruçou-se para lhe morder os lábios. Enquanto lhe dava um beijo, a mão desceu, percorrendo-lhe as curvas e as depressões do corpo, as pontas dos dedos incendiando-lhe a pele.

Ela estava novamente perdida, o som da respiração um troar abafado contra os seus tímpanos. Sentia um nó na barriga tal era a sua ânsia, a necessidade descendo-lhe numa espiral até ao baixo-ventre, onde parecia irradiar num calor que se espalhava por ela. Aumentando... aumentando até que algo dentro dela doía e estremecia com cada passagem daqueles dedos.

— Ryan?

— Estou aqui — assegurou-lhe ele roucamente.

Com os olhos poisados na cara dela, continuou a acariciá-la até que Bethany se esticou e tentou mover as ancas. Então, a mão dele deslizou até à pélvis, onde aplicou pressão com a palma e deu início a um movimento lento e circular que a deixou em chamas. Ela projectou as ancas o melhor que pôde sem o auxílio das pernas, erguendo-se inconscientemente contra a pressão daquela mão num ritmo tão antigo como a Humanidade. A sua respiração tornou-se ainda mais acelerada. O bater do coração tornou-se um som ensurdecedor, fazendo com que os sussurros dele parecem chegar-lhe de uma grande distância. Não que ela precisasse de os ouvir. *Ryan*.

Ele deslocou a mão da barriga para o vértice das coxas.

— Consegues sentir isto, querida?

Bethany imaginou que ele estaria a explorar a orla exterior da sua entrada, que ela já sabia ser insensível. O calor maravilhoso e estonteante do desejo esmoreceu, e o seu estômago contraiu-se de ansiedade. Inteiriçou-se.

— Não consigo sentir nada aí, Ryan.

— Nada? — perguntou ele, a sua voz traindo uma desilusão tão grande que a atingiu como se fosse uma lâmina.

— Não, nada. — Sentiu-se como se de repente lhe tivessem largado um peso de chumbo no peito. — Mais acima. Sinto alguma coisa mais acima.

Ele tocou-lhe no clítoris. Ainda que fosse muito suave, Bethany estremeceu, surpreendida com a hipersensibilidade daquele ponto. Ele esfregou ligeiramente a protuberância com o polegar, e pareceu-lhe como se as suas terminações nervosas estivessem a ser atacadas com lixa. Agarrou-lhe no pulso.

— Oh, Ryan, não. Isso quase que... dói.

Ele aligeirou o toque e, vendo que ela não lhe largava o pulso, praguejou entre dentes;

— Estas minhas mãos são tão ásperas. O problema é esse.

As mãos dele tinham sido fantásticas na sua pele. Firmes e ásperas com calos, sim, mas maravilhosamente quentes e fortes. Bethany não achava que fossem elas o problema. Parecia mais que as terminações nervosas naquela área tinham ficado danificadas. Estavam tão sensíveis que até o toque mais leve, mais cuidadoso era desconfortável. Ela não gostava daquela sensação, mas cerrou os dentes, decidida a fazer com que aquilo resultasse. Segundos depois, odiava o seu corpo traiçoeiro, tendo vontade de gritar. Em vez de o fazer, convenceu-se a reagir normalmente ao toque dele.

— Calma... — murmurou Ryan, e voltou a baixar a cabeça para se ocupar de um mamilo enquanto as pontas dos dedos brincavam mais abaixo. — Descontra-te, querida. Estás tão tensa. Quando uma mulher está tensa, isto nunca resulta. Tens de esquecer tudo e concentrar-te apenas no

que sentes e em mim.

Mas, para Bethany, era impossível desconstrair. O momento há tanto esperado chegara, e era demasiado o que estava em causa. Parecia-lhe que tudo dependia da sua capacidade de apreciar aquele momento. Todo o seu futuro com aquele homem, que ela passara a amar tanto. Se ela o desiludisse agora — se não conseguisse sentir nada —, receava que ele mudasse de ideias a respeito do casamento. E quem o censuraria? Homem nenhum queria passar a sua vida com meia mulher.

A passagem seguinte das pontas dos dedos arrancou-lhe os ombros do colchão. Não sentiu dor, propriamente, mas quase.

— Para, Ryan. Por favor. Isso não me sabe bem. Acho que os nervos devem estar danificados. — Sentiu a hesitação dele e apressou-se a acrescentar: — Talvez eu sinta alguma coisa mais no interior. Vamos, tu sabes, avançar e ver o que acontece.

Ele voltou a beijar-lhe os seios. Bethany sabia que ele estava a tentar excitá-la de novo, mas estava tão transtornada que não conseguia, por muito que tentasse.

Sentiu-o despir as calças e ouviu as botas caírem no chão. No instam-te seguinte, Ryan erguia-se acima dela, uma mancha escura de bronze e ébano. Seguiu-se um som estranho, como se ele estivesse a rasgar um saco de folha de alumínio. Então, sentiu as mãos dele agarrarem-lhe nas ancas, e ela escorregou ligeiramente no colchão.

— Vou tentar não te magoar, Bethany. Diz-me se sentires alguma dor e eu paro.

Ela sentiu os pelos ásperos da perna dele roçarem no interior da sua coxa, e ele tocou-lhe ao de leve e mais uma vez no clítoris, que agora estava tão sensível que ela arquejou.

Preparou-se, consciente de que ele estava prestes a avançar. «Por favor, meu Deus, deixa que eu sinta quando ele entrar. Por favor, por favor, por favor...» Naquele momento, não conseguia pensar em nada que pudesse querer tanto. Sentir, simplesmente, *sentir*. Se Deus lhe concedesse apenas isso, prometeu a si mesma que nunca lhe pediria mais nada. Para ela, aquilo seria tudo.

Teve uma sensação estranha — como uma pressão a crescer lá em baixo, dentro dela. Pestanejou e focou novamente o olhar no rosto moreno de Ryan. Aqueles belos olhos azul-aco completamente preenchidos por uma pergunta.

— Querida, estou a magoar-te?

Bethany soube então. Era como receber um soco no meio do peito, um golpe terrível que lhe esvaziou os pulmões e a deixou com vontade de chorar.

Ele estava dentro dela — e ela apenas tinha uma estranha sensação de preenchimento.

Não sentia absolutamente nada.

Capítulo Quinze

Ryan segurou Bethany nos seus braços até que ela adormeceu, e então esgueirou-se para fora da cama para ir dar um passeio junto ao lago, o seu coração partindo-se um pouco a cada passo que dava. «Por favor, Deus.» As palavras tornaram-se uma litania, as mesmas palavras, uma e outra vez. Ela era tão doce, e, oh, o brilho que ela tinha. Como a luz do sol na Primavera, a sua Bethany. Ou como o brilho feérico do luar na água, pensou ele ao olhar para o lago. O sorriso dela. A centelha nos olhos. Ela levava uma nova luz à sua vida, fazendo com que tudo parecesse dourado.

— Por favor, Deus — murmurou ele quando chegou ao lugar onde costumava parar para pensar.

Sentou-se por baixo dos ramos do pinheiro, sem encontrar qualquer conforto nas sombras que o abraçavam. Quando olhou para os picos prateados das montanhas que se erguiam como espectros sobre a floresta que crescia na margem oposta, apenas conseguiu pensar em Bethany. Ela desejara aquele momento tanto quanto ele, reagindo tão prontamente a cada beijo, a cada toque das suas mãos. Mostrara-se um pouco tímida a princípio, mas depressa conseguira pôr de parte aquele receio, entregando-se a ele tão aberta e completamente, a sua confiança brilhando-lhe nos olhos. E, então, ele deixara-a ficar mal.

Poisou um cotovelo no joelho e fechou a mão sobre a cara. Ryan ia a igreja quase todos os domingos e considerava-se um homem decente e temente a Deus, ainda que não muito devoto e dado a orações. Inúmeras vezes cumprira o ritual — ajoelhar-se, juntar as mãos, baixar a cabeça. Mas agora apercebia-se de que em todas essas vezes nunca realmente estivera de joelhos.

Mas estava agora. Amava tanto aquela rapariga. Teria feito qualquer coisa para a fazer feliz. Mas, não obstante, não era capaz de dar-lhe aquilo de que ela mais precisava: satisfação nos seus braços.

Fazer amor com ela fora a experiência mais maravilhosa que alguma vez tivera, fazendo-o sentir-se completo de uma forma que nem conseguia exprimir. Recebera tanto, tanto, e, em troca, não lhe conseguira dar nada. *Nada*.

Sentira a tensão no corpo dela depois — o género de tensão que dizia a um homem que não conseguia satisfazer uma mulher. «Não consigo sentir nada. Acho que vou morrer.» Ela tentara esconder a sua desilusão, abraçando-o e enterrando a cara no seu ombro, dizendo que tinha sido maravilhoso. Mas ele percebera, e apetecera-lhe chorar.

Agora estava sozinho. Se chorasse, seria um segredo só dele.

As lágrimas pareciam ácido nos seus olhos. Um soluço ganhou força no peito até não o deixar respirar. Aquela expressão nos olhos dela — oh, Deus —, tinha dúvidas de que alguma vez pudesse esquecê-la. Choque, desilusão, e depois um desespero terrível que ele não conseguia afastar.

Os seus ombros estremeçeram e, de repente, Ryan estava a soluçar. «Por favor, Deus.» Ali, na escuridão, chorou como uma criança pela rapariga que deixara adormecida na sua cama, e rezou por um milagre, sabendo no fundo do seu coração que se Deus não conseguisse corrigir aquela situação, poderia perdê-la.

Na manhã seguinte, Bethany dava um sermão a si mesma à frente do espelho da casa de banho. Tinha de estar agradecida, e por muito. Estava apaixonada pelo homem mais fantástico da Terra, e ele amava-a também. Era uma bênção incrível. E fazer amor com ele na noite anterior fora a experiência mais bela, mais indescritível de toda a sua vida, perfeita e maravilhosa, até à parte final.

Que mais queria ela? Os beijos e os toques tinham-lhe sabido bem. Era muito mais do que esperara alguma vez ter. Seria uma tola se permitisse que tudo aquilo fosse estragado pela sua incapacidade de sentir a última parte.

«Nem pensar.» Ia afivelar um grande sorriso e dar graças por Deus ter decidido dar-lhe tanto. Era o suficiente. Era mesmo. Se ela pudesse envelhecer nos braços de Ryan, considerar-se-ia a mulher mais afortunada do mundo, e não se permitiria querer mais nem sentir pena de si mesma porque não havia mais.

Quando chegou à cozinha, ele estava à mesa, agarrado a uma caneca de café. Ryan empurrou outra caneca na direcção dela e sorriu, os seus olhos sem brilho enquanto a observavam lentamente.

— Bom dia, lindeza.

— Bom dia! — disse Bethany animadamente, o que era totalmente incaracterístico dela. Olhou para a janela. — E está um belo dia. A Primavera pode chegar tarde nesta região, mas não há nada mais bonito depois de ela chegar.

Ryan esfregou a testa.

— Querida, não tens de fazer isto.

Bethany sentiu a cara tão hirta que até o sorriso lhe doeu.

— Isto, o quê?

Ele não tirou os olhos do café.

— Fingir que está tudo bem. Sei que estás transtornada, que a noite de ontem não resultou para ti, e tenho pena. Podemos tentar melhorar. — Encolheu os ombros e deitou-lhe um olhar triste de cachorro abandonado. — Desculpa se não consegui fazer com que resultasse.

Ela sentiu-se como se dois punhos lhe estivessem a rasgar o coração ao meio, e uma

sensação terrível, assustadora, deixou-lhe o estômago num nó. Ryan poderia aceitar uma situação aquém da perfeição para ele, mas não o suportaria se pensasse que ficava aquém da perfeição para ela.

Bethany não costumava mentir, e não lhe agradava nada pensar em mentir-lhe. Mas, naquele caso em particular, pensou se ser completamente honesta não faria mais mal do que bem. Talvez lhe faltasse experiência prática, mas não era ingênua. As pessoas sensíveis, de um sexo ou do outro, precisavam de saber que os seus parceiros apreciavam realmente a intimidade entre ambos. Bethany nem conseguia imaginar como poderia estar a sentir-se naquele momento se a situação fosse inversa — se tivesse sido Ryan quem não encontrara satisfação nos braços dela na noite anterior.

A dor no peito tornou-se mais forte, dificultando-lhe a respiração. Não conseguia suportar a ideia de o perder. Não agora. Não depois de ter estado com ele. Antes, por mais doloroso que tivesse sido, ela poder-se-ia ter afastado, por ele. Mas agora sabia o muito que tinha estado a perder. Sim, não atingira o *clímax*. Mas o resto fora tão maravilhoso — tão absolutamente *perfeito*. Ela não podia regressar à existência vazia que tinha antes — a vida sem Ryan. Simplesmente, não podia.

Sem se permitir pensar no que estava certo ou errado, Bethany tomou uma decisão. Ia mentir. Antes de voltar a estar uma segunda vez com ele, ia rever o filme *When Harry Met Sally* e praticar um orgasmo simulado até conseguir fazê-lo de forma tão convincente que Ryan nunca conseguiria perceber que era fingido. Ele nunca voltaria a olhar daquela forma para ela, com o coração a doer-lhe nos olhos. Nunca. Ela seria a melhor amante que alguma vez tinha tido. A melhor. Na noite anterior, estivera tão absorta no seu próprio prazer, tão dominada por todas aquelas sensações que nunca esperara sentir, que pouco ou nada pensara no que poderia fazer para lhe dar prazer.

Não. Ela não era uma especialista em sexo, mas o que não sabia podia descobrir, mesmo que isso implicasse procurar um terapeuta sexual e alguma literatura específica. Ia ficar a saber o que excitava os homens, todos os pequenos truques que os deixavam loucos na cama. Sem limites. Tudo. Estava disposta a fazer o que fosse preciso para não o perder.

— Ryan, como é que podes dizer que não foi bom para mim? Isso não é verdade. Foi fantástico para mim.

Ele recostou-se na cadeira e olhou-a nos olhos.

— Querida, é melhor não irmos por aí. Está bem? A honestidade é o nosso trunfo. Falar sobre as coisas abertamente e trabalhar em conjunto para encontrar uma solução é a nossa única esperança. Havemos de encontrar uma maneira, prometo-te. Talvez demore algum tempo. — Piscou-lhe o olho e sorriu, um sorriso ao qual faltava o brilho habitual. — Sabes o que se diz: a prática leva à perfeição.

Bethany sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta. Enquanto ele se sentisse culpado porque ela não conseguia apreciar o fim, Ryan não conseguiria ter prazer. Desde o princípio, o seu maior receio fora a sua eventual incapacidade de lhe dar prazer. Agora, sabia que podia. Isso, só por si, era um milagre. O que ela tinha sentido simplesmente não interessava, não no quadro geral da situação.

— Ryan, olha para mim. — Quando ele assim fez, ela disse: — Foi fantástico para mim, a experiência mais incrível da minha vida. — Aquilo não era uma mentira. — É verdade que não senti nada a princípio. Mas depois senti. — Pensou depressa. — Quando entraste um pouco mais fundo, eu senti-te. E foi uma sensação incrível.

A esperança surgiu nos olhos dele.

— Sentiste?

— Oh, *sim*. — Ela agarrou-se à cintura, com a esperança de que ele não reparasse que as suas mãos estavam a tremer. — Amo-te tanto, Ryan. Estar contigo daquela forma, foi tão bonito. E estou tão entusiasmada porque senti alguma coisa, ali, no fim. Tenho a certeza de que se tivéssemos continuado mais alguns minutos, teria sido fabuloso.

— Mais fundo — repetiu ele. — Sentiste quando eu fui mais fundo? Bethany, isso é fantástico. — Ele endireitou-se na cadeira e virou-se para a encarar. — Qual foi a sensação?

Pois. Ela não fazia ideia do que uma mulher sentia quando um homem a penetrava. Pensou

no que sentira quando ele lhe beijara os seios e procurou as palavras certas:

— Uma sensação electrizante, um formigueiro. — Encostou a palma da mão ao estômago. — Lá no fundo, aqui. É difícil de descrever.

Ele riu-se, e uma expressão de contentamento instalou-se nos seus olhos.

— Por agora, chega. — Levantou-se da cadeira e ajoelhou-se ao lado dela. Depois de a abraçar, enterrou a cara nos cabelos dela e apertou-a durante um momento. — Isso chega, querida — disse ele com uma voz rouca. — Dá para começar, e havemos de chegar lá.

Bethany agarrou-se a ele e jurou que haviam de «chegar lá» muito mais depressa do que ele sonhava.

— Amo-te, Ryan. Por favor, quero ver-te feliz. Eu estou. Estou muito feliz.

Bethany poisou os braços na secretária, ignorando o zumbido e os estalidos do disco rígido do computador a seu lado. Que se lixasse o preenchimento das ordens de compra. Ela tinha coisas mais importantes a fazer, nomeadamente, aprender tudo o que pudesse para conseguir dar prazer a um homem na cama. Não havia qualquer indicação de terapeutas nas páginas amarelas. Bethany percorreu os S com a ponta do dedo, com a esperança de encontrar SEXO em maiúsculas. Precisava de um especialista, alguém a quem pudesse extrair informações e que não traísse a sua confiança.

— Bom dia, mana.

Bethany fechou a lista telefónica e, levantando a cabeça, viu Jake parado à porta do escritório.

— Jake! — Levou uma mão ao coração. — Pregaste-me um susto.

Ele olhou-a lentamente.

— Como é que vão as coisas entre ti e o Ryan?

— Bem. *Fantásticas*. Ele, hmm... nos estamos muito bem. — Bethany estava com uma dor de cabeça que parecia ir rachar-lhe o crânio ao meio, mas não vinha a propósito. — Eu, hmm... como é que tu estás?

— Bem. — Jake apontou com a cabeça para a lista telefónica. — Posso ajudar-te a procurar alguma coisa? Parecias muito concentrada quando te interrompi. O que é que se passa?

— Nada. Eu estava só a... não se passa nada.

Ele olhou-a nos olhos. Então, em voz baixa, perguntou-lhe:

— Estás feliz, Bethie? E só o que preciso de saber, que ele te faz feliz.

Não havia dúvidas quanto à expressão nos olhos do irmão. Bethany dissera à família que ia jantar à casa de Ryan na noite anterior. Provavelmente, Jake tentara telefonar-lhe durante a noite para se certificar de que ela chegara bem. Ao ver que ela não atendia o telefone, deveria ter concluído que passara lá a noite. Sabendo isso, não era preciso um génio para somar dois e dois. Era um pouco embaraçoso. Mas se ela queria casar com Ryan, teria de se habituar.

— Sim, ele faz-me muito feliz — acabou ela por responder. — Tão feliz, Jake. Nunca pensei, bem, tu sabes, que eu pudesse ter uma vida com ele. Mas ele convenceu-me. Sabes que comprou a *Wink* de volta?

Jake ergueu as sobrancelhas:

— Estás a gozar! A sério?

Bethany poder-se-ia ter deixado enganar pela expressão surpreendida do irmão, se Ryan não lhe tivesse dito que ele tivera um papel importante na localização da égua.

— Foi tão bom vê-la de novo, Jake. Não fazes ideia. Passamos metade do serão na baia dela. Ate jantamos lá e tudo.

— Aposto que o Ryan adorou. — Jake riu-se. — A propósito, eu espero até que tu contes ao pai. Vai dar-lhe uma coisa.

Bethany suspirou.

— Sim, bem... talvez seja melhor esperar. Dar-lhe uma novidade de cada vez. O choque já vai ser grande quando eu lhe disser que me vou casar.

— Hmm? — Jake parecia novamente surpreendido. — Isso é uma novidade.

— Mentiroso. Eu sei que tens andado a falar com o Ryan. Ele disse-me ontem à noite que lhe deste o contacto dos empreiteiros que remodelaram a cozinha e que o ajudaste a encontrar o Hunsacker, para que ele lhe pudesse comprar a *Wink*.

Jake riu-se.

— Bem, vou lá abaixo ver se imponho a ordem.

— Sem me dares os parabéns?

— Parabéns! Mas ficas a saber, se ele não te tratar bem, vais enviuar cedo.

Bethany ainda estava a abanar a cabeça quando ele saiu. Esperou um momento e voltou a abrir a lista telefónica, à procura das páginas dos médicos. Tinha de haver algum lugar onde ela pudesse falar sem rodeios com alguém a respeito de sexo.

— Viste os filtros do café?

Bethany saltou, fechou novamente a lista telefónica e viu Kate, uma das funcionárias da loja, parada à porta com uma cafeteira cheia de água na mão. Depois de encontrar os filtros, Bethany agarrou numa caixa nova e virou-se para lhe entregar.

— Obrigada — disse Kate do outro lado da secretária.

Uma mulher alta e esguia com feições agradáveis e cabelo castanho avermelhado e sedoso que lhe cobria os ombros como um véu, Bethany sempre a achara um pouco parecida com Cher — numa versão muito pouco retocada. Os olhos castanhos fortemente maquilhados estavam raiados de sangue naquela manhã, e ela exibia um sorriso que mais parecia gritar «ressaca». Segundo Jake, ela bebia muito e dormia com tudo o que tivesse calças, mas era uma boa funcionária que aparecia sempre a horas para o seu turno e também nos seus dias de folga quando os outros funcionários estavam doentes. Bethany não costumava trabalhar na loja, o que lhe tornava difícil cultivar amizades com o pessoal do piso inferior, mas sempre gostara de Kate, pressentindo que ela era uma pessoa calorosa e genuína, não obstante as arestas por polir.

— Exagerei ontem à noite — disse Kate com uma voz rouca de uísque e tabaco. — Preciso de um valente choque de cafeína para espezitar esta carcaça.

— Conheço a sensação — disse Bethany. — Só que não preciso de exagerar muito para ficar assim. Acordo com a bateria gasta, seja como for.

Kate olhou para o cinzeiro que Bethany tinha na secretária para que algum transgressor da regra do «não fumar» pudesse apagar o cigarro. Olhou por cima do ombro para a porta aberta.

— Ficavas muito incomodada se eu fechasse a porta e desse umas passas? O Jake tem um nariz pior do que o de um perdigueiro — disse ela num tom conspirativo.

— Acho que podemos ser parceiras no crime num cigarro.

Kate poisou a cafeteira na secretária, deitou um olhar agradecido a Bethany e fechou a porta. Sorrindo enquanto tirava um maço de *Marlboro* do bolso da camisa, disse:

— Tu és porreira. Obrigada. Acordei tarde, percebes? Não bebi café, não fumei um cigarro. Sinto-me como se um camião me tivesse passado por cima.

E também era esse o seu aspecto. Bethany reprimiu um sorriso, observando enquanto a outra mulher extraía um isqueiro do bolso das calças de ganga ultrajustas. Com um estalar do dedo, inalou com prazer e depois deitou o fumo pelo nariz.

— Estava mesmo a precisar.

Bethany gostava do cheiro dos cigarros quando estavam a ser fumados. Era o fedor que ficava depois que lhe dava a volta ao estômago.

— Tentei fumar uma vez. Kate levantou as sobrancelhas.

— Nunca me passou pela cabeça.

Bethany recostou-se na cadeira, prestes a lançar-se numa descrição hilária do seu breve desvario na universidade com um pequeno grupo de amigas paraplégicas. Uma vez que todas tinham feito os seus estudos com bolsas especiais para deficientes, o dinheiro não abundava, sendo bastante o que tinham em comum para além das suas limitações físicas.

Mas antes que ela pudesse falar, ocorreu-lhe, como se tivesse levado um soco no meio da testa, que Kate era a pessoa perfeita que ela estava a tentar encontrar — uma especialista em sexo. E

ali estava ela, mesmo debaixo do seu nariz.

— Kate? — Bethany pensava rapidamente. — Tens que fazer hoje depois do trabalho?

— Porquê? Precisas de mais horas? Tenho de te dizer, estou com uma cabra de uma dor de cabeça. Amanhã seria melhor para mim.

— Não, não, nada do género. Só pensei, sabes, que talvez pudéssemos tomar um café juntas depois do trabalho e conversar um bocado.

Kate franziu o sobrolho.

— Fiz asneira? Não me vais despedir, pois não?

Bethany não conseguiu pensar numa explicação razoável para a súbita amabilidade e decidiu que a pura verdade seria o melhor:

— Não, nada disso. Não estou cá há muito tempo e ainda não fiz amigos. Trancada o tempo quase todo cá em cima, nem sequer consigo conhecer as pessoas que trabalham aqui. E agora tenho um problema que tem de ser resolvido e não é o género de coisa que eu queira discutir com um dos meus irmãos. Sabia-me muito bem se pudesse falar com outra mulher, e pensei que tu talvez tivesses alguns minutos.

Kate olhou desconfortavelmente para a porta.

— O Jake sabe?

— Não. Eu tenho vinte e seis anos. Não preciso da autorização do meu irmão para tomar um café com uma amiga.

Kate ergueu as sobrancelhas.

— Pensava que fosses mais nova. — Encolheu os ombros. — Está bem. Pode ser. És tu que ofereces?

Bethany riu-se.

— Até lhe junto uma fatia de tarte.

— Estamos combinadas. O meu estômago já deve aguentar uma tarte nessa altura.

Assim que acabou de trabalhar, Bethany foi esperar para a sua carrinha. Quando Kate finalmente saiu da loja, buzinou para lhe chamar a atenção. Kate acenou-lhe e começou a correr. Já dentro da carrinha, abriu a janela, acendeu um cigarro e disse:

— O máximo. Nunca tinha visto uma destas por dentro. Estás toda artilhada.

Bethany pensou em dizer que ninguém podia fumar dentro da sua carrinha, mas decidiu que era uma troca justa pela informação que pretendia.

— Aonde é que queres ir? Há um Denny's a alguns quarteirões daqui.

Kate suspirou.

— Não será possível fazer uma troca, não? Uma cerveja em vez do café e da tarte.

— Uma cerveja?

— Sim. Conheço um sítio sossegado aonde podíamos ir.

Bethany teria preferido um restaurante. Uma vez que tinha de ajustar a sua dose diária de anticoagulante se bebesse muito álcool, raramente bebia. Kate também gostava de se divertir, e a sua noção de um sítio sossegado poderia ser bastante diferente da da maioria das pessoas. Bethany hesitou.

— Anda lá — insistiu Kate. — Vive um pouco.

Dez minutos depois, Bethany estava a entrar num lugar de aspecto manhoso chamado Suds. Uma sala única ostentava um balcão ao longo de uma das paredes, escura e apainelada, e mesas junto à outra, com duas mesas de bilhar no centro. Kate indicou uma das mesas a Bethany e foi até ao bar como se fosse a dona do sítio.

— Duas *Buds*, Mike! Sem espuma.

— É p'ra já! — respondeu o empregado.

Bethany afastou uma cadeira e aproximou-se da mesa. Depois de tirar a carteira, poisou a mala no chão junto aos pés. A mesa ao lado era ocupada por dois homens com camisas de trabalho de flanela e calças de ganga, a serradura na roupa identificando-os como trabalhadores da serração. Bethany prestou-lhes pouca atenção enquanto via Kate avançar direita a ela com duas canecas

cheias nas mãos.

— Devia ser eu a pagar — disse Bethany quando Kate lhe poisou uma delas à frente.

— Eu deixo-te pagar a próxima rodada — garantiu-lhe ela enquanto se sentava.

A próxima rodada? Ui. Bethany bebeu um pouco e sorriu.

— Hmm! Sabe mesmo bem. Não me tinha apercebido da sede com que estava.

Kate bebeu um grande trago. Estava com o beijo superior completamente coberto de espuma quando poisou a caneca.

— Meu Deus, passei o dia todo em ânsias por um pouco do pêlo do cão que me mordeu. És uma porreira, Bethany. Eu sei que a tua cena não é esta.

— Não sei. Isto até é simpático. Estava à espera de um lugar um pouco mais animado. Parece-me o género de pessoa que gosta de grandes grupos de gente, em que a proporção entre homens e mulheres facilite as coisas a uma mulher bonita.

— Bem, tu já me topaste, não? — Kate esfregou a têmpora e suspirou. — Hoje não estou no meu melhor. Se apareceres amanhã, vais ver o que é animação. — Depois de beber mais um pouco de cerveja, debruçou-se e acendeu um cigarro. — Então, que problema é esse que tem de ser resolvido?

Bethany bebeu um grande gole para ganhar coragem:

— Sexo.

Kate encolheu os ombros, deitou fora o fumo e disse:

— Pois. E então?

Bethany bebeu mais um pouco.

— Não te rias. Estou mesmo a precisar de conselhos. Eu, hmm, como é que hei-de dizer?, sou uma noviça, acho que me podes chamar isso. — Deu uma palmada no braço da cadeira de rodas. — Estas rodas têm o condão de limitar a vida amorosa de uma mulher, e eu acabei de começar a minha primeira relação.

Kate estreitou ligeiramente os olhos, deitou fora o fumo azulado, formando uma nuvem diante do seu rosto bonito e alongado.

— Meu Deus, querida. Nunca ouvi uma coisa tão triste. Vinte e seis anos sem sexo? Grande gaita.

— Sim, pois. Eu apenas conto os anos a partir da puberdade. Assim, não parece tão patético.

— Mesmo assim, ainda é uma grande seca. Bethany bebeu mais um gole e sorriu.

— Sobrevivi. Às vezes, senti-me um pouco sozinha. — Torceu o nariz. — Oh, que se lixe. Tens toda a razão. Foi uma seca.

Kate riu-se.

— Então, sem sexo, o que é que resta?

— Isso mesmo — concordou Bethany. — O que me traz ao meu problema. Gostei de quase tudo, bastante, mas perto do fim... — calou-se e abanou a mão. — Para algumas paraplégicas, o final não é o que devia ser, e parece que eu sou uma delas.

Kate observou-a com uma expressão séria.

— Não te consegues vir?

Bethany olhou em redor para se certificar de que mais ninguém podia ouvir. Em seguida, olhou demoradamente para a sua cerveja. Depois, bebeu três grandes goles, enxugou a boca e respondeu:

— Não, não consigo. E eu quero, muito, ficar com o meu namorado. Amo-o muito e tudo o resto foi muito bom.

— Só que sem um estoiro no fim. — Kate recostou-se na cadeira, puxou o fumo do cigarro e disse: — Merda. — Olhou para Bethany durante um momento. — Bem, há coisas piores. Muitas mulheres não se vêm. Passam a vida toda a fingir os orgasmos e parece que lá se vão safando.

Bethany sorriu.

— Aceitamos o que a vida nos dá, acho eu, e aprendemos a ser felizes com o que temos. Seja como for, é assim que eu vejo as coisas, e, no geral, acho que tenho muita sorte. — Encolheu

os ombros. — Só quero que as coisas continuem assim. Ele é a melhor coisa que me aconteceu e não o quero perder.

— Não te posso censurar por isso.

— Durante a minha hora de almoço, passei pelo clube de vídeo e aluguei o *When Harry Met Sally* para me desferrujar no... , bem, não é preciso dizer. Mas os filmes e os livros ficam um pouco aquém quando se trata de explicações pormenorizadas sobre como uma mulher pode dar prazer a um homem. Eu quero, muito, ser *boa* na cama. O melhor que puder, isto é, considerando as minhas limitações físicas, e pensei que talvez conhecesses alguns truques que pudesses partilhar comigo. Do género, o que vestir, por exemplo. Ou talvez dicas especiais sobre coisas que eu possa fazer, de que ele goste mesmo. Preciso de um curso de emergência. Kate apertou os lábios.

— Bem, querida, não pedes muito. É um pouco difícil partilhar vinte anos de experiência enquanto se bebe umas cervejas.

— Eu sei que estou a pedir muito. Mas estou desesperada. Conheço o básico, mas tenho de dar um salto de principiante para iniciada, e *depressa*. Quero que seja o mais maravilhoso e perfeito para ele. Entendes? Com montes de acessórios para compensar as minhas limitações, por assim dizer.

Kate suspirou.

— Podes usar um cinto de ligas e meias? A maioria dos homens gosta muito disso. Recebe-lo à porta só com um *soutien* preto de renda. Se ele tem sangue nas veias, os olhos até lhe saltam da cara. Se eu entrasse aqui assim vestida numa noite de sábado, tinha-os em fila no parque de estacionamento.

Bethany riu-se.

— Só isso? — Tinha pensado em vestir um *peignoir* de renda, mas meias e um cinto de ligas nunca lhe tinham passado pela cabeça. Aquilo era *exactamente* o que ela precisava, sugestões de uma mulher conhecedora. — Ia sentir-me um pouco parva.

— Não durante muito tempo. — Kate piscou-lhe o olho. — Experimenta, querida. Resulta sempre. Os homens são estranhos. Se isso não resultar, prepara-lhe o jantar só com um avental vestido. Mas não te esqueças de apagar os bicos todos quando ele decidir que não consegue esperar pela sobremesa.

— Só um avental.

— Os saltos altos são um bom apontamento. Não faço ideia porque é que os homens gostam deles. Uma vez, espetei um acidentalmente no traseiro de um tipo, acredites ou não. Ele não abrandou.

Bethany riu-se tanto ao imaginar a cena que teve de enxugar as lágrimas.

— Oh, Kate, és incrível. Infelizmente, não posso usar saltos altos.

— Claro que podes. Não tens de te passear com eles para lhe aquecer o motor. Basta que ele os veja nos teus pés.

Bethany debruçou-se sobre a mesa.

— Outra pergunta. Viste o *When Harry Met Sally*, certo? Na tua opinião, aquilo é um retrato bastante aproximado do aspecto de uma mulher quando está a ter um orgasmo?

Kate revirou os olhos.

— Estás mesmo às escuras. Ele não vai classificar o teu desempenho, querida. Lição numero um a respeito dos homens. Todos querem acreditar que são a dádiva de Deus para as mulheres. Finge o melhor que puderes e depois diz-lhe que ele é fantástico. Ele fica nas nuvens durante uma semana.

Bethany riu-se de novo. Não sabia se era da cerveja ou se Kate era mesmo engraçada.

Kate acabou a sua caneca e foi buscar outra rodada. Quando voltou, Bethany tirou uma nota de dez da carteira e poisou-a no tampo da mesa.

— A próxima é minha.

— Obrigada. — Kate prendeu a nota com a ponta de um dedo e descreveu um círculo com ela no tampo da mesa. — Eu sei que esta pergunta é muito pessoal, mas vou fazê-la. Tu és

completamente, sabes, insensível aí em baixo?

Bethany sentiu o calor a subir-lhe pelo pescoço e olhou novamente por cima do ombro. Os dois homens da serração pareciam estar absortos na sua conversa e o empregado do bar estava ocupado a limpar as torneiras.

— Completamente, não — respondeu ela em voz baixa. — Sinto alguma coisa aqui e ali. É só que... bem, as lesões da coluna são engraçadas. Se as terminações nervosas são afectadas, como aconteceu com algumas das minhas, sentir alguma coisa num certo lugar não quer dizer necessariamente que essa parte do corpo funciona normalmente. Por exemplo, tenho sensibilidade nas nádegas, mas nem todos os músculos funcionam.

— Hmm. — Kate franziu o sobrolho. — Quantas vezes tentaste chegar à sorte grande?

Bethany recordou-se daquele momento terrível em que Ryan a olhara nos olhos e perguntara se a estava a magoar. Para seu desagrado, sentiu o queixo tremer. Bebeu vários goles de cerveja.

— Uma vez.

— Só uma! — Kate revirou os olhos. — Bethany, muitas mulheres não se vêm nas primeiras vezes.

— A sério?

— Claro que não. Eu não, por exemplo. Estava demasiado tensa, preocupada com isto e aquilo e com vergonha. A tensão e o orgasmo não combinam. Sabes aqueles romances em que os dois se pegam a discutir e o tipo atira a mulher para a cama quando ela ainda está danada? — Kate abanou a cabeça. — Ele beija-a e ela rende-se. Tretas. Pelo menos, não resulta comigo. Um tipo tenta quando eu estou fula e acaba a desejar não o ter feito. O sexo não costuma ser assim com as mulheres.

— Eu não me senti muito tensa até ao fim, quando comecei a pensar no que poderia sentir. Ou, mais precisamente, se seria capaz de sentir fosse o que fosse. Acho que a tensão não foi o problema. — Bebeu mais um gole. — Depois... — passou uma mão trémula pelos olhos.

Vi que ele percebeu que eu não tinha chegado lá, e ele ficou transtornado. Tenho tanto medo de o perder, Kate. Que não queira voltar a estar comigo se aquilo não for bom para mim no fim.

Kate assentiu.

— Pois, faz sentido. Como te disse, os homens têm um grande ego. A maioria não é capaz de lidar com uma mulher que não chega à meta. Não numa base regular, e é isso que tu queres. Certo? Ficar com ele.

— Certo. Oh, Kate, fico-te tão agradecida por conversares comigo. És tão *real*. A maioria das pessoas olha para a minha cadeira de rodas e fica bloqueada. Sexo? Essa palavra nem lhes ocorre. Partem imediatamente do princípio de que sou uma cabeça.

— Uma quê?

— Uma *cabeça*. — Bethany agitou os dedos de cada lado das orelhas. — Eu falo, sorrio, dou umas gargalhadas. Qualquer coisa abaixo das clavículas é uma falta de gosto enquanto tema de conversa.

Kate sorriu.

— Talvez porque nunca as convidaste para tomar um café e falar sobre sexo. Que raio, querida, o sexo é o tema preferido da maioria.

Bethany levantou a caneca.

— Isso mesmo. Adoro-te. Kate uniu as sobrancelhas.

— Bebes muito?

— Não. — Bethany levou novamente a caneca à boca.

— Bem. Então, com quem é que falas?

— Desde que me mudei para cá, ninguém. As vezes com o Jake, mas nunca sobre nada como isto. Ele tinha um ataque.

Kate piscou-lhe o olho.

— Tenho a sensação de que ele apanha umas valentes quando está para aí virado, mas não contigo por perto.

— Exactamente. Vivo dentro de uma redoma. — Bethany suspirou pesarosamente. — Já devia ter-te convidado para um café há muito tempo. Portanto, eu tenho este *homem*. Meu Deus. Ele mais parece um sonho, vestido de cambraia e ganga. Só de olhar para ele quase que vou ao céu. *Quase*. É a história da minha vida, Kate, uma longa história de «quases».

Kate riu-se.

— Como é que ele se chama?

— Ryan Kendrick. Kate arregalou os olhos.

— Valha-me Deus. Repete lá. Foste para a cama com o Ryan Kendrick?

Bethany assentiu em silêncio. Aparentemente, até Kate achava inacreditável que alguém como Ryan estivesse interessado nela.

Kate sorriu e depois soltou uma gargalhada.

— Incrível. Tu não brincas. O Ryan Kendrick? O bonitão que tem todas as mulheres a cair de costas por ele? *Esse* Ryan Kendrick? O naco de morrer que ninguém consegue apanhar?

— Nunca pensei ter a sorte de um homem como ele se apaixonar por mim. Ele é *maravilhoso*. Se não se sentir feliz comigo, acho que *morro*.

Kate poisou uma mão sobre os olhos, assentou um cotovelo na mesa e riu-se tanto que a cerveja transbordou.

— Não admira que estejas tão apanhadinha. Ele é... bem, *dinamite*.

— Pois. — Bethany engoliu em seco fixando Kate com um olhar implorante e disse: — Só que sem o grande estoiro no fim.

Kate inclinou-se para trás na cadeira e abanou a cabeça.

— Bem, temos de lhe por uma trela na coleira, sem dúvida. Não é qualquer uma que consegue deitar-lhe a mão. — O sorriso dela tornou-se mais brando. — Tens estrelas nos olhos, querida.

Bethany visualizou a cara de Ryan e assentiu.

— Eu amo-o tanto. Não me interessa se ele é assim tão fantástico na cama no fim. Percebes? A primeira parte foi tão boa. Tipo, *uau*.

— Sei o que isso é. — Kate ficou pensativa e deu mais uma volta à nota de dez. — Bethany, mais uma pergunta pessoal. Eu sei que ele tem reputação de ter dado as suas voltas, mas isso nem sempre quer dizer alguma coisa. Tens a certeza de que ele sabe o que está a fazer?

— Oh, *sim*. — Bethany bebeu mais cerveja. — Cem vezes em que percebeu que estava num beco sem saída. *Cem* vezes. Consegues imaginar?

— O Ryan Kendrick? Perfeitamente. Consigo imaginar. Coitado. Ele é como um daqueles alvos numa carreira de tiro. Todos querem experimentar. O coitado já deve ter tido uma série de surpresas desagradáveis quando as relações já iam a meio e as mulheres finalmente deixaram ver o seu verdadeiro eu.

— Provavelmente. O que não me serve de consolo. Quase desmaiei quando ele me disse que tinha saído com tantas mulheres. Só podiam ser todas melhores do que eu. Só a ideia deixa-me apavorada. A comparação. Percebes o que estou a dizer?

Kate sorriu.

— Não és nada de se deitar fora. Não há nenhum homem na loja que não tenha olhado para ti e esfregado a braguilha um par de vezes.

— Desculpa?

— Nada. Esquece. Como se o Kendrick não soubesse o que está a fazer. Nem acredito que fiz esta pergunta. — Apagou o cigarro e acendeu outro logo a seguir. — És uma boa miúda. Engraçada. Imaginei que fosses uma empregada.

— A sério?

— O Jake comporta-se como se tu cagasses ovos de ouro. Nunca vi um homem tão protector com a irmã. Deve saber bem.

— Saber bem? — Bethany gemeu e acabou a sua cerveja. Olhou para a caneca vazia, ligeiramente surpreendida com a rapidez com que a esvaziara. — Sabes... acho que acabei de

descobrir o meu veneno.

— Valha-me Deus. Não posso conduzir aquela tua coisa. Temos de chamar um táxi.

Bethany riu-se.

— O que é que estás para aí a dizer?

— Que estás a ficar bêbeda. — Kate levantou-se, agarrou na nota de dez e disse: — Que se lixe. Porque não? Só se vive uma vez.

Quando voltou com as cervejas, disse:

— Muito bem, estamos as duas descontraídas. Vamos passar aos pormenores indecentes.

Bethany bebeu um grande gole de cerveja e sorriu ao ver que ficara com o beijo superior coberto de espuma, exactamente como Kate.

— Força. Sou toda ouvidos.

— Antes de falarmos mais sobre o que os homens gostam, vamos falar alguns minutos sobre ti. Tenho uma pergunta. Ele tentou das duas maneiras?

— Duas maneiras? Não estou a perceber. Kate aproximou-se.

— Tu sabes. Algumas mulheres não se conseguem vir da maneira convencional. Ele tentou a tua linha de emergência?

Bethany imaginou um telefone vermelho e enorme e começou a rir.

— Não. A minha deve ter sido desligada. Kate suspirou.

— O teu «botão do amor», querida. Ele tentou?

— Nunca ouvi chamarem-lhe isso. — Bethany suspirou e abanou a cabeça. — Respondendo à tua pergunta, sim, ele tentou. Para ser franca, achei aquilo muito, bem, não propriamente doloroso, mas desconfortável, como se tivesse todos os meus nervos expostos. É difícil de descrever. O mesmo género de sensação quando mordes um bocado de papel de prata. Deu-me vontade de cerrar os dentes e estremecer.

— Isso pode acontecer se não estiveres para aí virada. — Kate ficou com um brilho conhecedor nos olhos. — O importante é que tens sensibilidade nesse sítio.

— Isso não quer dizer que funcione bem. Acredita, não funcionou.

— Pode acontecer que ele não tivesse o toque mágico. Já pensaste nisso?

Bethany recordou-se da magia do toque de Ryan em todos os outros pontos do seu corpo e abanou a cabeça.

— Não. É mais um caso de nervos danificados, acho eu. A culpa não é dele, e...

Antes que Bethany pudesse terminar o que queria dizer, o homem atrás dela virou-se na cadeira e disse:

— Se ele não se sabe orientar com um botão do amor, querida, troca-o por um modelo melhor.

— Desampara a loja, Dave — disse Kate. — Quem é que te convidou para esta conversa?

O homem passou o braço por cima do espaldar da cadeira e torceu-se ainda mais para mirar Bethany de alto a baixo.

— Ora, ora, se ela não é uma menina tão bonita.

— Desaparece — insistiu Kate.

O homem ignorou-a. Empurrou a cadeira para trás e aproximou a cara da de Bethany.

— Olá, querida. Não pude deixar de ouvir a vossa conversa. Tenho o coração desfeito. Parece que tens um grande problema. — Bethany pestanejou e afastou a cara. — Do que tu precisas é de um homem que te saiba olear as engrenagens. Eu estou pronto.

Kate levantou-se da cadeira.

— Ouve lá, sacana, procura no teu dicionário. Eu disse “Desaparece”. Deixa a senhora em paz.

— Custa-me a crer que consigas reconhecer uma, Kate.

— E se fosses apanhar...? — Kate poisou as mãos na mesa e olhou para ele, furiosa. — Deixa-a em paz. Ela está comigo.

Ele olhou-a demoradamente.

— Não a podes ajudar. Esta menina precisa de um homem a sério para lhe pôr o motor a trabalhar. — O seu olhar desfocado voltou a Bethany. — Que tal, querida? Eu faço-te o jeito e depois voltas para o teu amorzinho.

Bethany recuou ainda mais. Apenas lhe ocorreu dizer:

— Tenho de ir à casa de banho.

Aquilo pareceu acalmá-lo. Bethany puxou a cadeira para trás e agarrou na mala. Olhou para Kate enquanto guardava a carteira.

— Dá-me licença? — O homem bloqueou-lhe a passagem. — Por favor. Tenho mesmo de ir.

Ele suspirou e disse:

— Eu fico à espera. Dá-me uma hora. Problema resolvido.

O coração de Bethany batia violentamente. O efeito da cerveja tinha desaparecido por completo. Aquele homem não ia aceitar um não como resposta. Ela virou à direita, seguindo os sinais. Deu por si num corredor comprido e escuro, revestido com painéis empenados. A casa de banho das senhoras era a última porta à esquerda.

Estava prestes a agarrar no puxador quando uma mão grande se fechou no seu ombro.

— O meu nome é Dave, já agora — disse ele com uma voz pegajosa. Depois, inclinou-se, agarrou nos braços da cadeira e virou-a de frente para ele. — Ninguém nos incomoda aqui atrás. Deixa-me lá dar uma volta nesse botãozinho.

Bethany olhou para ele. Tinha os olhos baços. A respiração era estranha. O cheiro do suor dele invadiu-lhe as narinas, deixando-a com a sensação de estar a respirar azeite.

— Largue-me.

— Não te estou a tocar — disse ele. — Só na tua cadeira. Portanto, manda-me prender. Tu queres descarregar. Eu quero descarregar. Porque é que não fazemos música juntos?

Antes que Bethany percebesse o que pretendia fazer, ele colou a boca fedorenta à dela e introduziu uma mão na frente da blusa. Ela empurrou-o freneticamente pelos ombros, apanhando-o tão desprevenido que o fez perder o equilíbrio e cambalear para trás, rasgando-lhe o ombro da blusa.

— Por mim, tudo bem — disse ele com uma gargalhada. — Queres à bruta? Eu aceito.

Um som estridente de vidro a partir-se surpreendeu-os aos dois. Dave virou-se para trás, tão espantado quanto Bethany. Lá estava Kate, segurando uma garrafa de cerveja partida na mão direita.

— Tira as patas dessa miúda, seu filho da puta, ou eu deixo-te a cantar em falsete.

Bethany tentou fugir para a casa de banho, mas a cadeira era demasiado larga para a porta. Agora, a atenção do homem encontrava-se totalmente concentrada na garrafa partida, dando-lhe tempo para se libertar, recuar e tentar de novo. Na segunda investida, foi contra as ombreiras com mais velocidade, e a força do impulso fez com que a cadeira passasse. Bethany fechou a porta e encostou-lhe a cadeira para dificultar a entrada a mais alguém. Estava a tremer tanto que mal conseguiu tirar o telemóvel da mala. Imaginou Kate a matar Dave, com sangue espalhado pelos painéis empenados do corredor. «Meu Deus. Meu Deus.» Ainda a tremer, marcou o número da loja.

Jake abriu um grosso manual de peças.

— Não sei aonde ela foi. Se não está em casa, não faço ideia. Já tentaste os meus pais?

Ryan poisou os braços no balcão.

— Eu só... sei lá, não percebo. Achei que ela havia de querer passar o serão comigo. Há quanto tempo é que ela saiu?

Jake passou um dedo pelas letras pequenas, murmurando números entre dentes. Assim que encontrou o que procurava, levantou a cabeça.

— Há cerca de uma hora, talvez hora e meia. Já foste à casa dela?

— Telefonei para lá. — Ryan suspirou, incapaz de se desembaraçar da sensação de que algo estava mal. — Não a imagino a ir algum lado sozinha.

Jake riu-se.

— Talvez não tenhas sido tão bom como pensavas.

— Cala-te. — Ryan coçou a cara ao lado do nariz. A piada tinha ficado demasiado perto da verdade.

Foi então que o telefone tocou. Sem desviar os olhos do catálogo de peças, Jake estendeu um braço para atender:

— The Works. Fala Jake Coulter. Em que posso ajudar? — Tirou a outra mão do catálogo. — O quê? Onde é que estás?

Ryan ouviu uma voz ténue do outro lado da linha. Aguda, histérica. Seria capaz de a reconhecer em qualquer lugar. Endireitou-se imediatamente, o coração a bater com força.

— O que é que aconteceu? Jake levantou uma mão.

— Tu o quê? — Escutou durante um segundo. — Não saias daí. Percebeste, Bethany? Aconteça o que acontecer. Mete-te numa das cabinas e tranca a porta se for preciso. Eu já vou aí ter.

Jake bateu com o auscultador e contornou o balcão a correr.

— A Bethany está num bar. Um estupor encurralou-a na casa de banho e a Kate está prestes a arrancar-lhe as tripas com uma garrafa de cerveja partida.

Ryan chegou à porta do bar chamado Suds dois passos à frente de Jake. Ao entrar na sala mal iluminada, olhou em redor à procura de Bethany. O empregado do bar, um tipo barrigudo de cabelo loiro e avental branco, apontou para as traseiras com o polegar.

— Ali atrás. Já chamei a Polícia. Ryan e Jake correram na direcção da tabuleta das casas de banho.

Parecia uma corrida para ver quem era o mais rápido, a única certeza sendo que não cabiam lado a lado quando chegaram ao corredor. Ryan ganhou vantagem com uma cotovelada na barriga de Jake. Se um estupor tinha encurralado Bethany, ele queria ter a honra de o matar.

Quando Ryan chegou ao fundo do corredor, deparou-se com uma cena pior do que imaginara. Uma mulher que parecia já ter dado muitas voltas à pista mantinha um homem encostado a uma parede graças a uma garrafa partida devidamente aplicada contra as partes baixas. Parecia preparada para o castrar.

Ryan estava a borrifar-se para a hipótese de o sujeito sair daquela embrulhada intacto. Tentou abrir a porta da casa de banho das senhoras, mas o raio da coisa recusava-se a obedecer. Jake chegou praticamente no mesmo instante. Ofegante, encostou as mãos à porta.

— Bethany, querida? Abre a porta. É o Jake e o Ryan. Estás bem?

— *Ryan?* — gritou ela do outro lado da porta. — Porque é que o trouxeste?

Ryan recuou. Bela maneira de ser recebido. Estava ali para a salvar. Ela era sua. Não de Jake. E nunca daquele estupor, que estava prestes a perder a sua razão para estar vivo. Qualquer homem digno desse nome tomava conta da sua mulher.

Ryan bateu com os nós dos dedos na madeira.

— Bethany? Abre o raio da porta.

— Aquele homem horrroso já se foi embora? — perguntou ela esganiçadamente. — Ele rasgou-me a *blusa*.

Ryan olhou por cima do ombro. O seu olhar encontrou um par de olhos castanhos, turvos de abutre, e deu por si a pensar por que motivo é que estava ocupado com a porta. Deu meia-volta, avançou e disse à mulher:

— Eu encarrego-me dele.

Kate recuou e Ryan tomou-lhe o lugar.

Podia ser que não tivesse posto as mãos naquele homem. Afinal, a sua mãe tinha-o educado civilizadamente. Mas o estupor mirou-o de alto a baixo, sorriu descaradamente e disse:

— És o mariquinhas que não consegue dar conta da donzela? Depois, Ryan não seria capaz de se recordar exactamente do que acontecera. As testemunhas declaravam que tinha agarrado no estupor pela camisa, levantara-o do chão e batera-lhe repetidamente com a cabeça contra a parede.

A sua recordação seguinte, e nítida, era de estar algemado. Não sabia muito bem porquê. Tinha os nós dos dedos a arder, e havia um outro homem agarrado à cara, mas Ryan não se

lembrava de lhe ter batido.

Tinha sido uma grande confusão. Os policiais tiraram Bethany da casa de banho e, sempre que ela olhava para ele, gemia:

— Meu Deus! Meu Deus! Eu só queria conversar. Não queria que isto acontecesse.

Kate abraçou-a.

— Tem calma, querida. Tens vinte e seis anos. Se queres beber uma cerveja de vez em quando, porque não?

Ryan decidiu que não gostava de Kate. Ela era uma má influência. E ele sabia muito bem o que era uma má influência. Durante a sua vida, metera-se em muitas situações complicadas e completamente imprevisíveis com o seu irmão Rafe. Começavam sempre com «Sabes o que eu acho?» e a partir daí só pioravam. Pois. Ryan sabia como era fácil dar por si numa grande embrulhada, apenas por causa das companhias. Não que o seu irmão fosse uma má companhia. Rafe era apenas um daqueles homens cujo nariz sempre os levava direitos aos sarilhos, e, sendo o irmão mais novo, Ryan estava sempre atrás dele.

Ryan estava a pensar nisso, ainda que sem grande clareza, quando Jake, que não estava em maus lençóis com a Polícia, se aproximou do balcão. Deitou um olhar demorado, de olhos semicerrados, ao empregado do bar, e Ryan percebeu imediatamente que a situação ia descambar.

Num tom baixo e aparentemente amistoso, Jake perguntou:

— Foi você quem chamou a Polícia quando percebeu que a rapariga na cadeira de rodas estava presa na casa de banho das senhoras com um bêbedo pegajoso e desordeiro a tentar arrombar a porta?

O empregado podia ter respondido que sim e as coisas teriam ficado por ali. Mas encheu o peito de ar e disse:

— O que é que você acha que eu sou, um porteiro de discoteca? A mulher chegou cá, começou a queixar-se da sua vida amorosa à amiga, e um tipo com metade da minha idade ofereceu-se para a fazer passar um bom bocado. Não tenho nada a ver com isso. Como se ela não estivesse a pedi-las. A minha mulher gosta da minha cara exactamente como ela é.

— Ela não vai dar pela diferença — disse Jake coloquialmente. E assentou-lhe um soco.

Pouco depois, Ryan encontrava-se mais próximo de Jake Coulter do que alguma vez quisera estar — no banco traseiro de um carro da Polícia.

A cadeia municipal de Crystal Falls nunca tinha visto tanta agitação. No fundo da área das celas, Ryan podia ouvir o seu pai a gritar.

Agarrado às grades como um condenado, Jake olhou para Ryan do outro lado do corredor.

— Achas que o teu pai nos vai safar ou vem fazer-nos companhia? Ryan encostou a cabeça às grades e virou a cabeça de um lado para o outro para sentir o frio do metal. Enquanto substituto de um saco de gelo, não valia nada, mas era o mais aproximado que encontraria naquele lugar.

— Os dias de cadeia do meu pai já passaram. Não teve nenhum problema com a Lei desde que se casou com a minha mãe.

Jake ficou à escuta durante um momento.

— Ele parece-me um pouco alterado.

Jake ainda não tinha acabado de falar quando Ryan ouviu o seu pai gritar.

— Mas o que é que esta a acontecer a este país? Uma rapariga é incomodada por um bêbedo e vocês prendem os parentes dela porque a defenderam? Expliquem-me isso. Dantes, quando um homem defendia uma mulher, as pessoas davam-lhe uma palmada nas costas!

Uma voz baixa respondeu, o som um murmúrio que Ryan não conseguiu perceber.

— Ele é sempre assim? — perguntou Jake. Ryan ponderou a pergunta.

— Não. Só quando fica mesmo chateado.

— Então, chame o juiz! — berrou Keefe. — Preparem o raio da fiança! Não deixo os meus rapazes aqui dentro toda a noite! Percebeu?

Ryan sorriu a Jake.

— Parabéns. Acabaste de arranjar um segundo pai. Não é uma maravilha?

Ouviram uma voz feminina erguer-se acima da confusão:

— Não, Keefe. Por favor! Eu estou bem. Keefe gritou:

— Não empurre a minha mulher, seu estuporzinho empertigado!

— Keefe, *por favor!* — gritou novamente Ann.

Seguiu-se um grande estrondo. Jake ergueu as sobrancelhas, olhou preocupado para Ryan e disse:

— Mas que raio, acho que o teu pai acabou de dar um murro num agente.

Capítulo Dezasseis

Sly tinha reparado que a carrinha cinzenta de Bethany estava estacionada à frente do estábulo quando entrara, e não ficou surpreendido quando a ouviu a falar com a égua. Mas ficou surpreendido quando se apercebeu de que ela estava a chorar como se o seu coração se fosse partir. Com todos os Kendricks na câmara municipal, ele estava por sua conta. Sly não se dava nada bem com mulheres chorosas.

Sendo aquele o caso, pensou em ir-se embora. Dar meia-volta. Parecia um bom plano, mas quando chegou à porta, o som dos soluços agarrou-o pela nuca. Parou e voltou lentamente para trás, sem saber muito bem o que pensava fazer, mas sentindo que tinha de fazer alguma coisa.

Quando chegou ao portão da baia, ficou sem saber como poderia dar-lhe a entender que estava ali. Bethany estava de costas para ele, a cara encostada ao peito da égua. Sly coçou o queixo e acabou por dizer:

— Parece que vai chover. Não achas?

Ela saltou como se tivesse levado uma descarga. Depois, esfregou apressadamente a cara antes de se voltar para olhar para ele. Sly sempre achara desde o princípio que ela era uma rapariga bonita, mas nunca vira realmente por que motivo aquele rapaz tinha ficado tão apanhado por ela. Mas agora sim. Aqueles olhos eram qualquer coisa, enormes e mais azuis do que o azul.

— Sly! Eu, hmm... assustaste-me. Não sabia que havia gente cá. Ele poisou um braço no portão.

— Vim dar de comer ao gado. O Ryan não está cá esta noite para tratar disso.

— Eu sei. Ele está... na *prisão*. E a culpa é toda minha. Aquilo nem chegava à metade da história. Era possível que ainda não soubesse o que acontecera ao pai de Ryan, e Sly não lhe ia contar.

— Então, a culpa não é tua. Aquele rapaz sempre foi um cabeça quente. É natural nele. Não foi contagiado por uma dose de mau génio depois de te conhecer.

Ela enxugou a cara. Assim que acabou, outra lágrima escorreu-lhe pela face. Assoou-se com um lenço de papel amarrotado que tinha mais buracos do que um passador. Sly procurou um lenço no bolso. Depois de verificar que estava limpo, abriu o portão e entrou para lho entregar.

— Toma, querida. Tem um pouco de pó, mas está limpo.

— Oh, eu... — Ela olhou para o lenço azul estampado durante um segundo. Hesitante, acabou por agarrar nele. — Obrigada.

Sly acorcorou-se, remexendo o feno enquanto ela se assoava.

— Não pude deixar de te ouvir quando entrei. Posso ajudar? Ela respirou fundo.

— Quem me dera. Sinto-me tão mal, Sly. — A sua boca não parava de tremer. — Os pais do Ryan vão ficar a detestar-me.

— Ah, não, isso não é provável. É só uma daquelas coisas. Isto tem andado um bocado aborrecido ultimamente. Tu resolveste a questão.

— Parece que sim. — Bethany enxugou os cantos dos olhos. — Eu só queria conversar com outra mulher. Que *desastre*. Estava à espera de resolver um problema, não de criar mais um.

— Às vezes, é o que acontece. Quanto mais corremos, mais para trás ficamos.

Ela sorriu e concordou.

— Não consegui resolver nada, disso tenho a certeza.

Sly ficou a olhar para ela. Parecia tão sozinha ali sentada, apenas com a companhia da sua égua.

— Não tens amigos, querida? Ela encolheu os ombros.

— Dúzias em Portland, mas ainda não tenho muitos aqui. Não voltei há muito tempo, e, até há pouco, ocupava todo o meu tempo a ajudar o meu irmão na loja. Tenho o Ryan, claro. — Assoou-se outra vez. — Eu não posso conversar com *ele*. Se a Kate tivesse ido tomar um café comigo. Mas, não. Tínhamos de ir a um bar.

Sly alisou o feno diante dele. Não podia deixar de ter pena dela.

— Se tens um problema que precise de ser resolvido, talvez eu possa ajudar.

— Obrigada, Sly. É muito simpático da tua parte. Mas é... bem, de natureza delicada, uma coisa de mulheres. Provavelmente, não será a tua especialidade.

— Com um nome como Sly Bob, não há muita coisa que diga respeito às mulheres na qual eu não seja especialista — disse-lhe ele com um piscar de olho.

— Sly Bob?

— Abreviatura de Sylvester Bob, apelido Glass. Na minha terra, dou pelo nome de Sly Bob.

— Galias é um apelido mexicano? Ele levantou uma sobrancelha.

— Não, querida, é Glass, não Galias.

— Não consigo ver a diferença na pronúncia. Como é que se escreve?

— Exactamente como se lê, G-L-A-S-S. Poisando uma mão delicada no peito, ela rebentou às gargalhadas, as lágrimas espalhando-se pelas pestanas inferiores quando fechou os olhos.

— Exactamente como se lê? — repetiu ela, abanando a cabeça. — G-Ale-Ayus-Ayus?¹ — Quando conseguiu parar de rir, disse: — Oh, Sly. — Enxugou as faces. — Obrigada por perdeses tempo a falar comigo. Já me sinto melhor.

— Fico contente por te ter aliviado a carga. Ela sorriu.

— Bastante. Então, conta-me, como é que Sylvester Bob *Glass* passou a ser Sly Bob? Alguém que não gostava de ti?

— Na. Era o costume pelas minhas bandas, abreviar os nomes dos rapazes, muitas vezes só com as iniciais, e a minha mãe não gostava que as pessoas me chamassem pelas minhas.

Ela franziu a testa, percebeu finalmente a questão e assentiu.

— Ah, estou a ver porque é que não lhe agradava.²

— Seja como for, ela começou a chamar-me Sly Bob, e ficou. Gozavam muito comigo e, com o passar dos anos, comecei a fazer jus ao nome. Uma má decisão da minha parte, mas que abriu caminho a muitas experiências interessantes até eu chegar aos quarenta anos.

— Então, resolveste assentar?

— Nada disso. Fiquei cansado. As mulheres têm o condão de acabar com um homem.

Ela recompensou-o com mais um sorriso. Sly ficou satisfeito por ver que, pelo menos, deixara de chorar.

— Agradeço que te tenhas oferecido para me ouvir. Mas não é o género de coisa que eu consiga discutir com um homem. Especialmente *contigo*. Podias contar ao Ryan.

— Não sou dado a conversas fora da escola, nem com o Ryan nem com ninguém.

— Eu não te podia pedir isso. Sei que vocês são muito chegados. Observando as expressões dela, Sly ficou com uma impressão estranha no fundo da garganta.

Havia muitos tipos de solidão, e ele tinha a sensação de que aquela rapariga já tinha estado cara-a-cara com muitas delas. E também estava muito preocupada com qualquer coisa e, se ele não estivesse enganado, estava relacionada com Ryan. Sly gostava daquele rapaz como de um filho.

¹ O motivo do divertimento de Bethany assenta no sotaque de Sly, o qual pronuncia a palavra *glass* com um sotaque que, foneticamente, se aproxima da outra palavra em questão, Galias (qualquer coisa como Galaiass). (*N. do T.*)

² Como Sly refere, se o seu nome, Sylvester Bob, fosse abreviado com as respectivas iniciais, S. B., o resultado seria idêntico ao da abreviatura de *son of a bitch*. (*N. do T.*)

— Não havia de ser o primeiro segredo que eu não contava ao Ryan.

Ela corou e abanou a cabeça.

— Não. Eu só... é demasiado pessoal. Eu, não. Não sou capaz. Sly pensou um pouco.

— Não és a única que precisa de um amigo, sabes? Ultimamente, também tenho tido um problema.

Ela pareceu ficar preocupada.

— Tu?

— Sim. Não posso falar com ninguém da família sobre isso. — Sly esfregou a boca. — Se eles souberem, ainda me despedem.

— Os Kendricks nunca te despediriam. És como se fosses da família.

— Só para veres o problema que tenho. — Olhou para ela. — Constar segredos tem de valer para os dois lados. Queres fazer uma troca?

— Oh, não sei. Como te disse, era esquisito se eu te contasse o meu. *Wink* aproximou-se e começou a insistir para que Sly lhe coçasse a cabeça entre as orelhas. Ele fez-lhe a vontade alheadamente enquanto dizia:

— Não tens de te sentir esquisita a falar comigo, querida. Não há nada que choque este velhote.

Ela continuou a torcer o lenço, apertando os dedos com tanta força que os nós estavam brancos.

— Bem, isto tem a ver com sexo. — Aproximou-se dele para dizer aquela última palavra como se receasse que mais alguém a pudesse ouvir.

— Sexo? — Sly riu-se. — Ora, então, estás com sorte. Poderia ter coçado um pouco a cabeça em relação a certos assuntos, mas tenho a certeza de que sou um especialista nesse. Já pendurei as calças em tantos pés de cama que até fiquei com um buraco nelas.

Ela arregalou os olhos:

— A sério?

Sly semicerrou um olho.

— Não, estou a exagerar. Mas fiquei com uma zona mais cocada. Tudo o que quiseses saber sobre esse assunto, é a mim que tens de perguntar.

— Bem, acho que o ponto de vista de um homem talvez possa ajudar.

— Preencho esses requisitos. Da última vez que verifiquei, ainda era um. Então, o que te parece? Trocamos problemas?

Ela sorriu ligeiramente e respirou fundo.

— Está bem. Mas só se me contares o teu primeiro.

— Dás-me a tua palavra, não contas a ninguém?

— A ninguém.

Sly afastou *Wink* e passou um dedo pelo colarinho da camisa. Em seguida, clareou a voz. O seu tom era grave quando disse: — Já conhecestes a Helen, a mãe da Maggie.

— Sim.

— Bem, ela e eu, temos sido amigos às escondidas. Se alguém descobre, posso ficar sem o meu emprego no Rocking K. A Helen não é completamente normal, percebes?

Quando Sly acabou de falar, Bethany ficou a olhar para ele num silêncio atordoado durante vários segundos.

— Oh, Sly. Não sei o que te dizer.

— Não há muito que possas dizer, acho eu. — Deixou sair o ar do peito. — A não ser chamar-me um patife assanhado por me meter com ela.

— Nada disso, Sly. Acho que ela é uma mulher cheia de sorte.

— Não achas que estou a proceder mal?

— Não se gostas mesmo dela. Se estivesse apenas a usá-la, então, sim, acho que estarias a proceder muito mal. Mas não me parece que seja o caso.

— Sinto-me muito melhor, só por poder desabafar. Eles confiam todos em mim, percebes, e nos cerca de trinta anos que trabalhei aqui, nunca quebrei essa confiança. O Keefe e eu conhecemo-nos há muito tempo. Quando ele começou este rancho, eu era o braço direito dele, e estou cá desde então. Fiquei do lado dele quando se casou com a Annie. Ajudei a criar os dois rapazes. — Tirou o chapéu e começou a rodá-lo nas mãos. — Tentei não tocar na Helen. Sabia que ela não estava bem e que talvez me visse com olhos de criança, e tentei. Mas a triste realidade é que um homem nem sempre escolhe quem ama. Acontece e pronto.

— Ela também te ama?

Sly sentiu um ardor nos olhos.

— Ela acha que eu era capaz de laçar a Lua. Talvez seja por isso que a amo tanto. Tive muitas mulheres. Não ultimamente, mas uma boa dose quando era mais novo. Nenhuma olhou para mim como ela. — Tentou encontrar uma forma de explicar. — Quando eu falo, ela ouve, muito interessada. Segue-me como um cachorrinho sempre que estou em casa do Rafe. Não tenho muita instrução e há muita gente que pensa que sou um idiota. Ela admira-me e acha que sou inteligente. Isso faz-me sentir muito bem, e, ao ver aquele brilho nos olhos dela quando olha para mim, fico cheio de orgulho.

Bethany debruçou-se para lhe agarrar na mão.

— Oh, Sly. Acho que talvez estejas a subestimar o Ryan. Eu percebo o que sentes; achas que ele não perceberia? O Ryan tem um bom coração.

Sly fechou a mão sobre os dedos delicados dela.

— Tem, sim senhor. Mas os Kendricks, eles são esquisitos no que toca às suas mulheres. Pisas o risco e eles ficam logo assanhados. — Apertou-lhe a mão. — Não gosto de andar escondido, mas não vejo outra maneira. Se eles descobrem, temos sarilho. Eu casava com ela, claro. Não ia virar as costas à minha Helen. Talvez já não tenha o juízo todo, mas não há mulher melhor.

— Oh, Sly, nem é preciso dizer que casavas com ela. Talvez seja essa a solução para o teu dilema. Já pensaste nisso? Os Kendricks têm-te em boa conta e darias um bom marido para a Helen.

— Não hão-de ter-me em boa conta quando souberem que me tenho aconchegado com a Helen. Como acham que ela não está bem são muito protectores. O mais certo era despedirem-me. É a política por aqui, não nos metemos com as mulheres. Ficava sem emprego. Como é que podia olhar por ela? Um homem precisa de um trabalho para cuidar da sua mulher, e uma mulher tão fina e bonita como a Helen merece coisas finas e bonitas. Ela não é estúpida, percebes? Nem atrasada. Apenas demora mais tempo a perceber.

Bethany baixou a cabeça, o cabelo escuro escondendo-lhe a cara.

— Ainda bem que me contaste. — Olhou para ele e sorriu. — Eu sei que o meu voto não conta muito, mas acho que é fantástico que vocês os dois se tenham encontrado um ao outro, e espero que encontrem uma forma de ficarem juntos.

A voz de Sly ficou rouca:

— Obrigada por dizeres isso. O teu voto é muito importante para mim.

— E digo-te mais. Só porque tens pouca instrução convencional, isso não quer dizer que não tenhas ido à escola. Apenas foi uma escola diferente.

Ele sorriu e piscou-lhe o olho.

— Começo a perceber porque é que aquele rapaz tem andado como um cachorrinho atrás da própria cauda desde que te conheceu. Sempre achei que ele era esperto. Só não sabia quanto.

— Obrigada, Sly. É um grande elogio.

— E sincero. Agora, chega do meu problema. Vais contar-me o teu?

Depois de muitas hesitações, Bethany conseguiu contar-lhe. Sly coçou a cabeça quando ela acabou, quase desejando não ter insistido naquela troca.

— Bem, é um problema daqueles. Não sentes nada, dizes tu?

— Um pouco aqui e ali, mas nada parece funcionar bem — disse ela com uma voz vazia. — Não me importo muito. Estar com o Ryan é o suficiente para mim. Só tenho medo que não seja o suficiente para ele.

— Se ele te ama, há-de ser. Se não te ama, passas melhor sem ele. Nenhum casamento pode resultar sem amor, querida, e muito. Há sempre problemas. Não estás sozinha.

— Só quero fazê-lo o mais feliz que puder. É só isso.

Sly compreendia-a. Nada o fazia sentir-se melhor do que fazer a sua Helen sorrir.

— Fazer um homem feliz é uma coisa muito simples. Só tens de seguir o teu faro e descobrir com o tempo aquilo de que ele gosta e não gosta. Quanto àquilo, não posso dizer que já vi uma mulher fingi-lo, pelo menos, de uma forma que fosse óbvia. Mas posso dizer como é que elas se portam quando estão mesmo a gostar.

Ela fitou-o com um olhar esperançoso.

— Podes?

Sly levantou um dedo.

— Já volto.

Ele tinha uma desagradável sensação de que aquele assunto iria precisar mais de demonstrações do que de explicações. Saía-se melhor na maioria das coisas que fazia quando estava completamente sóbrio, mas imitar uma mulher a ter um orgasmo não iria ser uma delas. Correu até ao escritório, agarrou na sua garrafa de bolso e voltou rapidamente para a baia.

Uma hora depois, quando voltou para casa, Ryan viu a carrinha de Bethany. Enquanto atravessava o pátio pavimentado, ouviu o que parecia ser um coio dentro dos estábulos, preparando-se para uivar a Lua. «Mas que raio?» Assim que entrou, ouviu a voz de Sly. Seguiu os sons até à baia de *Wink*, onde encontrou o capataz e Bethany a uivar e a rir como loucos.

Ryan deixou-se ficar por uns momentos. Sly, que parecia embriagado, estava sentado com as costas apoiadas na parede, um joelho flectido para apoiar o braço. O capataz observava enquanto Bethany atirava a cabeça para trás e produzia sons estranhos. Riu-se, abanou a cabeça e disse:

— Assim não, querida. Ele ainda acha que estás doente.

— Oh, Sly — disse Bethany com um suspiro desencorajado —, achas que eu consigo dar com o jeito?

— Já estivemos mais longe — assegurou-lhe ele.

Ryan já vira o suficiente para perceber o que estava a acontecer. Parecia que o seu fracasso como amante se tornara o principal tópico de discussão do dia. Se todos os habitantes de Crystal Falls ainda não soubessem a história no dia seguinte, talvez Bethany pudesse por um anúncio no *Examiner*.

Apoiou-se no portão da baia.

— É uma festa privada? Bethany deu um salto com o susto.

— Ryan! — exclamou ela. — Já voltaste. Ele assentiu.

— O Rafe chamou um advogado. A primeira coisa lúcida que alguém fez hoje. O juiz acabou por estabelecer a fiança. O Jake também saiu.

Sly olhou-o de lado.

— E o teu pai?

— Não. O juiz disse que lhe fazia bem passar lá a noite para acalmar. Dar um murro num polícia não cai muito bem na câmara municipal.

Bethany ficou com uma expressão horrorizada:

— O teu pai bateu num polícia?

— O tipo estava a pedi-las. Ia agarrar o meu pai e, para chegar a ele, empurrou a minha mãe. Ela bateu com a anca numa esquina da secretária. Ficou com um hematoma. O meu pai assentou uma valente no estupor.

— Oh, *não*. Isso é uma transgressão grave.

— Eles não conseguem aguentar a acusação. O Rafe levou a minha mãe às Urgências para tirar radiografias. O ferimento está documentado e o teu pai e dois dos teus irmãos foram testemunhas. O polícia excedeu-se. — Ryan encolheu os ombros. — Teve sorte. Se aquele primeiro soco não o tivesse deixado inconsciente, o meu pai tinha dado cabo dele.

— O teu pai é mesmo assim — concordou Sly. — Se bate num homem e ele não vai ao

chão, eu vou ver as costas do estupor para descobrir o que é que está a segurá-lo.

Ryan entrou na baía e sentou-se ao lado de Sly. Olhou demoradamente para Bethany.

— Mas não quero interromper. Parecia que estavam a divertir-se bastante.

— Oh, já estávamos a acabar. Não estávamos, Sly?

— Sim, já estávamos despachados, pois. Ryan sorriu.

— Não sei qual de vocês parecia mais doente. Sem ofensa, mas acho que precisas de um pouco mais de prática para lhe dares com o jeito, querida. Se comesas a uivar e a ofegar dessa maneira ao pé de mim, vou ter de chamar uma ambulância.

Bethany olhou estupefacta para Sly. O capataz levantou-se e fechou a sua garrafa de bolso.

— Bem, acho que esta é a minha deixa para desaparecer. — Deu-lhe um beijo na testa. — Boa noite, querida. Se este menino tiver um ataque de mau feitio, não lhe dês muita atenção. Ladra muito, mas não morde.

— Antes disso do que uivar e não saber o que é lealdade — retrucou Ryan.

— Pois, pois. Cá está o mau feitio. — Sly colocou o chapéu na cabeça. — Boa noite.

— Boa noite, Sly — respondeu Bethany. — Obrigada pela... — calou-se e olhou para Ryan com uma expressão culpada. — Obrigada pela tua ajuda — terminou ela em voz baixa.

— Sim, Sly. Muito obrigado — disse Ryan. Quando deixou de ouvir os passos do capataz, olhou para Bethany e disse: — Podes começar a falar.

Ela desviou o olhar e ficou novamente corada.

— Falar de quê?

Ryan suspirou. Ela tinha estado a chorar. Tinha a ponta do nariz vermelha e, numa das mãos, ainda era visível o lenço azul amarfanhado de Sly.

— Podemos começar pelo incidente desta tarde. Podes explicar-me porque é que decidiste falar com uma desconhecida a respeito da nossa vida sexual num lugar público? E num *bar*, por favor!

Ela brincou com o lenço, puxando um canto, depois voltando a amarrotá-lo.

— Ela não era uma desconhecida. A Kate trabalha para nós. Quanta ao bar, eu convidei-a para um café, mas ela perguntou se não podíamos ir a um sítio pacato beber uma cerveja. Estava de ressaca e precisava de um pouco do pêlo do cão que a tinha mordido.

— Uma ressaca? Devia ter sido a tua primeira pista. Um sítio *pacato*? Quase eras violada naquele sítio pacato. Estou a ver que foste a casa trocar de blusa.

— Por isso é que não fui logo para o posto da Polícia. Depois de trocar de roupa, quando cheguei, os teus pais já lá estavam. — Afastou o cabelo da cara. — Tive vergonha de os encarar. A culpa foi toda minha, tu estares ali, e eu só... — Abanou a cabeça. — Agora, o teu pai está na cadeia. Meu Deus. Vão odiar-me para sempre.

— Nada disso. — Ryan levantou os joelhos para apoiar os braços e ficou calado durante muito tempo. — Sabes, Bethany, o primeiro requisito para que uma relação resulte é a franqueza.

— Não, não é — disse ela numa voz débil. — O primeiro requisito é bom sexo.

— E tu achas que eu não to dou.

Ela pareceu ficar genuinamente estupefacta quando o ouviu dizer aquilo.

— Não. Oh, Ryan, *não*. Eu é que não estive à altura, e não o contrário.

Ele podia ver-lhe a dor nos olhos — sombras escuras que lhe deram vontade de a abraçar.

— Não digas isso, querida. Para mim, foi fantástico.

— Não. Achas mesmo que sou assim tão ingénua? Eu não estava a dormir quando te levantaste ontem à noite. Estavas tão transtornado porque eu não senti nada que tiveste de sair.

Ryan encheu as bochechas de ar enquanto ponderava a situação.

— Ou seja, para que eu não voltasse a ficar perturbado, pediste ao Sly que te mostrasse como é que se finge um orgasmo?

— Não, claro que não. Falei primeiro com a Kate. Encontrar o Sly esta noite foi um acaso.

— E depois de o encontrares, perguntaste-lhe como é que se finge um orgasmo — insistiu ele. — Quanto tempo é que pensas que isso ia resultar?

— Não sei. Para sempre, esperava eu. — O seu lábio inferior estremeceu. — Não te quero perder. Se não conseguir fazer-te feliz na cama, perco-te.

Ele sacudiu um pouco de feno da perna.

— Eu estava transtornado ontem à noite. Admito. Queria que tivesse sido bom para ti e custou-me muito aceitar que não tinha sido.

Ela fitou-o com um olhar implorativo.

— Foi bom para mim. Todas as partes que consegui sentir. Não pordes... — Calou-se e torceu o lenço de Sly. — Não podes comparar-me às outras mulheres. Até te conhecer, nunca tinha estado com ninguém e tinha pouca esperança de alguma vez vir a estar. As partes que consegui sentir foram maravilhosas. *Tu és maravilhoso*. Se eu puder ter apenas isto, se não tiver mais nada durante o resto da minha vida, vou sentir-me a mulher com mais sorte do mundo. — Gemeu e levantou as mãos. — Não te quero perder. Por favor, tenta compreender. Se fingir que sentia tornasse as coisas melhores para ti, eu estava disposta a fingir.

Ryan encostou a cabeça à parede. *Wink* estava a mastigar, um som tão familiar que ele se concentrou nele para se acalmar. Quando finalmente voltou a olhar para Bethany, a fúria já passara.

— Promete-me uma coisa.

— O quê?

— Que nunca mais voltas a mentir-me, mesmo que penses que é o que eu preciso de ouvir.

Ela fechou os olhos com força. Quando finalmente os voltou a abrir, a sua cara tornara-se pálida.

— Desculpa ter mentido. Não é algo que eu costume fazer, e não te censuro por estares zangado. Mas tenta entender o meu lado. Por mais que o deseje, não posso mudar o meu corpo, e arrisco-me a perder-te por causa disto. Só essa ideia apavora-me. — Riu-se com pouca convicção. — Não é irónico? Um dos principais motivos pelos quais me recusei a ter uma relação contigo foi porque receava exactamente isto. Agora, aconteceu. Não sinto nada. Só que não interessa. Quero-te, mesmo assim. E, se me deixares, não sei o que fazer. — Baixou a cabeça. — Jurei que nunca te faria uma coisa destas. Insistir, implorar. Querer que tu fiques comigo, seja como for, mesmo que estar comigo não te faça feliz. — A sua voz começou a ficar histérica. — Desculpa.

Ryan ajoelhou-se e aproximou-se da cadeira dela.

— Eu não te vou deixar, querida. E se tentares deixar-me, vou atrás de ti. Percebeste? — Abraçou-a, encostou-lhe a cara à curva do pescoço e deixou-se ficar assim durante um momento. — O que acabaste de dizer, que gostaste de todas as partes que conseguiste sentir, que tinha sido maravilhoso é mais do que alguma vez tinhas tido. Vou lembrar-me disso. O problema ontem à noite não foi tu não teres conseguido fazer com que eu gostasse, Bethany. Foi fantástico. Tão fantástico que me senti tremendamente culpado. Deste-me tanto e eu não te pude dar nada em retorno.

Ela agarrou-se a ele quase freneticamente, como se estivesse pendurada na beira de um precipício e apenas ele a impedisse de cair.

— Tu deste-me *tudo* — murmurou ela ferozmente. — Foi tão maravilhoso, Ryan. Tu deste-me tudo.

— A sério?

— A sério.

Ele beijou-a abaixo da orelha.

— Estás disposta a tentar mais uma vez? Passei o dia todo a pensar no que me disste esta manhã, sobre eu ir mais fundo. Ontem à noite, sendo a primeira vez, tive tanto medo de te magoar que não o fiz. Quem sabe? Talvez, se o fizer, encontre uma terminação nervosa fantástica que ainda esteja viva aí dentro.

— Se não encontrares, não faz mal. Apenas estar nos teus braços é o suficiente, Ryan. Estar contigo é suficiente.

Ryan abraçou-a ainda com mais força, sabendo que ela tinha razão. Ele nunca tinha amado ninguém assim, e se Deus lhe desse apenas aquilo, se abraçá-la e amá-la fosse tudo o que poderia

ter, seria o suficiente.

Porque, para ele, Bethany era absolutamente tudo.

Capítulo Dezassete

O luar entrava pela janela do quarto, cobrindo tudo com a sua luz prateada. Deitado no colchão com Bethany aninhada sobre o seu braço, Ryan olhava para o rosto dela, pensando como ela era linda, as feições tão delicadas que poderiam ser feitas de porcelana. Seguiu-lhe a linha das sobrancelhas com os lábios, desceu beijando-lhe o nariz, apreciando a forma como ela sustinha o fôlego e apertava as mãos nos seus ombros. Passou para a orelha semelhante a uma concha, mordiscando ligeiramente o lóbulo.

— O que posso fazer para te agradar? — perguntou ela de repente, tentando voltar a cabeça e gorar a sua tentativa de lhe beijar a boca.

— Agradas-me apenas por existires — sussurrou ele. — Por estares aqui comigo. É tudo o que eu preciso, mais do que alguma vez sonhei ter.

Ryan sentiu o nariz dela torcer-se contra o seu queixo, um gesto que se tornara habitual e sempre o fazia sorrir.

— Não sejas evasivo, Ryan. Sabes muito bem o que quero dizer. Sou nova nisto, e tu tens de ser franco comigo para que eu possa fazer tudo o que te excita. Gostas de cintos de ligas e de meias?

Ele sorriu.

— A Kate, outra vez?

— Ela disse que era uma coisa de que os homens gostavam.

— Hmm, gosto de cintos de ligas, acho eu. Mas não tenho nenhum fascínio particular por eles.

— Então, de que é que gostas? Quero mesmo saber, Ryan. Para mim, é importante agradar-te.

Ele só queria que ela se deitasse e o deixasse devorá-la. De algum modo, todavia, pareceu-lhe que não era isso que ela queria ouvir.

— Gosto de ti. *Muito*. Ela riu-se e deu-lhe uma palmada no braço.

— A ver se te escapas. Diz-me. Tem de haver alguma coisa que te excite. Gostas de saltos altos?

— Nem por isso. Não posso dizer que goste de alguma coisa em particular. — Encontrou a depressão abaixo da orelha e saboreou a pele, pensando para consigo que ela era tão inebriante como vinho, o aroma ténue do champô deixando-lhe a cabeça a andar à roda. — Podias deixar-me a babar com uma saca de serapilheira.

— És impossível.

— Gosto de calças de ganga justas e de camisas *western* — confessou ele enquanto lhe cheirava os caracóis junto à têmpora. — daquelas com botões de pérola nos bolsos do peito, sabes? Há qualquer coisa naquelas pérolas a piscarem-me o olho que me deixa a boca completamente seca.

Ela riu-se e brincou com os pelos no peito dele.

— Vou já comprar umas. Gostavas que eu usasse só as camisas, sem mais nada?

— Meu Deus. — Ficou imóvel por um instante. — Fazias isso?

— Se quiseses.

— Querer é pouco. Posso ir contigo e ser eu a escolhê-las? Também gosto de franjas em cima. Brancas, com brilho. Cintilam e mexem-se de um lado para o outro. Isso deixa-me louco.

— Podes ter a certeza de que hei-de abanar as minhas franjas — disse ela com uma gargalhada. — Gostas de ver uma mulher a cozinhar só de avental?

— Desde que eu o consiga desamarrar. — Percorreu-lhe a face com os lábios, dirigindo-se a

boca. — Estás a deixar-me louco. Chega de conversa. Quero-te Bethany. *Agora.*

Ela manteve-o afastado com uma mão contra o peito.

— Só mais algumas perguntas. Prometo. Ryan suspirou.

— Só algumas.

Ela olhou para ele com aqueles olhos azuis incríveis que sempre o deixavam com falta de fôlego.

— Gostas de, hmm, felação? — A sua voz ficou rouca e tímida quando lhe fez a pergunta.

— Nunca o fiz, mas acho que...

Espantado, Ryan inclinou-se para trás para olhar para ela. Já tinha estado com mais mulheres do que se conseguia lembrar, e nunca lhe tinham feito aquela pergunta daquela maneira. Só Bethany para usar o nome científico portas adentro. Reprimiu um sorriso, sem querer embaraçá-la.

— Não desgosto, acho eu — disse ele cautelosamente, em parte com receio de que ela desaparecesse debaixo das cobertas se desse uma resposta mais entusiástica. — Não é uma das minhas coisas preferidas.

— Oh. Porque não? Julgava que os homens gostavam muito.

Ele curvou-se para lhe dar um beijo demorado. Quando quebrou o contacto, disse:

— Preferia ser eu a prestar-te esse serviço. Ela torceu novamente o nariz.

— Quero ser eu a fazer coisas por ti, e não o contrário. Não fiz nada disso ontem à noite.

Ela estava nitidamente decidida a extrair-lhe informação, e Ryan tinha a sensação de que era melhor colaborar a não ser que quisesse que ela tivesse outra conversa com Kate, a guru do sexo. Suspirou e deitou-se novamente ao lado dela, poisando a cabeça na mão. Depois de enrolar uma madeixa de cabelo dela a volta de um dedo, disse:

— Gosto de te tocar, de te beijar. Saber que isso te faz sentir bem faz-me sentir bem.

— Fico muito contente porque adorei tudo o que fizeste ontem à noite — murmurou ela —, e tenho a certeza de que vou adorar sempre, mas não podes ser sempre tu a tentar agradar-me. Quero ser uma parceira sexual satisfatória. Não quero que sintas alguma vez que estás a perder alguma coisa.

— Isso nunca há-de acontecer. Estar contigo, fazer amor contigo... nunca nada foi melhor para mim, Bethany. Incrível. *Lindo.* Não se pode melhorar o que é perfeito, pelo menos, não segundo os meus livros.

— Oh, Ryan, sentes mesmo isso?

— Sim. E não há nada em especial que eu queira que faças. — Debruçou-se para lhe beijar a ponta do nariz. — Excepto parares de falar. — Largou-lhe o cabelo para descer a mão até ao peito. Depois de prender o mamilo entre o polegar e o indicador, rolou-os, sorrindo quando ela soltou um gemido e arqueou as costas perante o choque daquela sensação. Baixou a cabeça para provocar a carne capturada com a ponta da língua, o que a fez gemer de novo e agarrar-lhe no cabelo. — Apenas quero fazer amor contigo — murmurou ele. — Durante o tempo que eu quiser, como eu quiser. Tens algum problema com isso?

A única resposta dela foi um gemido ofegante. Puxou-lhe a cabeça para o peito, oferecendo-se a ele e encorajando-o silenciosamente. Era um pedido que ele não podia recusar.

Armado com o conhecimento de que os preliminares poderiam ser a única parte do jogo que ela realmente apreciava, Ryan não teve pressa, beijando e afagando cada parte do corpo onde ela tinha alguma sensibilidade. Queria que o prelúdio fosse o mais glorioso possível. Se não podia satisfazê-la, pelo menos, dar-lhe-ia sensualidade e mostrar-lhe-ia o quanto a amava com cada toque das suas mãos e dos seus lábios.

Carícias lentas, como penas. Beijos quase imperceptíveis. Usou toda a sua experiência na arte do amor, fazendo esperar as suas necessidades urgentes enquanto satisfazia as dela.

Bethany. Gostava tanto dela. Adorava a forma ofegante como gemia quando ele descobria um ponto sensível e o provocava com a ponta da língua... adorava a forma como tentava aproximar-se ainda mais dele... como se agarrava a ele e gritava o seu nome.

Bethany. Como ele a adorava.

Ryan deitou-se de barriga para baixo e começou a beijar-lhe a coluna, demorando-se logo abaixo das omoplatas, onde sabia que as mulheres eram sensíveis. Dali, passou à depressão sob o braço, fazendo surgir pele de galinha na superfície acetinada enquanto descia lentamente pelas costelas até encontrar a cintura, e depois até às nádegas redondas, que estremeciam sob os seus lábios, traindo a intensidade das sensações que ela estava a ter.

Quando a voltou, o luar poisou-lhe sobre os seios, realçando-lhe os mamilos túrgidos e rosados. A sorrir, deitou-se ao lado dela, usando a mão livre para a acariciar suavemente enquanto se demorava nos mamilos, atormentando-os com ligeiros toques até os deixar latejantes sob a sua língua, ansiosamente despertos. Então, cercando-os subitamente, mordeu-os ao de leve e sugou-os.

— Ryan! — soluçou ela ao arquear as costas. Ele não a largou, saboreando e chupando até a deixar a tremer, sentindo os músculos do estômago a contraírem-se sob a palma da sua mão. Naquele ponto, a sua própria ânsia crescera até raiar a dor, uma dor urgente. Fazendo deslizar a mão até à união das coxas, deixou que os dedos se enredassem naquele ninho de caracóis para se certificar de que ela estava pronta. As pontas dos seus dedos encontraram um calor húmido e escorregadio, boas-vindas para qualquer homem.

Ao retirar a mão, tocou com as pontas dos dedos no clítoris. Bethany saltou como se a tivessem picado com um alfinete. Ele parou, o seu olhar fixo na cara dela. Na noite anterior, não conseguira dar-lhe um orgasmo porque lhe tocara naquele ponto, e, como era a primeira vez dela, não quisera sugerir outra forma com receio de a embarçar. Ainda era um pouco cedo para a iniciar naquele género de intimidade, mas uma vez que fora ela a referir a questão, decidiu que podia pelo menos pôr essa hipótese.

— Querida, deixas-me tentar beijar-te aqui? Ela franziu o sobrolho.

— Tocaste-me aí ontem à noite e foi desconfortável para mim.

— Eu sei, mas as minhas mãos parecem lixa. Podia ser muito mais suave com a minha língua.

Ela fechou uma mão sobre a dele, como se quisesse proteger aquela área.

— Oh. Acho que não...

— É só que, se és hipersensível ali em baixo, se eu o fizer com a minha boca a diferença pode ser enorme — murmurou ele enquanto baixava a cabeça para lhe chupar um mamilo. Ela ofegou com o contacto e gemeu novamente. Entre passagens insistentes e provocadoras da língua, Ryan insistiu: — Por favor, querida? Diz que sim. Eu ficava tão feliz se conseguisse dar-te um orgasmo. O corpo dela procurou-lhe a boca.

— Paras se for desconfortável?

— Claro que sim.

— Está bem — disse ela sem fôlego. — Acho que não vai resultar, mas se queres tentar, eu não te impeço. Se queres mesmo.

Oh, ele queria. Aquela protuberância doce, repleta de nervos já estava a dilatar-se sob as pontas dos seus dedos sem que fizesse mais nada. Talvez ela tivesse alguma lesão, como ele desconfiava, e não seria mais do que uma batalha contra moinhos de vento. Havia apenas uma forma de descobrir.

Ele ajoelhou-se e afastou-lhe as pernas de modo a conseguir aninhar-se entre elas. Ela sorriu e largou-lhe a mão. Ryan agarrou numa almofada e empurrou-a para debaixo do rabo dela.

— O que é que estas a fazer? — perguntou ela, espantada.

— Só a colocar-te numa posição melhor.

Virou-lhe os joelhos para fora, assentando as coxas nos extremos da almofada, deixando-a exposta e vulnerável. Ela poisou as mãos esguias na área desprotegida, nitidamente embaraçada. Não podia ser. Ryan baixou-se e puxou as cobertas para a resguardar.

Mesmo assim, fez o seu melhor.

— Amo-te tanto — murmurou ele. — Já te disse isso? Ela riu-se.

— Não nos últimos três minutos, sua enguia.

Ele beijou-lhe demoradamente a boca, sorrindo ao ver a ânsia com que ela o recebia. *A sua Bethany.* Com o coração apertado, proferiu uma prece: «Por favor, Deus, faz com que isto resulte. Deixa-me dar-lhe prazer. Nunca mais volto a faltar a missa num domingo, e dou graças antes de todas as refeições e ajoelho-me ao lado da cama todas as noites. Vou ser o homem mais devoto, mais fiel que alguma vez viste, juro, e darei graças até ao fim da minha vida. Concede-me só isto.»

Sem querer embaraça-la, Ryan não avançou imediatamente para o seu alvo. Em vez disso, respeitou mais uma vez o mesmo percurso, beijando-a na boca e depois em todos os pontos sensíveis do seu corpo, nunca parando de descer. A reacção de Bethany foi incondicional, sem hesitações. Passados alguns minutos, ela gemia e tremia novamente de necessidade.

Quando poisou a boca no ponto que tinha como objectivo, os gemidos transformaram-se em soluços assustados. Ele agitou ligeiramente a língua, tendo o cuidado de não aplicar muito pressão com receio de a magoar. Ela soltou um som estranho, vindo do fundo da garganta, arquejou de surpresa, e suspirou de prazer. *Sim.*

Ele queria tanto que aquilo fosse bom para ela. Sentiu aquele montículo de feminilidade começar a crescer de novo sob os toques cuidadosos da sua boca, e em breve a rigidez da sua excitação era aparente a cada passagem da língua de Ryan. Conseguia sentir-lhe a pulsação ali, mais parecendo um martelo pneumático.

Então, Ryan aumentou cautelosamente a pressão. Ao ver que ela não se esquivava nem gritava, o seu coração rejubilou e ele decidiu avançar com movimentos circulares da língua, lentos e decididos. Ela estremeceu e arqueou a coluna, tentando projectar as ancas. Ryan sentiu a urgência acumular-se dentro dela, e saber que a levava praticamente ao ponto crítico deixou-lhe os olhos cheios de lágrimas.

— Ryan? — gritou ela com uma voz rouca marcada pelo pânico. — Isto é... oh, meu Deus, tens de me segurar.

Ele apoiou-lhe as nádegas com as palmas das mãos, prendendo os polegares nos ossos ilíacos e erguendo-a até à sua boca.

— Está tudo bem, querida. Eu estou aqui. Confia em mim e deixa que aconteça.

— Meu Deus. Ryan?

Ele retomou o seu assalto com renovada determinação. Aquele corpo esguio estremeceu como um arco de corda e, então, ela soluçou. No instante seguinte, gritava, os músculos contraindo-se e entrando em espasmos quando o seu primeiro orgasmo a abalou.

Aleluia.

Pela primeira vez na sua vida, Ryan Kendrick chorou ao levar uma mulher ao clímax.

Os ossos de Bethany tinham-se derretido. Ela não se conseguia mexer, não conseguia pensar, e não se importava. Estava ali deitada, inerte, vagamente consciente de Ryan a erguer-se acima dela.

— Estás bem, querida?

Ela tinha a língua colada ao céu-da-boca. O coração continuava descontrolado. Ryan apagara-lhe os pensamentos. Os seus ossos tinham adquirido a consistência de pudim. E ele queria saber se ela estava bem? Havia uma possibilidade de ela ter morrido de insuficiência cardíaca e ter ido parar ao céu.

— Hmm! — foi tudo o que conseguiu dizer.

Ele riu baixinho. Então, Bethany teve aquela estranha sensação de preenchimento que tivera na noite anterior, que lhe disse que ele acabara de entrar.

— Calma, querida. Braços à volta do meu pescoço. Vamos. Vais voar outra vez.

Bethany pestanejou. «Braços, levantem-se», ordenou ela silenciosamente. Em lugar de lhe obedecer, limitaram-se a ficar onde estavam, inertes e inúteis, um por cima da cabeça, o outro sobre o colchão. A cara morena de Ryan ganhou contornos mais definidos. Os dentes brilharam num grande sorriso. Baixou a cabeça.

— Vá lá. Agarra-te.

Com um grande esforço, ela conseguiu erguer os braços e passou-os à volta do pescoço dele.

— Linda menina — sussurrou Ryan. Agarrou-lhe nas pernas e prendeu-lhe os joelhos debaixo dos braços. — Pronta para levantar voo?

Ela assentiu, desejando que ele se limitasse a deixá-la adormecer. Tendo passado um mês de noites insones, sentia-se tão deliciosamente descontraída que, egoistamente, pensou que, de qualquer modo, não iria sentir aquela parte. Mas conseguiu dizer:

— Estou pronta — antes de bocejar.

Ele riu-se e inclinou o tronco para a frente, a superfície aveludada da sua virilidade estabelecendo contacto com o único ponto onde ela tinha *muita* sensibilidade. Bethany arregalou os olhos. Ele sorriu de novo, investindo pela primeira vez, cautelosamente. Ela arquejou e cravou-lhe todas as unhas nas costas.

— Posso fazer-te vir desta maneira — murmurou ele. — Sentes? Estou a entrar em contacto com milhares de pequenas terminações nervosas, querida. Não vai ser desconfortável, prometo. Agora, não.

Para surpresa de Bethany, não foi desconfortável. Pelo menos, ainda não.

— Porquê?

— Porque estás excitada e o clítoris está dilatado, o que o torna um pouco menos sensível.

Ela pouco sabia sobre aquele género de coisas e apenas pôde confiar.

— Não fiques tensa. Se não te souber bem, eu paro. — Avançou para a beijar. Quando as suas bocas se afastaram, murmurou: — Vem voar comigo.

Bethany esperava que a fricção fosse desagradável. Ele tinha sido tão cuidadoso, beijando-a naquele ponto. Mas aquilo era diferente. Tinha a certeza de que a insistência de toda aquela rigidez contra a sua carne iria doer. Todavia, ele parecia aço revestido de veludo, e, por algum motivo, não era minimamente desconfortável. A respiração prendeu-se-lhe no fundo da garganta quando ele investiu de novo.

— Diz-me se começar a incomodar — sussurrou ele.

Dito isto, começou a ganhar velocidade e, antes que ela conseguisse sequer pensar, quanto mais falar, estava a levantar voo com ele. A sua mente girava com as sensações indescritíveis que a abalavam. A cada investida, ele estabelecia um contacto directo com o seu clítoris, o qual lhe enviava descargas eléctricas que se espalhavam por todo o seu corpo.

— Ryan! — gritou ela.

— Estou aqui, querida. — A voz dele tornara-se rouca e entrecortada. — Agora, vou fundo. Está bem? Se te parecer que dói, diz-me e eu recuo.

Ele avançou decididamente com as ancas, enterrando-se até ao limite. Bethany gritou. Ele inteiriçou-se e recuou, o seu olhar baço e colado ao rosto dela.

— Magoei-te? — quis ele saber.

— Não, mas eu... oh, Ryan, lá no fundo, consigo sentir-te.

— A sério?

Ela riu-se com lágrimas nos olhos e agarrou-lhe nos braços, pedindo-lhe que insistisse.

— Oh, *sim* — gritou ela quando ele entrou de novo. — Oh, Ryan! Sim, sim, *sim*! Consigo sentir isso.

Ele definiu um ritmo rápido e intenso, tornando qualquer conversa não só impossível, mas desnecessária. Os gemidos e arquejos de prazer dela traduziam os sentimentos com uma nitidez absoluta, ela tinha a certeza. Estava a *voar*. Ele estava a levá-la numa viagem privada pelo Paraíso. O prazer a crescer. A necessidade, a urgência. Cada vez mais alto. Quando chegou ao ponto máximo e se lançou, ele inteiriçou-se e ela sentiu uma vaga percorrê-la, lá muito no fundo.

Arquejou-se o melhor que conseguiu ao encontro dele, os seus pensamentos estilhaçando-se quando um orgasmo violento lhe sacudiu o corpo. Sem dúvida, o Paraíso, decidiu ela, tonta, ainda sob o efeito das replicas.

Ryan Kendrick era o homem mais maravilhoso à superfície da terra.

Puxou-a para os seus braços e prendeu-a num abraço tão feroz que quase conseguiu sentir a intensidade do seu amor por ela.

— Oh, Ryan — murmurou ela. Passou-lhe as mãos pelo cabelo, querendo confortá-lo. — Está tudo bem. Agora, está tudo bem.

Como reação, ele apenas a apertou ainda mais. Naquele momento, Bethany apercebeu-se do quanto ele se sentira atormentado pela sua incapacidade de a satisfazer.

Encostou a cara ao ombro dele.

— Oh, Ryan... amo-te tanto.

Ele poisou o queixo na cabeça dela, o seu corpo grande percorrido por um arrepio. Passado um longo momento, quando a sua respiração se tornou mais regular, suspirou e disse:

— Agora, só penso que devia ter insistido, devia ter-te beijado aí em baixo ontem à noite. Tínhamos poupado vinte e quatro horas de puro inferno.

Bethany esfregou a cara contra a pele dele, adorando sentir o músculo, duro mas formando uma almofada confortável para a sua cabeça.

— Talvez tivéssemos de conhecer o inferno para apreciar devidamente o paraíso. Ainda não estou em mim. Não senti rigorosamente nada quando entraste pela primeira vez.

— Não importa, Bethany — murmurou ele. — A não ser que me tenha enganado, tens sensibilidade onde interessa. Se pudesse escolher, acho que a maioria das mulheres preferia ter um orgasmo clitoriano a um vaginal.

Bethany sorriu. Tinha sido indubitavelmente intenso, indescritivelmente intenso.

— Porque será que não me soube bem quando me tocaste lá ontem à noite?

Ele enterrou a cara no cabelo dela.

— Estavas tão tensa, para começar. E acho que deves mesmo ter uma lesão nervosa, o que te deixa hipersensível até ficares mesmo excitada. — Ele riu-se, um som com laivos de satisfação masculina. — Muito bem. Perguntaste de que é que eu gosto? Beijar-te é o meu preferido. Acho que já estou viciado.

— Ainda bem. Foi maravilhoso — murmurou ela.

— Disseram-me que não há orgasmo que se compare.

— Quem?

Silêncio. Depois, uma tosse.

— Não interessa. Não tem importância, pois não?

— Acho que não — respondeu ela com um sorriso travesso que escondeu contra o ombro dele.

— Se eu avançar enquanto faço amor contigo, sou capaz de te dar um orgasmo clitoriano e fazer com que atinjas o clímax comigo. Isso é que é importante. Para mim é fantástico saber que também estás a gostar.

Tinha sido bastante fantástico. Sentindo-se tão satisfeita que mal conseguia manter os olhos abertos, Bethany chegou-se para ele e murmurou sonolentemente:

— Amo-te, Ryan. Foi a experiência mais fantástica de toda a minha vida. Muito, muito obrigada.

Ele riu-se e puxou-a para si. — Prepara-te para uma vida fantástica, minha menina. Eu gostei tanto quanto tu.

Alguns durante a noite, Bethany acordou e apercebeu-se de que Ryan não estava ao seu lado na cama; apoiou-se num cotovelo e olhou em redor. Pestanejou estremunhada quando o viu ajoelhado ao lado da cama, cotovelos poisados no colchão, as mãos grandes unidas em prece diante da cabeça curvada.

— Ryan? — murmurou ela roucamente. — Estás bem? Ele levantou a cabeça.

— Nunca estive melhor. Estava só a dizer as minhas orações.

— As tuas orações? — Bethany nunca o vira como pertencendo ao género devoto. Agora, pensava no porquê dessa impressão. Qualquer homem tão bom como Ryan Kendrick tinha provavelmente uma fé profunda que o orientava na sua vida. — Não te queria interromper. Desculpa.

Recostou-se, disposta a deixá-lo entregue às suas meditações. Mas ele baixou as mãos e

sorriu-lhe.

— Não faz mal. Já tinha acabado.

Um brilho carnal surgira-lhe nos olhos. Deslizou as mãos por baixo das cobertas e agarrou-lhe nos joelhos. Quando Bethany deu por si, o seu rabo deslizava pelo colchão, direito a ele, o resto do seu corpo surpreendido seguindo-o.

— O que é que estas a fazer?

— Nada — brindou-a com um sorriso inocente enquanto lhe ajeitava as pernas, uma de cada lado dele, as mãos subindo depois até às ancas para a puxar para ele. — Pelo menos, por enquanto.

O baixo-ventre dela foi ao encontro da barriga rija de Ryan. Ele prendeu-lhe os joelhos com os braços, fechando as mãos sobre as coxas erguidas.

— Olá — disse ele em voz baixa.

Bethany fechou os dedos sobre o lugar que ele acabara de expor ao seu olhar. Ryan olhou para eles.

— Vais ter de os tirar daí, querida. Tenho coisas para fazer, e eles estão no meu caminho.

Ela riu-se.

— Não podes estar a pensar em fazer, sabes, *aquilo* agora.

Ele baixou a cabeça e beijou-lhe o interior sensível da coxa esquerda. Contra a pele dela, disse:

— Dá-me só um bom motivo para não o fazer.

— Porque pode ser que o meu coração não aguente duas vezes na mesma noite?

Ele mordeu-a.

— Na. Não morres disso.

Bethany tentou pensar numa forma de explicar que aquilo ainda era uma novidade para ela, e que se sentia um pouco embaraçada. Tinha sido diferente quando estava excitada e pronta, à espera dele. Mal conseguira pensar, quanto mais sentir-se envergonhada.

— Mas, Ryan, ainda nem sequer me beijaste.

— Hmm. — Ele deitou-lhe um olhar definitivamente marcado pela lascívia. — Fazes muita questão quanto à parte do teu corpo que eu beijo primeiro?

Ela riu-se.

— Uma senhora precisa de um pouco de preliminares para ficar para aí virada.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Já te digo — disse Ryan numa voz rouca. — Tira esses dedinhos lindos do caminho e apoia-te nos cotovelos para assistires. Vais ver que ficas para aí virada num instante.

— Oh, não me parece... não vou ficar a ver.

— Porque não?

Não lhe ocorreu nenhuma razão, e ele não lhe deu tempo para pensar numa. Riu-se de novo quando ele lhe começou a morder os dedos para a forçar a afastá-los.

— Como é que podes passar das orações para fazer isto quando ainda estás de joelhos?

— Porque acredito de todo o coração que o amor que temos é uma dádiva sagrada, e que tudo o que fizemos para expressar esse amor é lindo.

— Oh, Ryan... — Bethany sentiu um aperto na garganta e, sim, apoiou-se num cotovelo. Ser amada por ele era *lindo*, a experiência mais linda da sua vida. Ele beijara-lhe as cicatrizes. Tocava-a como se fosse um tesouro sem preço. Ela sentia-se como nunca se sentira quando ele a abraçava. O que poderia ser mais lindo do que aquilo? — Amo-te tanto. Tanto, tanto.

— Então, não te retraias — sussurrou ele contra a sua pele. — Eu sei que avançamos depressa, mas, para nós, é a única forma. Quero fazer amor contigo outra vez, e quero que seja maravilhoso para ti. Posso ter a certeza de que será, se te fizer isto. É um milagre. Minha Bethany, uma dádiva de Deus.

Era realmente um milagre, pensou ela. Uma dádiva incrível, maravilhosa. Seria o cúmulo da estupidez deixar que a vergonha estragasse o momento para ela — e para ele.

Afastou a mão, observando enquanto ele lhe beijava a perna. Por um instante, desejou

conseguir sentir o toque sedoso daqueles lábios, mas rapidamente esqueceu essa vontade. Vê-lo beijar o interior da sua coxa era igualmente erótico ao seu jeito, e era tão bom saber que poderia sentir cada toque leve dos lábios de Ryan quando ele finalmente chegasse ao seu destino.

Ele assim fez e tocou-lhe com a ponta da língua. Bethany arquejou com o choque de prazer escaldante que a percorreu.

— Oh, Ryan. Isso... sabe... tão... *bem*.

A boca quente e húmida fechou-se sobre ela, a língua agitando-se ao de leve contra a sua carne, provocando suavemente as terminações nervosas até lhe deixar a cabeça a girar e o sangue a latejar.

— Estás bem? — perguntou ele, quase ininteligível.

O movimento da boca e a vibração da voz percorreram-lhe o corpo, e Bethany quase morreu. Tentou responder-lhe, mas tinha a garganta paralisada, o único som que conseguia produzir um ofegar débil.

Como resposta, foi obviamente suficiente, porque ele retomou o seu assalto. Levantou-lhe as nádegas do colchão e deixou-a ficar assim. Cada musculo do tronco de Bethany ficou tenso. Então, ela esqueceu-se de tudo. *Relâmpagos*. Era a única forma de descrever as sensações que a abalavam.

Sem saber como, uma das suas mãos fechou-se nos cabelos dele e de repente, ela estava a agarrá-los para se içar até ficar numa posição sentada. Ele inclinou-se para continuar a amá-la. Depois, subiu e beijou-lhe os seios.

— Oh, Ryan.

— Já estás morta? — perguntou ele a rir.

— Ainda não.

Aos beijos, Ryan desceu até ao umbigo.

— Ainda bem. Não me deixes, querida. Vamos voar outra vez. Ryan Kendrick era um homem de palavra.

E ela voou.

Capítulo Dezoito

Quando Bethany acordou, a manhã estava demasiado bonita para que ela a recebesse com má cara. A luz do Sol entrava pelas janelas do quarto de Ryan, dourando-lhe a cara e o cabelo. Partilhavam a mesma almofada, o que ela considerou simbólico da vida de ambos a partir dali. Ele estava a dormir com um braço por cima dela, a mão grande poisada no seu seio esquerdo. Estavam os dois nus e ela deliciou-se com a sensação de toda aquela masculinidade a envolvê-la.

Suspirou, satisfeita. Pela primeira vez em oito anos, conseguira virar-se durante a noite. Fiel à sua palavra, Ryan aconchegara-a contra o seu corpo por várias vezes para trocarem de lado, permitindo-lhe aninhar-se contra as costas dele ou deixar que os seus braços fortes a envolvessem. Fora uma sensação maravilhosa.

Ele assustou-a quando, inesperadamente, disse com a boca encostada aos seus cabelos:

— Queres tomar o pequeno-almoço assim, comigo?

— Na cozinha? — Ela riu-se. — Nua, queres tu dizer?

— Que género de fantasia é que seria se não estivesses nua?

— Só se fores tu a cozinhar. O óleo respinga sempre quando eu estrelo ovos.

— Fruta e pão não respingam. — Tocou-lhe num mamilo. — Imagina a minha boca aí depois de beber um pouco de café bem quente.

Bethany sentiu um aperto no estômago perante aquela ideia.

— Besunto-te com natas magras e lambo-te toda — disse ele com a voz rouca. — Podes ficar sentada, nua, na minha cozinha, arranhar uma banana com os dentes e deixar-me louco. Não

sais desta casa antes do meio-dia.

Ela riu-se outra vez.

— Tenho de ir trabalhar.

— Hoje, ficas em casa comigo. — Esfregou o nariz na orelha dela. — Vais comigo à câmara municipal. Tiramos o meu pai da cadeia e metemos os papéis para o casamento, tudo na mesma visita.

— Não precisamos de uma certidão para já.

— Precisamos, pois. Quero ver um anel no teu dedo, querida. Ela virou-se e beijou-lhe a cana do nariz.

— Oh, Ryan, és tão querido.

— Isto não tem nada de querido. Se não te casares imediatamente comigo, o Jake mata-me.

— Não te preocupes com o Jake. Eu trato dele.

Ele interceptou-a antes que pudesse beijar-lhe novamente o nariz e deu-lhe um beijo na boca. O coração de Bethany começou a bater mais depressa. Quando ele parou para respirar, disse:

— Não quero discussões. Casas comigo logo que eu tenha tudo tratado.

— De maneira nenhuma. Preparar um casamento leva tempo. Ele abriu os olhos.

— Eu gostava de uma coisa simples. Sem grandes barafundas.

— Eu tinha a fantasia de casar junto a um lago no alto das montanhas.

— Isso já é falar.

Ela sentiu um aperto no coração.

— Mas isso agora está fora de questão.

Ele levantou a cabeça e mordiscou-lhe o pescoço.

— Posso perfeitamente levar-te para um lago. Bem bonito. Por acaso, é assim que quero passar a nossa lua-de-mel, só tu e eu, num lago no alto da montanha.

— Ryan, eu não posso. Já te disse, eu... Ele poisou-lhe um dedo na boca.

— Encomendei uma cadeira de todo-o-terreno para ti. Pesa pouco, pode ser transportada a cavalo e está preparada para enfrentar pedras e pequenos troncos. Deve chegar para a semana, no mesmo dia que a tua sela.

— Tu o quê?

Ryan tirou o dedo para baixar a cabeça e roubar-lhe mais um beijo.

— Não faças essa cara. Ficas com rugas. Bethany manteve a mesma expressão.

— Mesmo com uma cadeira de rodas todo-o-terreno, preciso de instalações especiais para as minhas necessidades pessoais. Não posso simplesmente...

— Estou a tratar disso. A minha mãe ajudou-me a desenhar uma «casinha» para ti.

— Uma *casinha*?

— Sim. O meu pai também tem ajudado. Tem mais experiência a soldar alumínio. Vai ser leve, com barras de apoio, e pode ser desmontada para ser fácil de transportar. Vamos usar *nylon* de tenda para o tecto e as paredes. Vais ter todos os confortos de casa.

Ela inclinou a cabeça para trás, olhando para ele com incredulidade.

— Estás a falar a sério.

— Claro que estou. Vamos passar a nossa lua-de-mel numa região desabitada, bravia. Só tu e eu, junto a um lago fantástico, como querias fazer antes do teu acidente. Apanhamos trutas para o jantar e cozinhamo-las numa fogueira. Fazemos amor debaixo das estrelas. Depois, conto-te histórias assustadoras antes de nos deitarmos para que tu te agarres a mim quando formos para a tenda, e fazemos amor no saco-cama. E também vamos nadar, e fazemos amor dentro de água. Há cataratas lá em cima. É tão bonito, vais ficar sem respiração, e nós...

Ela rebentou às gargalhadas.

— Fazemos amor na cascata? Ele sorriu.

— Como é que adivinhaste?

Bethany cedeu e tirou o dia para poder ficar com Ryan. Enquanto apreciava uma terceira caneca de café, ele foi até aos estábulos tratar dos animais. A manhã estava tão bonita que Bethany

abriu a porta de correr para deixar entrar o ar fresco. Estava prestes a fechar a rede quando o telefone tocou. Contornando *Tripper*, que estava a dormir perto da mesa, agarrou no telefone portátil.

— Estou?

— Olá, mana. Como é que estás hoje? Completamente recuperada da barafunda de ontem, espero.

— Estou ótima, Jake. Melhor do que ótima, por acaso. Ele suspirou.

— Ainda bem. Fiquei um pouco preocupado quando me disseram que não vinhas trabalhar.

Ela explicou-lhe que Ryan queria aproveitar o dia para meter os papéis para o casamento.

— Ele não perde tempo — observou Jake. — Tens a certeza de que é isto que queres fazer, Bethie? Casar à pressa e tudo o mais. Não tens de fazer as coisas a correr.

— Nunca tive tanta certeza, Jake. Amo-o tanto que dói. Silêncio demorado. Então, Jake disse:

— Desculpa lá falar nisto, mas não foi ainda ontem que estavas a queixares-te agarrada a uma cerveja, desiludida com o sexo?

— Onde é que foste buscar essa ideia?

— Ao empregado do bar.

Bethany ficou com a cara a escaldar. Para ela, a linha traçava-se na discussão dos pormenores da sua vida sexual com o seu irmão. Ao mesmo tempo, percebia que ele estava preocupado e precisava de ser tranquilizado.

— Eu não estava desiludida. Estava com medo de que o Ryan estivesse. — Bethany não fazia ideia como explicar a situação. — Mas isso já pertence ao passado. Tudo é *maravilhoso*.

— Maravilhoso? Tens a certeza, Bethany?

— Absoluta. Por favor, não te preocupes. Eu amo-o tanto, e ele ama...

Ouviu qualquer coisa atrás dela e, sentindo-se culpada, olhou por cima do ombro. Ryan não ficaria satisfeito se a apanhasse a discutir a relação de ambos com Jake.

Mas não era Ryan. Era *T-bone*. Bethany olhou para os olhos castanhos e inexpressivos do touro, sem saber se devia gritar ou dar-lhe os bons-dias. Olhou para a porta de correr envidraçada, recordando-se do aviso de Ryan, de que o toiro entrava em casa se a porta não estivesse fechada.

T-bone decidiu mugir tão alto que o som fez vibrar as paredes.

— Mas que raio, o que é que foi isso? — perguntou Jake do outro lado da linha.

— Um touro. — Bethany imaginou o animal a dar-lhe uma marrada, como o vira fazer com Ryan. Não tinha graça. Se a sua cadeira se virasse, o touro podia facilmente pisá-la. — Tenho de desligar, Jake. Telefone mais tarde.

— Não estás em casa?

— Eu, hmm... sim — admitiu ela.

— Esse estupor parecia estar perto, como se estivesse em cima de ti. E ele estava em cima dela. Bem, quase.

— Eu estou bem, Jake. Já te ligo. — Bethany desligou e atirou o telefone para o sofá. — Olá, *T-bone* — disse ela com pouca confiança.

Grandes fios de baba pendiam como atacadores do enorme focinho do toiro. Empurrou o braço de Bethany. Ela estava à espera de sair disparada com um valente empurrão, mas quase como se percebesse que ela era diferente, ele foi muito meigo. Com uma mão trémula, Bethany coçou-lhe a cabeça atrás das orelhas como vira Ryan fazer.

— Acho que gostavas que eu te desse uma cenoura. Ficas aqui enquanto vou buscar uma. — «E atiro-a lá para fora», pensou ela, engolindo em seco.

Apressou-se a ir à cozinha. *T-bone* seguiu-a docilmente. Quando chegou ao frigorífico, teve de suportar o focinho húmido da criatura enquanto procurava na gaveta das verduras. O touro parecia gostar do seu perfume e do cheiro do champô. Não parava de a cheirar. Ela tirou duas cenouras e deu-lhe uma, esperando conseguir contorná-lo enquanto ele a comia.

Nada disso. O touro bloqueava-lhe a passagem, encurralando-a na cozinha enquanto

apreciava a sua guloseima. Quando acabou, mugiu à espera de mais uma. Bethany estremeceu com o frio que saía do frigorífico enquanto lhe dava a segunda cenoura, começando a procurar mais na gaveta. Ficou apreensiva quando viu que apenas restavam três. *T-bone* não demoraria tempo nenhum a devorá-las. O que faria quando ela não tivesse mais para lhe dar?

Bethany não teve de esperar muito tempo para descobrir.

— Acabou-se — disse ela numa voz trémula. — Está na hora de ir embora, matulão.

O touro empurrou o focinho contra a blusa dela. Quando lhe descobriu a axila e começou a cheirar, Bethany soltou uma gargalhada sobressaltada.

— Não há comida nenhuma aí. Isso é desodorizante, seu pateta. *T-bone* cheirou-lhe o peito, empurrando-lhe ligeiramente os seios com o focinho. Bethany começou a descontrair-se. Ele não parecia querer empurrá-la. Apenas estava curioso. Ela suspirou e começou a fazer-lhe festas.

— Gostas de fruta, seu palhaço? — Foi até ao balcão e tirou uma maçã da fruteira. — Toma. *Bon appétit*.

O touro comeu a maçã de uma assentada. Pareceu gostar. Sem perder tempo, Bethany deu-lhe mais uma, que ele também devorou num instante. Ela começou a rir.

— E que tal uns pãozinhos e um pouco de queijo de barrar?

Como se tivesse acabado de tocar o gongo para o jantar, *Tripper* acordou e entrou na cozinha. O grande *Labrador* dourado sentou-se ao lado do touro, com a língua pendurada, os olhos castanhos fixos e implorativos. Ela agarrou no saco dos pãozinhos e deu um ao cão. *T-bone* farejou o pão mas recusou-o educadamente. Todavia, adorava bananas, e comeu três.

Foi assim que Ryan encontrou Bethany alguns minutos mais tarde, a dar audiência na sua cozinha com um touro e um cão. *T-bone* tinha descoberto as maravilhas da saia dela e estava a tentar descobrir o que haveria por baixo. Ela ria-se e empurrava-lhe a cabeça.

— Mas o que é que se passa com vocês? — perguntou ela ao bovino com uma gargalhada. — Não, *T-bone*.

Ryan apoiou os cotovelos na bancada e ficou a assistir durante um momento, tentando imaginar a reacção de qualquer outra das mulheres com quem saíra se tivesse ficado presa na sua cozinha, encurralada por um touro. Histeria, certamente, e gritos de fazer abanar os vidros. Mas ali estava Bethany, numa cadeira de rodas, afagando calmamente o enorme animal, como se encontrar um touro dentro de casa fosse uma coisa corriqueira. Ryan nunca tivera maior certeza de que ela era a única mulher no mundo para ele.

— Estás a estragar os meus animais com mimos? — acabou ele por perguntar.

Ela sobressaltou-se e riu-se quando o viu ali.

— Ryan. Ainda bem que voltaste. Como podes ver, tenho aqui um pequeno problema.

— São mais de quatrocentos quilos de problema, querida, não tem nada de pequeno. Eu tinha esperança de que ele encontrasse uma namorada e deixasse de andar tão perto da casa. Em vez disso, apanho-o aqui a meter-se com a minha mulher assim que viro as costas.

Ela brindou-o com um sorriso radioso.

— Não te preocupes. A tua mulher só tem olhos para ti. A princípio, tive medo, mas é quase como se ele soubesse que sou diferente.

O touro escolheu aquele momento para tentar meter-se debaixo da saia dela, mas escolhendo um ângulo diferente.

— Não tenhas dúvidas, ele está a registar as diferenças. Já viu a minha mãe algumas vezes, mas, fora isso, nunca esteve perto de mulheres.

— Quero dizer diferente porque sou deficiente. Nem acreditavas no cuidado que ele tem tido comigo.

— Ainda bem. Não gostava nada de ter de o mandar abater.

— Oh, não! — Ela pareceu ficar horrorizada perante aquela sugestão. — Por favor, nem penses nisso. Eu sentia-me tão mal. Vê só como ele é meigo.

Ryan teve de admitir que o touro estava a ser incaracteristicamente cuidadoso. Sorriu, pensando se aqueles grandes olhos azuis de Bethany tinham nos touros o mesmo efeito que nos

homens. Acabara de encontrar Sly nos estábulos e ele não se calara, sempre a dizer que aquela mulher era muito especial. «Bastou olhar uma vez para aqueles grandes olhos azuis e o meu velho coração derreteu-se», dissera-lhe ele.

Ryan sorriu, recordando-se da expressão no rosto batido de Sly.

— Parece que ele gosta de ti — disse ele a Bethany, sem a certeza de estar a falar sobre o capataz ou sobre o touro. — Mas, afinal, como é que ele entrou?

Ela revirou os olhos.

— Esqueci-me e deixei a porta de correr aberta. Ryan suspirou.

— Animal pateta. — Contornou a bancada e assentou-lhe uma palmada para lhe chamar a atenção. — Vamos, *T-bone*. Está na hora de voltares lá para fora, antes de decidires largar um presente no chão da minha cozinha.

Bethany franziu o nariz e estremeceu.

— Que ideia.

Ryan conseguiu virar o touro e depois enxotou-o recorrendo ao seu chapéu. Fechou a porta de correr, sentindo-se triste. Agora que Bethany passaria a estar sempre ali, teria de fazer alguma coisa a respeito de *T-bone*. Ryan não podia correr o risco de o animal poder magoá-la. Da próxima vez, podia ter um ataque de mau feitio. Por natureza, era uma criatura imprevisível.

— Nem sequer penses nisso — disse ela.

Ryan virou-se e encontrou-a parada atrás dele. Os seus grandes olhos estudavam-no.

— Estou a falar a sério — disse ela com voz trémula. — A culpa foi minha, mas ele foi um perfeito cavalheiro. Se ele não estiver da próxima vez que eu vier cá, nunca serei capaz de me perdoar.

Ryan bateu com o chapéu na perna.

— Tenho medo de que ele te faça mal.

Ela olhou para o touro, que ainda continuava do outro lado da porta.

— Deves-lhe a hipótese de provar que não o fará. Eu tenho cuidado, Ryan. Se ele se portar mal uma única vez, prometo que te digo imediatamente. Que tal?

Ryan olhou pelo vidro, recordando-se de *T-bone* em bebé. Era uma tolice, um rancheiro a transformar touros em animais de estimação. Chamara-lhe *T-bone* exactamente para não se esquecer disso¹, mas na altura o bezerro estava doente, obrigando-o a cuidar dele e, passado pouco tempo, começa a gostar dele.

— Vou pensar nisso — disse ele em voz baixa.

— Vais ser um daqueles maridos que pensam que não faz mal tomarem todas as decisões, independentemente do que eu sinto ou do que eu digo?

Ryan olhou para ela, espantado. | — Claro que não. Isto é diferente.

— É o que dizem todos. — Bethany ergueu o queixo pequeno e obstinado, uma característica na qual ele reparara na primeira vez que a vira. — Se abateres aquele touro sem justa causa, nunca te perdoo. Fui clara? Ele riu-se.

— Vais ser uma daquelas mulheres que metem o nariz nos meus assuntos e dão a sua opinião quer eu queira quer não?

Ela hesitou. Depois, o queixo ergueu-se novamente.

— Provavelmente. Fui criada num rancho. Não é como se eu não percebesse nada da criação de gado e de cavalos.

— Estava à espera que dissesses isso. — Atirou o chapéu para o bengaleiro. O chapéu acertou no gancho, rodopiou e parou. — Então quando é que vais largar esse emprego de secretária e ajudar-me a gerir este lugar?

— Queres que eu largue o meu emprego na loja?

¹ *T-bone*, nos EUA, corresponde essencialmente ao que, no nosso país, se chamaria uma costeleta. (*N. do T.*)

— Se o Jake conseguir encontrar uma forma de sobreviver sem ti dava-me jeito ter a tua ajuda aqui. O dia não tem horas suficientes para tratar de tudo. Preciso de alguém em quem possa confiar. Tu eras perfeita para gerir os estábulos. Percebes de cavalos e gostas deles tanto quanto eu.

Um brilho de interesse entrou nos olhos de Bethany.

— Eu não podia olhar pelos estábulos, Ryan. Estou numa cadeira de rodas.

— Não há um único ponto aonde tu não possas chegar — recordou-lhe ele. — E tenho-te numa sela já para a semana. Podes olhar pelos livros, dar ordens, manter os empregados na linha e tratar das coisas pelo telefone, como eu. Diz-me uma coisa que não possas fazer só porque estas numa cadeira de rodas.

— Não posso fazer trabalho braçal.

— Isso não faz parte da descrição do trabalho. Os auxiliares tratam dessa parte. Os gestores gerem. Por isso é que lhes chamam *gestores*. Mesmo que não estivesses numa cadeira de rodas, dava-te uns acoites se te apanhasse a fazer trabalhos pesados. A minha mulher, não. Agora que o rancho está a correr tão bem, contratamos homens para tratar disso, o que é muito melhor. O meu pai detestava quando não tinha outra hipótese senão contar com a minha mãe para fazer o trabalho de um homem, e por muito que ela goste disto, nunca mais voltarás a vê-la agarrada a uma forquilha.

— O trabalho de um homem.

Ryan viu um brilho de orgulho feminino naqueles olhos e apressou-se a esclarecer o que acabara de dizer:

— Sabes o que quero dizer. São poucas as mulheres que têm a estrutura física para carregar feno ou um bezerro renitente. O meu pai ficava doente ao ver a minha mãe fazer coisas que lhe poderiam prejudicar as costas. Ela não é muito maior do que tu. Nunca foi uma questão de respeito nem de igualdade. Ela sempre foi igual a ele aqui no Rocking K, mas, por mais voltas que lhe dês, ela é diferente, com uma estrutura óssea mais delicada e menos músculos. Foi só isso que eu quis dizer.

O indício de um sorriso substituiu a expressão dela.

— Aceito isso desde que admitas que uma mulher tem cabeça suficiente para descobrir uma forma de compensar a sua falta de força para fazer o que é preciso quando é necessário.

Ele sorriu.

— Não discuto. Mas, agora, isso nunca é necessário. Ela descontraíu-se e sorriu.

— É uma ideia muito tentadora. Adoraria fazer parte disto. — Olhou para os estábulos. — Mas, e se uma égua entrasse em trabalho de parto?

— Chamavas o veterinário, exactamente o mesmo que eu faço. Ela riu-se e revirou os olhos.

— Tens uma resposta para tudo. A triste realidade é que, mesmo que eu possa começar a montar ocasionalmente contigo, não serei capaz de montar nem desmontar sem ajuda. À frente de um estábulo e incapaz de montar? Não me parece.

Ryan manteve os olhos fixos nos dela e fez um esforço para não sorrir.

— Já preparamos um elevador para ti. Completamente eléctrico.

— O quê?

Ele aproximou-se dela e curvou-se, apoiando as mãos nos braços da cadeira.

— Um elevador. O assento é feito de *nylon*, à tua medida. Quando já estiveres na sela, solta-se das cordas e podes ficar com ele enquanto estiveres a montar. Quando voltares ao estábulo, só tens de prendê-lo outra vez nos ganchos, saís da sela e voltas para a cadeira.

Bethany ficou a olhar para ele durante um longo momento, sem expressão.

— Um elevador — repetiu ela, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra. — Para o estábulo?

— Desenhado especialmente para ti. Não foi assim tão difícil. Já tínhamos dispositivos eléctricos para os cavalos. Modificamos um deles. O meu avô era engenheiro de máquinas, e o meu pai herdou o jeito para desenhar engenhocas. A minha mãe preparou o assento na sua máquina de costura. Todos montamos e adoramos. Sabemos o prazer que terás se puderes subir para um cavalo

sempre que quiseses.

— Oh, Ryan.

— Não foi nada de especial — disse ele, quase receando que ela ficasse perturbada.

Ela olhou para a porta.

— Está neste estábulo?

— A minha mãe ainda está a dar-lhe os últimos retoques. Estará pronto antes de a tua sela chegar.

— E funciona? — perguntou ela em voz baixa. — Como é que podes saber se funciona?

Ryan apercebeu-se então de que ela estava com medo de acreditar nele, de que aquilo era muito mais importante para ela do que imaginara, e ela não queria alimentar esperanças que depois poderiam não dar em nada.

— Essa foi a contribuição da Maggie. Ela é mais ou menos do teu tamanho. A minha mãe usou-a como cobaia para fazer o assento. É capaz de a pôr e de a tirar de um cavalo, sem problemas. Ela certificou-se de que não usava as pernas, tentou fingir que não podia. Conseguimos pô-la numa sela, sem qualquer dificuldade.

Um sorriso passou lentamente pela boca trémula de Bethany.

— Posso vê-lo?

Ryan suspirou silenciosamente, aliviado.

— Claro que sim. Agora, se quiseses.

— Sim.

Bethany não queria acreditar no que estava a ver quando Ryan lhe demonstrou como o elevador funcionava alguns minutos depois. Olhou para as calhas no tecto, fixas nas vigas. Só podia estar a sonhar. As mulheres paralíticas não podia ir até ao estábulo, saltar para um cavalo e ir passear como uma pessoa normal.

Parecia que Ryan Kendrick não conseguira aceitar aquele facto. Em vez disso, estudara o problema sob todos os ângulos, recrutara a sua família maravilhosa para o ajudar e descobrira uma forma incrível de fazer com que o impossível acontecesse. Bethany imaginou Keefe e Ann Kendrick, juntamente com Rafe, Maggie e Ryan, todos reunidos naquela baía, a pensar e a trabalhar, a tentar fazer com que um pequeno milagre acontecesse.

«Nunca digas que não consegues.» Ryan dissera-lhe que acreditava nesse lema, mas aquilo excedia todas as suas expectativas. Um elevador no estábulo, o seu bilhete para a liberdade. Poderia montar *Wink* sempre que lhe apetecesse e sentir o vento novamente no rosto.

Bethany olhou para os belos olhos azul-azó de Ryan. Era impossível não ver o amor que brilhava neles.

— Tinha a esperança de que isto te fizesse feliz — disse ele.

— Não tenho palavras. Isto é... bem, é incrível, Ryan. Só posso estar a sonhar. Tenho medo de que alguém me acorde e tu desapareças numa baforada de fumo.

— Não — garantiu-lhe ele. — Eu sou real, e estás presa a mim para sempre.

— Oh, espero que sim. Para sempre parece-me muito bem. Ele esfregou o queixo e olhou para o elevador.

— Passou-me pela cabeça que talvez esteja a atirar-te com muita coisa para cima ao mesmo tempo.

— Oh, Ryan, *não*. Para além da *Wink*, este é o presente mais incrível que alguma vez recebi.

— Não te quero forçar. Nós, os Kendricks, é um defeito que temos com as mulheres que amamos. Não quero que fiques intimidada. É só que, bem, está-me no sangue, acho eu. O meu pai, com a minha mãe. E não acreditavas no que o Rafe fez com a Maggie. Temos a tendência para exagerar um pouco.

— Um pouco? — A cabeça de Sly apareceu na porta. — Rapaz, vocês são como *bulldozers*. Quando assentam os olhos numa mulher, ela não tem hipóteses. — Piscou o olho a Bethany. — Bom dia, querida. Como é que estás num dia tão bonito?

Bethany teve vontade de ir ter com ele e abraçá-lo. Em vez disso, olhou-o nos olhos,

tentando dizer-lhe com o olhar o que não podia dizer em voz alta: que nunca se esqueceria da noite anterior e da amizade dele.

— Estou ótima, Sly. E tu?

— Nunca estive melhor. — Os seus olhos ainda brilhavam quando olhou para Ryan. — Parece que lhe passou o mau feitio e tu sobreviveste. Claro que eu já sabia que isso ia acontecer. Igualzinho ao pai, esse rapaz. Chegas-lhe um fósforo quando está maldisposto e é capaz de fazer tudo em fanicos, mas quando a poeira assenta e como se nada tivesse acontecido.

Bethany sorriu.

— Ele estava um pouco espetado, mas assentei-lhe uma e disse-lhe que se comportasse.

Sly assentiu.

— Ainda bem, querida. É a única maneira de lidar com ele.

Ryan disse qualquer coisa entre dentes e olhou de lado para o capataz.

— Precisas de alguma coisa, Sly?

— Não. — Sly riu-se e piscou um olho a Bethany. — É melhor eu parar de olhar para ti. Está a ficar todo ciumento. — Virou-se para sair, parou e voltou atrás. — A propósito, o Rafe foi buscar o teu pai. Ele disse que se ficássemos à espera que tu largasses a Bethany, o teu pai havia de ficar tão danado que mais pareceria um texugo raivoso.

Ryan riu-se.

— Podíamos ter mandado a minha mãe. Ela consegue dar conta dele. Sly piscou novamente o olho a Bethany.

— Ouviste isto, querida? Presta atenção à Annie. Ela ensina-te tudo o que tens de saber.

Bethany riu-se.

— A sério?

A cara tisonada de Sly enrugou-se num sorriso.

— Certo. Não há um homem que tenha coragem para enfrentar o Keefe quando ele está danado. Mas a nossa Annie leva-lhe a melhor, e com uma mão atrás das costas.

Bethany ergueu as sobrancelhas.

— E quem é que ganha?

— A Annie — respondeu Sly com uma gargalhada. — Sem levantar os braços. O Keefe desistiu de lhe fazer frente há vinte anos. Limita-se a abanar a cabeça e deixa passar. Seja como for, ela tem razão na maioria das vezes, portanto, não há problema.

Ryan suspirou.

— Sly, faz-me um favor e cala-te. Não lhe metas ideias na cabeça.

— Não me agrada nada dizer-te isto, mas ela nasceu com ideias naquela cabeça. Não precisa que eu as meta lá.

Sly foi-se embora. Ryan ficou a olhar para ele durante um momento, riu-se e arrastou o tacão da bota na terra.

— Raio de feitio, não?

— Ele é maravilhoso — disse Bethany, e estava a falar a sério. Quando Ryan olhou para ela, havia uma mensagem silenciosa na sua expressão.

— Nunca encontrarás um amigo melhor. Eu fiquei um pouco irritado com ele ontem à noite, mas ainda bem que ele estava aqui para falar contigo.

— Ele adora-te. Tens a noção do quanto?

— Era capaz de dar a vida por mim. Não duvido.

— Não te esqueças disso — disse ela em voz baixa. — Se alguma vez ele precisar que tu o defendas, Ryan, não te esqueças disso.

Uma expressão intrigada passou pelo rosto dele.

— Acho que sim. E como se fosse um segundo pai. — Olhou para ela. — Porque é que disseste isso?

Bethany sorriu e encolheu os ombros.

— Nada em especial.

— Há algum motivo. Eu conheço-te. O Sly está metido nalgum sarilho?

Bethany sentiu uma vontade quase irresistível de trair a confiança de Sly naquela ocasião. Acreditava do fundo do coração que Ryan entenderia os sentimentos do velho capataz por Helen, assim como ela entendera, e que ele enfrentaria toda a família por ele se fosse necessário. Mas não lhe competia falar no assunto.

— Não te esqueças deste momento. Se alguma vez duvidares dele, se alguma vez a honra dele for posta em causa, recorda-te deste momento e põe de parte as tuas dúvidas. Defende-o. É só isso que eu estou a dizer. Ele merece, não achas?

Ryan olhou para o lugar onde o capaz estivera momentos antes.

— Sem dúvida. Mais do que isso.

Bethany soube então que tudo iria correr bem; que, quando chegasse a altura, Ryan ficaria ao lado de Sly e o defenderia. Era tudo o que ela precisava de saber.

Capítulo Dezanove

Mais tarde nessa manhã, enquanto Ryan trabalhava, Bethany foi à cidade para tratar da comida e da água de *Cleo*. Antes de regressar ao rancho, parou em casa dos pais. Estava na altura de lhes falar sobre a reviravolta inesperada na sua vida. Se esperasse, eles acabariam por saber da sua relação com Ryan através de outra pessoa, e ela achava que os seus pais mereciam mais consideração.

Harv Coulter não se mostrou particularmente entusiástico quando soube que a sua filha paraplégica estava a pensar casar-se com um homem que conhecera há menos de dois meses.

— Vais fazer o quê? — perguntou ele quando Bethany lhe contou.

Nunca tanto como naquele momento Bethany se apercebeu da semelhança entre o seu pai e Jake. Altos, morenos e ameaçadores seria uma expressão que os descreveria bastante bem.

Baixou a cabeça e começou a brincar com as pregas da saia cor de vinho, que fora muito mais fácil de vestir naquela manhã sem a ajuda do elevador do seu quarto. Podia ter pedido ajuda a Ryan para se vestir, naturalmente, e ele tê-lo-ia feito de boa vontade, mas, para além da sua determinação em ser auto-suficiente, receara que um tal pedido o tivesse levado a adiar o seu trabalho mais uma vez. Sempre que ele a tocava de uma forma mais íntima, parecia que acabavam sempre por ir parar ao quarto, o que era delicioso mas não muito produtivo quando havia animais à espera de serem alimentados. Assim que Ryan transferisse todo o seu equipamento para casa dele, ela passaria a assumir o papel da mulher de um rancheiro, prometera a si mesma, com aquelas calças de ganga justas e as camisas de franjas de que ele gostava tanto.

Quando voltou a levantar a cabeça, estava a sorrir e teve de se desembaraçar daqueles pensamentos e regressar ao assunto em questão. Olhou de fugida para a mãe. Mary Coulter sorriu e poisou uma mão no ombro do marido.

— Harv, a nossa menina nunca foi dada a caprichos. Ouve o que ela tem a dizer, e não te esqueças de que ela sempre foi ajuizada.

Harv olhou para a filha com uma expressão preocupada.

— O Ryan Kendrick é um malandro. Salta de mulher em mulher, nunca se compromete. O que é que estás a pensar, que tu é que o vais domar? Casa com ele e hás-de arrepender-te.

— Ele não é assim, pai. Talvez tenha dado umas voltas a mais. Ele é o primeiro a admiti-lo, por acaso. O que é que um homem há-de fazer quando anda à procura da mulher certa? O Jake dá as suas voltas e o pai não lhe chama malandro.

Harv bateu com o saleiro na mesa. Depois, olhou desamparado para a mulher:

— Mary, fala com ela.

A mãe de Bethany pareceu ficar desconcertada.

— E digo o quê?

— Mete-lhe juízo na cabeça. Diz-lhe que é uma loucura casar com um — Harv agitou a mão — *malandro* como o Ryan Kendrick!

— Mas, Harv — disse Mary em voz baixa —, a Bethany tem razão. Se a incapacidade de assentar é um indicador, até o nosso Jake também é um *malandro*. E tu também foste. Os meus pais tiveram um ataque quando comecei a sair contigo. Lembras-te? O meu pai dizia que tu não prestavas, que me ias partir o coração. E tu nunca o fizeste.

Harv assentou os cotovelos na mesa e poisou a cabeça nas mãos.

— Mas que raio, Mary, isso foi diferente, e tu sabes. Admito, andei atrás de uns quantos rabos de saia, mas estava à tua procura em todos eles.

Mary sorriu e olhou para a filha com uma expressão sem maldade.

— O teu Ryan tem andado a mexer em saias que não devia, querida?

Harv gemeu. Bethany engoliu uma gargalhada horrorizada. Finalmente, a sua mãe admitia que a concepção acontecia debaixo de saias e não dentro de botas. Devia registar aquele dia na Bíblia da família.

— Sim, mãe — conseguiu ela dizer com um ar sério. Olhou para o pai, que continuava agarrado à cabeça. — Não sei em quantas saias o pai mexeu, mas o Ryan teve de mexer numas quantas antes de me encontrar.

— Raios — murmurou Harv novamente.

— Então, então. — Mary inclinou-se e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido que o deixou com as orelhas vermelhas. Quando se endireitou, deu uma palmadinha na mão do marido, sentou-se e olhou a filha nos olhos.

— Ele ama-te, Bethie? Quando ele olha para ti, sentes que era capaz de atravessar um fosso cheio de cascavéis por ti?

— Mãe, eu acho que ele era capaz de se deitar e dormir com elas por mim.

Mary assentiu e apertou as mãos da filha.

— Então, ele é o tal. Uma mulher sabe essas coisas. A vida está pejada de provas. Se tu sabes, sem qualquer dúvida, que ele fica ao teu lado e que te protegerá seja lá do que for, é o homem certo.

Bethany assentiu.

— Ele morria por mim, mãe. É tão maravilhoso. Os olhos de Mary brilharam.

— Quando é que o trazes cá a casa para o conhecermos?

— Eu já o conheço — disse Harv, obrigando as palavras a sair entre dentes cerrados. — É um menino rico de falinhas mansas, bonitinho que tem andado a brincar há tanto tempo que já não sabe qual e o significado da palavra «honra».

— Isso *não* é verdade — disse Bethany. — Ele é um homem tão honrado como qualquer um dos meus irmãos!

Harv apontou-lhe um dedo ao nariz.

— Os teus irmãos nunca fariam promessas a uma rapariga se não tencionassem cumpri-las. No dia em que eu entregar a tua mão ao Ryan Kendrick e ele disser «Aceito», como as minhas cuecas.

Depois de falar com os pais, Bethany passou pela loja para falar com Jake. O irmão estava cheio de trabalho, tentando atender clientes enquanto preenchia uma nota de encomenda. Não obstante, sorriu quando a viu.

— Tinha a esperança de conseguir alguns minutos de conversa contigo — disse Bethany com uma gargalhada. — Mas já vi que não vai ser possível.

Jake ergueu um dedo para lhe indicar que esperasse. Acabou de atender um cliente, pediu a um empregado que o substituísse e acompanhou Bethany até ao elevador. Já no piso superior, foram para o escritório.

Jake sentou-se numa cadeira e poisou as botas na borda da secretária.

— Tem sido uma daquelas manhãs. Não voltaste a ligar-me, palerma. Fiquei um pouco preocupado. Parecia que aquele touro estava dentro de casa.

Bethany sorriu.

— E estava. — Passou a explicar o que acontecera com *T-bone*. — O Ryan ficou bastante incomodado, mas acho que o convenci a deixar ver o que acontece.

Jake suspirou e franziu o sobrolho.

— Não o posso censurar por ficar preocupado. Os touros podem tornar-se desagradáveis.

— O *T-bone* é uma excepção. É grande e desastrado, mas foi tão meigo comigo. Logo vemos.

Jake olhou para o relógio.

— Então, querias falar comigo sobre o quê?

Bethany olhou para uma fotografia dos cavalos dele, pendurada na parede. *Jake, o encantador de cavalos*. Sabia que ele tinha a esperança de um dia poder comprar um rancho, que não pensava ficar o resto da sua vida à frente de uma loja de equipamento. Se alguém pudesse entender o que ela estava prestes a dizer, esse alguém seria ele.

— Quero falar contigo sobre duas coisas.

— Pareces preocupada.

— Preocupada, não exactamente. Estou a sentir-me um pouco culpada por causa de uma decisão que tomei. Se isto te deixar numa posição difícil, Jake, não quero que tenhas problemas em dizer-mo. Está bem?

Ele poisou os pés no chão e chegou-se à frente na cadeira.

— O Ryan pediu-te para largares a loja.

— Se precisares de mim aqui para aguentar as pontas, eu fico. É só que, bem, o Ryan tem tudo preparado para eu poder ajudá-lo no rancho, e a oportunidade é... — calou-se. Ia dizer que era um sonho tornado realidade, mas não lhe parecia justo. Jake também tinha sonhos, mas estava ali, a frente do negócio da família em lugar de tentar realizá-los.

— A oportunidade é demasiado boa para não aproveitar? — concluiu Jake por ela. Suspirou e deixou passar um momento enquanto arrumava alguns papéis na secretária. — Sou capaz de fazer alguns malabarismos e desenhencilhar-me sem ti. Se foi isso que me vieste pedir, considera-o feito.

— Eu não quero ser egoísta e injusta contigo. Também faço parte desta família.

Jake sorriu e olhou em redor.

— Obrigado. Mas a verdade é que eu estou a ajudar-me a mim próprio tanto quanto estou a ajudar o pai. Quando o médico lhe disse que tinha de começar a ir com mais calma, ele ia vender a loja. O negócio está a correr bem e há sempre gente interessada. Mas eu pedi-lhe para esperar.

— Pediste? Pensei que querias comprar um rancho.

— E quero. — Jake sorriu e bateu com uma caneta no tampo da secretária. — E hei-de comprar. Mas se poupar durante mais uns meses fico melhor preparado. Já tenho de lado uma boa entrada. Agora, estou a tentar juntar mais capital. Com a gestão da loja, consigo fazer isso. O pai retira uma importância fixa todos os meses. Uma certa percentagem dos lucros é reservada automaticamente para o desenvolvimento da loja. O resto é meu, como se isto fosse meu. O que me entra no bolso depende exclusivamente do quanto eu estiver disposto a trabalhar. Na maioria dos meses, tenho-me saído bem. Bethany ficou a olhar para ele.

— Ou seja, pediste-me para largar o emprego em Portland e voltar para casa, sabendo que querias ficar com a loja só durante mais alguns meses?

Ele riu-se.

— Antes de eu decidir chamar-te, o Zeke já tinha resolvido ficar com a loja quando eu sair. Tens um emprego aqui enquanto o quiseres. Naqueles primeiros meses, ajudaste-me a aguentar isto. As coisas agora estão mais calmas. Posso passar sem ti.

— Oh, Jake, tens a certeza?

— Vai viver a tua vida, Bethie. O Ryan está a oferecer-te um negócio muito melhor. Quando chegar a altura, eu não hesito em ir atrás do meu sonho. Porque é que tu não havias de fazer o mesmo?

— Só não te quero deixar se estás a precisar de mim. Ele largou a caneta.

— Bem, não preciso; portanto, faz-te à estrada.

— Tenho medo de que estejas só a dizer isso porque é o que eu quero ouvir.

Um brilho desconfiado surgiu nos olhos de Jake.

— Há oito anos, fiquei sentado ao lado da tua cama, noite atrás de noite. Saía do trabalho e ia directamente para o hospital. Lembras-te?

Ela assentiu.

— Sempre me ri e conversei e fingi que tudo ia ficar bem — disse ele. — Tu precisavas que eu fosse forte por ti. Mas muitas vezes, depois de adormeceres, eu ficava ali sentado a chorar como uma criança, a pedir a Deus que nos desse um milagre. Tu só tinhas dezoito anos, e a tua vida tinha sido destruída.

Bethany baixou os olhos, o peito apertado por uma dor terrível. *Jake*. Ela não estivera sempre a dormir quando ele tinha chorado.

— Deus não entendeu que tu devesse voltar a andar e, até agora, tive medo de que tu nunca te casasses e tivesses uma vida normal. Agora, bingo, aparece o Ryan Kendrick. Parece que ele te adora. Está a oferecer-te uma vida que eu sei que vais adorar. Como é que tu achas que eu me sinto?

— Feliz? — murmurou ela.

— Tão feliz, Bethie. Tens esta oportunidade incrível de seres feliz. Muito, muito feliz. *Vai*. Não olhes para trás. Não há ninguém que mereça isto mais do que tu.

— Oh, Jake... Como é que eu tive tanta sorte? De todos os irmãos do mundo, tu és o melhor.

— Não temos de ser mais pegajosos do que é preciso. Qual era a segunda coisa que me querias pedir?

Bethany respirou fundo.

— Estava a pensar se tu te importarias de falar com o pai. Ele não está nada satisfeito com o meu casamento...

Jake rebentou às gargalhadas.

— Aqui é que eu assumo o papel do irmão safado. Nem penses.

— Mas...

— Não. — Jake levantou-se da cadeira. — O pai é um problema do Ryan. Se ele é metade do homem que eu penso que é, vai procurar o nosso pai e é ele quem fala.

— Mas o problema é esse. Eu não quero que ele saiba que o pai está a espumar pela boca. A família dele aceitou-me de braços abertos.

— E porque não o havia de ter feito? O Ryan tem muita sorte por te ter encontrado.

— Na tua opinião. No reverso da medalha, eu não sou igualmente sortuda por o ter encontrado a ele?

Jake riu-se de novo.

— Talvez, mas o Ryan é que tem de convencer o nosso pai. Não tenho mais nada a dizer. Fim de conversa. Não me vou meter no meio.

Enquanto regressava ao Rocking K, Bethany tentou não deixar que a reacção do pai estragasse a sua felicidade. *Ryan*. Ela amava-o tanto. Jake acabara de a libertar, deixando-a ir atrás do seu sonho. Tinha todos os motivos para estar contente.

Não obstante, quando chegou ao rancho e estacionou a carrinha, sentia um peso no coração. Adorava o seu pai. Ele estivera sempre do seu lado e magoava-a saber que o mesmo não acontecia agora.

— O que é que se passa? — perguntou-lhe Ryan quando viu a cara dela. — A *Cleo* está bem?

— A *Cleo* está óptima. — Bethany olhou para o lago, desejando não ter de lhe dizer aquilo. Mas se ela se calasse, Ryan teria uma desagradável surpresa quando fosse falar com o pai dela. — Oh, Ryan. Passei por casa dos meus pais.

Ele acorreu-se diante dela.

— Ui. Espero que não tenhas resolvido dizer-lhes que eu te tinha pedido em casamento.

— Como assim? Eles são meus pais. Claro que lhes disse. Ryan empurrou o chapéu para

trás.

— Querida, se o teu pai for minimamente parecido com o meu, deve ser bastante antiquado.

— Um pouco. E então?

— Os pais antiquados têm ideias determinadas a respeito da forma como estas coisas devem ser feitas. Eu tenho de ir falar com ele e pedir-lhe a tua mão. Isso dá-lhe a oportunidade de me massacrar durante algum tempo e fazer-me penar. Se eu disser as coisas certas, ele fica satisfeito. Se não disser, ele manda-me dar uma volta. Bethany engoliu em seco.

— O que é que acontece se ele te mandar dar uma volta? Ryan piscou-lhe o olho.

— Isso não vai acontecer. Eu sou um falinhas mansas.

— Essa é uma das coisas que ele não gosta em ti.

Ele lançou a cabeça para trás e desatou as gargalhadas. Quando acalmou, disse-lhe:

— Eu posso com ele, querida. Não te preocupes. Está bem? Ele vai ficar a pensar que eu sou a melhor coisa desde a invenção das pipocas.

Depois de entregarem os papéis para a certidão de casamento naquela tarde, Ryan deixou Bethany em casa dela. Enquanto ela emalava algumas peças de roupa, Ryan foi falar com pai dela. Depois de dois minutos de conversa, Ryan encontrava-se no alpendre de casa dos Coulters, a pensar como é que tudo podia ter corrido tão mal.

Os gritos do homem ainda lhe ressoavam nos ouvidos quando entrou na carrinha. «Um malandro e um valdevinos» Já ninguém usava aquelas expressões. Que raio. O homem ainda vivia na Idade das Trevas.

Já na carrinha, Ryan imaginou a expressão desolada de Bethany quando lhe contasse como o encontro tinha corrido. Bateu com o punho no volante e olhou furioso para a casa dos pais dela, pensando que podia comprar umas mil iguais àquela e ainda ficar com uns trocos. Mas quem é que aquele tipo pensava que era?

Ryan quase ligou o motor e partiu. Mas, não, não podia ser. Em vez disso, voltou a sair, bateu com a porta e encaminhou-se para o alpendre. Ainda furioso, subiu os degraus. Aquele homem era o pai de Bethany e, por esse motivo, Ryan respeitá-lo-ia. Mas recusava-se a ir-se embora com o rabo entre as pernas.

Bateu à porta, praguejando entre dentes. À espera que fosse a mãe de Bethany a aparecer, como acontecera antes, fez por controlar a sua expressão. Então, a porta escancarou-se e ele deu por si cara a cara com o pai. Olhos azuis como os de Bethany pareciam chispar.

— Mr. Coulter, gostava que, pelo menos, ouvisse o que tenho a dizer — começou ele.

— Você não tem nada a dizer que me possa interessar ouvir. Se a minha filha se casar consigo, será contra a minha vontade. E a minha última palavra.

Ryan perdeu a calma:

— A questão não se põe em termos de «se». Eu *vou* casar com a sua filha. Nada do que possa dizer ou fazer me há-de impedir. Somos ambos adultos e é a nós que cabe decidir. Estou aqui apenas por cortesia, Mr. Coulter, mais pela Bethany do que por si. A sua aprovação é muito importante para ela.

— Tão depressa me pede autorização como, logo a seguir, está a dizer que se está a borrifar se eu lha dou ou não. Chama a isso cortesia? — A cara de Harv estava vermelha. — Saia do meu alpendre!

— Pode obrigar-me a sair, mas de que é que isso lhe serve? Quando der por isso, eu estou de volta, e peço-lhe outra vez a mão da sua filha.

— E eu digo não, outra vez. Você não está à altura dela.

— Não existe um único homem na Terra que esteja.

— Ámen.

— Já que estamos esclarecidos, dá-me pelo menos o benefício da dúvida e acredita que eu farei o melhor possível para ser *metade* do que ela merece?

— Hmmm. Ryan suspirou.

— Oiça, Mr. Coulter, eu entendo o que está a sentir.

— Não, que raio, você não entende o que eu sinto. E queira Deus que nunca entenda. A minha filha não é como as outras raparigas. Não quero que ela tenha mais desgostos, e «desgosto» é o que você tem escarrapachado na testa.

Ryan tentou ser paciente.

— Eu sei que a Bethany tem alguns problemas muito especiais e que vai ser preciso um homem especial com muita resistência para a fazer feliz. Sei que você não acredita que eu seja capaz. Estou a dizer-lhe que sim, e dou-lhe a minha palavra de que nunca a magoarei.

— Só lhe fica bem. Mas eu não tenho como saber se a sua palavra vale alguma coisa. Conheço o seu pai, e ele é um bom homem. Mas isso não quer dizer nada em relação a si.

— Foi ele quem me criou, não foi? É verdade que nunca me aguentei muito tempo numa relação. Mas isso foi porque ainda não tinha encontrado a mulher certa.

— Oiça, isto não é nada de pessoal. Está bem? A nossa Bethany, se ela fosse como as outras mulheres, eu talvez estivesse muito mais descansado. Mas não é. Como é que você vai sentir-se daqui a um ano quando o brilho tiver passado e der por si preso a uma mulher numa cadeira de rodas? O que é que acontece à minha menina?

— Ou seja, em vez de correr um risco comigo, prefere partir-lhe o coração agora? É o que você está a fazer, a partir-lhe o coração.

Harv pestanejou.

— Desculpe?

— É verdade. Ela quer que o senhor fique feliz por ela, e saber que isso não acontece está a estragar aquela que deveria ser a ocasião mais feliz da vida dela. — Ryan olhou-o nos olhos. — Não o censuro por gostar dela e ter medo por ela. Mas para ela ter uma vida normal, o senhor tem de a deixar vivê-la. Não a pode proteger de tudo, não sem ser o homem que mais a magoa.

— Eu nunca faria nada que magoasse aquela rapariga.

— Então, dê-nos a sua bênção — disse Ryan num tom normal. A mãe de Bethany apareceu à porta e sorriu a Ryan.

— Considere-a dada. Diga à Bethany que o pai dela não podia estar mais feliz, e que o dia do casamento da filha será também o mais feliz da vida dele.

— *Mary* — disse Harv em tom de aviso.

— Vá — insistiu *Mary*. — E dê-lhe um abraço por mim. — Passou o braço pelo do marido. — Eu trato das coisas aqui.

— *Mary*! — disse Harv novamente.

Ryan calculou que *Mary* pudesse lidar com o seu marido sem a sua ajuda, aceitou o conselho e começou a dirigir-se para a carrinha.

— Uma coisa que fique bem clara, Kendrick! O dia em que eu descobrir que fez a minha menina chorar será o pior da sua vida!

Ryan estava a rir-se quando ligou a ignição. Nunca fora tão ameaçado na sua vida desde o dia em que conhecera Bethany. Primeiro, Jake, agora, o pai dela. Mas que raio. Já só lhe faltavam quatro irmãos. Abanou a cabeça. Aquela gente era tão conflituosa que fazia com que os Kendricks parecessem mansos.

De pé no quarto de dormir de Bethany, Ryan espreitou um saco que ela acabara de encher de roupa. Retirou uma camisa de dormir de flanela. Depois, uma *T-shirt* do Snoopy. Assim que fosse possível, teria de levá-la às compras, alguma *lingerie* nova, decidiu ele. Rendas transparentes estavam mais de acordo com o seu gosto.

Ela voltou-se e viu a expressão na cara dele.

— O que é que se passa? — perguntou ela com um sorriso travesso. — Não gostas da minha *T-shirt* do Snoopy?

— Adoro o Snoopy. — Voltou a guardar a *T-shirt* no saco. — Estava a pensar noutra coisa.

— Estavas a fazer cara feia. — Bethany pareceu ficar preocupada. — Houve algum problema com o meu pai que não me tenhas contado?

— Ele estava um pouco agressivo. Nada que eu não conseguisse resolver. Temos a bênção

dele. Isso é tudo o que importa. Certo?

— Certo. — Ela suspirou e olhou em redor. — Tenho o suficiente para me arranjar. Excepto o elevador da casa de banho. Importas-te de o levar para a carrinha?

— Não vais precisar dele.

— E como é que eu tomo banho?

Ele sorriu e agitou as sobrancelhas.

— Adivinha. Ela corou.

— És um querido, mas eu sentia-me muito mais confortável com o meu elevador.

— E que graça é que tinha? — A sua voz transformou-se num sussurro: — Quando eu acabar de te lavar, hás-de estar tão limpa que até ranges.

Ela desviou o olhar.

— Por muito divertido que isso possa ser, gosto de fazer as coisas sozinha, e não quero depender de ti para poder tomar um banho.

— Já encomendei um melhor. Bethany olhou imediatamente para ele.

— *Ryan*. O que é que já me compraste que eu ainda não saiba?

— Não foi muita coisa.

— O quê, exactamente?

— Queres ficar aqui a noite toda?

— Começo a ficar incomodada.

— Porquê?

— Porque estás farto de gastar dinheiro comigo. Quero dizer, por um lado, sei que vamos casar, e eu não devia sentir-me assim. Mas, por outro, sinto que estou em dívida para contigo.

— Por mim, perfeito.

— Perfeito, o quê? Ele piscou-lhe o olho.

— Que te sintas em dívida. Ocorre-me uma série de formas fantásticas de resolver essa dívida.

— Como administradora dos teus estábulos?

— Não. Por esse serviço, a empresa paga-te um ordenado. — Olhou para a cama dela. — Estava a pensar em algo mais interessante.

Ela riu-se quando ele começou a aproximar-se.

— Nem penses.

— Porquê?

— Pode aparecer alguém. Todos os meus irmãos têm chaves.

Ao ouvir aquilo, Ryan parou imediatamente. Prendeu os polegares no cinto e mirou-a demoradamente.

— Ainda nem sequer estamos casados e já sofro de cunhadite. Mas não faz mal. Hoje é quinta-feira. Tenho planos para ti mais tarde.

— O que é que quinta-feira tem a ver seja com o que for? Um brilho aqueceu-lhe os olhos.

— É a tua noite de natal. Tenho uma piscina interior, aquecida nas traseiras da casa. Vou dar-te algumas lições.

— Eu já sei nadar. Acabei contigo, lembras-te?

— Nunca viste a minha versão do estilo «bruços». Ela riu-se de novo.

— Vais ver que o tecto de lá também é muito mais interessante. Tenho clarabóias. Quando eu te largar junto à piscina depois de te ensinar o meu estilo, podes olhar para as estrelas enquanto eu...

Cleo começou a roçar-se na perna dele naquela altura. Ryan calou-se para olhar para ela. Quando viu quem o tinha interrompido, inclinou-se e agarrou na gata.

— Raio da criatura. Eu estava embalado.

— Ela tem-se sentido sozinha. Nunca a deixei por sua conta durante tanto tempo.

— Nesse caso, levamos esta peste connosco — sugeriu ele.

— Eu tinha a impressão de que não gostavas muito de gatos...

— E não gosto. Detesto gatos. Sabias que, se morreres, ela come-te?

— Nada disso! Quem é que te meteu uma ideia dessas na cabeça? *Cleo* semicerrou os seus olhos verdes. Ryan retribuiu.

— Sei que é verdade. Quando era pequeno, a vizinha da minha avó morreu e os gatos dela já quase a tinham despachado quando alguém finalmente a encontrou.

— Talvez os coitadinhos tivessem ficado esfomeados porque não havia ninguém para os alimentar.

— Ela alimentou-os. — Aquela ideia provocou-lhe um arrepio. — Nunca imaginaste no que esta gata está a pensar quando te olha desta maneira? Eu acho que ela está a pensar em comer-me ao almoço com uns biscoitos a acompanhar.

— Não está nada. Provavelmente, só está com medo que lhe faças mal. Ela gosta de comida *gourmet*. Sem ofensa, mas não me parece que te ache apetitoso.

— Mas tu, sim. — Piscou-lhe o olho. — Não há duvida, as minhas papilas gustativas acham-te interessante.

Ela corou de novo.

— Só sabes pensar nisso?

— Essencialmente. Dizem que o macho normal pensa nisso de quatro em quatro minutos.

— Estás a gozar. Tu não és assim, pois não?

— Não. Acho que sou um pouco «subsexuado». Chego a passar dez minutos sem pensar nisso. — Piscou-lhe outra vez o olho. — Estás pronta? Eu posso levar aqui a olhos verdes e um saco se lewares o outro.

— Por acaso, Ryan, eu estava a pensar que talvez pudesse dar a *Cleo* à minha mãe. Os gatos são sensíveis. Ela precisa de uma casa onde seja amada e compreendida.

Ryan olhou para os olhos ligeiramente vesgos da gata, pensando que a coitada devia ser um pouco atrasada.

— Nós compreendemo-nos, querida. — *Cleo* compreendia que ele não gostava dela, e ele compreendia que ela não gostava dele. O único motivo que a levava a esfregar-se na sua perna era para largar pêlo. — E eu vou aprender a amá-la, prometo. — Com a sorte que ele tinha, o raio da criatura havia de viver até aos vinte anos. — Gosto de todos os animais.

— Não sei. Ela nunca esteve perto de cães. Tenho medo de que não goste do *Tripper*.

Ryan prendeu a gata debaixo do braço.

— Ela e o *Tripper* vão dar-se muito bem. Ele é simpático com os gates do celeiro em casa do Rafe.

Meia hora mais tarde, depois de uma viagem péssima com *Cleo* pendurada de cabeça para baixo no tecto da carrinha durante a maior parte do tempo, Ryan conseguiu finalmente levar a gata para casa. Quando a largou na sala, *Tripper* aproximou-se imediatamente para travar amizade. Habitado aos gatos de celeiro, que não tinham medo de cães, o *Labrador* nem se apercebeu das garras da gata. Levou uma patada em pleno focinho, latiu e ganiu e foi a correr para o quarto de dormir. *Cleo* fugiu na direcção oposta, saltou para os estores e escalou-os para se refugiar na sanefa de madeira, onde arqueou as costas, eriçou o pêlo e bufou, mais parecendo uma decoração da Noite das Bruxas.

— Bom — disse Ryan —, começamos bem. Bethany foi até ao quarto de dormir.

— *Tripper*? Anda cá, querido. Deixa-me ver esse focinho. — No interior do quarto, gritou: — Ryan, ele não está aqui.

A não ser que tivesse partido uma janela, o cão tinha de estar ali algures. Ryan foi ter com Bethany e procedeu a uma busca. Acabou por encontrá-lo escondido na banheira.

— Se não és o pretexto de cão mais lamentável que eu alguma vez vi — disse ele. — Não posso acreditar, *Tripper*. Tens mais cinquenta quilos do que aquela gata.

— Oh, Ryan, ele tem o focinho a sangrar. — Bethany parou a cadeira ao lado da banheira e debruçou-se para o examinar. — Coitadinho. Ela deu-te com força.

Ryan inspeccionou a ferida.

— Não morre. Apenas arde um bocadinho. Bethany olhou-o com uma expressão preocupada.

— Espero que isto não seja um indício de como a nossa vida vai ser.

— Nem sequer penses nisso. A nossa vida vai ser totalmente perfeita, querida. A *Cleo* habitua-se e, quando dermos por isso, ela e o *Tripper* já estão abraçados no sofá.

— Achas que sim? Ela excita-se com tanta facilidade. Tenho medo de que nunca venha a gostar de estar aqui. Eu antes vivia num apartamento e ela nunca saía. Cá, também a tive sempre em casa. Agora, está num rancho de vacas e cavalos.

— Ela desenrasca-se. Os gatos são muito adaptáveis.

Alguns minutos depois, quando Ryan tentou arrancá-la da sanefa, *Cleo* miou, saltou e cravou-lhe as unhas na frente da camisa.

— Filha de uma... — Ryan parou a tempo, e rematou com um: — ... padeira!

A gata saltou outra vez, chegou ao chão já em corrida e começou a virar tudo ao trepar pela estante da aparelhagem. Uma vez lá em cima, fitou Ryan com olhos verdes e furiosos e bufou.

— Não me parece que ela esteja a adaptar-se muito bem — disse Bethany.

Ryan sorriu.

— Querida, ela fica bem. Pode estar a sentir que tu estás preocupada. Já pensaste nisso? Se te descontráres e a ignorares, talvez ela faça o mesmo.

Ele tirou o chapéu e atirou-o para o bengaleiro. O chapéu não acertou e caiu no chão virado ao contrário. Não era um bom presságio.

— Oh, não — exclamou Bethany. Ryan virou-se.

— O que foi? — Seguiu o olhar horrorizado dela até ao alto da estante da aparelhagem, onde *Cleo* arranhava o carvalho como se estivesse a tapar alguma coisa. Ryan sentiu um formigueiro na nuca. — Mas que raio é que ela está a fazer?

— Acho que ela já o fez.

Ryan esqueceu-se dos donativos de dez dólares para o fundo da universidade e disse:

— Filha daaaa... puta!

Capítulo Vinte

A data do casamento foi marcada para um sábado, dali a pouco mais de uma semana, e aqueles dias que faltavam foram os mais felizes da vida de Bethany. *Ryan*. Insistiu que ela ficasse com ele no Rocking K e, desde o instante em que abria os olhos de manhã até ele lhe fechar com um beijo todas as noites, ela divertia-se. O aspecto mais incrível de tudo aquilo era que, em sua opinião, até as pequenas coisas sem importância se revelavam inesperadamente maravilhosas.

A mistura absurda de animais de estimação de Ryan, por exemplo. Quem teria pensado que uma gata ultramimada de oito quilos e um touro de quatrocentos quilos e igualmente mimado se tornariam amigos do peito? Nunca Bethany. Mas a manhã seguinte foi o início do que prometia ser uma duradoura amizade entre os dois animais.

Depois de tomar o pequeno-almoço com Bethany, Ryan agarrou no chapéu para ir aos estábulos dar de comer aos animais. Quando abriu a porta para sair, parou para lhe deitar um sorriso provocador.

— No Rocking K, até a minha mulher tem de ganhar o seu sustento, sabes? Se queres refeições regulares, nada de te armares em boneca de sala. É melhor ires ter comigo dentro de pouco tempo, pronta para seres útil.

Bethany estava prestes a responder quando *Cleo* passou a correr entre os pés de Ryan.

— Oh, não — exclamou Bethany.

Ryan largou a correr atrás da gata, *Tripper* a ladrar excitado atrás dele. Bethany apressou-se a ir para o alpendre. *Cleo*. A pobre gata raramente saía de casa, e quando tal acontecera fora

sempre na cidade. Ficaria apavorada ali. Bethany imaginou-a a fugir para o bosque e a perder-se. *Cleo* tinha o tamanho perfeito para se transformar no almoço de algum carnívoro esfomeado.

— Vem cá, gata! — chamou Ryan com uma voz forte e masculina.

Bethany perscrutou ansiosamente o pátio, à procura de uma mancha de pêlo mosqueado. Não via a pobre *Cleo* em lado nenhum.

— Não a chames assim. Ainda a assustas mais. Ryan deitou-lhe um olhar mal-humorado:

— Então, como é que queres que eu a chame? Numa voz aguda, Bethany começou a chamar:

— Gatinha, *Cleo*! Vem à dona, gatinha!

Ryan praguejou entre dentes, avançou para a zona cimentada e começou a chamar a gata num falsete desafinado. Por muito que Bethany apreciasse o seu esforço para encontrar o tom certo, pensou que ele mais parecia um devorador de gatos de cem quilos à caça. *T-bone* respondeu ao chamamento, mugindo estupidamente a cada passo que dava. Bethany tinha quase a certeza de que, agora, *Cleo* nunca se mostraria.

Não estava à espera de que *Tripper* se juntasse à busca. O *Labrador* dourado e anafado tinha nitidamente uma conta para ajustar e agora *Cleo* estava no seu território. Encostou o focinho ao chão e arrancou aos ziguezagues pelo pátio até a um monte de lenha, onde começou a abanar a cauda excitadamente.

— Ah-hah! Ela está no monte de lenha! — Ryan encaminhou-se para lá. — Gatinha! — chamou ele quando começou a ouvir movimento entre os toros de madeira. Sempre que expirava, dizia: — O estupor da gata.

Bethany desceu a rampa quase a voar e apressou-se a ir em salvamento da sua pobre gata antes que Ryan a encontrasse. Infelizmente, não chegou a tempo. A criatura assustada miou e bufou e escapou às mãos de Ryan esgueirando-se por entre as pernas dele. Grande erro. Correu direita a *Tripper*, que não parava de ladrar.

Quando ameaçados, a maioria dos gatos procura o ponto mais alto e mais próximo para se refugiar, e *Cleo* não era excepção. Mas aconteceu que, à excepção de Ryan, *T-bone* era a coisa mais alta nas proximidades. A gata saltou para o dorso do touro. Assustado por ter uma criatura não convidada e que lhe cravava as unhas nas espáduas, *T-bone* fez o que qualquer touro não particularmente inteligente faria.

Largou a correr.

Determinado a salvar a estúpida gata de Bethany, Ryan foi atrás daquela parelha inverosímil, mas sempre que se aproximava o suficiente para apanhar *Cleo*, a gata assustava-se e cravava as unhas, fazendo com que *T-bone* retomasse a corrida.

Depois de trinta minutos de perseguição infrutífera, Ryan voltou para junto de Bethany, batendo com o chapéu na coxa a cada passo que dava.

— Não consigo apanhá-la, querida.

Bethany olhou para a margem do lago, onde *T-bone* se encontrava desamparado com *Cleo* agarrada às costas. A parelha tinha um aspecto tão absurdo que Bethany rebentou às gargalhadas.

— Parece-me que ela vai ficar ali. O *T-bone* é uma perfeita trotineta para gatos!

Ryan começou a rir também.

— É um todo-o-terreno e aguenta-se bem em quinta velocidade. — Ficara transpirado depois de andar a correr atrás do touro. Levou uma manga da camisa à testa. — Desculpa não ter conseguido apanhá-la, querida. Agora, vais passar o dia inteiro preocupada. Bethany suspirou.

— Bem, ela está segura nas costas do *T-bone*. Ainda que não me pareça que fique lá por muito tempo.

Nada disso. Chegou o meio-dia e a gata continuava montada na ampla garupa do touro enquanto ele pastava. Bethany observou o par, sorrindo e abanando a cabeça. Não estava suficientemente perto para ter a certeza, mas parecia que *Cleo* estava a dormir uma sesta. Uma vez que *T-bone* aparentemente aceitara a presença da gata, não havia nada a fazer senão esperar que ela descesse e voltasse de moto próprio.

Como se adivinhasse o que ela estava a pensar, Ryan disse:

— Ela vai ficar com fome. Quando isso acontecer, volta para casa. Pois sim. Quando anoiteceu, Bethany pediu a Ryan que deixasse comida no monte da lenha. Algures durante a noite, a gata deve ter deixado o touro para ir comer, uma vez que a comida tinha desaparecido de manhã. Mas quando Bethany saiu para procurar a sua gata, *Cleo* parecia ter desaparecido.

— Ela continua montada no *T-bone* — informou-a Ryan alguns minutos depois quando ela entrou no estábulo. — O Sly diz que ele apareceu para o pequeno-almoço há pouco tempo e a *Cleo* continuava deitada nas costas dele, muito bem instalada. Lavou-se enquanto o *T-bone* comia.

Bethany abanou a cabeça.

— Talvez o *T-bone* seja a resposta dela a vida no rancho. Ela sente-se segura em cima dele. Aqui, tudo lhe deve parecer muito assustador. Ele é grande e sólido. — Sorriu a Ryan. — Mais ou menos como tu. Consigo perceber.

Os olhos dele começaram a brilhar — o que, Bethany depressa começava a aperceber-se, queria dizer sarilho.

— Ah, sim? — Olhou em redor para se certificar de que estavam sozinhos e inclinou-se para a beijar. Um beijo demorado, quente que a deixou com a cabeça a andar à roda. — Quero-te — sussurrou ele.

Bethany também conseguia perceber aquilo, o que a deixou um pouco surpreendida. Depois da diversão junto à piscina na noite anterior, mais duas sessões na cama, e uma outra ao acordar naquela manhã, ambos deviam estar completamente saciados.

— Porta-te bem — murmurou ela. — O Sly anda por aí. Ainda somos apanhados.

Ryan sacudi a franja branca da camisa azul que ela comprara especialmente para lhe agradar.

— Não estás a pensar que eu sou capaz de ignorar a forma como essa franja se sacode por cima dos teus mamilos, pois não? — Passou o dedo pela ponta já intumescida e riu-se. — Nem pensar.

Uma vez que vestira a camisa expressamente para ele, Bethany não pôde deixar de sorrir, agradada porque os seus esforços não tinham passado despercebidos. Não obstante, sobressaltou-se quando Ryan a levantou subitamente da cadeira. Guinchou e agarrou-se ao pescoço dele.

— No *estábulo* não.

— Eu descubro um sítio mais privado.

Levou-a para a sala do equipamento, trancou a porta e deitou-a num fardo de feno. Naquela manhã, ela tinha vestido a camisa e um par de calcas de ganga justas. Ele atacou os botões da camisa, dizendo:

— É aqui que eu almoço quase todos os dias. Amanhã, podes vir trabalhar embrulhada em película transparente?

Ela riu-se e ofegou de prazer quando ele baixou a cabeça para lhe morder um mamilo ao de leve através da renda do *soutien*.

— Ryan, tenho medo de me esquecer do lugar onde estou e fazer barulho. O Sly pode ouvir-me.

Ele agarrou numa correia de couro pendurada num prego. Ainda a provocá-la com os dentes e enviando-lhe descargas de prazer por todo o corpo, Ryan murmurou:

— Morde isto.

Ela riu-se de novo e, depois, começou a gemer, todos os seus pensamentos apagados à medida que ele lhe desapertava o *soutien* e levava a boca quente ao seu seio nu. Quando Ryan mudou de posição para dar ao outro seio a atenção que aquele ansiava, o ar frio da manhã envolveu-lhe o mamilo húmido, deixando-o duro como uma pedra, o que pareceu inflamá-lo quando voltou a apertá-lo com os lábios. O Sol de Junho entrava pela janela e brincava com os corpos deles. Ryan murmurou qualquer coisa a respeito de morangos quase maduros, fazendo-a gemer enquanto lhe abria as calcas de ganga.

— Tenho fome de ti. Prometo que não demoro.

Demorou cerca de quarenta minutos, e ela adorou cada um deles.

Ryan. Apercebia-se rapidamente de que ele ia ser um amante impulsivo, imprevisível e insaciável, o género de homem que estaria a trabalhar concentrado num instante e, no seguinte, completamente empenhado em dar-lhe prazer, a única incerteza sendo o local onde ele a apanharia desprevenida.

Depois do episódio na sala do equipamento, Bethany não estava à espera de voltar a fazer amor antes de estarem na cama, se tanto. Ryan tinha outros planos. Mais tarde nessa manhã, no escritório dos estábulos enquanto ele lhe mostrava como tinha os livros organizados, o telefone tocou e Bethany atendeu automaticamente porque estava sentada perto dele. Era Jake, a ligar durante a pausa da manhã para saber como ela estava.

Bethany tinha acabado de dizer olá quando Ryan sorriu atravessamente e começou a abrir-lhe a camisa. Ela empurrou-o pelo ombro. Quando ele avançou para lhe beijar a clavícula, aplicou-lhe a palma da mão na testa, tentando afastá-lo. Era como tentar impedir água de descer uma encosta. — Esta camisa deixa-me louco — sussurrou ele. — Porque é que hei-de deixar que esta franja se divirta sozinha? — Abriu-lhe a camisa, desapertou o fecho na frente do *soutien*, agarrou-lhe nos seios e começou a enlouquecê-la com a sua boca assombrosa, enquanto ela tentava manter uma conversa coerente com o irmão. Quando Ryan começou a puxar-lhe os mamilos com os dentes, Bethany teve de pedir a Jake que repetisse a pergunta. Preocupada, olhou para a porta. Ryan riu-se e murmurou:

— Eu penso sempre no futuro. Está trancada.

Aquilo fê-la sentir-se um pouco melhor, até que ele lhe apertou os seios para conseguir provocar os dois mamilos latejantes ao mesmo tempo. A ligeira compressão fez com que o sangue acorresse as pontas. Ryan inclinou-se para trás para observar o processo com algum interesse, os olhos azul-ago brilhantes. Naquele momento, Bethany deu por si a pensar como poderia a mãe dele ter sobrevivido à sua infância.

Os pais de Ryan apareceram para uma visita durante o fim-de-semana. Ann ainda coxeava devido à pancada na anca.

— O médico diz que vai demorar um pouco a voltar ao lugar, que tive sorte em não a partir. Estou a ficar demasiado velha para andar aos encontrões em secretárias.

Keefe, com os nós dos dedos esfolados numa das mãos, passou um braço em redor dos ombros estreitos da sua mulher e disse:

— O filho da mãe há-de pensar duas vezes antes de se lembrar de empurrar uma senhora. — Piscou o olho a Bethany. — Retirou a queixa ontem. Pôs-se a pensar no aspecto da primeira página do jornal e decidiu que o seu comportamento com a minha mulher fora imperdoável.

— Quem será que lhe meteu essa ideia na cabeça? — perguntou Ryan. — Não ameaçou telefonar para o jornal, pois não, pai?

Ann sorriu.

— O teu pai é um homem demasiado directo para se lembrar disso. Eu é que ameacei telefonar para o jornal. — Olhou para o marido com uma expressão adoradora e estendeu uma mão. — Meu herói. São dez dólares, por favor, seu menino mal-educado.

Keefe resmungou e franziu o sobrolho, mas tirou uma nota de dez do bolso e entregou-lha. Ann guardou-a e sorriu a Bethany.

— Não há motivo para preocupações. Não vou deixar que uma nódoa negra me impeça de ir ao casamento.

Aquela não era a primeira vez que Bethany via um dos homens do Rocking K sacar de uma nota de dez dólares. Olhou intrigada para Ryan, o qual lhe explicou rapidamente a regra dos palavrões no rancho. Bethany achou que era uma ideia fantástica. Quando ela e Ryan estivessem prontos para adoptar, as mulheres já teriam todos os homens bem treinados.

A sela chegou na segunda-feira. Assim que a retirou do caixote, Ryan começou a selar *Wink*. Bethany começou a sentir um frio no estômago quando percebeu que ele estava à espera que ela montasse já. Quando ele se voltou e viu a sua expressão, ajoelhou-se ao lado da cadeira, olhou-a nos

olhos durante um longo momento e levantou-lhe o queixo com um dedo.

— Querida, não tens de montar. Se tu queres apenas gostar da *Wink* e estar com ela todos os dias, tudo bem.

Bethany olhou para a égua durante muito tempo. Surgiram-lhe na mente as recordações do acidente de equitação e a sua testa cobriu-se de suor. Acontecera tão depressa na realidade, todavia, na sua mente a sucessão de acontecimentos que culminara naquela fracção de segundo desenrolava-se em câmara lenta. Ela queria voltar a montar *Wink*. O desejo era tão intenso que lhe fazia doer os ossos. Mas também estava apavorada. Ninguém que nunca tivesse passado por uma situação daquelas poderia alguma vez entender o medo que a agarrava pela garganta.

— Eu, hmm... — fechou os olhos com força. — Oh, Ryan, quero *tanto*. Mas tenho medo. Tanto medo.

Ele prendeu-lhe o rosto entre as mãos.

— Posso levar-te até ao lago para o casamento num veículo de tracção às quatro rodas, querida. Não penses nisto como uma obrigação. Está bem?

O casamento. Deus. Estavam todos a pensar em ir de cavalo até ao lago para assistir ao casamento. Foi percorrida por uma vaga de frio. Sentia-se como se estivesse a tremer quando olhou para Ryan.

Ele praguejou entre dentes e começou a cobrir-lhe a cara de beijos.

— Desculpa. Meu Deus. Eu devia ser chicoteado por ser tão bronco. Desculpa.

Bethany fechou as mãos sobre os punhos dele.

— Eu *quero* voltar a montar, Ryan. — Ele olhou-a nos olhos. — Eu quero voltar a montar — repetiu ela. — Só tenho de ganhar coragem.

Quinze minutos depois, Bethany estava presa à sua égua. Também transpirava tanto que o suor escorria, e sentia-se agoniada. Medo e pãezinhos não eram uma boa mistura.

Ryan segurava nas redes.

— Não tens de fazer isto. Vamos tirar-te daí.

— Não! — Bethany apercebeu-se de que estava agarrada ao arção como uma criança. «Meu Deus.» O chão parecia estar a cem quilómetros de distância. Imaginou *Wink* a tropeçar e a cair em cima dela. Engoliu convulsivamente. — Tenho de fazer isto. Mesmo que não saia do curral, tenho de fazer isto, Ryan.

Ele limitou-se a ficar ali, agarrado à égua e a olhar para ela.

— Bethany, querida, por favor. A culpa é toda minha. Vamos tirar-te daí.

— Não! — Ela não queria gritar, mas gritou. Como se ele fosse inimigo dela. — Importas-te de não ficar aí especado e talvez fazeres alguma coisa para me ajudar.

Ele afagou o pescoço de *Wink*, tentando acalmar a égua porque Bethany estava a fazer exactamente o contrário. Algures nos recônditos do seu cérebro, ela sabia que tinha de se controlar.

— Eu preciso que me ajudes a fazer isto — repetiu ela, abalada.

— De que é que precisas, Bethany? Diz-me, e eu faço.

— Fala comigo. Ajuda-me a não ficar nervosa.

Quando Bethany deu por si, ele estava atrás dela na garupa. Assim que o braço dele a envolveu, conseguiu respirar de novo.

— Estou aqui, querida. Estou aqui contigo.

Ela encostou-se ao peito de Ryan e virou-se para apoiar a cara no pescoço dele. *Ryan*. Sentia-se segura quando ele a tinha nos braços. Completamente segura. Racionalmente, sabia que ele não podia fazer nada para a proteger se a égua caísse em cima de ambos. Mas isso não importava. O seu medo não era racional.

Começou a falar sem parar. Sobre o acidente. Como acontecera. Como ela se inclinara para a frente e transferira o peso do corpo quando *Wink* entrara na curva. Que estavam a fazer um tempo melhor do que nunca, correndo ao sabor do vento. E então o sacão repentino. A sensação estonteante de voar. *Dor*. Um clarão de dor tão excruciante que o seu cérebro explodiu e tudo ficou negro.

— Quando acordei, não conseguia sentir os dedos dos pés. Não é incrível que eu me lembre melhor disso do que do resto? — Inclinou o queixo para trás o mais que podia e olhou para o céu azul acima deles. — Não estava preocupada com as minhas pernas. Eu não conseguia sentir os dedos dos pés. Lembro-me de olhar para o lençol e tentar mexê-los. Com todas as minhas forças. E... perceber. *Perceber*. Os meus pais estavam lá. O Jake agarrou-me nos braços e prendeu-mos à cama. Lembro-me de olhar para os olhos dele e gritar. Eles não tinham de me dizer. Eu sabia que não conseguia mexer os dedos dos pés.

Ryan largou as rédeas de *Wink* e envolveu-a com os dois braços.

— Perdoa-me, Bethany. Por favor, perdoa-me. Não tens de voltar a montar um cavalo. Podes apreciar a companhia dela sem teres de a montar.

— Mas a questão é essa — murmurou ela contra o pescoço dele. — Eu tenho de montar. Preciso de montar, Ryan, como preciso de ar para respirar. Não me deixes desmontar. Nunca voltarei a ter coragem para repetir isto. Não me deixes desmontar até que isto passe.

— Meu Deus — murmurou ele.

— Por favor — insistiu ela. — Não deixes que isto acabe assim. Não me tires daqui. Por favor?

Ryan apoiou a palma de uma mão na barriga dela e agarrou nas rédeas com a outra.

— Sly! — chamou ele.

— Sim? — O capataz aparecer no picadeiro. — O que é que tu queres?

— Abre o portão — ordenou ele.

Bethany viu Sly destrancar o portal e abri-lo. Ryan puxou pelas rédeas e levou *Wink* para fora do recinto. O coração de Bethany subiu-lhe a garganta. O chão parecia pronto a saltar e atingi-la em cheio na cara. Ryan encaminhou a égua para o lago. Ainda que a mantivesse a passo, o pânico que Bethany sentia era indescritível. Ela ia morrer. O seu coração ia parar. Só que continuou a bater, e *Wink* continuou a andar.

Passado algum tempo, Ryan reduziu ainda mais o passo da égua. A brisa que soprava do lago e beijava o rosto de Bethany encontrava-se carregada de odores — ervas primaveris, flores selvagens, pinho e abeto, e uma frescura que descia das montanhas. Descontraíu-se contra o peito forte dele, deixando o seu corpo ondular com a égua e com ele.

— Oh, Ryan...

Ele encostou-lhe o rosto aos cabelos.

— Sabes, querida, para mim só há duas maneiras de viver a vida. Uma delas é protegeres-te de todos os perigos o melhor que puderes, viver dentro de uma pequena bolha. Mesmo assim, podes acabar por ser atropelada por um autocarro ou podes apanhar alguma doença terrível.

— Qual é a outra opção? — perguntou ela com um riso abalado.

— Podes agarrar na tua vida com ambas as mãos, apreciar cada minuto e correr o risco de te magoares ou de morreres enquanto estiveres a fazer uma coisa de que gostas.

Ela riu-se de novo, o som ainda trémulo.

— Nada de meias tintas, do género, divertir-me um pouco enquanto jogo pelo seguro?

Ele mordeu-lhe o pescoço.

— Isso seria como fazer amor e nunca ter um orgasmo. Uma frustração imensa.

— Já lá estive, sei o que é. Não quero viver a minha vida assim.

— Então, agarra-te com as duas mãos — murmurou ele e, quando Bethany deu por si, estava sozinha na garupa. Ele ergueu o braço para lhe entregar as rédeas. Os seus olhos detiveram-se nos dela durante um longo momento. — Vive para seres feliz, querida. Estás presa à sela, portanto, não podes cair. Só te podes magoar se a *Wink* tropeçar, e as marmotas não escavam túneis na margem do lago. Deixam-se ficar nos campos onde a comida é abundante. Ela parece-me uma menina bastante segura.

Bethany assentiu.

— Ela só caiu comigo uma vez, e não foi por culpa dela. — Mesmo assim, uma vez fora o suficiente. Fechou os olhos e respirou fundo.

— Vou voltar a pé para casa — disse ele. — Como é a primeira vez que saís, talvez seja melhor se subires para perto do estábulo, onde posso ter-te debaixo de olho.

Bethany olhou em frente, tão apavorada que tremia.

— Eu, hmm... acho que sim, o terreno parece-me regular. A *Wink* reage a ordens vocais. Tenho a certeza de que não vai haver problema e... — calou-se e engoliu para firmar a voz. — Eu tenho de fazer isto, Ryan. É a primeira vez que saio, tenho de ficar por minha conta durante algum tempo.

Ela ouviu-o suspirar. Não se atreveu a olhar com medo de perder a coragem.

— Está bem — disse ele. — Então, vai. O terreno é plano em redor do lago. Não recomendo que vás muito longe no primeiro dia, mas tu é que decides.

Bethany assentiu, resistindo a vontade de lhe pedir que selasse o seu cavalo e a acompanhasse. Era uma estupidez ter medo. A probabilidade de *Wink* tropeçar era ínfima.

— Eu, hmm... não me afasto.

— Quando acabares, estou no estábulo. Basta entrares e chamares. Eu ajudo-te a descer.

Bethany assentiu mais uma vez, sempre a olhar em frente.

— Se eu, hmm, não voltar dentro de meia hora, vens procurar-me. Está bem?

— Querida, nem é preciso pedir.

Ela sentiu-se melhor, sabendo que ele a iria procurar se não voltasse dentro de um determinado período de tempo. Com o coração na garganta, instou a égua a avançar.

Preocupado, Ryan esperou por ela no estábulo. Quando passaram vinte minutos, selou o seu cavalo e foi à procura dela. Ela estava no outro extremo do lago, perto da casa dos pais de Ryan, quando ele a alcançou. Ao ouvi-lo aproximar-se, Bethany virou-se pela cintura e acenou, a cara sorridente, os olhos a brilhar.

— Oh, Ryan, obrigada... obrigada. É uma sensação fantástica. Tão libertadora. Posso ir a lugares que seriam impossíveis na minha cadeira de rodas. Permitiste-me o acesso a um mundo novo.

Ele passou o seu cavalo para um passo lento para a acompanhar. Doía-lhe o coração ao vê-la tão feliz.

— Um dia bastante especial, não?

— *Sim*. Já não sinto tanto medo. Ainda não estou completamente à vontade. Mas também não estou apavorada.

— Isso é bom. Como é que a *Wink* se está a portar?

— Fabulosa. Eu costumava correr muito com ela, mas hoje parece satisfeita por andar a passo. — Debruçou-se para afagar o pescoço da égua. — Talvez estejamos as duas a ficar velhas. Acho que ela está a gostar de andar devagar.

— Não tem nada de mal. Podes apreciar a vista.

— Tens razão. Isto é tão bonito, Ryan. Não fazes ideia da sorte que tens por teres isto tudo tão perto de casa. O lago, as florestas, e aquela vista incrível das montanhas recortadas contra o céu. É um paraíso.

— Isto agora também é teu, sabes? Ela virou a cara para o Sol.

— É, não é?

— Casamos dentro de cinco dias — recordou-lhe ele.

— Apenas cinco dias. — Bethany sorriu-lhe. — Já estás arrependido?

— Não. E tu?

Ela abanou a cabeça.

— Nunca tive tanta certeza a respeito de alguma coisa.

Ele detestava ser um desmancha-prazeres, mas estava preocupado com o tempo que ela já passara na sela:

— É melhor não exagerar no primeiro dia. Não montas há oito anos e não consegues sentir os efeitos nas tuas pernas.

— Só mais um pouco. Isto sabe tão bem, não quero que acabe. Ryan considerou o lugar

onde se encontravam.

— Queres dar a volta ao lago? Já que viemos até aqui, não me parece que o percurso seja menor se voltarmos pelo mesmo caminho.

— Adorava!

Demoraram meia hora para completar a volta. Pouco depois de voltarem ao estábulo, as pernas de Bethany começaram a apresentar câibras. Ryan levou-a para casa. Quando lhe descalçou os sapatos e despiu as calças, viu que ela tinha os pés praticamente dobrados ao meio com espasmos musculares e que os tendões pareciam um monte de nós nas barrigas das pernas e nas coxas. Ela dobrou-se pela cintura com os dentes cerrados.

Quando Ryan tentou esticar-lhe as pernas, não conseguiu reprimir um grito. Ele correu para o telefone para chamar o Dr. Kirsch, o médico da família Kendrick. O velho doutor foi até ao rancho e, depois de examinar Bethany, deu-lhe uma injeção para ajudar a descontraír os músculos.

Quando começou a fazer efeito, Kirsch sentou-se no lado da cama, segurando-lhe a mão.

— A partir daqui, é melhor fazer as coisas com calma, minha menina. Amanhã, nada de montar. No dia seguinte, pode montar dez minutos. Se correr bem, pode acrescentar alguns minutos cada dia. Tem de se preparar lentamente e o mais provável é que, mesmo depois de algum tempo, ainda continue a precisar de parar com frequência quando for dar passeios mais demorados.

— Mas nós vamos casar num lago da montanha no próximo sábado. O Ryan tem tudo preparado para irmos até lá a cavalo.

O médico olhou interrogativamente para ele.

— A que distância fica o lago, Rye?

— Cerca de três horas a cavalo. O médico abanou a cabeça.

— Ela não está preparada. Adia o casamento pelo menos mais uma semana e, mesmo assim, vais ter de dividir o percurso em dois, metade num dia e a outra no seguinte.

— Podemos fazer isso — disse ele. — A Bethany e eu podemos partir na quinta-feira, paramos a meio e passamos a noite acampados. Vai ser divertido.

Ela cobriu os olhos com um braço.

— Desculpa, Ryan. Estava tão entusiasmada por estar outra vez na sela com a *Wink* que nunca pensei nas câibras. Devia ter tido mais juízo.

O médico deu-lhe uma palmadinha na mão.

— É fácil exagerar. Eu não monto durante o Inverno e a primeira vez que o faço quando chega a Primavera passo dias a coxear. Juro sempre que não volto a ser tão estúpido, mas faço sempre a mesma asneira.

— O senhor monta?

Kirsch riu-se e piscou o olho a Ryan.

— Porque é que acha que esta gente gosta tanto de mim? O Keefe não confia num homem que não cheire a cavalo de vez em quando. — Voltou-se para Ryan: — Quando forem para o lago, leva um quartilho de vinagre branco destilado. Se ela tiver câibras, ela que beba dois goles de uma assentada. Fica logo boa.

— Blhec. — Bethany estremeceu só com a ideia.

— Sabe mal e é um pouco ácido para o estômago, mas resulta num instante.

Kirsch começou a fazer perguntas a Bethany sobre o acidente e a paralisia resultante. Depois de ela responder, disse:

— Bem, minha menina, espero voltar a vê-la em breve. Fiz os partos todos desta família. Se depender do Ryan, é provável que eu também faça os dos vossos filhos.

Bethany ficou pálida e olhou pesarosamente para Ryan.

— É muito improvável que eu consiga levar uma gravidez até ao fim, doutor. O Ryan e eu queremos tentar, claro, e esperamos que corra bem. Mas não tenho muitas hipóteses.

O médico pareceu surpreendido ao ouvir aquilo. Muito surpreendido.

— Estou a ver — disse ele. — E posso saber porquê? Sofreu lesões internas que eu desconheça?

— Eu, hmm... não. A queda foi grave, claro, mas não houve lesões permanentes. Quando fiz o meu último *check-up*, o ginecologista disse que estava tudo bem.

— Ah. Portanto, quem é que disse que talvez não pudesse levar uma gravidez até ao fim?

— O especialista da coluna que me operou. Achou que o risco de infecções nas vias urinárias e nos rins seria muito elevado, o que pode levar a um aborto espontâneo e trabalho de parto antecipado. Também há uma coisa muito perigosa, não me lembro do nome, que ele disse que eu podia apanhar.

O Dr. Kirsch pensou durante um momento. Ryan estranhou que ele estivesse com um ar tão sério.

— Tem algum historial de *infecções* do tracto urinário? Bethany abanou a cabeça.

— Entendo. — Kirsch esfregou o queixo. — Aquela coisa de que o seu médico lhe falou devia ser disreflexia autonómica.

— Talvez fosse isso — disse ela. — Foi há muito tempo, mas recorde-me que era um nome desse género. Parecia bastante assustadora quando ele ma descreveu.

— E é bastante assustadora — concordou o médico. — Pode causar complicações graves em qualquer altura durante a gravidez ou surgir durante o parto. Todavia, ocorre habitualmente em mulheres com uma lesão na sétima vértebra torácica ou acima dela.

— A minha situa-se na L2. Mas ele disse que havia uma hipótese de acontecer.

— Quais são os efeitos? — quis saber Ryan.

— Pode registar-se uma subida acentuada da tensão arterial, uma subida ou descida grave do ritmo cardíaco e há o risco de convulsões e dilatação do coração. Considerando bem as coisas, não é algo com que se deva brincar — disse o Dr. Kirsch com uma expressão grave. —

Há formas de a controlar, mas nem sempre resultam.

— Meu Deus — murmurou Ryan. — Uma coisa dessas podia matá-la. — Olhou para Bethany. — Não vale a pena, querida. Não com o risco de um outro coágulo, ainda por cima. Prefiro que nem sequer tentemos.

— Que história é essa do coágulo?

Ryan contou rapidamente ao médico o que Jake lhe dissera.

— Não há nada que diga que me pode acontecer essa coisa da disreflexia — argumentou Bethany. — E posso ter muito cuidado durante a gravidez para não ter outro coágulo. Posso passar a maior parte do tempo na cama com as pernas levantadas. — Olhou para Ryan com uma expressão acusadora. — É por isso que tens usado sempre protecção, por causa do que o Jake te disse? Ryan suspirou.

— Não quero correr riscos, Bethany. Um coágulo pode matar-te. O Jake acha imprudente tu engravidares, e eu também.

Ela deitou-lhe um olhar que prometia que ainda teria muito a dizer a respeito daquela decisão quando estivessem sozinhos. Ryan olhou para o médico e depois novamente para ela.

— Resolvemos isto depois. Está bem?

— Não te esqueças do que disseste a respeito de viver dentro de uma bolha ou agarrar a vida com ambas as mãos. E o que eu penso sobre isto: que tentar justifica o risco.

Ryan começou a suar. Olhou para ela, pensando no quanto a amava e no que sentiria se algo lhe acontecesse. Não queria assim tanto um bebé que estivesse disposto a pôr em perigo a vida dela.

— Eu gostava de falar com o seu cirurgião — disse o Dr. Kirsch. — Tenho a sua autorização para entrar em contacto com ele, Bethany?

— Não me importo que fale com ele, doutor, mas tenho a certeza de que ele lhe vai dizer exactamente o mesmo que me disse a mim, que eu não devia ter filhos. — Os seus olhos tornaram-se sombrios. — Até chegou ao ponto de dizer que achava que era uma bênção porque, de qualquer modo, uma mulher numa cadeira de rodas não devia ter filhos.

— Hmm! — Kirsch abanou a cabeça. — Como é que se chama esse médico?

— Dr. Reicherton. Ele vive em Portland. Provavelmente, não o conhece.

— Por acaso, conheço. Nos, médicos, encontramos-nos mais vezes do que pode imaginar.

Convenções médicas e afins. Benson Reicherton. — Sorriu e assentiu. — É um cirurgião competente, um dos melhores da Costa Ocidental.

— O meu pai queria o melhor — disse ela. — Disseram-lhe que não encontraria outro melhor. Nunca gostei dele, mas ele parecia saber o que fazia.

Kirsch concordou mais uma vez.

— O Ben é muito bom. Se eu tivesse uma lesão na coluna e me recomendassem uma intervenção cirúrgica, não hesitava em escolhê-lo para meu médico. Todavia, estava disposto a andar um quilómetro a pé para não o ter como parceiro no golfe.

Bethany riu-se e bocejou.

— Estou a ver que o conhece bem. O médico sorriu e piscou-lhe o olho.

— Pois conheço. — Levantou-se e agarrou na sua mala. — Parece que a injeção está a deixá-la sonolenta, minha menina, portanto, vou-me embora e deixo-a descansar. — Apontou-lhe um dedo. — Nada de montar amanhã. Tenho golfe marcado para as dez da manhã e se este senhor me telefonar por causa de câibras nas pernas, vou ficar muito maldisposto.

Ryan saiu do quarto com o médico. Já na sala, Kirsch coçou a cabeça grisalha que começava a ficar calva. As suas sobrancelhas uniram-se numa expressão pensativa.

— Há qualquer coisa aqui que não está bem. Deixa-me ver se descubro o que é. Vou tentar entrar em contacto com o Reicherton quando voltar ao meu consultório.

— O doutor acha que ela pode ter filhos, não acha? O médico olhou para o corredor.

— Não te aconselho a dizeres-lhe isso, não antes de eu ter a certeza. Não quero dar-lhe falsas esperanças e depois desiludi-la. Não sou nenhum especialista.

— Mas é um médico muito bom e eu confio na sua opinião. O médico sorriu.

— Obrigado. Em resposta à tua pergunta, pelo que vale a minha opinião, este médico muito bom acha que a tua pequena não percebeu o que lhe disseram ou o Reicherton deu-lhe informações incorrectas. A paralisia não costuma afectar a capacidade de suportar uma gravidez, especialmente num caso como o dela, em que a lesão nervosa é incompleta.

Para Ryan, parecia bastante completa.

— O que é que quer dizer com isso?

— É uma expressão que usamos para uma lesão da coluna que mata ou limita apenas alguns dos nervos. Podes agarrar numa dúzia de pessoas com uma lesão na coluna no mesmo nível e ver doze resultados diferentes. Algumas poderão ter uma utilização parcial das pernas ou sensibilidade onde outras não a têm. Com uma lesão na L2 como a dela... Não me parece que tenha alguma influência na capacidade de ter filhos, e, a não ser que eu esteja completamente mal informado, o risco de disreflexia autonómica é mínimo ou nenhum. Mas deixa-me verificar. Pode acontecer que eu seja apenas um médico rural que não percebe nada de nada. — Ergueu uma mão em despedida e saiu para o alpendre. — Eu depois telefono.

— Então, e a história do coágulo? — perguntou-lhe Ryan ansiosamente.

Kirsch suspirou.

— Acho que podemos contornar esse problema. Já existem cadeiras de rodas muito simpáticas com apoios ajustáveis para as pernas, almofadadas, uma espécie de poltronas reclináveis com rodas, que permitem que o utilizador levante as pernas sempre que a cadeira estiver parada. Também acho que podemos controlar o nível de diluição do sangue o suficiente para reduzir o risco de coagulação sem prejudicar o bebé.

Depois de se despedir do médico e fechar a porta, Ryan foi ver como estava Bethany. O relaxante muscular tinha-a de facto deixado sonolenta, e já estava a dormir. Sentou-se ao lado dela durante algum tempo, olhando para aquele rosto tão meigo. O medicamento tivera um efeito tão forte que ela estava de boca aberta, e uma gota de saliva brilhava no lábio inferior. Ele sorriu e limpou-a com o polegar, sentindo um aperto no coração ao pensar que alguma coisa lhe poderia acontecer.

Uma hora depois, quando o Dr. Kirsch telefonou, Ryan atendeu a chamada na cozinha.

— O que é que disse o Dr. Reicherton?

— Muito de coisa nenhuma. Essencialmente, a decisão é minha. Nenhum médico pode garantir que até uma mulher jovem e perfeitamente saudável possa ter filhos. A hipótese de aparecerem problemas pode ser minúscula, mas não deixa de existir. As probabilidades contra ela aumentam substancialmente se tiver problemas especiais ou se for propensa a tê-los. Sendo este o caso, não vou ao ponto de dizer que o Reicherton mentiu a Bethany. Parece-me que ele referiu complicações improváveis para uma mulher com uma lesão na L2.

— Porquê? — murmurou Ryan. — Meu Deus, porquê?

— É uma boa pergunta. Não paro de voltar ao comentário dele: que uma mulher numa cadeira de rodas não devia ter filhos. Conheço o Ben há alguns anos. Recordo-me perfeitamente de ele me ter dito uma vez que tinha seguido esta especialização porque a mãe dele era tetraplégica.

— O que é que isso tem a ver com o que ele disse à Bethany?

— Isto é um terreno muito delicado, Ryan. Não quero especular nem prejudicar a reputação profissional dele. Enquanto estávamos a falar ao telefone, ocorreu-me que talvez, e realço a palavra «talvez», a infância dele tenha sido difícil porque a mãe tinha uma deficiência grave. Talvez ele não suporte ver uma mulher presa a uma cadeira de rodas tentar criar um filho. Só sei que ele não me disse nada ao telefone que justifique o que a Bethany afirma que ele lhe disse. Ele foi só rodeios. Referiu que já tinham passado muitos anos e que não tinha a ficha dela com ele. Mas, essencialmente, concordou com o meu prognóstico, ou seja, a não ser que existam outras complicações, uma mulher com uma lesão na L2 que seja continente e não tenha um historial de infecções do tracto urinário não deve ter dificuldades com uma gravidez. Na pior das hipóteses, o parto terá de ser por cesariana.

Uma imagem de Bethany a soluçar na sua carrinha na noite anterior passou pela mente de Ryan, e fechou os olhos, sentindo-se agoniado. «Bebés, nunca!», gritara ela. Porque é que o médico lhe dissera uma mentira tão cruel? Sem dúvida, talvez algumas mulheres deficientes não pudessem ser boas mães devido às suas incapacidades, mas cada caso era um caso, e a decisão não competia a Reicherton.

— Ryan? Ainda estás aí?

— Sim — respondeu ele em voz baixa. — Apenas estou a tentar assimilar isto. Aquela rapariga passou oito anos convencida de que não podia ter filhos. Dá-me vontade de ir até Portland e dar um novo arranjo à cara do Dr. Reicherton.

— Isto são só suposições. Não te esqueças. E desculpa-me dizer isto, mas uma fúria atrasada a respeito de algo que nunca poderemos provar parece-me inútil. Porque estragar o que deveria ser um período de felicidade para vocês? É óbvio que a adoras. Aprecia este momento tão especial das vossas vidas.

Ryan assentiu para consigo e sorriu.

— Tem razão. Depois de torcer o pescoço a Bethany por não me ter falado sobre esta disreflexia autonómica, é exactamente isso que eu vou fazer.

O médico riu-se.

— Então, então. Se eu te dissesse que ter relações sexuais te podia matar, o que é que fazias?

— Morria feliz.

— Aí tens. Não a censures por fazer a mesma escolha.

— Isso é completamente diferente. Ela pode ter sexo seguro. Termos um filho biológico não é suficientemente importante para pôr em risco a saúde dela.

— Na tua opinião. Às vezes, as mulheres não pensam da mesma maneira. Ter um filho é a coisa mais importante do mundo para algumas delas.

Ryan apoiou os cotovelos na bancada.

— Aceito, doutor. Talvez, em lugar de lhe torcer o pescoço, me limite a gritar com ela durante algum tempo.

— Ora, ora. Ryan sorriu.

— A propósito, está convidado para o casamento.

— E lá estarei. Oh, e Ryan, quero ver a noiva no meu consultório. Sem pressas. Telefona de manhã e marca uma consulta para depois da lua-de-mel. Quero examiná-la bem, estabelecer valores para referência durante os cuidados pré-natais.

— Eu mando-a lá. — Ryan endireitou-se, e acrescentou rapidamente: — Doutor? Acha que eu, só para jogar pelo seguro, devia continuar a usar protecção enquanto ela não o for ver?

Kirsch riu-se de novo.

— Bem, isso depende. Vais fazer cara feia se tiveres de te levantar às três da manhã para dar de mamar daqui a nove meses?

— Claro que não.

— Então, agarra a vida com ambas as mãos, como ela disse. Francamente, não creio que a Bethany corra um grande risco. Eu olho bem por ela. A avaliar pela expressão que vi na cara dela, vais ter problemas se te aproximares e ela vir um preservativo.

— Acho que é capaz de ter razão. Kirsch clareou a voz:

— Se eu achasse que era necessário ter cuidado, dizia-te. Mas penso que não, sinceramente. Dá um bebé a essa rapariga.

Ryan ainda estava a sorrir quando desligou o telefone. Voltou para o quarto de dormir, deitou-se ao lado de Bethany e puxou-a para os seus braços. *Um filho*. Falara a sério quando lhe dissera que não tinha problemas em adoptar. Mas, lá no fundo, a ideia de fazer um filho que fosse deles tinha uma atracção muito especial. Vê-la com uma barriga grande e saber que aquele era o seu filho. Estar com ela quando desse à luz. Vê-la levar ao peito uma cabeça morena e penugenta pela primeira vez. Por muito amor que pudessem sentir, os pais adoptivos não podiam participar numa parte da magia.

Ryan beijou-lhe o cabelo e fechou os olhos, para sonhar com ela, os dois a criarem filhos e filhas Kendrick na terra onde ele próprio crescera. Ensiná-los-ia a amar aquelas montanhas como ele as amava, pensou ele sonolentemente, e, um dia, eles ocupariam o seu lugar a frente do Rocking K.

Aquela ideia encheu-o com uma sensação de objectivo ausente na sua vida antes de conhecer Bethany. Recordou-se da manhã em que dissera a Rafe que muitas vezes se sentia perdido e terrivelmente sozinho, que os seus animais de estimação eram tudo o que não o fazia perder o juízo nas longas noites de Inverno. Já não se sentia assim.

Como é que um homem podia sentir-se sozinho quando tinha o paraíso nos seus braços?

Capítulo Vinte e Um

Dois dias depois, Ryan estava a trabalhar no escritório dos estábulos, às voltas com os livros, quando lhe ocorreu que eram quase onze da manhã e Bethany ainda não aparecera para a sessão de exercício a dois. Não que costumassem trabalhar muito. Ela estava a revelar um apetite insaciável e o mesmo acontecia com ele, e sempre que ficavam ali sozinhos, acabavam a fazer amor uma vez, por vezes duas, antes do almoço.

Recordando-se da última ocasião, Ryan pensou como ela estava linda, deitada nua na sua secretária, e sentiu uma necessidade repentina de a ver ali outra vez. Estava prestes a abandonar os livros para a ir procurar, quando ouviu Sly chamá-lo. Levantou-se de um salto, sabendo ainda antes de chegar a porta que qualquer coisa desagradável tinha acontecido.

— Aqui! — gritou o capataz quando Ryan saiu do escritório.

Ryan voltou-se e viu Sly desaparecer na baía onde tinham instalado o elevador de Bethany. Largou a correr, as pancadas dos seus tacões no asfalto apenas ligeiramente mais rápidas do que o bater do seu coração. Sem que lhe dissessem, sabia que algo acontecera a Bethany.

Quando chegou à baía e a viu enrolada no chão ao lado da égua, julgou que o seu coração ia parar. Com um olhar rápido, percebeu que ela tentara montar a égua sozinha, recorrendo ao elevador.

— Meu Deus! — Empurrou Sly e ajoelhou-se ao lado dela, tão assustado que não sabia se estava a praguejar ou a rezar.

— Bethany? Oh, valha-me Deus.

— Eu estou bem, Ryan. — Ela deixou que ele a apalpasse, dizendo repetidamente que não era nada de grave. — Escorreguei da sela, foi só isso. A distância ate ao chão não era grande.

O medo de Ryan transformou-se em ira:

— Mas que raio é que estavas a fazer? — Deitou um olhar fulminante ao capataz. — Se ela queria usar o elevador, devias-me ter chamado.

Sly levantou as mãos.

— Não venhas para cima de mim, rapaz. Eu não sabia de nada disto até que a encontrei.

— A culpa foi minha, Ryan. Eu queria fazer isto sozinha.

Ryan teve vontade de a abanar até lhe baterem os dentes. Em vez disso, acabou de verificar se existia algum ferimento e depois levantou-a nos braços, tremendo tanto que as vibrações sacudiram as franjas da nova camisa dela.

— Nunca mais — disse ele ferozmente. — Promete-me que nunca mais voltas a tentar montar sozinha.

Ela inclinou a cabeça para trás e fitou-o com um olhar rebelde.

— A ideia de preparar este elevador foi exactamente para que eu pudesse montar sozinha.

— Isso foi antes. Agora, se voltas a correr o risco de partir o pescoço, aqueço-te o traseiro até não te conseguires sentar durante uma semana.

Bethany empurrou-o, sentou-se e compôs a camisa.

— Não sejas tonto — disse ela, sacudindo palha da manga. Sorriu. — Quase consegui, Ryan. Sozinha. Da próxima vez, já sei que não posso soltar os ganchos antes de apertar as fivelas das pernas. Se não tivesse sido tão estúpida, não tinha caído.

Ryan agarrou nela, levantou-se e saiu da baía, dirigindo-se para o escritório. Ela deteve-o, encostando-lhe uma mão ao peito.

— Ainda não. Quero tentar outra vez. Senta-me na minha cadeira e vai-te embora, se fazes favor. É uma coisa que eu tenho de fazer.

— Só por cima do meu cadáver. Ela olhou-o nos olhos.

— Eu não volto a cair.

— Não podes ter a certeza disso. — Ryan imaginou-a a partir uma perna ou a ser pisada acidentalmente pela égua. Só a ideia deixou-lhe o sangue gelado. — Estou a falar a sério. Tentas outra vez e eu...

Bethany encostou-lhe um dedo aos lábios.

— Eu sei que te assustei, e lamento. Eu própria estava com medo de cair, o que me deixou tão nervosa que nem sequer pensei bem no que estava a fazer. — Sorriu de novo. — Mas, agora, já aconteceu, e não foi tão mau como eu temia. Sinto-me bastante bem, considerando que metade do meu corpo não tem sensibilidade. Nem sequer me doeu muito. Só fiquei sem fôlego durante um segundo.

Ryan pensou em possíveis feridas nas pernas que ela não conseguiria sentir. Comoveu-se ao ver a chama de orgulho que ardia nos olhos dela. «Meu Deus, ajuda-me.» Sabia que aquilo era algo que ela queria e tinha de fazer sem a ajuda de ninguém, que ser auto-suficiente era uma das coisas mais importantes do mundo para ela. Mas com que preço? O orgulho era algo que não devia ser levado demasiado longe.

— Por favor, Ryan. Tenta entender. Eu *tenho* de fazer isto sem ti. Tenho de o fazer.

Ele olhou para a cadeira de rodas, a qual naquele momento representava todos os motivos pelos quais ela não o devia fazer. Quase desejou não ter pedido à sua família que o ajudasse a preparar o maldito elevador. Mas, não. Ele construíra-o exactamente por aquela razão, para que ela se pudesse libertar da cadeira e de todas as limitações da sua vida. Ele apenas não contara que Bethany fosse tão teimosa e optasse por aquela atitude de conseguir-ou-morrer.

Conseguir ou morrer. Desde o princípio, ele sempre apreciara a pose obstinada daquele

pequeno queixo. Ela era assim. Como é que poderia ter-se tornado uma campeã de *barrel racing*? Provavelmente, a sua atitude também fora idêntica, indo além dos seus limites até se tornar a melhor. Recordando-se da forma como ela o derrotara na piscina, desconfiou que Bethany seria sempre assim. Uma vez que aquela era uma das características que mais apreciava nela, queria mesmo mudar Bethany?

Com a sensação de ter acabado de engolir vidro moído, Ryan disse:

— Deixas-me só fazer uma coisa antes de tentares montar outra vez?

— Depende do que for.

— Já vê. — Obrigou-se a poisá-la na cadeira. Depois de olhar para o controlo remoto preso no cós das calças dela, disse:

— Prometes que não te mexes antes de eu voltar? Ela suspirou.

— Não te demores muito. Quando mais eu esperar, mais nervosa fico. Ryan voltou-se para Sly, que continuava junto ao portão aberto.

— Podes dar-me uma mão?

O capataz assentiu e seguiu Ryan pelo corredor central até ao quarto de dormir, onde as vezes passavam a noite quando uma égua estava para parir. Alguns segundos depois, quando os dois homens voltaram à baía carregados de colchões, Bethany rebentou as gargalhadas.

— Sempre devem reduzir o choque quando eu aterrar — disse ela. Ryan sorriu sem vontade enquanto colocava um colchão ao lado da égua. Quando tirou o outro a Sly, disse:

— A ideia é essa, impedir que partas esse pescoço teimoso.

— Obrigada — disse ela em voz baixa depois de os colchões terem sido instalados. — Fico mais tranquila por saber que eles estão ali. — Bethany olhou para os dois homens. — Podem ir-se embora. — Vendo que eles hesitavam, sorriu. — Não volto a cair, prometo. Vão!

Ryan fez sinal ao capataz para que o seguisse e saiu. Apenas deu três passos. Sly parou ao lado dele. Olharam preocupados para a porta aberta da baía. Ryan sentiu um arrepio ao ouvir o motor de elevador começar a trabalhar. Qual era o mal de ela aceitar uma pequena ajuda naquela primeira vez?, pensou ele. Quando se habituasse, ele não teria qualquer problema em deixá-la tentar sozinha.

Começou a voltar para a baía. Sly estendeu um braço e agarrou-o.

— Não — disse ele em voz baixa. — Isto é uma coisa que ela tem de fazer sozinha. Preparaste o raio do elevador para que isto pudesse acontecer. Não estragues tudo.

Ryan sabia que ele tinha razão, mas era muito difícil ficar ali parado. Os colchões não eram assim tão grandes. Ela podia cair ao lado de um deles e magoar-se. Parecia que coração lhe ia saltar do peito. O que é que estava a acontecer? Ela já estava na sela? Tentou ouvir, mas os sons não lhe diziam nada.

— Consegui! — exclamou ela subitamente. — Consegui, Ryan! Vem cá ver. Sozinha! Estou pronta para um passeio!

Ryan e Sly quase chocaram ao entrar na baía. Bethany virou a égua, os olhos a brilhar, o rosto corado de alegria. Naquele instante, Ryan teve um vislumbre da rapariga dinâmica, destemida que ela fora antes do acidente. O seu cabelo era um emaranhado de caracóis escuros e sedosos em redor de uma cara delicada. Mantinha-se direita na sela, com o ar de quem dominava completamente a situação.

Bethany era livre, a cadeira de rodas esquecida. A expressão na cara dela fez Ryan pensar na noite em que tinha dançado a valsa com ela, e sentiu um aperto na garganta. Era por causa daquilo que ele comprara a égua, encomendara a sela e construíra o elevador. Para poder ver aquela alegria inexprimível nos olhos dela. Não lhe ia estragar aquele momento com uma atitude excessivamente protectora.

Olhou para o relógio.

— O médico disse para não exceder os dez minutos hoje. Estás a desperdiçar segundos preciosos.

Ela sacudiu as rédeas e estalou a língua para que a égua começasse a andar.

— Saíam do meu caminho, senhores! Vou dar um passeio. Ryan ficou a vê-la descer o corredor central.

— Vai com calma no cimento! — não resistiu ele a dizer. Olhou para Sly. — Meu Deus! Nunca imaginei que o amor fosse tão difícil. Achas que consigo sobreviver?

Sly suspirou e abanou a cabeça.

— Acontece o mesmo com as crianças. Tens de as deixar ir. Lembro-me da primeira vez em que montaste sozinho. Quase tive um ataque cardíaco. Não é fácil abrir mão, rapaz, mas tens de o fazer. É a vida.

Ryan assentiu. Dissera ao pai de Bethany praticamente a mesma coisa. Ela tinha sido sobreprotegida durante demasiado tempo. Desconfiava que esse fora o principal motivo que a levava a ficar em Portland, para fugir ao amor bem intencionado mas asfixiante da sua família. Não queria que ela sentisse o mesmo com ele.

Onze minutos depois, Ryan já queria selar *Bucky* e ir procurá-la. Sly impediu-o.

— Ela só está um minuto atrasada. Dá-lhe mais alguns para voltar. Estragas tudo se apareceres para a salvar como se fosses a cavalaria.

Os dois minutos mais compridos da vida de Ryan passaram antes de ele ouvir as ferraduras de *Wink* no pavimento cimentado. Correu a agarrar num balde para parecer ocupado, para que ela não percebesse que tinha ficado ali preocupado sem fazer mais nada enquanto ela estivera ausente. Sly imitou-o. Depois, os dois homens olharam interrogativamente um para o outro, sem saber o que fazer a seguir. Não estava na altura de alimentar os cavalos.

— Olá! — disse Bethany, feliz, quando entrou com a égua. — Foi fantástico! Não fazem ideia. E eu consegui, do princípio ao fim, sozinha. Não é incrível?

Ela ainda não tinha desmontado. Ryan engoliu para se impedir de fazer qualquer referência a esse facto.

— Estou tão orgulhosa. — Levou a égua para a baía onde o elevador a esperava. Então, como se tivesse olhos na nuca, fez com que Ryan e Sly estacassem quando disse: — Fiquem onde estão. Eu desmonto sozinha.

Ryan olhou para o capataz. A suar como se tivesse estado a trabalhar intensamente, Sly tirou o chapéu para enxugar a testa com a manga. Ryan percebia o que ele estava a sentir. O zumbido do motor deixou-o com um nó no estômago. Mordeu com força o interior da bochecha para não dizer a Bethany que tivesse cuidado.

Passaram-se segundos que mais pareceram múltiplas eternidades sucessivas. Por fim, ela disse:

— OK! Já desmontei. Podem vir tratar de mim.

Ryan sentia os joelhos um pouco fracos quando se dirigiu para a baía. Bethany estava de novo na sua cadeira de rodas e puxava pela faixa de apoio do elevador para se desembaraçar dela. Levantou a cabeça e sorriu quando o *nylon* deslizou de debaixo do seu traseiro.

— Devíamos patentear esta geringonça. Ficávamos bilionários.

— Eu já sou milionário — recordou-lhe Ryan, rabugento. Irritava-o sobremaneira vê-la tão animada depois de lhe ter pregado um susto tão grande. — Quando nos casarmos, metade do dinheiro passa a ser teu.

— Eu não sou rico — referiu Sly. — Talvez registe a patente desta coisa. Se tivesse uma conta bem gorda no banco, talvez me casasse.

Ryan olhou espantado para o capataz.

— Com quem? Andas com alguém e eu não sei?

Sly ergueu uma sobrancelha grisalha, coçou uma orelha e disse:

— E se andar? Sou mais do que maior de idade. Acho que não são só os novos que podem ser mordidos pelo bichinho do amor.

Ryan ficou tão surpreendido com aquela revelação que quase se esqueceu de Bethany.

— Nunca disse tal coisa. Acho isso fantástico, Sly. Quem é a sortuda? O capataz sorriu.

— Isso, eu é que sei e tu é que tens de descobrir. Quando tal acontecer, ficas já a saber que

estou apaixonado por ela.

Dito isto, o capataz foi-se embora. Ryan olhou espantado para Bethany. Ela sorriu e suspirou.

— Não é tão romântico? O Sly está apaixonado. Ryan franziu o sobrolho.

— Ele ganha muito bem a trabalhar para nós. Não precisa de milhões para se casar.

Bethany virou a cadeira para a porta e saiu.

— Vamos, *Wink*. Está na altura de voltares para a tua baia.

A égua seguiu a sua dona como se fosse um cão treinado. Ryan ficou a olhar para elas durante um momento e depois chamou Charlie, um dos empregados do rancho, para que fosse desselar a égua e levá-la a passear para arrefecer.

A caminho do escritório alguns minutos depois, Bethany brindou-o com um sorriso provocador por cima do ombro. Já no interior da pequena sala, foi ela quem fechou e trancou a porta. Voltou-se, deitou-lhe um olhar picante e sacudiu as franjas da camisa com a ponta de um dedo.

— Olá, vaqueiro. Teve saudades minhas?

A pulsação de Ryan ainda não voltara ao normal. Por mais contente que estivesse porque o episódio com o elevador tivera um final feliz, ainda não tinha tirado da cabeça aquela imagem de Bethany no chão aos pés da égua.

— Neste momento, não estou para aí virado.

Ela limitou-se a sorrir e começou a desabotoar a camisa.

— Desculpa se te assustei. Não volto a cair na asneira de soltar os ganchos antes de estar presa a sela. Prometo.

Ryan desviou o olhar, decidido a não se deixar tentar.

— Acho que temos de falar sobre escolhas sensatas e a necessidade de tomar as precauções adequadas.

Ouviu o roçar de tecido e os seus olhos foram atraídos para Bethany como se fossem limalha na presença de um íman. De dois imanes. O *soutien* dela estava desapertado e os dois seios estavam a tentar sair.

Um mamilo rosado espreitava por trás da orla de renda. Ao ver aquilo, ficou com o interior das bochechas colado aos dentes. Não teria sido capaz de cuspir nem que ela tivesse gritado: Fogo no estábulo.

— Por favor, não fiques zangado — disse ela em voz baixa. Enquanto falava, passava os dedos delicados pela ponta do seio nu, endurecendo-a, os seus olhos chamando-o. — Anda cá e deixa-me fazer com que te sintas melhor.

Mas que raio. Ela começara tarde em termos de sexo, mas aprendia depressa. Ryan já tinha atravessado o escritório antes de se aperceber de que se mexera. Esqueceu-se rapidamente da sua preocupação. Como é que um homem podia agarrar-se a um pensamento racional naquelas condições?

Na quinta-feira seguinte, quando deram início à viagem até Bear Creek Lake para o casamento, Bethany fizera exercícios diários para se acostumar à sela e estava pronta para montar durante uma hora e meia. Sentia-se tão feliz e otimista com o seu futuro ao lado de Ryan que quase a assustava. *Cleo* adaptara-se ao rancho como se tivesse nascido lá, passando os seus dias às costas de *T-bone* e as noites em casa, aninhada no seu cesto. Bethany usara regularmente o elevador do estábulo, montando e desmontado sem qualquer ajuda. Ryan já dizia que ela devia abrir uma escola de equitação no futuro próximo, não apenas para treinar aspirantes às provas de *barrel racing* como Heidi, mas também para trabalhar com jovens paraplégicos.

Tudo aquilo parecia demasiado bom para ser verdade. Um marido bonito que a amava. Ser capaz de ter filhos. Trabalhar a tempo inteiro com cavalos. Poder passear pela rede de caminhos que cobria a propriedade. Sentia-se como se o seu mundo tivesse sido ampliado desmesuradamente, e por vezes quase se sentia tonta. Certamente, ninguém podia ser assim tão feliz sem alguma coisa que estragasse tanta felicidade.

Quando confessou o seu receio a Ryan, ele deixou-se ficar para trás até as montadas de ambos ficarem a par, tão bonito na sela com o Sol de Junho a brilhar-lhe no cabelo negro despenteado pelo vento que ela sentiu uma pontada no coração. O tilintar quase musical da parafernália de campismo que os acompanhava no cavalo de carga misturava-se com o som dos cascos.

— Querida, isso é uma tolice — disse ele. — Tu *mereces* ser feliz. Não vai acontecer nada que estrague este momento. *Nada*.

Bethany inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

— Eu sei que é uma tolice. É só que... oh, Ryan. Estou *tão feliz*. Percebes o que estou a dizer? Passei tanto tempo a dizer a mim mesma para ser prática, sempre a repreender-me por querer o que já não podia ter. E agora, de repente, recebo tudo o que desejei. Ninguém devia ser assim tão feliz. Tem de ser um pecado ou qualquer coisa do género. Ele riu-se e inclinou-se para o lado para lhe roubar um beijo.

— Bethany Ann, não consigo imaginar-te a cometer um pecado a sério, e tenho a certeza de que Deus me daria razão. Nunca conheci ninguém com um coração mais puro. Acho que Ele me enviou um anjo.

Os olhos dela brilharam, travessos, e Bethany arrancou uma pinha de uma árvore para lha atirar.

— Os anjos não pensam no que estou a pensar agora. Porque é que não paramos e descansamos à sombra de uma árvore?

Ryan sabia o que aquele brilho queria dizer e sentiu-se bastante tentado a parar. Mas se se demorassem muito na viagem, teria de alterar os seus planos.

Suspirou e despenteou-lhe os cabelos.

— Por muito que me custe, tenho de recusar. Ela amou e fez beicinho.

— Ainda nem nos casamos e já estás farto de mim.

— Nada disso. Só que há uma coisa especial que eu quero fazer esta tarde. Quando pararmos e montarmos a tenda, dás-me a honra de te tornares minha mulher?

Ela olhou para ele, intrigada.

— Hoje? Como? O sacerdote só vem no sábado.

— Não precisamos dele — garantiu-lhe Ryan. — Lembras-te de me teres dito que, para ti, estas terras bravias eram a tua igreja? Fazemos os nossos votos hoje. Só tu e eu, no alto de uma montanha, fazemos as nossas promessas matrimoniais apenas com Deus como testemunha. Quem mais é que importa?

Depois de pensar naquilo durante um momento, ela assentiu e sorriu.

— Adorava. Acho que teria ainda mais significado do que a cerimónia oficial.

Duas horas depois, Ryan ajoelhou-se aos pés de um anjo de cabelo escuro sentado numa cadeira de rodas e jurou amá-la, honrá-la e respeitá-la para o resto da sua vida. Enquanto proferia as palavras, olhou para aqueles lindos olhos cor de amor-perfeito e soube que nascera para a amar.

Quando terminou, foi a vez dela, com a voz trémula e os olhos a brilhar ao murmurar cada palavra, prometendo amá-lo para sempre. *Bethany*. Ela era, sem dúvida, uma dádiva do céu. Para consigo, Ryan jurou ser o homem que ela merecia, passar o resto dos seus dias a protegê-la e a tentar fazê-la feliz. Se alguém no mundo merecia ser feliz, esse alguém era aquela mulher.

Retirou os anéis do bolso da camisa. Antes de lhe colocar um deles no dedo, ergueu-o contra a luz do Sol.

— Dizem que um anel é um símbolo de eternidade, de amor puro e duradouro. Acho que muita gente se esquece disso. Eu nunca o farei. Prometo-te. — Colocou-lhe o anel no dedo e baixou a cabeça para o beijar. — Com este anel, faço de ti minha esposa. — Ryan segurou-lhe o rosto entre as mãos para lhe dar um beijo na boca. Foi percorrido por um desejo escaldante, deixando-lhe o sangue em chamas. — E agora, a parte melhor de uma cerimónia no alto de uma montanha — murmurou ele ao afastar-se. — Em vez de apenas beijar a minha noiva, posso selar os nossos votos fazendo amor com ela.

Ela arregalou os olhos.

— Aqui?

Ryan olhou em redor e riu-se.

— Uma coisa boa no alto das montanhas é que os vizinhos metem-se na sua vida e não são dados a mexericos. — Levantou-se, agarrou nela e levou-a para uma mancha de erva à sombra de um pinheiro. Depois de afastar as agulhas com o lado da bota, deitou-a cuidadosamente e fez amor com ela sob aquela luz dourada, dando aos esquilos algum tema de conversa.

Resplendor... Ryan já ouvira aquela palavra centenas de vezes, mas a sensação em si era incrível. Apertou a sua mulher contra ele, demasiado exausto para se mexer. A luz brincava com os corpos nus de ambos numa carícia quente, tão agradável que só lhe apetecia continuar assim. Apenas o medo de que a pele sensível de Bethany se ressentisse o convenceu a mexer-se.

O final da tarde e o serão não poderiam ter corrido melhor. Pescaram trutas para o jantar num regato próximo e comeram-nas diante de uma fogueira. Ryan conseguiu encontrar um lugar com profundidade suficiente mais a jusante e, antes do anoitecer, foram tomar um banho. Um grande problema. Assim que viu os seios nus de Bethany a boiar na superfície da água, agarrou nela, levou-a para a margem e fizeram amor mais uma vez. Estavam os dois um pouco enregelados quando finalmente saíram da água. Ryan secou-a, levou-a para o acampamento, enrolou-a num cobertor e sentou-se com ela nos braços junto à fogueira até sentir que Bethany voltara à sua temperatura normal. Tocou-lhe para se certificar. Por algum motivo, não conseguiu ficar por ali, e deu por si a fazer amor com ela mais uma vez, desta feita no cobertor diante da fogueira. Não conseguia saciar-se, e ela parecia partilhar aquela sensação, abraçando-o sempre com ansiedade quando ele a beijava.

— Ouve — sussurrou ela com urgência quando já estavam deitados na tenda.

Ryan inclinou a cabeça. Um momento depois, ouviu coiotes a uivar.

— Há algum som mais bonito? — perguntou-lhe ela. — Oh, Ryan, ouve só. O vento a murmurar nas árvores. Os coiotes a chamarem a Lua. Nunca pensei que voltaria a ouvir isto. *Nunca*. Fazes ideia do quanto isto significa para mim, ou do presente que acabaste de me dar? Para Ryan, o presente era ela, ele apenas o homem sortudo que o recebera.

— Apenas acho que tenho a sorte de ter encontrado uma mulher que aprecia isto tanto quanto eu — disse ele. — Não acontece a todos.

Ela deixou-se ficar deitada, virada para ele. Um coioote uivou de novo. Enquanto o som atravessava a escuridão, ela beijou-lhe a boca. Então, sentou-se de repente, empurrando o saco-cama para trás e passando uma mão pelo flanco nu de Ryan.

— Deita-te de costas — sussurrou ela —, quero fazer amor contigo enquanto os coiotes chamam a Lua.

Era um pedido que ele não podia recusar. Virou-se de costas. Ela apoiou um braço no saco-cama para suportar melhor o seu peso. Em seguida, curvou a cabeça e começou a beijar-lhe o peito, descendo até ao triângulo escuro abaixo do umbigo. A luz da fogueira que entrava através do *nylon* da tenda, Ryan conseguia vê-la perfeitamente e percebeu o que Bethany queria fazer. Talvez ele fosse impossivelmente antiquado, mas aquilo era algo que decidira nunca permitir que outra mulher fizesse, achando que era um acto demasiado íntimo para partilhar com alguém que não amasse. Também nunca o fizera a nenhuma mulher antes de Bethany, preferindo sempre recorrer à sua mão.

A sua erecção era tão violenta como um mastro. Só lhe faltava a bandeira a adejar ao vento. Afastou uma madeixa de cabelo da cara de Bethany.

— Querida, não tens de...

— Chiu — sussurrou ela, e começou a lambê-lo como se estivesse perante um cone de gelado.

Aquela era a experiência mais erótica da vida dele. Não podia dizer que a sensação era fantástica porque o seu membro não era tão sensível como ela obviamente pensava. Bethany estava a imitar a sua técnica, a qual não era propriamente a ideal para um homem. Mas isso não importava. Apenas vê-la amá-lo daquela forma quase o fazia perder o controlo.

Ryan agarrou-lhe no queixo, tão feliz como nunca pensara poder estar com alguém. Porque ela o amava tanto. Porque ela estava disposta a fazer tudo o que fosse preciso, só para o fazer feliz com ela. O que Bethany não conseguia perceber era que ela era todos os sonhos dele transformados num, sem sequer se esforçar.

— Desculpa — disse ela em voz baixa. — Eu não sei como é que se faz isto. Não me queres explicar? Com a prática, posso melhorar.

Ryan quase gemeu. *Prática*. Mais uma passagem daquela língua pequena e veloz e ele ficaria numa situação embaraçosa.

— Eu não sei como se faz — mentiu ele. Claro que sabia. Tinha uma ideia geral, de qualquer modo. — Nenhuma mulher me fez isso.

Não obstante a luz fraca, viu os olhos dela arregalarem-se de espanto.

— Nunca?

— E tu foste a primeira que eu beijei aí em baixo — disse ele, agarrando-a pela cintura para a puxar para cima. — É uma coisa muito especial e eu guardei-a para ti.

— Oh, Ryan. — Ela estava nitidamente comovida, considerando aquela atitude romântica. — Para um principiante, és muito bom.

Ele limitou-se a sorrir.

— Obrigado. Para mim, é importante agradar-te.

— Então, podes perceber que eu queira agradar-te.

— E agradaste, querida. Se tivesses sido melhor, eu já estava acabado e a rressonar. E que graça é que isso tinha?

Ela sorriu e descontraíu-se. O peso dela no seu peito era tão agradável, toda ela tão sedosa e macia.

— Gostaste?

Ele riu-se ao ouvir o ronronar feminino na voz dela.

— Tanto que já não aguentava mais. — Olhou para a boca dela e cruzou os braços por baixo da nuca. — Beija-me antes na boca. — Percebendo que ela queria assumir o controlo, e que queria fazer algo que lhe agradasse a ele, murmurou: — Enquanto me beijas, podes roçar os teus mamilos no meu peito.

Ela fez exactamente o que lhe fora pedido, e quando Ryan sentiu que os mamilos dela começavam a endurecer, esqueceu por completo que devia deixá-la assumir o controlo. *Bethany*. Agarrou-a, virou-se para ficar por cima dela e fizeram amor ao som dos uivos dos coiotes...

Bethany acordou-o de madrugada. Durante o tempo que passara com ele no rancho, deixara de acordar rabugenta, mas naquela manhã ele ficou fascinado com a mudança drástica. Depois de a ajudar a sentar-se, ela abriu os braços para receber a manhã, inclinou a cabeça para trás, olhou para as copas das árvores e riu-se com prazer.

— Sinto-me viva! — exclamou ela. — Não apenas aqui, não apenas a respirar. Sinto-me tão viva!

A sua boa disposição manteve-se durante a manhã. Quando se puseram novamente a caminho, cantou canções patetas, recordando a Ryan que, afinal, não era completamente perfeita. Aquela mulher não sabia o que era uma melodia. Ele viu-se forçado a acompanhá-la apenas para não esforçar tanto os seus ouvidos.

— Sessenta e sete garrafas de cerveja na parede! Sessenta e sete garrafas de cerveja! Tira-se uma garrafa, passa-se a garrafa, sessenta...

— ... e quatro garrafas na parede! — interrompeu Ryan.

— Não, são sessenta e seis!

Ryan ainda estava a rir-se quando ouviu um grande animal na vegetação à esquerda do caminho e vislumbrou uma vaca *Hereford* entre os troncos. Encontrar gado ali em cima não era raro. As manadas do Rocking K tinham grande liberdade e passeavam-se pelas montanhas à procura de pasto. Mas Ryan nunca vira uma a correr daquela forma.

Puxou as rédeas e prestou atenção aos sons que se tornavam mais distantes.

— Mas que raio?

Bethany parara também atrás do cavalo de carga.

— O que será que lhe deu?

Ryan franziu o sobrolho, pensativo.

— Não sei. Todavia, qualquer coisa me diz que devia ir dar uma vista de olhos. Há umas semanas, um rancheiro perdeu duas cabeças por causa de caçadores furtivos. — Virou a montada, voltou para trás e entregou as rédeas do cavalo de carga a Bethany. — Fica aqui, querida. Eu já volto.

Ryan precisou de apenas alguns minutos para atravessar as árvores e descobrir as pegadas da vaca. Seguindo o rasto com o olhar, viu uma mancha húmida num dos ramos mais baixos de um abeto. Desmontou e foi ver o que era. Quando tocou nas agulhas, ficou com sangue fresco nas pontas dos dedos. Seguiu o rasto da vaca a pé durante algum tempo e, não restavam dúvidas, também havia sangue no chão. O animal estava gravemente ferido.

Quando Ryan voltou para junto de Bethany, contou-lhe o que tinha descoberto.

— Algum idiota deve tê-la atingido — disse ele. — Cambada. Se não sabem disparar melhor do que isto, não deviam usar uma espingarda.

Bethany torceu-se para olhar para trás. Estava preocupada.

— Oh, Ryan, isto é horrível. Se a pobre criatura foi ferida e não se esvair em sangue, o mais provável é que morra lentamente por causa de uma infecção ou qualquer coisa do género. Não podemos deixá-la assim.

Ryan concordou.

— Posso procurá-la. Mas o terreno não é fácil quando saímos do trilho. É melhor não vires comigo.

— Não faz mal. Eu espero aqui. Ryan sorriu.

— Acho que posso fazer melhor do que isso. Há um prado muito bonito um pouco mais à frente. E se esperares lá por mim?

— Com comida? — perguntou ela. Ele riu-se e assentiu.

— Acho que posso deixar-te qualquer coisa para roer.

— Parece perfeito. Seja como for, sabia-me bem descansar um pouco. Assim, não estou exausta quando chegarmos ao lago.

Alguns minutos depois, quando já estava confortavelmente instalada na sua cadeira sob um grande pinheiro na orla do prado, Bethany sorriu-lhe.

— Sinto-me como se fosse uma princesa! Só me falta uma bebida e aquela qualquer coisa para roer que me prometeste.

Ele riu-se e foi buscar uma lata de refrigerante à mala térmica e agarrou no cesto de piquenique, que ainda estava cheio de guloseimas. Quando voltou para deixar tudo junto à base do pinheiro, Bethany disse:

— Nham. — Abriu o cesto e tirou o salame e o queijo. — Não gostava de estar no teu lugar. É uma pena que não me possas fazer companhia.

Ele desapertou o coldre e entregou-lho.

— Mais vale prevenir — disse ele. — Espero que saibas usar um revólver.

Ela aceitou o calibre 22, os seus olhos com uma expressão travessa.

— Isto não é um revolver, é um brinquedo. E, sim, sei usá-lo. Sou capaz de acertar numa bolota a cinquenta metros. Estás satisfeito?

— Com ou sem apoio para o braço? Ela levantou o queixo.

— Sem apoio, obviamente. O que é que tu achas que eu sou, uma menina da cidade? — Olhou em redor. — Mas, exactamente, para que é que eu preciso de uma arma? Os esquilos são vampiros por estas bandas?

Ele riu-se e dirigiu-se para o seu cavalo.

— Estava mais a pensar em cobras. É por causa delas que costumo ter a arma comigo.

Ela estremeceu e esfregou os braços.

— Detesto cobras.

Ryan montou, viu-a procurar uma faca no cesto para cortar o queijo e disse:

— Guarda alguma coisa para mim, minha menina. Posso voltar com apetite.

— Eu guardo. — A expressão dela tornou-se mais séria. — Espero que a encontres, Ryan.

Boa sorte.

— Então, estás a olhar para um dos melhores batedores deste lado dos Pecos. O que é que pensas que eu sou, um menino da cidade?

Ela apertou os lábios.

— Mas onde é que ficam os Pecos, exactamente?

— Não faço ideia. Mas, do lado de cá, eu sou o melhor. — Piscou-lhe o olho e sorriu enquanto verificava se tinha a espingarda carregada.

— Ela estava a sangrar bastante. Deve ser relativamente fácil encontrá-la. Se já não a puder ajudar, abato-a. Senão, entro em contacto com o Rafe e digo-lhe onde ela está. — Deu uma palmada no telemóvel preso ao cinto. — Com sinais de fumo, evidentemente. Ela estava a rir-se quando Ryan se afastou.

— Tem cuidado, Tex!

— Não te preocupes.

Em lugar de seguir o trilho, ele decidiu poupar tempo. À medida que conduzia a sua montada através da vegetação cerrada, mantinha-se atento a qualquer sinal, com a esperança de descobrir o local onde a vaca fora atingida. Ela vinha a correr algures dali de cima, Ryan tinha a certeza disso.

Ainda não tinha andado muito quando começou a sentir um formigueiro na nuca. Obrigou o cavalo a parar, escutou e farejou. O bosque tornara-se desagradavelmente silencioso. Até o vento parecia estar a sustentar a respiração. Ryan andara a cavalo naquelas montanhas durante toda a sua vida. Conhecia-as como a palma da sua mão. Quando algo não estava bem, ele sentia-o.

E algo não estava bem.

Naquele instante, sentiu-se fortemente tentado a regressar ao prado onde deixara Bethany. Não sabia dizer porquê. Uma parte dele dizia que estava a ser tolo. Mas outra, bem grande, estava apreensiva.

Então, sentiu-lhe o cheiro. *Sangue*. Ryan já estivera demasiadas vezes num matadouro para não reconhecer o cheiro de gado acabado de abater. Fez com que a sua montada avançasse, a sua ira a crescer. Mas que raio? Andariam por ali alguns miúdos com espingardas a usar as vacas dele para praticar tiro ao alvo?

Não muito longe, havia um ponto de água, um lugar onde as enchentes de Inverno do Bear Creek há muito tinham aberto um grande buraco no xisto, formando uma pequena garganta encerrada num dos extremos. Durante o Verão, o gado gostava de se reunir ali porque as árvores cresciam em redor da ravina, proporcionando grandes zonas de sombra junto ao ribeiro.

Se algumas vacas estivessem por ali, seriam como patos numa carreira de tiro, fáceis de atingir com uma espingarda. Com um dos extremos da área praticamente fechado, não lhes seria possível fugir rapidamente.

Ryan dirigiu-se imediatamente para lá. O cheiro a sangue tornou-se mais intenso. De *muito* sangue. Quando chegou à última crista acima do ponto de água, estava preparado para ver uma série de vacas mortas. Não era algo que quisesse ver, mas não seria a primeira vez e não estava à espera de ter um choque.

Quando viu a carnificina, a bÍlis subiu-lhe a garganta.

As vacas tinham-se amontoado junto à água, exactamente como ele imaginara. Mas não fora um atirador quem as matara. Ryan nunca se deparara com um espectáculo como aquele em toda a sua vida. Pelo menos dez vacas estavam mortas, algumas no ribeiro, outras nas margens. A água estava vermelha com o sangue dos corpos estropiados.

Àquela distância, Ryan não conseguia perceber que género de animal as matara. A concentração de pumas naquelas montanhas era pronunciada, uma vez que a legislação aprovada há

alguns anos proibia a utilização de cães de caça. Mas os pumas não tinham por hábito atacar daquela forma. Partiam o pescoço da sua vítima e depois arrastavam o animal morto para um local onde o pudessem comer.

Ryan desmontou, prendeu *Bucky* a um tronco e retirou a sua *Remington 30.06* do estojo. A descida até ao regato era íngreme. Deixou-se deslizar no xisto solto, quase não conseguindo manter-se de pé. Quando chegou ao fundo, não perdeu tempo a examinar as vacas. Os rastros que encontrou na terra macia perto do gado morto indicavam sem margem para dúvidas a presença de um urso.

Mal podia acreditar no que estava a ver. Os ursos pretos não faziam aquilo. Eram carnívoros, sim, e ocasionalmente matavam quando tinham fome, mas, de um modo geral, eram criaturas oportunistas, sendo mais provável que se aproveitassem de animais já mortos, larvas ou vegetação e bagas. Durante a sua vida, Ryan ouvira falar de ursos que matavam uma vaca de vez em quando, e sempre para se alimentarem.

Todavia, não podia negar o que tinha diante dos olhos. A avaliar pelas pegadas, era um urso grande. Geralmente, os ursos pretos que atascavam sozinhos e de forma aleatória eram machos jovens. Um macho mais velho raramente atacava sem provocação, e uma fêmea só o fazia se as suas crias fossem ameaçadas.

Ryan sentiu um arrepio descer-lhe pela coluna. A vaca ferida que tinham visto a fugir no bosque tinha, sem dúvida, escapado àquela matança. Não tinham passado mais de vinte minutos. As mortes eram recentes e não eram o produto de um carnívoro esfomeado, que atacasse para conseguir comida. O urso não comeria nenhuma das vacas. Não. Aquilo fora um frenesim assassino, aqueles animais tinham sido mortos por puro prazer.

Aquela ideia fez com que Ryan comesse imediatamente a subir a encosta. *Bethany*. Tinha-a deixado sentada naquele prado sem nada com que se defender. O revólver de calibre .22 apenas deixaria um urso furioso. Nunca o abateria.

Estava a ofegar com o esforço e coberto de suores frios quando chegou ao cavalo. Porque sabia que não podia perder tempo a voltar para junto de *Bethany*, guardou a espingarda para ter as duas mãos livres.

Bethany. Ela estava a cortar salame e queijo quando ele a deixara. Um urso era capaz de cheirar comida a mais de um quilómetro de distância.

Ryan cravou os calcanhares nos flancos de *Bucky* e partiu a galope. O terreno era difícil e ele sabia que não seria preciso muito para lesionar o cavalo se continuasse aquela velocidade. Mas tinha de ser. Se tivesse de escolher entre a sua montada e a sua mulher, sacrificaria o cavalo sem qualquer hesitação.

«Por favor, Deus.» A prece silenciosa rodopiava na sua mente. Obrigou *Bucky* a correr ainda mais depressa, com medo de que o urso pudesse cortar caminho pelo prado. *Bethany* estava tão indefesa. Nem sequer podia tentar fugir.

Quando Ryan chegou à orla do prado sentiu um alívio que nunca sentira em toda a sua vida. *Bethany* estava sentada debaixo do pinheiro, exactamente onde ele a deixara. Ela viu-o e acenou. Ryan abrandou o passo. Ela estava bem, graças a Deus. Agora, estava suficientemente perto para abater um urso com a espingarda antes que ele pudesse aproximar-se dela.

Bethany reparou que o cavalo respirava com dificuldade e perguntou-lhe:

— Encontraste-a? Está tudo bem?

— Não, não fui atrás dela. — Ryan estudou as vertentes que rodeavam o prado. Não queria assustá-la, mas também não lhe queria mentir.

— Era um urso, querida. Tens de arrumar a comida toda. Fecha bem tudo. Não quero que apareçam visitas que não convidamos.

— Viste um urso? — Ela parecia estar deliciada. — O máximo. Talvez o consigamos ver outra vez. Não vejo um urso preto há séculos.

— A população aumentou substancialmente nos últimos anos. A legislação destinada a proteger os pumas também acabou por favorecê-los. — Deteve *Bucky* ao lado de *Wink* e do cavalo de carga. Assim que desmontou, retirou a espingarda do estojo como medida de segurança. Não

queria ser apanhado desprevenido. — Não vi o urso. Apenas uma série de vestígios muito recentes.

Quando ela o viu aproximar-se com a espingarda no braço, o seu sorriso desapareceu. Depois de um longo momento a tentar olhá-lo nos olhos, perguntou:

— Oh, Ryan... o que é que se passa? Ele olhou novamente em redor.

— Não te quero assustar, querida. Mas isto não é um urso normal. Ele passou-se.

— O quê? — perguntou ela com uma voz trémula e incrédula, a rir.

— O que é que queres dizer com isso? Passou-se como? Ryan olhou para ela.

— Aquela vaca que nos vimos? Tinha sido atacada. — Apontou com a cabeça. — A pouco mais de um quilómetro para leste, há uma ravina onde as vacas gostam de ir beber. Vertentes íngremes de xisto de ambos os lados. Não é uma bolsa, mas quase, o que lhes dificulta a saída. O urso deve tê-las apanhado de surpresa. Não perdi tempo a contar as cabeças, mas diria que pelo menos dez estão mortas.

— *O quê?* Achas que um urso preto matou dez vacas? Isso é uma loucura, Ryan. Os ursos pretos não fazem isso. Um pardo, talvez, mas não um urso preto do Oregon.

Ryan começou a sentir novamente um formigueiro na nuca.

— Ele é grande e velho. As pessoas passam-se. Porque não um urso? — Encostou a espingarda a árvore ao lado dela. — És tão boa com uma caçadeira como com um revólver?

Ela estava a olhar por cima do ombro.

— Já lá vai muito tempo. Eu tinha uma pontaria razoável com uma espingarda. Mas, agora, não posso garantir nada.

Ryan indicou-lhe a arma com um inclinar da cabeça.

— Mantém os olhos bem abertos enquanto eu selo a *Wink*. Vamos sair já daqui. — Olhou para o cesto. Ela tinha guardado a pistola e o coldre lá dentro. — Fecha o salame numa caixa. Um urso é capaz de cheirar comida a grandes distâncias. Não quero surpresas.

Ryan aprestou a égua rapidamente. Quando foi buscar Bethany, viu-se obrigado a sorrir. Ela estava a fazer exactamente o que ele lhe dissera, com os olhos colados nas encostas em redor, uma mão poisada no cabo da espingarda para o caso de ter de disparar. Podia não conseguir andar, pensou Ryan, mas não havia ninguém em quem ele confiasse mais para lhe proteger a retaguarda.

Curvou-se para a retirar da cadeira.

— Vou deixar-te na sela e depois venho buscar a espingarda e o resto. Ela abraçou-lhe o pescoço enquanto Ryan a levava.

— Estás mesmo preocupado.

— Nunca tinha visto nada como aquilo — admitiu ele. — Fiquei com o sangue gelado e completamente apavorado. Eu ali tão longe, só esperava que tu estivesses bem.

— Oh, Ryan. Eu tinha a arma que me deixaste. Estava bem. Ele semicerrou um olho.

— Essa pistola não tinha impedido um urso grande como aquele. Acredita, eu sei...

Grrrraaauurrr!

O som vinha de trás deles. Ainda a meio do caminho até aos cavalos, Ryan voltou-se para ver o que era. Quando viu o urso a correr direito a eles, o seu coração parou, dando-lhe a sensação de ter um pedaço de gelo pendurado no peito. O animal era enorme e corria com uma velocidade incrível — a gordura e o pelo abanando com cada impacto das patas no solo. *Grrrraaauurrr!*

— Oh, meu Deus — gritou Bethany. — *Oh, meu Deus!*

Ryan olhou freneticamente para a espingarda encostada ao tronco do pinheiro apenas a alguns passos deles, onde a deixara para poder levar Bethany até à égua. Se a poisasse no chão, talvez pudesse alcançar a arma antes de o urso o apanhar. Mas era muito provável que o animal não se desviasse, investindo cegamente. Se isso acontecesse, atacaria Bethany antes de Ryan ter tempo de disparar. E também poderia passar algum tempo depois de disparar. Era sabido que os ursos não costumavam tombar imediatamente.

Bethany podia morrer.

Ryan tinha de tomar uma decisão, e, para ele, não tinha escolha possível. Poisou Bethany no chão exactamente no local onde estavam e enfrentou o urso sem uma arma.

Naquela fracção de segundo antes de a criatura enorme os alcançar, a sua mente rodopiou com pedaços desconexos de informação que ouvira durante anos a respeito dos ursos pretos, a mais pertinente sendo que eles por vezes desistiam se a pessoa fizesse por parecer o maior possível e assumisse um comportamento agressivo. Colocou-se entre Bethany e o urso, abriu os braços e berrou o mais alto que conseguiu. Mas o urso não parou.

— Sai daqui! — berrou ele novamente. Desta vez, deu alguns passos em frente, pensando enquanto o fazia se teria perdido completamente o juízo. — Grrraauurr! — gritou ele, tentando imitar o rugido feroz do animal.

— Ryan! — gritou Bethany. — Foge. Sai daqui!

O urso apanhou-o. Ryan sentiu-se como se tivesse sido atingido por uma locomotiva. Os seus pés perderam o contacto com o solo e ele e o urso pareceram levantar voo. Ao longe, ouviu os gritos de Bethany. *Dor*. Uma vaga vermelha que lhe inundava a mente.

— A espingarda! — conseguiu ele gritar. — Pelo amor de Deus, a espingarda!

Ryan sempre ouvira dizer que o melhor era fazer-se de morto caso um urso o atacasse. Sentiu o filho da puta morder-lhe a anca. Sentiu os ossos a partirem-se como giz sob a força das suas mandíbulas. Como é que um homem podia fazer-se de morto quando o seu corpo estava a explodir de agonia? Ryan gritou. Era impossível calar-se. Gritou como se estivesse a ser torturado, os membros arrancados um a um.

Talvez fosse isso mesmo que estava a acontecer... Passaram-lhe pela mente imagens das vacas estropiadas. *Bethany*. O urso iria atrás dela depois. Cego de dor, Ryan obrigou o seu corpo a descontraírem-se e virou-se de barriga para baixo, procurando a faca que tinha presa ao cinto. Seria praticamente o mesmo do que espetar um palito num hipopótamo, mas era a única arma de que dispunha.

A espingarda. A espingarda. A espingarda.

Bethany arrastou-se até à árvore, o seu olhar fixo na arma. Ouvia Ryan a gritar. «Meu Deus.» Ele podia ter escapado se tivesse corrido. Mas, não. Metera-se entre ela e o urso, e agora — «meu Deus, meu Deus» — estava a morrer por ela.

«Não, não, não, *nãaao*. Agarrou-se desvairadamente à erva, arrastando-se pelo chão um centímetro de cada vez. Inútil. Ela era uma inútil. A morrer. Ryan estava a morrer. E ela arrastava-se de barriga para baixo como uma lesma, incapaz de fazer fosse o que fosse para o ajudar.

Quando finalmente chegou junto da árvore, Bethany sentia-se como se um milhar de eternidades tivesse passado. Agarrou na arma, conseguiu sentar-se e apoiou as costas no tronco. Inspirou... expirou. O som dos seus pulmões ecoava contra os tímpanos. Cada bombada de sangue parecia uma explosão no interior do seu cérebro. *Ryan*. Puxou a segurança da espingarda, introduziu um cartucho e apoiou o cabo no ombro.

O urso estava a triturar Ryan. A atirá-lo de um lado para o outro como se fosse uma boneca de trapos. Sempre que Bethany se preparava para disparar, perdia a coragem, com medo de atingir Ryan. «Por favor, meu Deus.» Ela tinha de acertar.

Mas a oportunidade não surgiu. O urso estava frenético. Bethany apercebeu-se de que tinha mesmo de disparar. Assestou a mira no urso, recusando-se a pensar que Ryan poderia ficar na linha de fogo. Inspirou, susteve a respiração e premiu o gatilho. *Bang!* O coice da arma atirou-lhe a coluna contra o tronco.

O urso berrou de fúria e voltou-se para ela, empinando-se nas patas traseiras. *Grrraauuurr!* O som foi medonho, quase parecendo humano. Bethany introduziu mais um cartucho e apontou. Antes que pudesse disparar, o urso largou a fugir.

A soluçar e gritando o nome de Ryan, Bethany arrastou-se até ele. *Sangue*. Ela nunca vira tanto sangue. Ele só podia estar morto. Empurrava a arma à frente dela enquanto se arrastava pelo chão, sabendo que precisaria dela se o urso voltasse atrás. *Ryan*. Amava-o tanto. «Por favor, Deus.» Ele não podia estar morto.

Quando finalmente o alcançou, ele murmurou qualquer coisa e abriu os olhos. Esferas azuis,

rodeadas por estrias vermelhas. Ryan sorriu-lhe.

— Acertaste no filho da puta?

— Não sei — respondeu ela a soluçar. — Meu Deus, Ryan. Tu estás ferido. Muito ferido.

— Não me digas! Ele apanhou-me a anca. — Pestanejou e olhou para ela durante um momento. — Bethany, eu... Não largues a arma, querida. Não deixes que aquele estupor te faça mal. Foi tudo o que ele disse; depois, perdeu os sentidos.

Rezando sem saber o que fazer, Bethany conseguiu sentar-se. Começou a inspeccionar o corpo dele, sabendo que tinha de descobrir os ferimentos mais graves e deter a hemorragia. Olhou primeiro para a anca. Quase vomitou. Começou a chorar, mas obrigou-se a parar. Nada de histeria. Tinha de manter a cabeça fria. Fazer o que tinha de ser feito.

Desembaraçou-se dos sapatos para conseguir tirar as meias. Depois, despiu a blusa e o *soutien*. Enchimento. Tinha de proteger as feridas e depois apertá-las bem para parar a hemorragia.

Enquanto trabalhava, não parava de rezar, negociando com Deus: «Por favor, deixa-o viver e eu juro, nunca mais volto a sair. A culpa foi minha. Não tinha de vir com ele para uma zona como esta. Ele tinha ido buscar a espingarda se não fosse por mim. Por favor, deixa-o viver. Por favor, por favor, por favor.»

Depois de fazer tudo o que podia para estancar a hemorragia, agarrou no telemóvel dele. Quase perdeu o juízo quando viu que estava esmagado. O urso inutilizara-o quando mordera a anca de Ryan. Mesmo assim, tentou marcar um número. O telefone não funcionava. Era tão inútil quanto ela.

Bethany não tinha tempo a perder. Precisava de ajuda. Tinha de usar a cabeça. Olhou para os cavalos. Não tinha como conseguir montar qualquer um deles sozinha, quanto mais içar um homem ferido para uma sela. Mas aqueles cavalos continuavam a ser a sua única esperança.

Sempre agarrada à espingarda, exactamente como Ryan lhe dissera, Bethany arrastou-se até as montadas. Os três animais estavam apavorados e empinavam-se nervosamente. Enquanto se aproximava, não tirava os olhos dos cascos, rezando para que nenhum deles a pisasse. Era-lhe indiferente. Precisava de ajuda para Ryan. Ele morria se ela não conseguisse.

Bucky era a sua melhor hipótese, decidiu ela. O cavalo de carga estava demasiado carregado para ser rápido e *Wink* não passara muito tempo no Rocking K. Era provável que *Bucky* tivesse percorrido muitas vezes aqueles trilhos de montanha com Ryan, e, se ela o libertasse, saberia como voltar.

Milagrosamente, o cavalo parou assim que Bethany se aproximou dos seus cascos. As lágrimas quase a cegavam.

— És um lindo menino — disse-lhe ela com voz trémula. Antes de desamarrear as rédeas do cavalo, Bethany sentou-se e esfregou os braços ensanguentados no peito dele, rezando para que quem quer que fosse que o encontrasse reparasse nas manchas vermelhas no pelo acastanhado. — Tens de ir para casa, *Bucky*. O mais depressa que puderes, vai para casa.

Ela desamarrou-lhe as rédeas.

— Vai! — gritou ela. — Ha! Ha! Daqui p'ra fora! Vai! — Deu uma palmada no peito do cavalo. — Ha!

Assustado pelo ataque do urso, *Bucky* já estava suficientemente nervoso e não precisou de mais incentivos. Deu meia volta e partiu a galope. Enquanto olhava para ele, Bethany rezava em silêncio, pedindo que ele fosse direito para o rancho e que estivesse lá alguém para o ver quando chegasse.

Assim que Sly viu o cavalo de Ryan entrar no estábulo sem o seu cavaleiro, soube que algo estava errado. Entrou imediatamente em contacto com Rafe.

— Temos problemas, rapaz. É melhor vires cá.

Rafe demorou cinco minutos. Examinou *Bucky*, viu o que parecia ser sangue no peito do cavalo e praguejou entre dentes.

— Aconteceu alguma coisa. Um deles está gravemente ferido. Sly já chegara à mesma

conclusão e começara a selar os cavalos.

— Achas que devia telefonar aos irmãos da Bethany? Vamos precisar de todos os homens que pudermos se vamos tentar encontrá-los.

Rafe assentiu.

— Eu trato disso, Sly. Se puderes acabar de selar os cavalos, agradeço.

— Quantos? — perguntou o capataz quando Rafe já se dirigia para o escritório do estábulo.

— Ela tem três irmãos aqui na cidade. Acho que hão-de aparecer todos. Cinco montadas para nós, acho eu, e uma sobressalente para o Ryan, visto que a dele está aqui. — Rafe parou e olhou para Sly com uma expressão vazia. — Pede a Deus que ele esteja vivo e que precise de um cavalo. Aquilo é muito sangue no *Bucky*.

— Pensamentos positivos, rapaz. O Ryan é esperto. Conhece as montanhas como as palmas das mãos. Ele está bem.

Rafe assentiu e abriu a porta do escritório.

Os uivos dos coiotes não eram tão belos quando uma mulher estava sozinha na escuridão, a rezar com todas as suas forças para que o homem que ela amava se agarrasse à vida durante mais algum tempo. Bethany estava sentada com a cabeça de Ryan poisada no colo. Ele recuperara os sentidos algumas vezes. Apenas por pouco tempo. Alguns momentos de lucidez para quebrar uma eternidade de solidão...

Em todas elas, apenas parecera preocupado com ela.

— Bethany — coaxou ele na primeira. — Querida, não largues essa espingarda e não te deixes adormecer. É muito provável que uma bala não tenha acabado com aquele estupor e ele pode voltar.

— Eu não adormeço, Ryan. Não te preocupes. Prometo, eu não adormeço.

Ele desmaiou de novo. Quando voltou a acordar, parecia mais calmo. Ou estaria apenas mais fraco? Bethany sentiu o seu coração torcer-se e apeteceu-lhe gritar quando olhou para os olhos dele.

— Há uma canção — murmurou ele. — Do Garth Brooks, acho eu. Um homem a pensar se ela sabe... a pensar se terá feito o suficiente.

Bethany tocou-lhe com os dedos nos lábios e soluçou, incapaz de imaginar qual a relação que uma canção poderia ter fosse com o que fosse.

— Poupa as tuas forças. Não tentes falar.

— Tenho de falar. É importante. — Ele engoliu e olhou para o céu. — Se eu não voltar a acordar, quero que tu saibas.

— Que eu saiba o quê?

— O quanto eu te... — fechou os olhos. — O quanto eu te amo. Voltou a desmaiar. Bethany soluçou e abraçou-o com força, baloiçando-se desvairadamente.

— Eu sei, Ryan. Como é que podia não saber? Eu sei... Quando recuperou mais uma vez os sentidos, Ryan disse:

— Ele vai voltar. Às vezes, eles voltam. Não largues a espingarda, fica preparada.

— Sim. Ela está aqui ao meu lado. Eu abato aquele filho da puta. Podes ter a certeza.

Os dentes dele brilharam num sorriso fraco, o rosto pálido e com um aspecto macilento sob o luar, marcado por linhas de sangue seco.

— Nunca te ouvi praguejar. Quem havia de dizer.

— Neste instante, era capaz de te ensinar uns quantos palavrões. Ele sorriu de novo.

— Já me ensinaste muito, querida. — Olhou para ela. Depois, os seus olhos pareceram desfocar-se. — Foi bom — murmurou. — Foi... tudo. Percebes?

Ela assentiu.

— Eu sei, Ryan. Eu sei o quanto me amas. Quase tanto como eu te amo a ti, acho eu.

A cara dele contorceu-se de dor. As pálpebras estremeceram e fecharam-se.

— Bethany? — murmurou ele debilmente.

— Sim?

— Acho que não... — engoliu e tentou respirar fundo. — Acho que não consigo aguentar-me muito mais tempo.

— Eu aguento por ti. Descansa, Ryan. Amo-te tanto. Não me podes deixar.

Quando ele voltou a recuperar a consciência, estava ainda mais fraco. Não perdeu tempo com palavras desnecessárias:

— O Rafe. Os meus pais. Diz-lhes. Trocamos votos. Quero que fiques com o rancho.

Como se isso interessasse a Bethany. As lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

— Estou-me a borrifar para o teu dinheiro, Ryan. Nem sequer penses nisso.

— Não estou a falar do dinheiro — conseguiu ele dizer. — O rancho. O céu no teu quintal. Tens de ficar, Bethany. Tu e a *Wink*. Com a minha família. Prometes?

— Tu vais-te safar, Ryan. Tens de te safar. Percebeste? Eu mandei o *Bucky* de volta. Não tarda, temos ajuda. Só tens de te aguentar mais um pouco.

— Não consigo — sussurrou ele. — Promete-me que ficas. Tenho de saber isso.

— Prometo. Eu fico lá, Ryan. Com o céu no meu quintal. Prometo. Ryan perdeu os sentidos.

Bethany verificava-lhe constantemente a pulsação. Estava fraca. As batidas tinham-se tornado tão ténues que mal as conseguia sentir, com um intervalo entre elas que mais parecia uma eternidade. Ele estava a perder as forças, o sangue a esvaír-se lentamente.

Uma quietude terrível abateu-se sobre ela enquanto lhe segurava a cabeça contra os seios nus. *Ryan*. Teria sido tudo um sonho? Um sonho magnífico condenado a ter um fim, como todos os sonhos?

A Lua encontrava-se no seu zénite quando Bethany pensou ter ouvido a voz de Jake a chamá-la. Levantou a cabeça e olhou estupidamente através das trevas prateadas pelo luar, pensando se teria adormecido e estivera a sonhar.

— Bethanyyyy! Bethanyyyyyyyyyyy!

O seu coração animou-se com nova esperança.

— Jake? Estamos aqui! Aqui! Jake!

Viu luzes. *Luzes de lanternas*. O que parecia ser uma dúzia delas, baloiçando na escuridão. Abraçou os ombros inertes de Ryan e cobriu-lhe a cara de beijos.

— Conseguieste! Eles vieram. Mesmo a tempo, mas vieram. Tu conseguiste!

Enquanto Bethany dizia estas palavras, pensava se estaria a mentir a si própria. Ele estava tão fraco. Por muito que o amasse, por vezes, o amor simplesmente não era o suficiente.

Pesadelos. Bethany sonhou com helicópteros. Completamente bizarro. Com Ryan e helicópteros? Ele referira uma vez que o *Rocking K* tinha uma pista de aterragem, mas nunca lhe dissera que tinha um helicóptero. Não obstante, sonhou que estavam a voar. Sorriu, tentando recuperar a consciência. Ela e Ryan, a voar. Só os dois, a levantar voo, juntos. Escuridão. Luzes perturbadoras à volta deles. O ruído ensurdecido das pás de um helicóptero.

Nos seus sonhos, Ryan estava presente, e também o irmão e o pai dele. Ela não parava de tentar dizer-lhes que a multa era de dez dólares por cada palavrão, mas, de algum modo, não conseguia fazer com que o cérebro e a boca funcionassem.

— Está tudo bem, Bethie — ouviu ela Jake murmurar. — Portaste-te bem, querida. Vai ficar tudo bem.

Bethany estava gelada, todavia, sentia-se como se tivesse a pele em chamas. Entrava e saía das trevas, mergulhando profundamente num sono exausto num instante, acordando no seguinte para ver rostos que giravam à sua volta. Os pais dela, Jake e os outros quatro irmãos. Todos os que ela amava pareciam estar ali.

Todos menos Ryan.

Quando Bethany finalmente acordou, repousada e lúcida, a meio da noite, apenas Jake estava sentado ao lado da sua cama no hospital. Olhou para aquela cara morena durante um longo momento, recordando-se das inúmeras vezes em que ele estivera com ela, exactamente daquela

maneira, oito anos antes. Naquela altura, fora sempre ele quem lhe contara as más notícias mais recentes — que ela continuava paralisada depois da última operação e que provavelmente não voltaria a andar. Pobre Jake, sempre o escolhido para portador de más novas. Bethany rezou para que agora não fosse o caso.

— O Ryan? Por favor, diz-me que ele está bem — murmurou ela. Os olhos de Jake pareciam doer de tristeza.

— Ele ainda está vivo — disse-lhe ele.

Ainda estava vivo? Não que ele estava bem. Nem sequer que estava razoável.

— O que é que isso quer dizer? — Tentou soerguer-se sobre os cotovelos e gritou imediatamente com a dor. O tronco ardia-lhe com o menor movimento. — Meu Deus!

— Tens uma queimadura grave por teres estado tanto tempo ao sol, querida. Sem roupa para proteger a pele. Quando te encontramos, estavas frita e a tremer com hipotermia.

Bethany registou a informação para posterior análise e afastou a dor. Era um truque que aprendera há muito tempo, como ignorar a dor. Quando fazia parte da vida quotidiana, não havia outro remédio senão viver com ela.

— O Ryan. Diz-me como e que ele está, Jake. Não doures a pílula. Tenho de saber como ele está.

Jake suspirou e passou uma mão pelo cabelo negro.

— Não está bem. Uma anca esmagada, três costelas partidas e algumas feridas muito graves, Bethany. Perdeu muito sangue. Fizeram uma transfusão directa, usando o sangue do Rafe.

O terror percorreu-a.

— Mas ele... ele está aqui no hospital. Certo? Eles tratam dele, e ele fica bom.

Jake fechou os olhos durante um momento. Quando voltou a abri-los, Bethany soube a verdade antes que ele a dissesse em voz alta.

— Ele está a aguentar-se, querida. Foi uma noite difícil. Por um fio. Os médicos... — engoliu em seco e encolheu os ombros.

Ver o irmão a tentar controlar as suas emoções fez com que Bethany percebesse quão grave era o estado de Ryan e deixou-a ainda mais amedrontada.

— Ele pôs-se entre mim e o urso. Podia ter fugido. Tentar salvar-se. Mas protegeu-me.

Jake assentiu.

— Foi o que eu imaginei.

— Ele não pode... morrer. Não pode. Não agora que está no hospital. — O seu tom de voz subiu. — Ele não pode *morrer*. Nem te atrevas a dizer-me isso! Nem te atrevas!

— Lamento, querida. Lamento imenso. Eles fizeram tudo o que podiam. Ele está demasiado fraco para se submeter a uma intervenção cirúrgica. Está na UCI. Os médicos dizem que se conseguir sobreviver a esta noite, está safo.

— Se? — Bethany começou a empurrar os cobertores. — Leva-me para lá.

— Bethany, querida... tu também não estás em muito bom estado. Não devias...

— Leva-me para lá!

Jake percebeu que ela estava a falar a sério. Transferiu-a da cama para uma cadeira de rodas do hospital, tapou-lhe as pernas com um cobertor e levou-a até à UCI.

Três dias depois, Bethany estava sentada junto à cama de Ryan no hospital, a olhar para as suas feições inertes. Ainda fortemente medicado por causa das dores, dormia profundamente, inconsciente do que se passava à sua volta. Um corte irregular e vermelho estendia-se sobre uma das faces encovadas. Ela sabia que deixaria uma cicatriz naquela cara tão bonita, todas as linhas da qual se encontravam gravadas no seu coração. Como desejava poder beijá-lo. Tocá-lo. Mas estava presa na sua cadeira de rodas e não conseguia alcançá-lo.

Os médicos disseram que ele ia sobreviver, que o perigo tinha passado. Submetera-se a uma operação à anca. As outras feridas acabariam por sarar com o tempo. Talvez ficasse a coxear. Mas ia sobreviver.

Bethany estava tão contente. Tão, tão contente. Durante as últimas vinte e quatro horas, chorara o suficiente para provocar uma cheia.

Ann Kendrick entrou no quarto. Deu a volta e parou do outro lado da cama do filho. Depois de lhe levar uma mão à testa como o fazem todas as mães, fixou um par de olhos cinzentos e tristes em Bethany.

— Ele nunca há-de aceitar, sabes? Vai ter um desgosto, Bethany, e talvez nunca te perdoe. Eu conheço o meu filho.

Bethany não tirava os olhos do seu colo. Não contara a Ann nem a ninguém a sua decisão, mas não ficou surpreendida ao perceber que a mãe de Ryan adivinhara. Ela parecia ser uma mulher intuitiva.

Encontrou forças para a olhar nos olhos.

— Mas a Ann percebe?

Os olhos de Ann assumiram um brilho suspeito. Olhou durante um longo momento para o filho.

— Sim, percebo — admitiu ela em voz baixa. — É provável que ele nunca me perdoe por te dizer isto. Eu devia negá-lo, mas, sim, percebo.

— Alisou o cabelo do filho com uma mão trémula. — Se estivesse no teu lugar, era capaz de fazer exactamente o mesmo. Os Kendricks dão excelentes maridos. Amam apaixonadamente com todo o coração, toda a alma, e tratam uma mulher como uma rainha. Mas, por mais maravilhoso que possa ser, ser amada assim representa também uma responsabilidade terrível para uma mulher, especialmente para alguém como tu.

— Um fardo terrível — concordou Bethany.

— Quem me dera poder dizer-te que ele nunca mais se lançaria no caminho do perigo por tua causa. Eu sei que isto é tão difícil para ti como será para ele. Mas, infelizmente, não posso. Não podemos saber como seria a próxima vez. Um cavalo assustado ou um touro treloucado.

— Ela encolheu os ombros e sorriu com os olhos cheios de lágrimas. — Num rancho, nunca sabemos, a única certeza sendo que ele correria a proteger-te e poderia magoar-se.

Bethany ficou tão aliviada por não ter de explicar os seus motivos:

— Oh, Ann, obrigada. Por entender, quero eu dizer. Custa-me tanto deixá-lo.

— Também me custa deixar-te partir sem defender o lado dele, considerando que ele não pode fazê-lo por si neste momento. — Ann passou um dedo pelo tabuleiro ao lado da cama de Ryan. — Se ele estivesse acordado, dizia-te o quanto te ama e que preferia estar morto a viver sem ti.

Bethany fechou os olhos. Sabia que aquilo era exactamente o que Ryan diria, mas ouvir Ann dizer-lo em voz alta era pior do que apenas nos seus pensamentos.

— Amando-o como tu o amas, Bethany, espero que tenhas considerado o problema sob todos os aspectos e que saibas com toda a certeza que não há outra solução. Eu estava a falar a sério quando te disse que ele talvez nunca te perdoe. Vai ficar tão magoado com isto. Tenho a certeza de que sabes isso. — Suspirou e abanou a cabeça. — Desculpa-me por me meter onde não sou chamada. A decisão é tua e eu não devia interferir. É só que não sei se ele te aceita de volta se mudares de ideias mais tarde. Não seria justo se eu te deixasse ir sem te dizer isto.

— Eu não vou mudar de ideias. — Bethany tentou não olhar para Ryan. — Na véspera antes daquilo acontecer, nos, hmm... trocamos votos matrimoniais na Bear Creek Ridge. Só ele e eu, com Deus como única testemunha. Uma das minhas promessas foi que tentaria amá-lo mais do que a mim mesma. Estou a tentar cumprir essa promessa.

— Oh, querida...

— Se eu ficar no rancho, a única forma que tenho de evitar que ele volte a correr riscos por causa de mim é manter-me completamente longe dos animais. Isso não seria um casamento, Ann. Ele precisa de alguém que partilhe a sua vida, alguém que possa trabalhar ao lado dele e sonhar com ele.

— Eu sei — concordou Ann com uma expressão vazia.

— Vocês todos esforçaram-se tanto para que isso fosse possível para mim — murmurou Bethany. — Nunca saberão o quanto vos estou grata. Mas não sou capaz. Não sou. Por mais que queira, nunca voltarei a ser como era, e o meu egoísmo quase o matou.

— Oh, Bethany... — Ann respirou fundo. — Ainda estás muito transtornada, querida, e podes não estar a pensar com clareza. Porque não esperas mais alguns dias? Precisas de tempo para te distanciar do que aconteceu nas montanhas. Tempo para deixar que aquele horror se torne menos vivido. Talvez então te sintas mais calma e vejas as coisas de forma diferente.

Bethany abanou a cabeça e saiu do quarto. Ann foi atrás dela, as botas de montar ressoando na tijoleira bem encerada.

— Se eu esperar, não vou — disse-lhe Bethany. — Amo-o tanto. Seria tão fácil começar a mentir a mim mesma e inventar razões para ficar. E, no fim, acabava por ficar.

— Exactamente — disse Ann com uma gargalhada sem humor. — É essa a minha esperança.

Bethany parou.

— A sério? A Ann não estava lá. Não viu o urso atacar. Está a pensar claramente neste momento. Olhe-me nos olhos e diga-me que não me vai culpar se o Ryan acabar morto ao tentar proteger-me de um perigo que eu poderia ter evitado. É capaz de dizer-me isso? — Bethany esperou apenas um instante. — A verdade, e, por favor, não responda levianamente. Imagine-se, ao lado da campá dele. O que é que sentiria quando olhasse para mim, Ann?

A cara de Ann perdeu a cor. Não disse nada, mas Bethany não precisava de outra resposta.

Deixou Ann Kendrick de pé no meio do corredor e não olhou para trás. Alguns minutos depois, quando saiu do hospital, nunca se sentira tão sozinha em toda a sua vida.

Capítulo Vinte e Dois

Seis semanas depois, Ryan estacionou a sua carrinha poeirenta ao lado de um curral junto à casa de Rafe. Quando saiu do veículo e começou a calçar um par de luvas de cabedal sujas, o seu pai acenou-lhe do interior do pequeno recinto onde ele, Rafe e Sly estavam a cortar os chifres a um touro.

— Parece-me que estás a preparar-te para ir trabalhar! — disse Keefe. — Tens a certeza de que estás pronto para isto?

— Não posso ficar eternamente sentado sem fazer nada — respondeu Ryan enquanto se aproximava da cerca a coxear. — Estou farto de olhar para as paredes. Está na altura de voltar ao mundo dos vivos.

Keefe aproximou-se da cerca, observando enquanto o filho fazia um esforço para escalar as travessas de madeira.

— Estou a ver que isso ainda te incomoda.

— Nada que não melhore com o uso. — Ryan saltou para o interior do curral. — O dia está demasiado bonito para ficar em casa.

Keefe sorriu e olhou para o céu com os olhos franzidos.

— Não há nada como uma manhã de Verão para nos pôr o sangue a correr. Custa a acreditar que já estamos quase em Agosto. Quando dermos por isso, a neve já cá está.

Ryan obrigou-se a rir. Ultimamente, um riso forçado era o melhor que conseguia. Faltava-lhe a vontade. Mas isso havia de passar. Os quatro irmãos mais novos de Bethany tinham perseguido o urso renegado e tinham-no abatido. A operação para reparar os danos na anca corra bastante bem e, com o tempo, ele apenas teria um ligeiro coxear para lhe recordar aquele dia. Quanto ao caos em que a sua vida se tornara, os Kendricks eram sobreviventes. Com o tempo, a dor diminuiria.

Sim. Ela que se lixasse. Que tudo se lixasse. Ele seguiria em frente. A cara dela acabaria por desfocar-se na sua memória e ele já nem se lembraria da cor dos olhos dela. Com o tempo, deixaria

de sofrer.

Tempo. Era tudo o que ele precisava, mais algum tempo.

— A tua mãe disse-me que estás a encaixotar um monte de coisas para mandar à Bethany — disse Keefe.

Ryan sentiu um nó nas entranhas ao ouvir o nome dela.

— Sim. A passadeira de exercício, a cadeira de rodas todo-o-terreno, e outras coisas que não me servem para nada. Ela bem pode ficar com elas.

— Deve ter sido difícil, tomar essa decisão. Um passo decisivo, eliminá-la da tua vida.

Ryan encolheu os ombros.

— Não quero ter de olhar para aquelas coisas. Acho que mandar-lhas é mais um passo em direcção à cura para mim.

— Bem pensado, provavelmente. — Keefe suspirou. — Lamento, filho. Sei que estás a sofrer.

— Também dói eliminar um cancro. — Ryan respirou fundo.

— Isso é muito duro — disse Keefe em voz baixa.

— Sim, pois, mas é como eu me sinto. Fico melhor sem ela. Para o melhor e para o pior, foi o que combinamos. Ao primeiro contratempo, ela abandonou-me. Sem uma palavra, pai. Quase morri por causa dela. Acho que ela me devia uma despedida cara-a-cara. Não acha? Pelo menos, um bilhete ou qualquer coisa. Que se lixe. Dispensó a irritação e o desgosto. Ultrapassei a pior parte sem ela. Hei-de ultrapassar o resto e ainda fico melhor.

— Estou contigo. — Keefe olhou para as montanhas. Um canto da sua boca contorceu-se. — A cabra.

Ryan inteiriçou-se. Olhou para o chão durante um longo momento.

— Já não a amo — disse ele sem expressão. — Mas isso não lhe dá autorização para lhe chamar nomes.

Os olhos de Keefe começaram a brilhar e ele assentiu quase imperceptivelmente.

— Tens razão. É o pai a falar mais alto. Ela não merece. Peco desculpa, filho.

Ryan encolheu os ombros.

— Não tenho nada a ver com isso. Se lhe sabe bem, força. Keefe passou as costas da mão pela boca.

— Na. Eu excedi-me. Ela é uma querida. Nunca fez nada que merecesse que eu lhe chamasse nomes.

— Pois não.

— É uma pena que as coisas tenham acabado assim.

Ryan encolheu novamente os ombros. Keefe deixou-se ficar a ver Rafe e Sly a trabalhar durante mais algum tempo, os seus olhos ainda a brilhar.

— Coragem, filho. Ainda hás-de encontrar a mulher certa.

— Já a encontrei. Não resultou. Por mim, acabou-se.

— Vais mudar de ideias quando puseres os olhos na rapariga certa.

— Não.

Ryan não disse mais nada, mas aquela palavra era uma promessa.

— Sabes, filho, não que eu esteja a defendê-la nem nada, mas parece que a tua mãe acha que ela teve bons motivos. Quando a ouço, quase acredito. Mulheres. — Keefe abanou a cabeça. — As vezes, vêem as coisas de dentro para fora e de trás para diante, mas têm o coração no lugar certo. Só precisam que um homem lhes endireite a cabeça.

Ryan olhou para o pai com cara de poucos amigos.

— Não comece, pai. Se vai mudar de lado, guarde as suas ideias para si. Não estou interessado em ouvi-las.

— Não estou a mudar de lado. Hei-de estar sempre do teu. Sabes isso. Só que...

— A mãe tem estado a trabalhá-lo? Eu sei que ela tem pena de mim e que espera que eu vá atrás dela. Notícia de última hora: isso não vai acontecer. Ela tomou a sua decisão. No dia em que

eu for a correr para Portland para a cobrir de beijos e implorar que volte, o inferno há-de congelar. Fim de conversa.

Rafe acabou o trabalho. Quando estava a enxotar o touro para uma cerca anexa, viu o irmão e acenou-lhe. Um momento depois, atravessava o curral.

— Olá. Parece que estás pronto para a acção.

Keefe retirou do bolso da camisa os cigarros que raramente fumava. Com uma pancada seca, extraiu um *Winston*, os seus olhos estreitando-se ao ver o filho mais velho aproximar-se.

— Ele acabou de ficar maldispuesto. Basta dizer o nome dela e fica pior do que um porco-espinho.

— Ui, ui. — Rafe olhou para a expressão carrancuda do irmão com um sorriso. — Deve estar a sentir-se melhor e a ficar com os calores. Isso tem cura, maninho. Podes estar à porta dela em menos de três horas se infringires todos os limites de velocidade.

— Jesus Cristo. — Ryan arrancou o maço de tabaco e o isqueiro das mãos do pai. Os outros dois ficaram a olhar para ele surpreendidos enquanto acendia um cigarro e puxava o fumo. — Deixem-me em paz. — Devolveu o maço e o isqueiro. — Os dois. Não preciso disto.

Rafe riu-se.

— Ele está por um fio quando se vira para os cigarros. Já não demora. Ryan estava farto.

— Rafe, és meu irmão e gosto muito de ti. Mas, juro por Deus, se não te calas, vais comer este cigarro, aceso e tudo. Estamos entendidos?

Sly aproximou-se. Sorriu ao abrir a sua caixa de tabaco de mascar e introduziu um pedaço sob o lábio inferior.

— Pareces um urso pardo com uma pata ferida, rapaz.

Ryan inalou mais um pouco de fumo, atirou o cigarro para o chão e esmagou-o com o tacão.

— Vamos mas é trabalhar — rosnou ele.

— Tens a certeza de que estás preparado para os touros? — perguntou-lhe Sly. — O próximo é um que nos escapou no ano passado. É um matulão.

— Estou aqui, não estou? — Ryan abriu o portão para fazer entrar a próxima vítima, um grande touro negro com olhos selvagens. Trazido há pouco tempo das pastagens, o animal sentia-se nervoso na presença de seres humanos e começou a percorrer o cercado, à procura de um buraco por onde fugir. Ryan colocou o chapéu na cabeça. — Então, rapazes? — perguntou ele aos outros ires. — Vamos trabalhar ou preferem passar o resto do dia com um dedo enfiado no cu?

Todos suspiraram quando retomaram o trabalho. Passado pouco tempo, Sly já lacara o touro. Rafe saltou para ajudar a manobrar aquela criatura enorme, a qual não apreciava a presença de uma corda em redor do pescoço. Nada de extraordinário. Os touros criados nos pastos nunca reagiam bem.

Ryan agarrou no aparelho. Uma vez que ainda não estava completamente operacional depois da intervenção cirúrgica, tencionava não se aproximar enquanto o seu irmão e o capataz não tivesse o touro bem amarrado. Infelizmente, o animal tinha outras ideias. Atirou-se para a frente, Sly deixou fugir a corda e, quando Ryan deu por si, a criatura investia direita a ele.

Ryan largou imediatamente o aparelho e tentou saltar para fora do trajecto do animal, mas a anca ainda estava fraca e cedeu sob o peso do corpo. Ele cambaleou e caiu. Quando tentou levantar-se, a sua lentidão surpreendeu-o.

— Ha! — gritou Keefe.

Com um receio crescente, Ryan viu o seu pai meter-se entre ele e o touro. Keefe agitava o chapéu para afugentar a enorme criatura. O touro baixou a cabeça e continuou em frente.

— Pai! — gritou Ryan. — Saia já daí! Keefe não lhe deu ouvidos.

Nos horríveis segundos que se seguiram, o cérebro de Ryan parecia absorver tudo o que estava a acontecer em câmara lenta. Gritou novamente para que o seu pai se desviasse, arrastando-se ele próprio para tentar fugir. Então, aconteceu. O touro atingiu Keefe no plexo solar e continuou em frente, arrancando o pai de Ryan do chão e atirando-o violentamente contra a cerca do curral.

Na realidade, tudo aconteceu provavelmente em menos de um segundo, mas para Ryan

pareceu uma eternidade. O touro mugiu e afastou-se. Keefe caiu no chão, a sua cara cor de cinza, os olhos arregalados. Agarrou-se ao peito e tentou respirar.

«Meu Deus.» Ryan arrastou-se até ao seu pai. Freneticamente, procurou vestígios de sangue, pensando que o pai poderia ter sido atingido por um chifre. Quando não encontrou qualquer indício, calculou que talvez houvesse alguma costela partida. Keefe continuava agarrado ao peito. Os seus lábios estavam a ficar azuis.

Rafe e Sly chegaram entretanto. Rafe caiu de joelhos ao lado de Ryan.

— Pai? Meu Deus. Meu Deus. O coração dele. Pai, é o seu coração? — Rafe começou a revirar os bolsos do pai, à procura dos comprimidos de nitroglicerina. Quando encontrou o pequeno frasco, despejou um comprimido minúsculo na palma da mão e colocou-o debaixo da língua do pai. — Tente descontraí-lo, pai. Tente descontraí-lo.

Ryan poisou a cabeça do pai no seu colo. Imaginou Keefe a morrer. Estavam tão longe da cidade. Se o velhote estava a ter um ataque cardíaco, nunca conseguiriam levá-lo para um hospital a tempo. A culpa era dele. Toda dele. Nunca devia ter entrado no curral. Sabia que ainda não estava completamente recuperado. Não tinha nada de se colocar em situações arriscadas e obrigar os outros a enfrentarem as consequências. Agora, o seu pai tivera de intervir para o salvar e podia acabar por morrer.

Sly mantinha o touro afastado deles enquanto tentavam reanimar Keefe. Parecia que tinha passado uma eternidade quando o pai deles conseguiu finalmente recuperar o fôlego, deixando-se ficar deitado durante outra eternidade, repondo o nível de oxigénio.

— Não foi o meu coração — conseguiu ele dizer. — Eu é que fiquei sem fôlego.

O alívio deixou Ryan com a sensação de ter os ossos transformados em manteiga. Baixou a cabeça e deixou passar um longo momento enquanto ele próprio também recobrava o fôlego. *Raios*. Ver o seu pai ser colhido daquela maneira — fora o momento mais horrível da sua vida. Saber que fora ele o responsável. Saber que o seu pai podia ter morri-mo. Ryan não queria voltar a sentir-se assim. Aquela sensação terrível de uma culpa esmagadora e de um pavor imenso que lhe havia transformado o sangue em gelo.

Quando tudo já tinha passado e Keefe estava novamente de pé, Ryan ainda estava abalado. Saiu do curral e foi para a sua carrinha, incapaz de deixar de pensar que o resultado poderia ter sido muito pior. O touro podia ter ferido o seu pai com um dos chifres, ou até podia ter-lhe partido as costelas, perfurando um pulmão.

Ryan apoiou-se no pára-choques da sua *Dodge*, ombros descaídos, cabeça pendurada, o cérebro ocupado com tantas possibilidades igualmente assustadoras. Rafe aproximou-se e poisou-lhe uma mão no ombro.

— Então, mano. Tudo está bem quando acaba bem.

— Ele podia ter morrido — disse Ryan. — E a culpa tinha sido minha. Não devia ter entrado no curral. Devia saber que não podia pôr em risco a vida de outras pessoas. Quem não aguenta o calor, não se chega ao fogão.

Rafe suspirou e deu-lhe uma palmada nas costas.

— A vida está cheia de riscos. O Sly nunca deixou fugir uma corda em todos os anos que trabalhou para nós. Foi uma daquelas coisas. Provavelmente, não volta a acontecer. Temos sorte por não ter sido pior.

— Meu Deus — murmurou Ryan. — Não consigo parar de tremer, e acho que vou vomitar.

— É uma sensação desagradável, eu sei — disse Rafe em voz baixa. — Não há nada pior do que sentirmo-nos responsáveis quando alguém que amamos fica ferido. Pois não?

— Podes ter a certeza — concordou Ryan com uma voz trémula que nem parecia dele.

Rafe poisou os braços cruzados no pára-choques ao lado dos do irmão.

— Estranho como um lugar na primeira fila nos pode dar uma perspectiva diferente das coisas. Agora, já fazes uma vaga ideia do que a Bethany deve ter sentido.

Ao ouvir aquilo, Ryan levantou a cabeça. Olhou furioso para o irmão.

— Achas que sim?

Rafe olhou para os campos.

— Na. Tens razão. Não tem comparação, pois não? Passam-se cinco minutos e o nosso pai está de pé, são como um pêro. Não tenho dúvidas, ela sentiu-se um milhão de vezes pior. — Rafe olhou para o irmão com uma expressão dura. — E ainda deve sentir-se. Tu quase morreste. Ela manteve-te vivo durante horas. Imagina, Ryan. Ali sentada aquele tempo todo, a rezar para que sobrevivesses. Nua da cintura para cima, o teu sangue a única coisa que a cobria. Ficou tão frita pelo Sol que tiveram de a adormecer com uma injeção de analgésicos. Ali agarrada a ti, a fritar, quantas vezes deve ter pensado que ia vomitar? E sabes a melhor? Tu podes ter a esperança de ficar melhor. A anca há-de voltar ao lugar. Vais recuperar as tuas forças. Podes não ficar como novo, mas ficas lá perto, e há-de chegar o dia em que poderás retomar todas as tuas actividades sem colocar ninguém em risco. A Bethany não pode ter essa esperança. Há-de ser uma parálitica para o resto da vida.

Rafe afastou-se da carrinha. Não disse mais nada. Não era necessário.

Duas noites depois, exactamente às seis e meia, a campainha da porta de Bethany tocou. Nos dias antes de Ryan, ela talvez ficasse entusiasmada, pensando que era uma das amigas a convidá-la para uma das suas muitas actividades. Agora, limitou-se a suspirar, incapaz de encontrar qualquer entusiasmo por ter companhia. Não queria fazer nada que fosse divertido. Só queria que a deixassem em paz, a gozar as suas mágoas.

Atravessou o apartamento, o que não era fácil porque ainda não acabara de se instalar e tinha caixas por todo o lado. Debateu-se com o ferrolho, conseguiu puxá-lo e abriu a porta, até que a corrente grossa que Jake instalara no início da semana a travou. Através da frincha, viu um homem alto de cabelo escuro com calcas perfeitamente engomadas e um blusão castanho.

— Sim? O que deseja? — Apesar de ainda não lhe ter visto a cara, parecia respeitável, nunca um bandalho de cabelo roxo que a pudesse assaltar com uma pistola apontada à cabeça. Mesmo assim, sentiu relutância em abrir o fecho de segurança. — Não estou interessada em comprar nada. Lamento. Acabei de me mudar e...

O homem mudou de posição para que ela lhe pudesse ver a cara. Ela calou-se e ficou a olhar incredulamente para um par de olhos cintilantes, azul-aço.

— Olá, querida.

— Ryan!? — Com mãos trémulas, soltou a corrente e recuou para abrir a porta.

Com as mãos nos bolsos das calças, o corpo enganadoramente descontraído, ele avançou um mocassim italiano e encostou-se à ombreira. Intencionalmente ou não, conseguira evitar que ela voltasse a fechar a porta.

— Estás mesmo a precisar de um óculo. Não corrias o risco de abrir a porta a alguém que preferias não encontrar.

— Ryan — disse ela outra vez, a sua voz trémula.

Ele estava tão diferente que quase não o reconhecia. As calcas de ganga coçadas e as botas cobertas de pó tinham desaparecido. O cabelo na cabeça sem chapéu estava perfeitamente penteado. O vaqueiro sexy tinha desaparecido e um homem da cidade bem sucedido ocupara o seu lugar.

— Se estás aqui para tentar convencer-me a voltar para o rancho, perdeste a viagem.

— Não. Esse não é o meu objectivo. Não quero que voltes a tocar em nada no Rocking K.

Bethany ficou desiludida. Que estupidez. Mesmo que não tivesse qualquer intenção de ceder, uma parte dela desejava que ele, pelo menos, tentasse convencê-la a voltar. Tentou humedecer os lábios com uma língua que lhe parecia seca como algodão.

— Venho viver para cá — disse ele.

— Oh! — Bethany ficou a olhar para ele com uma expressão vazia. — O quê?

— Foi o que ouviste. Tenho de repetir? Bethany olhou-o nos olhos.

— Já te disse, Ryan. Acabou. Eu não...

— Para sempre — interrompeu-a ele. — Foi o que tu me disseste. — Entrou. — És minha. Não podes voltar atrás. Se não tens uma cama de casal, arranjamo-nos por esta noite e amanhã

compro uma.

Ele coxeava ligeiramente, reparou ela. Os seus movimentos também já não eram tão fluidos como anteriormente. Voltou-se para fechar a porta e depois passou o trinco com a corrente. Quando voltou a olhar para ela, brindou-a com aquele sorriso de esguelha que sempre lhe deixara o coração aos saltos. A cicatriz na face ainda apresentava uma cor rosada, mas não lhe reduzia em nada o bom aspecto. Antes pelo contrário, apenas concedia carácter àquela cara linda de morrer.

— Não vou voltar para o rancho contigo, Ryan. Nunca. Se pensas que por vires cá consegues convencer-me, estás enganado.

— Não te estou a pedir que voltes. Percebo por que motivo achas que não podemos viver lá. Não é um problema. Vivemos aqui.

Ela riu-se tremulamente.

— Claro. Vais deixar o rancho. Pois, pois. E onde é que está a ponte de Brooklyn que me queres vender?

— Não há ponte nenhuma. — Ryan poisou as mãos nas ancas. — Aonde tu fores, eu vou.

— Nem pensar. Definhavas e morrias, a viver na cidade. És um rancheiro até à medula. Nunca daria resultado.

— Eu faço com que resulte. — Ele passou para a sala de estar e olhou para os caixotes. — Ainda bem que ainda não desencaixotaste tudo. Quero comprar uma casa com algum terreno. Um lugar onde pelo menos possamos manter a *Wink* e o *Bucky*, com um pátio para o *Tripper*.

Bethany agarrou-se à cintura.

— Uma casa? Queres comprar uma casa aqui?

Ele virou-se para a fitar com um brilho sério nos olhos.

— Bethany Ann, podemos fazer isto da forma mais fácil, ou da mais difícil. Eu estou aqui e vim para ficar. Nada do que possas fazer ou dizer me fará mudar de ideias. Porque é que não aceitas o que não podes mudar e dás-me de comer, estou com fome.

Ela sabia que ele a amava. Não tinha dúvidas. Mas a noção de que Ryan estava disposto a deixar o *Rocking K*, apenas para poder estar com ela, quase lhe partiu o coração.

— Não posso deixar que faças isto, Ryan. Nunca serás feliz na cidade. Tu sabes isso. Eu sei isso. Morrias aos poucos.

Ele encolheu os ombros.

— Se eu ficar no rancho sem ti, também morro aos poucos. Prefiro morrer aqui contigo. — Foi até à cozinha e abriu o frigorífico. — Onde está a comida?

— Ainda não comprei muita coisa.

Ele suspirou e fechou a porta. Depois, mirou-a com uma expressão especulativa.

— Seja como for, não tenho assim tanta fome de comida. Preferia ter-te a ti.

Ela levantou uma mão.

— Não vamos saltar para a cama antes de resolvermos isto.

— Já está resolvido. — Agarrou nas lapelas do blusão para lhe mostrar a camisa que tinha por baixo. — Até comprei roupa nova. A decisão esta tomada. Eu estou aqui. Para ficar. — Largou o blusão e aproximou-se lentamente dela, conseguindo reproduzir o caminhar de um vaqueiro não obstante as calças de pinças e os mocassins. Quando poisou as mãos nos braços da cadeira dela, baixou a cabeça para a olhar nos olhos. — Amo-te tanto, Bethany. Onde quer que tu estejas, é lá que eu tenho de estar, e é lá que eu serei feliz. Vou fazer com que isto resulte. Dá-me só uma oportunidade para to provar.

Ela mal o conseguia ver através das lágrimas.

— Oh, Ryan. Não podes fazer isto. Nasceste e cresceste naquelas terras. É lá que está o teu coração, onde o teu coração estará sempre. Não posso tirar-te de lá.

— Já tiraste — murmurou ele, e tomou-a nos braços. Praguejou ao erguer-se, amaldiçoando a anca.

— Ainda não recuperei a cem por cento. Mas hei-de lá chegar.

— Não te magoes, seu teimoso, casmurro. — Bethany agarrou-se ao pescoço dele, mal

conseguindo acreditar como lhe sabia bem sentir os braços dele novamente à sua volta. Passara inúmeras noites acordada, ansiando por senti-lo, a sofrer, inconsolável porque pensava que tal nunca mais voltaria a acontecer. — Oh, Ryan. Amo-te. Amo-te.

— Eu sei que sim — disse ele com a voz rouca.

E então levou-a para o quarto para lhe demonstrar a falta que sentira dela.

Mais tarde, Bethany estava nos braços dele, a olhar pensativamente para o tecto enquanto ele brincava com o seu cabelo. Ele queria mesmo ficar, apercebia-se ela. Não era uma jogada para a manipular. Ele apenas a amava tanto que tinha de estar com ela, e se isso implicasse viver em Portland, ele estava disposto a fazê-lo. Não tinha rigorosamente nenhuma intenção de convencê-la a voltar para o rancho.

Todavia, foi o que ele conseguiu fazer.

Ela recordou-se da promessa que lhe fizera, de sempre tentar amá-lo mais do que a si própria. Que ironia, agora, era Ryan quem lhe mostrava o verdadeiro significado daquela promessa ao amá-la tão abnegadamente. Ele fazia-a sentir-se tão insensata e pequena.

— Eu volto contigo — murmurou ela com a voz trémula. — Se tu consegues fazer com que isto resulte aqui, então, eu também hei-de encontrar uma forma de fazer o mesmo no rancho.

— Não. — insistiu ele.

Passaram vários minutos a discutir. Depois, começaram os dois a rir. Quando acalmaram, Ryan contou-lhe o incidente com o touro:

— Foi então que eu percebi, querida. O que sentiste durante o ataque do urso e por que motivo me deixaste depois. Eu não estou numa cadeira de rodas, mas, de certa forma, estou fisicamente limitado neste momento. Tenho uma ligeira noção do que é. Tu não tens medo por ti. Tens medo por mim, porque sabes que eu não vou ficar quieto e posso magoar-me outra vez se alguma coisa ameaçar a tua segurança. Não podemos viver assim.

— Também não podemos viver assim. Tu não foste feito para a vida na cidade, Ryan.

— Claro que fui. Tenho dois bacharelatos, por favor! Posso encontrar um emprego qualquer que me interesse. Não tem de ser muito bem pago. Temos todo o dinheiro de que alguma vez precisaremos.

Discutiram durante mais algum tempo. Depois, ele levantou-se para encomendar uma piza. Quando a comida chegou, comeram até ficarem repletos e fizeram amor mais uma vez. Bethany adormeceu nos braços dele com uma expressão preocupada a franzir-lhe a testa, porque, no seu íntimo, sabia que, por mais que se esforçasse, ele nunca seria feliz na cidade.

Na manhã seguinte, Ryan acordou e descobriu a cama vazia a seu lado. Olhou para o elevador que Bethany usara para lhe escapar e pensou que tinha de se livrar daquela coisa.

Bocejando e esfregando os olhos, deu pontapés em várias caixas até chegar à cozinha. Ao lado da cafeteira, encontrou um bilhete da sua noiva fugitiva.

Querido Ryan,

Não sei como te dizer isto, portanto, vou direita ao assunto. Voltei a deixar-te. Isto nunca poderia resultar. Fiquei acordada durante metade da noite, a pensar no nosso dilema. Decidi que prefiro perder-te de repente enquanto estiveres a fazer uma loucura qualquer para me proteger a ver-te perder lentamente todo o teu entusiasmo pela vida, o que é exactamente o que aconteceria se ficasses aqui.

Seja como for, meu querido, fui para casa. Peço desculpa por fazer as coisas desta maneira, mas estás a ser tão teimoso que eu sei que falar contigo não nos levaria a lado nenhum. Por favor, tenta não ficar zangado comigo.

Beijos, Bethany

Ryan praguejou quando acabou de ler o bilhete. Depois, foi até ao quarto e começou a vestir-se.

Passava pouco do meio-dia quando Ryan chegou ao rancho e, não restavam dúvidas, era a carrinha de Bethany que estava estacionada diante dos estábulos. Não ficou mais bem-humorado quando descobriu que ela não estava em casa nem em nenhum dos outros edifícios, o que o obrigou a percorrer todos os caminhos que fizera para a cadeira de rodas para a encontrar. Quis o destino que acabasse por dar com ela no último caminho que decidira seguir, aquele que terminava no local onde costumava ir quando precisava de pensar.

Viu-a sentada na cadeira de rodas sob o pinheiro muito antes de lá chegar. Ali sentada, a olhar para as montanhas do outro lado do lago com uma expressão melancólica no rosto. Queria estar zangado com ela. Afinal, acabara de percorrer metade do estado, nos dois sentidos. E aquele último capricho dela não resolvia nada. Ele não podia obrigá-la a ficar num lugar onde estaria constantemente com medo, por ela ou por ele.

Mas como é que ele podia ficar zangado com alguém com um aspecto tão doce?

— Bethany Ann! — rugiu ele. Afinal, um homem também tinha o seu orgulho. — Mas que raio é que pensas que estás a fazer aqui? Eu disse-te claramente ontem à noite que não ia voltar para cá, que isto nunca poderia resultar.

Ela nem sequer lhe fez o favor de se sobressaltar. Limitou-se a sorrir ligeiramente e esperar que ele se aproximasse. Com uma anca afectada, era difícil, mas ele não desistiu.

— Estou com uma destas vontades de te dar uma palmada. Foges para Portland e eu vou atrás de ti. Depois, foges outra vez e vens para aqui, quando sabes que vais contra a minha vontade. Afinal, quem é que usa as calças nesta família?

Ela olhou para as calças de pinças dele.

— Neste momento? Nenhum de nós. Ele deu uma palmada na perna.

— Não deixes que estas te enganem. Não são as roupas que fazem um homem. Disse-te ontem à noite que tinha pensado no assunto e decidido que íamos viver nos arredores de Portland.

— Mas eu mudei de ideias por ti.

— Isso não funciona assim, minha menina. Não penses que me dás a volta.

Ela continuou a sorrir serenamente.

— Sabes o que o Sly diz: se ficas à espera que uma mulher se decida, ganhas raízes. As tuas raízes estão aqui, Ryan, e são profundas, portanto, é aqui que ficamos. Eu estava enganada. Percebo isso agora. Ficamos aqui em terra dos Kendricks e ponto final.

Ryan teve vontade de a abanar. Em vez disso, poisou as mãos nas ancas.

— Vais sentir-te infeliz se eu te obrigar a ficar aqui. — Indicou o rancho com um gesto abrangente do braço. — Para onde quer que olhes, há toda a espécie de perigos.

— Existem outros tantos na cidade, só que são diferentes. Lembra-te do que me disseste, Ryan? Sobre termos duas escolhas quanto à forma como vivemos a vida, numa bolha segura onde, de qualquer modo, acabaremos por morrer, ou agarrando-a com ambas as mãos, apreciando cada segundo?

— Sim, lembro-me.

— Isto é tudo para ti — disse ela em voz baixa. Depois, voltou um par de olhos azuis e brilhantes para ele e acrescentou num tom trémulo: — E é tudo para mim também. Não devia ter partido. Foi uma estupidez. Julgava que era a escolha certa, e ainda pensava assim até à noite de ontem, quando apareceste à minha porta. Só então me apercebi de que existem muitas formas diferentes de morrer. Há mortes que não são da carne, mas do coração e da alma.

— Oh, querida.

Ela ergueu uma mão para que ele a deixasse terminar.

— Eu estava a morrer por dentro antes de te conhecer. Estava a sufocar lentamente de cada vez que respirava. Como é que podes pensar que eu poderia ser feliz em Portland, vendo que estava a acontecer o mesmo contigo?

A fúria de Ryan dissipou-se.

— És capaz de ter razão.

As faces de Bethany cobriram-se de lágrimas.

— Nenhum de nós sabe quanto tempo lhe resta. Sendo assim, não devíamos desperdiçar um único dia. Quero viver ao máximo cada momento que tivermos juntos. E o único lugar na terra onde ambos o podemos fazer é aqui.

Ele aproximou-se. Quando se baixou para a olhar nos olhos, Bethany ergueu a cabeça e fitou-o com enormes olhos cor de amor-perfeito cheios de lágrimas e disse:

— Quero o meu vaqueiro malandro de volta. Ryan arrancou-a da cadeira e abraçou-a.

— Aqui o tens, querida.

Beijou-a até ambos ficarem tontos. Depois, deu meia-volta, começando a subir a encosta.

— O que é que estás a fazer? Não podes levar-me para casa.

— Porque não?

— Porque é uma tolice. A tua anca! Poisa-me na minha cadeira e...

— Mas que começo seria esse? Quero entrar contigo ao meu colo quando chegarmos a casa.

Ela não pode deixar de se rir.

— Alguém já te disse que és um pouco doido?

— Algumas pessoas têm produzido sons nesse sentido. Ignorei-as. Enquanto ele caminhava, Bethany olhava para o lago e para as árvores e para os majestosos picos das montanhas. Sentia-se tão feliz por estar de volta. Tão feliz.

«Quando chegarmos a casa», dissera ele. E estava completamente certo. Terra dos Kendricks, sob um céu dos Kendricks. O seu homem tinha ali raízes mais profundas do que ele próprio podia imaginar. Ela tomara a decisão certa, não apenas por ele, mas por ela.

Casa. Era uma palavra tão bonita.

Epílogo

Na Bíblia da família Kendrick encontra-se agora registado que Ryan Kendrick, filho de Ann e de Keefe Kendrick, se casou com Bethany Ann Coulter a 31 de Agosto, no ano da graça de Nosso Senhor de 2000. O que, todavia, não está escrito é que o casamento se realizou na margem do Bear Creek Lake num belo dia de Verão e que, na realidade, foi uma cerimónia dupla. Naquela tarde também se uniram pelos votos sagrados do matrimónio Sylvester Bob Glass e Helen Marie Boyle.

Na Bíblia também não surge qualquer referência ao facto de a noiva mais nova ter acabado de descobrir que estava grávida e irradiava felicidade.

Presente para testemunhar os casamentos encontrava-se um sortido de convidados cobertos de pó e vestidos de ganga, todos os quais tinham feito uma viagem de três horas a cavalo entre o rancho de Ryan e o lago. A família Coulter estava bem representada, com o pai e os cinco irmãos de Bethany a olharem desconfiados para o noivo até o ouvirem dizer «Aceito».

Não compareceu nenhum urso nem nenhum puma. A meio da cerimónia, todavia, um certo touro chamado *T-bone* resolveu aparecer. Desconfiado de tantos estranhos, manteve-se a uma distancia razoável e só mugiu uma vez para que o seu dono soubesse que o tinha encontrado. Nas costas largas do touro repousava uma gata anafada que escolheu aquele momento para se lavar.

Depois da cerimónia, Mary Coulter sorriu docemente ao seu marido e entregou-lhe um par de cuecas muito bem dobrado. Harv riu-se, olhou especulativamente para a peça de roupa e perguntou:

— Lembraste-te de trazer o sal e a pimenta? Gosto da minha comida bem temperada.

Mary sorriu e abraçou-o pela cintura. Zeke, o músico da família Coulter, tocou uma melodia lenta na sua rabeca. Os pais de Bethany ficaram a olhar enquanto o seu novo genro a retirava da cadeira de rodas e começava a rodopiar com ela numa clareira banhada pelo Sol, numa valsa particularmente comovente porque os pés da noiva nunca tocaram no chão.

— Estava enganado a respeito dele — admitiu Harv. — Consigo ver o amor a brilhar nos

olhos daquele rapaz sempre que olha para ela.

— E nos dela sempre que olha para ele — murmurou Mary. — Se te serve de consolo, eu também estava enganada. Viste-a hoje, a cavalo? Aquela rapariga nasceu para montar e, por causa de mim, não pode ter esse prazer durante demasiado tempo. Sinto-me tão culpada.

Harv deu-lhe um ligeiro empurrão com o braço.

— Adoramos a nossa filha, e tínhamos medo de que voltasse a magoar-se se a deixássemos montar. Ela entendeu.

— Mas o amor pode ser excessivo — disse Mary. — Ainda bem que o Ryan apareceu na vida dela e teve a capacidade de ver o que nos não conseguíamos. E melhor deixá-la correr riscos e gozar a vida do que jogar pelo seguro e ser infeliz.

— Talvez — murmurou Harv. — Vê só como ela brilha.

Bethany estava de facto a olhar para o marido com amor a brilhar-lhe nos olhos. Ryan via-o ao girar com ela nos seus braços. Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu, fazendo-o recordar a expressão que via na cara dela quando faziam amor.

Ele adorava-a tanto. Tanto que nem conseguia traduzi-lo por palavras.

Ryan parou de dançar o tempo suficiente para lho dizer da única forma que sabia, com um beijo longo e profundo que provavelmente deixou os convidados a pensar se já não seriam bem-vindos. Ele queria lá saber. Uma vez que ele e a sua mulher pretendiam ficar junto ao lago durante uma semana para celebrar a sua lua-de-mel, não queria que ninguém se deixasse ficar por muito tempo depois da cerimónia.

— Estás a pensar em quê? — perguntou-lhe Bethany.

— Que sou o homem mais sortudo do mundo.

— Oh, Ryan. Amo-te tanto.

Ryan sabia que ela estava a ser sincera. Também sabia que Bethany não podia amá-lo mais do que ele a amava a ela.

Recomeçou a dançar. Grandes passos com o seu mundo nos braços, tão feliz que não tinha total certeza de os seus pés estarem a tocar no chão.

A voar... juntos. Naquele momento, a olhar para os olhos azuis da cor de amores-perfeitos de Bethany, Ryan soube que a magia nunca os abandonaria; algo, belo, especial que nunca haveria de morrer. Algumas das maiores histórias de amor não tinham um final feliz simplesmente porque não tinham fim. Continuavam para sempre, até à eternidade.

Seria assim com eles, uma grande história de amor que não teria fim.